VNiVERSiDAD
D SALAMANCA

INSTITUTO DE IBEROAMÉRICA

PROGRAMA DE DOCTORADO INTERUNIVERSITARIO ANTROPOLOGÍA DE IBEROAMÉRICA

TÍTULO DA TESE

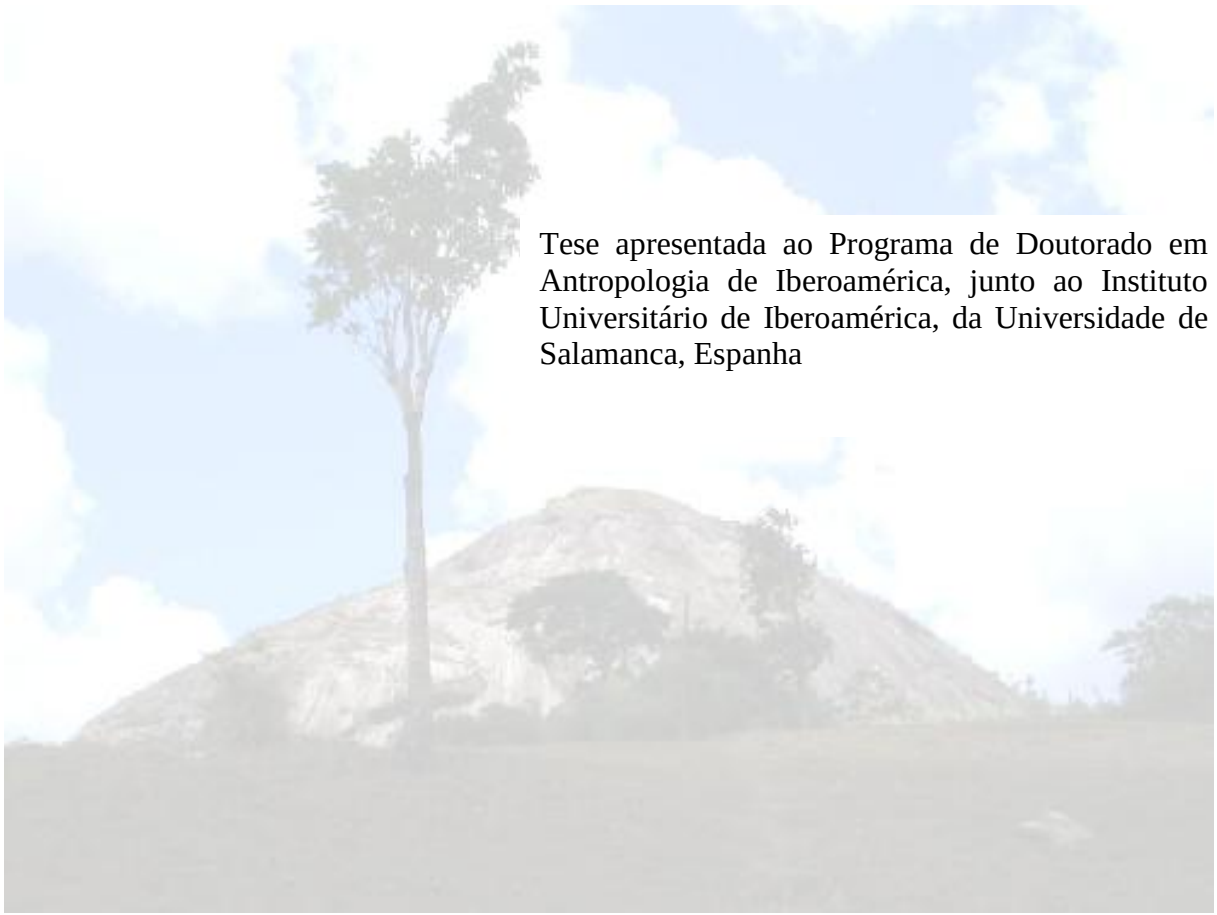
ESTUDO HISTÓRICO ANTROPOLÓGICO DO MITO SEBASTIANISTA: A PEDRA DO RODEADOR COMO EXPRESSÃO SIMBÓLICA NA INTERCULTURALIDADE IBEROAMERICANA

Autora: Regina Clara de Aguiar

Orientação:

Ronice Franco Sá
Ángel-B. Espina Barrio
Donizete Aparecido Rodrigues

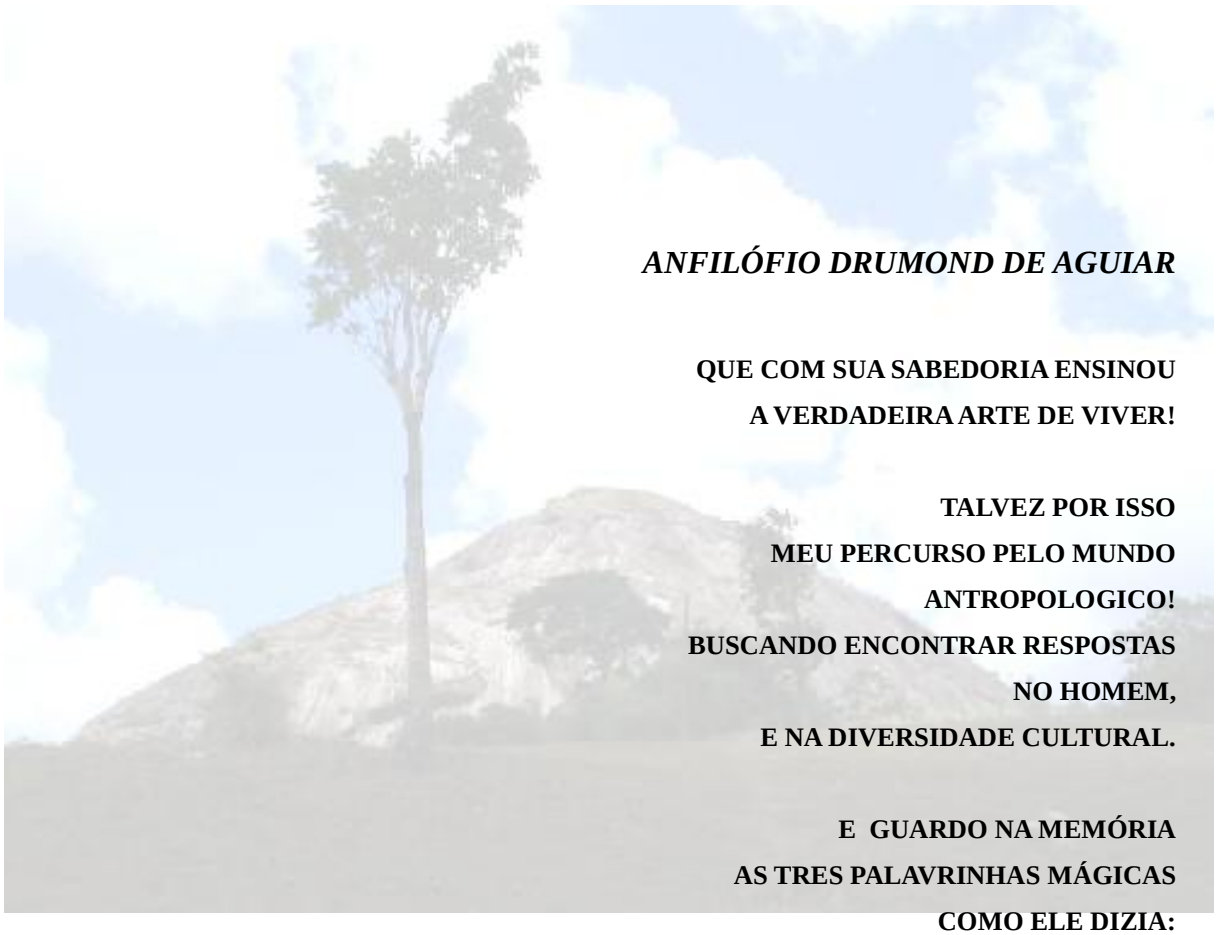
Salamanca
Outubro 2011



Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Antropologia de Iberoamérica, junto ao Instituto Universitário de Iberoamérica, da Universidade de Salamanca, Espanha

DEDICATORIA

AO MEU PAI (IN MEMORIAM)



ANFILÓFIO DRUMOND DE AGUIAR

QUE COM SUA SABEDORIA ENSINOU
A VERDADEIRA ARTE DE VIVER!

TALVEZ POR ISSO
MEU PERCURSO PELO MUNDO
ANTROPOLOGICO!
BUSCANDO ENCONTRAR RESPOSTAS
NO HOMEM,
E NA DIVERSIDADE CULTURAL.

E GUARDO NA MEMÓRIA
AS TRES PALAVRINHAS MÁGICAS
COMO ELE DIZIA:
"HEI DE VENCER"

PARA HOMENAGEA-LO
COM TODO MEU AMOR!
E SAUDADE!

AGRADECIMIENTOS

Muitos são os agradecimentos. Mas primeiro gostaria de agradecer ao Programa de *Doctorado Interuniversitário de Antropologia de Iberoamérica de la Universidad de Salamanca-USAL,* Espanha, em nome do seu coordenador, Professor Dr. *Ángel Espina B-Barrio,* já que sem contar com seu apoio provavelmente as inquietações que regem este trabalho não teriam conseguido encontrar um caminho para sua expressão, o que representou uma motivação efetivamente determinante para a conclusão da presente tese. E também ao Instituto Universitário Iberoamericano, pelo apoio que me propiciou estar aqui hoje.

Também quero registrar aqui, um profundo agradecimento aos orientadores. A Professora Dra. *Ronice Franco Sá* por todo seu empenho, sabedoria e conselhos pertinentes, que mesmo distante, sempre em contato e acreditando em mim, soube se fazer presente e Professores: Dr. *Ángel Espina B-Barrio* por suas palavras de animo com a tese, e Dr. *Donizete Aparecido Rodrigues*. E, sobretudo foi importante o acompanhando dos três individualmente; ajudando com atenção, dedicação, paciência, carinho, entusiasmo e rigoroso olhar antropológico e científico. Além da árdua tarefa de corrigir, sugerir, discutir. As críticas e sugestões, foram o fermento para fazer o menino, rei Sebastião, renascer nas páginas que antes eram tela em branco de um editor de texto do computador.

A todos os professores do programa da docência, do período de janeiro a junho de 2006 que iluminaram, incentivaram e insuflaram conhecimentos no mundo da antropologia. Estimulando de alguma forma a se levar a cabo o percurso deste trabalho. E aos colegas de turma - do Brasil (*Maria Conceição, Letícia, Telmo, Danielle*); Corea (*Ina*); Espanha (Edurne, Amaya, Tania, Pablo e Gloria); Estados Unidos (Kent e Matthew); Itália (Daniela) e México (Luisa Elena, Rosa Lopez e Rosa Maria) -, com quem foram compartidos os dias de aula e as tarefas de estudo; além da experiência de se viver em terra estrangeira, que nos acolheu com calor. Apesar do frio, para muitos de nós, acostumados ao calor dos trópicos, no caso do Brasil. Mas vivenciar a neve foi algo maravilhoso, assim como sentir que a barreira do idioma aos poucos foi se distanciando à medida que o tempo ia se alongando nestes anos de estudos.

Não poderia esquecer de agradecer a todo o pessoal do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social – NUSP/UFPE em Recife, que contribuiu com informações importantes e apoio sempre que se necessitou: à diretora Profª Dra. Ronice Franco Sá, ao Profª Dr. Geraldo Pereira, Profº Dr. Abel Menezes, Profª Dra. Valdilene Viana Socorro Freire, Edione, Rosane, Djalma, Albinha, Janete, Conceição, Maria José, Margaridinha, Da Luz, Valberto, Amal e Leandro.

À minha irmã Fátima Aguiar, pedagoga e Alcides Ferraz, fotografo e jornalista que estiveram alguns dias comigo, vivenciando o campo e contribuindo nas tarefas de fotografia e acomodação nos primeiros dias. Ao Profº Dr. Flávio Gomes Cabral, por seu incentivo. Ao padre Miguel da paróquia de Bonito que nos hospedou. Aos *informantes* que compõem o quadro da pesquisa da tese; a todos os amigos de *Bonito,* sobretudo a família do Gilsomar, Dona Gercina, Seu Antônio, Simone e Neto que nos receberam com carinho e nos guiaram e ajudaram de alguma maneira, no sentido de responder nossas indagações nos *Caminhos do Rodeador.*

Ao Profº. Dr. Antonio Motta, Profª Dra. Maria Aparecida Nogueira, Profº Dr. Parry Scott e Profª Dra. Roberta Bivar do Departamento de Antropologia da UFPE; ao Profª Jomard Muniz de Britto; a Zélia; a Patrícia Cassemiro e Benjamim. Ao Profº. Dr. Gonzalo Gómez Dacal, Vicente Justo Hermida e Esther Gambi do Centro de Estudios Brasileños CEB/USAL.

A Joselma, Zenia, Catarina Scott, Eloine pela convivência nos primeiros meses aqui na Espanha. A Deiza, Eduardo Cesar Maia, Daniela que ajudaram com a formatação da tese; além de Conceição, Luisa, Telma, Ana, Otília que com as nossas discussões fora do ambiente acadêmico, sempre clareava pontos não observados antes. Também gostaria de lembrar os amigos e amigas que vivenciam expectativas e angústias nesta etapa dura que é a finalização da tese doutoral. Já que é necessário uma rígida disciplina para conseguirmos chegar ao final, mas é possível, com apoio e concentração.

Agradecimento especial - Aos meus pais, Anfilófio Drumond de Aguiar (in memoriam) e Júlia Clara de Aguiar, que me fizeram com seu afeto e generosidade estar

sempre optando pelo lado positivo, diante da vida, mesmo nos momentos difíceis; a quem ofereço este trabalho e o meu amor incondicional, gratidão e admiração.

A minha mãe deixo aqui impresso, uma homenagem especial aos seus *oitenta anos*, completados em 24 de outubro próximo passado. Com um brinde a sua coragem e a luta empreendida por toda a vida em prol da família. Além de ser exemplo de harmonia, simplicidade e alegria, o que nos deu segurança para enfrentar o mundo. Vindo de uma cosmovisão sertaneja do interior cearense, em contato com a pureza de um ambiente natural, nos ensinou o amor pela terra, plantas, animais e solidariedade com o próximo. E com fortes convicções religiosas, uma senda toda própria e intimidade com o mundo lá de cima, que aprendi a respeitar. Também aos poucos fui distinguindo entre o universo holístico que se apresentava na estante paterna, que eu queria desvendar e descobrir. E creio que essa curiosidade enfim, é o que tem estimulado o meu caminho e a minha visão de mundo. A meu pai (in memoriam) devo todo o interesse intelectual pelos livros, e a sede de conhecimento que nos transmitiu.

E agradeço as minhas irmãs *Fátima, Anfilófia, Emiliana, Catarina e Cristiane*, companheiras e cúmplices num núcleo feminino onde apenas um único representante varão pode reinar absoluto, meu querido irmão João Niculau, que nos alegra com sua voz e violão. Minha pequena e preciosa sobrinha Barbara Yanna, com o pé em três culturas distintas, nascida na Suíça, com pai alemão e mãe brasileira, é fonte de inspiração de um novo mundo; não poderia esquecer a tranqüila cunhada Lucy e minha sobrinha Samara, que como a tia, já inicia seus caminhos para desvendar os mistérios do mundo. E aos três cunhados Roberto Thomas e Michael. Enfim a toda família, tanto os que estão no Brasil como na Alemanha, inclusive os parentes afins Hans e Angelika, pelo apoio em todos os sentidos, carinho e por acreditar em mim.

Com certeza todos souberam valorizar o meu momento, e isso significa a razão para que eu tenha empreendido uma luta solitária contra o frio e a saudade e chegasse ao final dessa trajetória que me fez cruzar o caminho de volta do mítico rei, atrás de pegadas para entender o homem e o mito.

E não poderia esquecer dois amigos importantes, *Rinaldo* e *Juan*, que com olhar diverso, cada um de um lado oposto do oceano Atlântico, me ensinaram e ajudaram a entender e valorizar as pessoas nos seus momentos. E entender que a vida sempre mostra a direção certa, não importando as ferramentas nem as fronteiras. E a vivência do que realmente vale à pena, ou seja, do encontro com o outro é o que importa.

ÍNDICE

AGRADECIMIENTOS 5

INTRODUÇÃO 14
Marco teórico 18
Justificativa 20
Articulando o campo de investigação 21
Coleta de dados 25
Tratamento dos dados 27
Objeto 28
Objetivo geral 28
Objetivos específicos: limites 29
Com relação às hipóteses planejadas concluímos que: 30
Epistemologia e Hermenêutica 31
Estrutura da tese 32

CAPÍTULO I
ORIGEM HISTÓRICA DO MITO SEBASTIANISTA 35

1. OLHAR TUPI-GUARANI DA TERRA SEM MAL E O PARAISO TERRESTRE 43
2. TRANSMUTAÇÃO DO REI NO MITICO SEBASTIÃO 50
3. POLEMICA PALACIANA 54
4. IDÉIAS RELIGIOSAS IMBRICADAS 56
5. PARAÍSO TERREAL NO RODEADOR 59
6. PEDRA BONITA LAVADA COM SANGUE 74
7. REVOLTA DE FÉ CONTRA A REPÚBLICA 75
8. SUL DO BRASIL E O CONTESTADO 77
9. NO RITMO DA MAGIA DO TAMBOR DE MINA 79

CAPÍTULO II
VERTENTE TRIANGULAR DO SEBASTIANISMO CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: PORTUGAL MARROCOS BRASIL 86

1. VERTENTE TRIANGULAR 88
1.1. Fronteira, espaço e território 89
2. CONTEXTO PORTUGUES DO SEBASTIANISMO 93
4.1. O Rei e a desordem escondida 95
4.2. Buscando pistas sebastiânicas nos caminhos de Portugal 98
4.3.1 Sobre o uso de fontes documentais jornalísticas 100
4.3.2 O mito sebastianista e a parabólica no Rodeador 102
4.1. Opiniões recopiladas no arquivo do Diário de Notícias em Lisboa 104
3. CAMINHOS SEBASTIANISTAS MARROQUINOS 111
4.1. Caminhos marroquinos 114
4.2. Falsos monarcas após a derrota marroquina 124
4. CAMINHOS DO SEBASTIANISMO NO BRASIL 126

4.1. Questão política e de fé..... 132
4.2. Messianismo sebastianista nordestino 137

CAPÍTULO III
ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PEDRA DO RODEADOR COMO EXPRESSÃO SIMBOLICA EM BONITO PERNAMBUCO BRASIL.144

1. PEDRA IMAGEM SIMBÓLICA DO SEBASTIANISMO NO RODEADOR 149
2. ETNOGRAFIA NOS CAMINHOS DO RODEADOR..... 152
3. CAMPO ETNOGRAFICO EM BONITO..... 153
1.1. Entrevista Rádio Rio Bonito FM..... 164
4. GRUPO FOCAL DO RODEADOR – GFR 167
5. INFORMANTES CLASSES DE IDADE: IDOSO, INTERMEDIÁRIA (ADULTO) E JOVEM..... 170
1.2. Perfil referente à classe idoso 171
1.2.1. Recordador narrador: (A-1)..... 171
1.2.2. Recordador narrador: (A-2)..... 174
1.2.3. Recordador narrador (A-3) 175
1.2.4. Recordadora narradora (A-4) 176
1.3. Perfil referente à classe intermediaria..... 177
1.3.1. Recordadora narradora (B-1) 177
1.3.2. Recordador narrador (B-2)..... 177
1.4. Perfil referente à classe jovem..... 178
1.4.1. Recordador narrador (C-1) 178
1.4.2. Recordadora narradora (C-2) 178
6. CATEGORIAS EMERGENTES DOS DADOS 179
1.5. A pedra sebastianista evocada recontada escutada..... 180
1.6. Lendas ressaltam segredo mistério encantamento assombração 184
1.7. O arraial e a guerra com os devotos no Rodeador 189
1.8. Moça ou Santa da pedra 197
1.9. Riacho do Sangue e chumbo da pedra símbolos de morte..... 202
7. COMENTÁRIOS DAS CATEGORIAS UTILIZADAS NA ETNOGRAFIA..... 204
1.10. Pedra..... 207
1.11. Assombração..... 207
1.12. Arraial..... 211
1.13. Santa Moça da Pedra 213
1.14. Riacho do Sangue..... 216
1.15. Chumbo 216
1.16. Caneta..... 217
1.17. Capela..... 217
1.18. Guerra..... 218
1.19. Educação focada no Rodeador 219
1.20. Ponto de Cultura..... 226

CAPÍTULO IV
PERSPECTIVAS DE UMA ANTROPOLOGIA APLICADA COSMOVISÃO E UTOPIA: O CASO DA PEDRA DO RODEADOR EM PERNAMBUCO NORDESTE DO BRASIL..... 228

1. COSMOVISÃO E UTOPIA..... 230

2. PEDRA COMO ESPAÇO ONÍRICO 235
3. TURISMO NO BRASIL 236
3.1. Caracterização do estado de Pernambuco 237
3.2. Caracterização do município de Bonito 238
4. CARACTERIZAÇÃO DO RODEADOR PARA UMA PRÁTICA DO TURISMO 241
5. TURISMO CULTURAL 244
5.1. Turismo no Rodeador na visão dos informantes 246
5.1.1. Dinamizar o turismo a partir da guerra do Rodeador 246
5.1.2. Turismo das águas 252
5.1.3. Tombamento da pedra 253
5.1.4. Preservação da caverna 259
5.1.5. Morcegos da gruta de Silvestre como fator de impacto na economia 260
5.1.6. Sinalização 262
5.1.7. Pedreira no Rodeador 262
5.1.8. Exploração imobiliária 263
6. OUTROS PARAÍSOS - LENDA E TURISMO EM PARCERIA 264
6.1. Fernando de Noronha 265
6.2. Lago de Sanabria 267
6.3. Gruta de Zugarramurdi 267
6.4. La Gomera 269

CONCLUSÃO 272

BIBLIOGRAFIA 288

ANEXOS 300

APÊNDICE I 337

APÊNDICE II 344

REUNIÃO
GRUPO FOCAL RODEADOR-GFR 345

INTRODUÇÃO

No mais é esperar por D. Sebastião,
Quer venha, quer não
(Fernando Pessoa)

Os caminhos da *Pedra do Rodeador* supõem encantamento e magia; e a presença mágica de um rei mítico que no início do século XIX, por meio das previsões de uma santa ou oráculo que o falso profeta Silvestre decodificava, iria levar igualdade a toda gente simples que chegava e acampava no entorno da rocha sagrada para ouvir o pregador; e assim esperar o grande dia da luta que traria a inversão de toda ordem vigente. E o salvador encantado se desencantaria e protegeria os combatentes com a invisibilidade coletiva. A guerra do *Rodeador* ocorreu exatamente há 191 anos no dia 26 de outubro de 1820.

O mito sebastianista no caso das manifestações no Brasil, se pode dizer que teve caráter transcendental e intermitente. Já que se expressou penetrando diversos contextos, se integrando à cultura do país. Numa união dos elementos terra, água, fogo e ar aos três continentes Europa (Portugal) África (Marrocos) e América do Sul (Brasil). Atuando com especificidade, reacendeu esperanças, criando um novo mundo empírico e paralelo, na mentalidade popular, com suas fantasias, cosmovisão e utopia. Como podemos constatar, nos movimentos ocorridos em solo brasileiro.

El Rei Dom Sebastião já chegou ao Brasil mitificado. Pois no processo de colonização, muitos costumes da Península Ibérica, do ultramar, foram se refugiar na colônia. E nisso se herdou também, além de mitos, conflitos socioeconômicos e políticos, que atravessaram o Atlântico no bojo das caravelas. E a nova terra ofereceu terreno fértil para movimentos diversos. Assim, esse conjunto foi se adaptando de forma hibrida, ao imaginário e religiosidade popular, se mesclando ao *mito da terra sem mal*. Pregado de forma contundente nos discursos inflamados do Padre Antonio Vieira, catequizador jesuíta, o sebastianismo foi se difundindo.

Quanto à escolha do título *"Estudo Histórico Antropológico do Mito Sebastianista: A Pedra do Rodeador como Expressão Simbólica na Interculturalidade*

Iberoamericana", se deve aos seguintes fatores: o próprio fato histórico com o mito sebastiânico presente e a oralidade remanescente das lendas, fragmentada no imaginário local, como símbolo. Já o termo interculturalidade se justifica por fazer supor núcleos que deslizam e se interelacionam, afunilados numa série de valores, distribuídos ao longo das indagações que se faz, compondo a pesquisa.

Com isso se aborda o lendário rei e aspectos messiânicos identificados nos movimentos místico-religiosos iberoamericanos. No Brasil, o primeiro foco sebastianista teve como palco a rocha do *Rodeador*. O tema se evidencia, tendo em vista um olhar com relação às necessidades de transformações sociais. O povo nordestino resistente, em sua luta por melhores dias, exposto à exploração de crenças, à palavra de um pregador, prometendo abundancia e oportunidades, se rende a essas promessas de mudanças. Esse processo se repete desde a colonização. As práticas religiosas com raiz messiânica, atualmente no nordeste brasileiro, funcionam em meio a grande incidência de igrejas de origem pentecostais. E com relação a essa proposição, se pode afirmar que encontra em seus líderes, personificação utópica de determinados anseios populares.

E nessa expressão simbólica que hoje pode representar a *Pedra* para um turismo cultural, se pode indagar se é possível uma ressignificação desse mito resistente aos séculos, tendo como referência muitos outros campos da ciência, que poderão contribuir em questões como oralidade, lendas, narrativas míticas, preservação da cultura local, resistência de um núcleo da crença sebástica preservado, etc.

Até hoje não foi realizado um trabalho mais efetivo de investigação no *Rodeador* que poderia contribuir em prol de um melhor desenvolvimento local, possibilitando a criação, por exemplo, de um pólo cultural[1], que favorecesse a curiosidade a respeito do movimento sebastianista, ocorrido no local, tendo em vista fatores geradores de renda que viriam daí. O grau de inovação da tese reside, então, a partir da constatação acima, de que a repercussão do falso profeta do sebastianismo no *Rodeador*, nunca até então havia sido objeto de um estudo mais amplo. E com esta

[1] A criação de um pólo cultural do Rodeador, como idéia, estava na pauta da gestão municipal anterior, mas não se efetivou. Nesse sentido ver matéria: Passos**,** Tania (2005) *Bonito resgata sua história no sebastianismo*. Diário de Pernambuco. A9 – 26 de dezembro.

abordagem, incluindo três continentes. E isso pode ter grande importância também tendo em vista a prática de turismo cultural, podendo trazer pontos positivos para a população da vila.

Vimos que há muito que se pesquisar sobre o movimento sebastianista no local, como mostramos acima. Mas atualmente se evidencia, uma corrente que prega que a história já fez tudo o que poderia fazer, com relação ao fato histórico do *Rodeador*, ou seja, já esgotou todas as possibilidades de contribuição, para preservar resquícios, e o conhecimento do primeiro evento sebastianista ocorrido no Brasil. Há opiniões por exemplo, que escutamos de historiadores[2] afirmando que nada mais há que ser feito, dentro de um contexto histórico. O ponto de vista, que se levanta a partir desta investigação, é que nem tudo foi apurado e interpretado. Observamos que alguns historiadores levantaram o fato histórico por meio do documento *"Devassa"* [3], mas o *Rodeador* continua com seu universo e imaginário quase inacessível no tempo.

OLHAR ANTROPOLOGICO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A partir da pergunta que rege a pesquisa etnográfica dentro do mundo empírico local: "O *que os informantes pensam e refletem atualmente sobre o acontecimento do Rodeador enquanto memória de uma expressão sebastianista?"*. Os depoimentos recolhidos através de entrevistas espontâneas, gravadas com informantes da comunidade na sede do município de Bonito e na vila do *Rodeador*, respondem de alguma forma. Porém deixando em aberto muitas questões. Estas brechas poderão futuramente, abrir novas perspectivas de investigação, que cada vez mais pode trazer a luz, outros parâmetros do imaginário coletivo da vila, relacionado ao tema em tela. O olhar da Antropologia contribuiu para o resgate simbólico da oralidade relacionada ao fato histórico e sua relação com a rocha sagrada. Além do que esta representa para a comunidade. A intenção do trabalho foi aprofundar esse olhar, por meio da etnografia.

[2] Anotações em geral

[3] Documento *Devassa* acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional. Secção de Documentos, p. 4-144, 180-87 e 264-69. Nota de referencia: Ribeiro**,** René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: *O Episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista.* editora Massangana, Recife.

Marco teórico

O marco teórico está baseado num vértice triangular, ligando o mundo Iberoamericano: Portugal e Brasil ao Marrocos na África; portanto três ambientes culturais distintos, abordados de forma elementar. A abordagem, portanto se impõe a partir de um entendimento do cenário onde nasceu o homem, Portugal; onde se estabeleceu o mito, Marrocos; e onde ressurgiu o mítico rei, Brasil.

O tema em estudo além da premissa referente à forte religiosidade popular na região se enquadra no campo da *Antropologia: cultural, social e aplicada.* E nesse sentido cabe uma apropriação do pensamento de Pereira de Queiroz[4], *"uma das maneiras mais proveitosas de se dar a conhecer uma área do conhecimento é traçar-lhe a história, mostrando como foi variando o seu colorido através dos tempos"* **(***Pereira de Queiroz* prefácio *Laplantine* 2003:11). .

E para uma melhor compreensão da abordagem do campo antropológico, Laplantine distingue o social como *"a totalidade das relações"* [5] e a cultura como *"o próprio social"* [6]. E explica que a antropologia no que concerne aos campos, social e cultural, tem, portanto um mesmo campo de investigação. Além disso, utilizam os mesmos métodos (etnográficos) de acesso a este objeto. Finalmente, são animadas por um objetivo e uma ambição idênticos: a análise comparativa[7]. Mas, o que se compara no primeiro caso é o social enquanto sistema de relações sociais, sendo que, no segundo, trata-se do social tal como pode ser apreendido através dos comportamentos particulares dos membros de um determinado grupo. Como na observação de maneiras específicas, da postura e convívio entre homens e mulheres de uma determinada cultura, da forma de pensar, trabalho e lazer. E até mesmo questões relacionadas à reação frente aos acontecimentos, por exemplo, como o nascimento, a doença e a morte[8]

[4] Laplantine, François (2003) *Aprender antropologia.* Brasiliense. São Paulo.
[5] Ibidem Laplantine, François (2003: 120).
[6] Ibidem Laplantine, François (2003:120).
[7] Ibidem Laplantine François (2003:120) em nota de rodapé do autor que diz ser a análise comparativa muito mais utilizada na antropologia cultural do que na social.
[8] Ibidem Laplantine François (2003:120).

Assim, nessa trajetória, se tentou uma melhor compreensão do mito sebastianista como fenômeno e elemento comum da alma humana, entre os fanáticos do arraial *Paraíso Terreal*. E para um conceito de cultura e mito, foi importante consultar o pensamento de alguns autores como *Elíade, Lévi-Strauss, Durand, Balandier, Geertz*. Por fim para complementar, a leitura do historiador pernambucano *Cabral*[9] (2004), que desenvolveu estudos recentes sobre o massacre do *Rodeador*. Diríamos que um embasamento importante para reforçar a investigação, foi a obra de *Delumeau*, além do estudo de mitos na América latina de *Ochoa Abaurre* e *Clastres* que conceituam a "Terra sem Males".

Já a historiadora *Hermann* (1998), trata mais precisamente de uma contextualização geral, ou seja, seria um estudo a partir da história de vida do monarca D. Sebastião, abordando desde a espera do seu nascimento, passando pelos conflitos que marcaram a coroa portuguesa àquela época, até a repercussão no Brasil, das lendas que surgiram com o desaparecimento do rei no areal do Marrocos, norte da África. Esses dois trabalhos, de *Cabral* e *Hermann*, a partir de um olhar onde se parte do macro ao local, podem ser considerados como as principais fontes de referencia, para um estudo do sebastianismo atualmente, no *Rodeador*. Apesar de que no Brasil ainda podemos destacar *Godoy*[10], que ilustra muito bem o conjunto das lendas da região dos Lençóis maranhenses, se detendo nesse segmento. A grande contribuição, segundo nosso ponto de vista, seria com relação aos relatos da sua experiência com o misticismo praticado nos rituais de "Tambor de Mina", com uma dimensão mítica sebastianista na atualidade, onde até hoje o encantado rei Sebastião é carregado, para participar de sessões de cura na encantaria desses rituais no Maranhão. E *Welter*[11] nos brinda uma iconografia toda própria, na busca por uma representação em imagem do beato João Maria no Sul do Brasil. E para a hermenêutica a partir dos dados emergentes das entrevistas, utilizamos o estudo de *Charmaz*[12].

[9]Cabral**,** Flávio (2004) *Paraíso Terreal*, obra atual que trata historicamente o caso do Rodeador. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.
[10] Godoy**,** Marcio Honório de (2005) Dom Sebastião no Brasil. Khronos 25. São Paulo.
[11] Welter, Tânia (2007) *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo*. Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.
[12] Charmaz**,** Kathy (2009) A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Artmed, Porto Alegre.

Mas o que se pretendeu quanto ao objeto da pesquisa, foi a partir tanto das indagações práticas como teóricas, identificar lugares onde se deram conflitos liderados por falsos profetas brasileiros, baseados no mito sebastianista. E não poderíamos esquecer, de consultar algumas obras de referencia a respeito, como as citadas acima. O movimento da *Pedra do Rodeador* nesse caso foi pioneiro, abrindo caminho para outros como, Canudos e Pedra Bonita. Esses três são os mais destacados.

Sabemos que a aparição de falsos monarcas, foi um fenômeno na nação portuguesa, que ocorreu logo depois da Batalha dos Três Reis. E quanto a isso, elaboramos um apêndice com os principais exemplos que se encontra ao final. E também foi feita uma rígida revisão bibliográfica. Diversas fontes foram consultadas tanto referentes à historiografia sebastianista como: projetos, documentos oficiais, publicações na imprensa, e consultas a diversas outras obras pontuais como cinema e documentários sobre o tema.

Justificativa

O que tentamos desenvolver com este trabalho de Tese Doutoral, que pode ser considerado inédito e de grande importância para a Antropologia, teve como ponto de partida metodológica a "*Pedra do Rodeador*", como o local principal da pesquisa, pois ali se deu o primeiro caso de um falso profeta do sebastianismo brasileiro em 1820. Levamos em conta que este fato histórico se conserva até os dias de hoje na tradição oral do povo da vila do *Rodeador*.

A tese tem como pilares e ponto de partida, a indagação a partir da antropologia cultural, recolhida em diversas fontes, além de uma interpretação etnográfica sobre o fato de que o sebastianismo sobreviveu na tradição oral do povo pernambucano de Bonito, onde se encontra a *Pedra do Rodeador*, como símbolo da existência passada do arraial "Paraíso Terreal"; que nos remete a figura de D. Sebastião encantado.

Por outro lado, este estudo do mito sebastianista nos conduziu a um olhar sobre movimentos como – messianismo, milenarismo e profetismo - que surgem como critério de esperança do retorno do monarca para as pessoas humildes transformadas em fanáticas do Silvestre, naquela época de 1820. D. Sebastião desapareceu na batalha em

Alcácer Quibir no Marrocos e sua fama e figura foram levadas pelos conquistadores portugueses até as terras recém descobertas do Brasil.

Respondendo ao questionamento no que diz respeito ao *porque* da escolha do Rodeador, a justificativa do projeto de tese reside então na repercussão dos falsos profetas do sebastianismo brasileiro, com ênfase no Silvestre do Rodeador, já que o interesse pelo tema nasceu, a partir do conhecimento do fato histórico com inspiração no sebastianismo, ocorrido no entorno da pedra, e foi-se aprofundando no estudo de algumas disciplinas dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e posteriormente na docência do Programa de Doutorado em Antropologia Iberoamericana da Universidade de Salamanca - USAL.

Articulando o campo de investigação

Vale salientar que este trabalho de investigação não contou com nenhum apoio financeiro. Foi tudo articulado através do conhecimento do local e da comunidade. A autora colaborava na época, em 2005 com a produção de um informativo em forma de boletim, para dinamizar a divulgação das atividades do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil – PMSNB. A Professora Dra. Ronice Franco Sá, que comparte a direção desta tese doutoral, dirigia e coordenava o Projeto, desenvolvido pelo Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social – NUSP, o qual é diretora, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; que tem como campo de prática, estudo e pesquisa, a promoção da saúde como estratégia para o desenvolvimento loco – regional. O Projeto se desenvolvia em parceria com outras instituições, inclusive com o governo japonês, através da Agencia de Cooperação Internacional do Japão – JICA. A pesquisa teve como foco um aglomerado de cinco cidades do agreste pernambucano, dentre as quais, Bonito era contemplada. E foi participando de alguns eventos e encontros realizados no NUSP, que se pode conhecer e fazer contato com gestores do município de Bonito para apoio logístico, durante o campo. E isso facilitou muito nossa entrada e aceitação no campo.

A ligação deste estudo com o PMSNB deve-se ao fato de que Bonito é o município onde se estudou o ciclo de vida jovem no meio urbano, levando-se em conta que a maior parte da juventude tanto rural, como urbana, desconhece as lendas e mitos,

gerados pelo fato histórico sebastianista. Sendo que essa história oral, pode ser fator de valorização de toda uma cultura imaterial, ajudando a criar sentimento de pertencimento.

O apoio local dos gestores do PMSNB foi fundamental, já que o Projeto contava com a colaboração de membros da comunidade, que eram estimulados a gerir algumas atividades pontuais. E com isso se pode solucionar as mínimas barreiras e resistências para a entrada no campo, sobretudo, se pode conhecer melhor a região. Assim como obter informações, e se refletir sobre como seria a melhor forma de se abordar a questão das lendas relativas ao fato histórico. E assim planejamos o campo, onde pudemos estar por duas vezes. Em 2006, numa primeira entrada, para traçar em linhas gerais a abordagem da pesquisa, e também se fazer um melhor reconhecimento de área da vila do *Rodeador*. Já em 2008, foi realizada a Observação Participante - OP. Podemos dizer que foi importante a experiência de se conviver com o povo na sede de Bonito, e na vila do *Rodeador*; tanto para direcionar a pesquisa, como para manter contatos, através de conversas informais. Isso foi fundamental, pois assim pudemos travar conhecimento com as estórias contadas pelos mais antigos, e os fragmentos de lendas recordadas.

Nesse sentido do que se comenta acima, podemos lembrar Laplantine (2003) que diz, *"O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. Se, por exemplo, a sociedade tem preocupações religiosas, ele próprio deve rezar com seus hóspedes"* (Laplantine 2003:150). Levando em conta essas palavras, procuramos ficar o mais perto possível das pessoas no município, participando como podíamos do dia-a-dia; conversando, para tentar entender a partir desse contato informal, sua cosmovisão local de mundo e o que o fato histórico poderia representar na atualidade para a comunidade. Também se visitou alguns órgãos públicos, como prefeitura, bibliotecas, escolas, cartório, e se participou de entrevista na Rádio Rio Bonito FM, abordando a temática da pesquisa.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa estabeleceu *relações comparativas* entre o surgimento do mito sebastianista e a repercussão nos três continentes já citados. As

ferramentas utilizadas no marco metodológico levam em conta a antropologia aplicada, e correspondem ao método qualitativo, já que permitiu nesse caso, se trabalhar com fontes diretas por meio da etnografia, tais como: *recolhida de dados através de entrevistas intensivas, semi-estruturadas abertas; dialogo informal; análises do imaginário coletivo, assim como, indagação da historia oral.* E também tem por base a Observação Participante - OP. E a metodologia da Construção da Teoria fundamentada, referente ao tratamento dos dados das entrevistas.

Para se chegar aos informantes primários para as entrevistas em profundidade, no sentido de se obter dados sobre o imaginário coletivo atual a respeito do evento sebastianista do *Rodeador*, foi realizada a reunião Grupo Focal do Rodeador – GFR. Considerando que o projeto de tese deveria ser pautado a partir de ações interdisciplinares e inter setoriais que incorporassem a visão de autoridades e lideranças da sociedade. Como primeiro ponto da pauta, se discutiu o tema para a sensibilização dos participantes.

Tendo em conta que os diversos atores sociais convivem e tem sentimento de pertencimento[13], além de se reconhecer enquanto instrumentos de transformação da realidade social, uma estratégia valiosa foi se discutir a partir de uma desconstrução e reconstrução de conceitos preconcebidos e preexistentes do fenômeno do sebastianismo em Bonito. E esse pressuposto serviu para o grupo identificar pessoas para o quadro de informantes que se denominou: recordadores narradores. A reunião foi realizada na sede do município de Bonito com a presença de líderes e autoridades da cidade, conhecedores da história e cultura local. Na ocasião estiveram presentes cerca de nove membros da comunidade; para que através de uma discussão temática, fossem indicadas pessoas para compor o quadro de entrevistados. A partir daí se construiu uma hermenêutica tendo como ponto de partida a análise dos dados emergentes das entrevistas com os informantes, tendo como base a metodologia da *Construção da Teoria Fundamentada*[14], que compõe os capítulos terceiro e quarto a partir das planilhas de codificação, categorização e memorandos das entrevistas. E se levou em conta três

[13] Gomes, C. M. A. (2002) Feuerstein e a construção mediada do conhecimento. Artmed, Porto Alegre.
[14] Charmaz, Kathy (2009) A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Artmed, Porto Alegre.

faixas de idades: idoso, intermediário (adulto) e jovem. Sendo que se deu maior destaque aos idosos, detentores da memória mais próxima dos antepassados que de alguma forma ouviram a história oral com menos ingredientes que o imaginário ao longo do tempo acumula; e nesse sentido se pode reportar a metáfora da caverna de gelo criada por Stendhal para explicar o amor na sua obra, "*Do Amor"*, onde se jogando um pequeno galho, este vai acumulando camadas e mais camadas de gelo, e ao fim de algum tempo se torna irreconhecível. Nesse sentido a oralidade ao longo do tempo vai se metamorfoseando e criando novas estruturas narrativas, em que os recordadores narradores vão impondo e incorporando ao seu ponto de vista pessoal, novos componentes. E para desenvolver o processo de sensibilização com o GFR, foram elaborados determinados questionamentos para provocar o debate:

a) Tem conhecimento do movimento ocorrido no início do século XIX na Pedra do Rodeador?

b) Levando-se em conta o turismo já praticado no município, o Rodeador poderia entrar num roteiro de turismo cultural, tendo em vista o movimento histórico sebastianista como fator de valorização e divulgação do local?

c)Até hoje o Rodeador não foi objeto de uma maior atenção por parte das políticas públicas. O que se poderia fazer para agregar valores e contribuir com uma política voltada ao turismo cultural?

d) E quanto às lendas que ainda restam no imaginário coletivo local, que importância tem para a comunidade, tendo em vista fatores como pertencimento e orgulho de ser bonitense?

Hoje em dia se pode ver e sentir que com o desaparecimento dos mais antigos moradores, contadores de histórias, os jovens já não tem mais tanto interesse pelo fato histórico do *Rodeador*. Desconhecendo quase por completo a história real do massacre. Convivendo apenas com fragmentos remanescentes da história oral que vem sendo contada e recontada, resistindo ao tempo, sofrendo as adaptações que a oralidade por meio da repetição, como foi visto acima, vai repassando de geração em geração. Mas mesmo assim há um fator determinante, que seria o ressurgimento do mito no imaginário local sob o efeito *atualização*, através do trabalho de um historiador[15] que se

[15] O profº. Dr. Flavio Cabral vem desenvolvendo artigos e pesquisas históricas na região. E foi muito importante o seu trabalho de levantamento da história baseado nos poucos documentos oficiais existentes sobre o assunto. E hoje é uma referencia em todo o município de Bonito, por trazer a tona todo um contexto que faz parte da cultura dos bonitenses e estava na esfera do esquecimento.

empenhou em fazer um estudo histórico detalhado. E atualmente é a referencia em qualquer ocasião que se aborde o tema entre a população do município. E se espera com essa pesquisa em tela, dar alguma contribuição no resgate de uma oralidade manifestada nas opiniões dos informantes com respeito às lendas, que mesmo de forma confusa, resistem no imaginário das pessoas.

Coleta de dados

Observação participante – Como estratégia de investigação por apresentar aspectos considerados positivos para o campo da antropologia, já que permite acesso direto a temas do cotidiano de um povo, além de permitir observar *in loco*, fenômenos sócios culturais. A OP foi utilizada ao longo de um ano antes da viagem a Espanha da autora. Quando amigos tinham casa no bairro Veloso na cidade de Bonito, e era comum reunir grupos do Recife para temporadas ou fim de semana na cidade. Assim foi-se observando aspectos relacionados ao estilo de vida, base econômica, como se portava a juventude; os idosos que iam desaparecendo e com eles conhecimentos da cultura tradicional local, como o exemplo de Dona Maria José de Oliveira (98), que adoça a vida da população com seus doces de alfenim, confeccionados artesanalmente com açúcar que a doceira produz, cujas formas faz questão de moldar, estando sua casa, sempre de portas e janelas abertas para se desfrutar e adoçar a vida com os doces. A anciã trata de repassar seus conhecimentos para uma única aluna.

A finalidade era justamente acompanhar fenômenos sócio-culturais que iam ocorrendo na comunidade. Por exemplo, assistir aos grupos de bacamarteiros[16], forte tradição em Bonito. O bacamarte[17] era utilizado no *Paraíso Terreal*. Assim se fazia uma ponte entre essa atividade, e como se processa na atualidade, além de uma releitura

[16] Os grupos de bacamarteiros se constituem num folguedo onde homens portando bacamarte, disparam com cargas de pólvora seca, em homenagem aos santos padroeiros ou em cerimônias cívicas e políticas. Os bacamarteiros reúnem-se em *grupos, troças* ou *batalhões*, sob a chefia de um *sargento* e o controle geral de um *comandante*, que responde, perante às autoridades, pelos atiradores durante as apresentações. GASPAR, Lúcia. *Bacamarteiros.* Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar. Acesso em: em 30 de setembro de 2011.

[17] Bacamarte é uma antiga arma de fogo, de cano curto e largo, segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa. É também denominado: granadeira, reiuna, reúna ou riuna, principalmente no Nordeste brasileiro. Foram modificadas para que esse tipo de arma se adaptasse ao uso nos folguedos dos bacamarteiros no interior pernambucano. GASPAR, Lúcia. *Bacamarteiros.* Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar. Acesso em: em 30 de setembro de 2011.

sobre os fiéis, fazendo uso dessa tradição nos treinamentos do arraial sebastianista de Silvestre. E os folguedos de S. João do ciclo junino, a festa do co-padroeiro S. Sebastião, além de uma infinidade de atividades que se absorvia à medida que se vivenciava a vida ativa da comunidade. Isso facilitava uma compreensão do mundo empírico holístico local, observado a partir do micro, ou seja, de dentro. E esses momentos eram registrados no caderno de anotações de campo.

Entrevistas intensivas e semi estruturadas abertas - para aprofundamento de aspectos importantes ao foco da pesquisa utilizamos a entrevista intensiva já que é uma técnica de perguntas abertas, mesmo assim elaboradas em formato semi-estruturado. Segundo Charmaz (2009) a natureza detalhada de uma entrevista intensiva promove o esclarecimento da interpretação de cada participante sobre sua própria experiência. O entrevistado procura compreender o tópico e o participante tem as experiências relevantes para esclarecê-lo. Dessa forma, as perguntas do entrevistador pedem que o participante descreva e reflita sobre suas experiências. O entrevistador está lá para escutar, ouvir com sensibilidade e estimular a pessoa a responder. Assim, nessa conversa, o participante é quem mais fala (Charmaz 2009:46). A autora ensina que,

> *Diferente da conversação cotidiana, um entrevistador pode desfocar a conversa e seguir intuições* [...]. *As entrevistas intensivas permitem que o pesquisador:*
>
> - ✓ *Vá além das aparências da(s) experiência(s) descrita(s).*
> - ✓ *Interrompa para explorar um determinado enunciado ou tópico.*
> - ✓ *Solicite mais detalhes ou explicações.*
> - ✓ *Questione o participante sobre as suas idéias, sentimentos e ações.*
> - ✓ *Volte a um ponto anterior.*
> - ✓ *Reformule uma idéia emitida pelo participante para checar a sua precisão.*
> - ✓ *Reduza ou acelere o ritmo.*
> - ✓ *Altere o tópico seguinte.*
> - ✓ *Valide o participante conforme seu caráter de benevolência, perspectiva ou ação.*
> - ✓ *Utilize as habilidades sociais e de observação para promover a discussão.*
> - ✓ *Respeite o participante e manifeste estima pela sua participação.* (Charmaz 2009:47)

Fotografia – Diz um velho ditado chinês que *"uma boa foto vale por mil palavras".* A importância da fotografia para a investigação etnográfica reside no fato de que as imagens icônicas, vistas a partir da antropologia, oferecem um vasto campo

semântico para ajudar a compreender melhor a cultura, nas relações entre imagens fotográficas e conhecimento antropológico.

Tratamento dos dados

A análise teve por base a fala dos informantes primários que foram apontados na reunião do GFR. E se percebeu que apesar de todas as adaptações e acomodações sofridas na longa duração, e características do grupo de atores envolvidos, que a oralidade ainda se faz presente, mesmo desvirtuada pelo fator tempo, de acordo com o ponto de vista atual, observado nas opiniões gravadas.

Para o tratamento das entrevistas foram levadas em conta algumas estratégias metodológicas da Teoria Fundamentada. A intenção foi a partir do conjunto das opiniões dos informantes, se criar categorias comuns. E sem perder de vista o foco, valorizando outros vieses observados ao longo de cada opinião pessoal.

O desenvolvimento das questões abordadas numa entrevista devem considerar alguns aspectos, para que seja efetiva, tais como: adaptar a linguagem ao nível do entrevistado; evitar perguntas longas; manter um referencial básico; sugerir todas as respostas possíveis para uma pergunta, ou não sugerir nenhuma, para evitar direcionar a resposta. Ainda se pode levar em conta algumas habilidades desejáveis no entrevistador como o prévio conhecimento do tema; capacidade de síntese dos dados; facilidade na comunicação oral; auto-controle emocional e imparcialidade diante do informante.

Para o estudo qualitativo proposto, a técnica de entrevista se impôs como uma das mais utilizadas, porque possibilitou a apreensão dos processos vivenciados, assim como as percepções dos atores indicados na reunião do GFR. E se aplicou um modelo que permitisse a espontaneidade dos entrevistados. E o roteiro amparou-se nos objetivos propostos para o estudo, ou seja, a idéia seria abarcar o máximo possível de conteúdos relacionados ao mundo empírico do *Rodeador*.

Ao todo foram entrevistados oito informantes principais, com duração de tempo diferenciada. Para a gravação foi utilizado um gravador MP3 modelo Philips. Todas as entrevistas ocorreram nas casas dos informantes e isso facilitou que estivessem de certa

forma a vontade. O microfone ficava aberto enquanto o dialogo se processava e as perguntas iam sendo pontuadas de acordo com o roteiro proposto; e também com a linha de raciocínio desenvolvida por cada entrevistado. Acompanhava um roteiro de questionamentos semi-estruturado que continha: dados pessoais, nome, idade, estado civil, profissão; se trabalhava ou era aposentado (a) ou estudante. E perguntas abertas. Isso de certa forma requer planejamento prévio assim como habilidade do entrevistador para introduzir variações necessárias durante a aplicação da entrevista, que em geral, requer um tempo maior do que o de respostas a simples questionários; e a idéia é registrar a maior quantidade de informações.

Posteriormente as entrevistas foram transcritas com rigor, obedecendo à técnica que impõe que se deve seguir o áudio original. Em seguida digitadas com fonte *Times New Roman*, tamanho 12, espaço simples, armazenadas em arquivos individuais em forma de planilhas com o editor de texto Word. E a partir dos dados brutos, se construiu a base hermenêutica, e se elaborou códigos e categorias dependendo da interpretação emergente das falas, seguindo a técnica da metodologia fundamentada. Interpretando frase a frase, foram elaborados alguns memorandos que dão suporte aos capítulos terceiro e quarto.

Objeto

O *objeto* de pesquisa é um estudo das lendas que circulam na comunidade da Vila do *Rodeador* sobre o acontecimento que ficou conhecido na historiografia do século XIX como, *O Reino da Pedra Encantada do Rodeador*, e se desenvolve, portanto no saber da antropologia cultural, considerando que a rocha, majestosa, mística, encantada, sagrada, tem impressionado alguns historiadores e antropólogos, mas ainda não foi feita uma sistematização dos fragmentos de lendas e narrativas míticas, no sentido de um resgate desses valores da história oral local. Na verdade o que se pode encontrar ainda relativo a essas lendas, são poucos relatos, apenas resíduos às vezes desconexos.

Objetivo geral

O objetivo principal deste trabalho construído a partir do mito sebastianista no *Rodeador* teve como base além da antropologia, a etno-história, já que esta trata da "*mudança cultural, das aculturações sucessivas etc.*" (Espina Barrio 2005:24). O estudo pretendeu realizar uma análise comparativa entre as diversas formas de atuação do mito lusitano, num contexto de interculturalidade, levando em conta também o potencial turístico a ser desenvolvido na região do Rodeador, principal foco do estudo.

Objetivos específicos: limites

- Registrar e analisar lendas e narrativas míticas recolhidas na comunidade da *Pedra do Rodeador*. Nesse sentido as lendas emergiram dos informantes principais; mas o limite que vemos aí estaria na permanência por um período maior na comunidade, para se observar melhor o imaginário local a partir do longo tempo, do fato histórico;

- Identificar símbolos ainda existentes na *Pedra do Rodeador*, como a rocha, a cruz, a capela, o local do arraial, a gruta, além da vila no entorno da rocha. Quanto ao lugar onde existiu o ajuntamento[18], hoje é polemico. E isso foi uma limitação encontrada na prática, já que nunca foi feita uma prospecção arqueológica, ou uma investigação que pudesse aferir nos dias de hoje, o exato local, e existem muitos pontos no entorno da pedra, apontados aleatoriamente pela população como sendo o local onde existiu o arraial sebastianista. A temporada de chuvas que não permite o acesso à entrada da gruta no alto da pedra foi a limitação principal para não se conhecer a caverna onde o falso profeta Silvestre dizia conversar com El rei D. Sebastião. Além do mais o lugar se encontrava em verdadeiro estado de abandono. Sem tratamento adequado, nem preservação; e também pelo fato de não existir guias treinados e segurança para se chegar até a gruta, devido aos riscos do contato com as fezes de morcegos, pois esses mamíferos voadores segundo ponto de vista de informantes conhecedores do assunto, são os habitantes da sagrada caverna, dificultando e pondo em risco qualquer tentativa de se visitar a gruta onde dormiria o encantado rei Sebastião nos idos de 1820;

[18] Ajuntamento segundo o segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa, pode ser agrupamento ou aglomerado de pessoas.

- Saber se existia uma preocupação por parte das escolas públicas e privadas, referentes ao ensino do fato histórico; nesse sentido observamos que há grande carência de conteúdos voltados ao estudo da história local;

- Desenvolver junto à comunidade, possíveis rotas para turismo cultural. Esse é um item que levamos em conta a partir de um projeto de Ponto de Cultura que seria administrado pelo poder municipal anterior a 2008; e só agora temos notícias que esse ponto enfim dar os primeiros passos, depois de ficar engavetado todos esses anos de transição política;

- Buscar registros na historiografia do sebastianismo referente a fotografias e ilustrações, mostrando a ausência de monumentos que existiram em determinados lugares, como marcos referentes a *Batalha dos Três Reis,* na cidade de Alcácer Quibir no Marrocos. E o porque do desaparecimento de importante patrimônio histórico cultural. E partindo desse ponto de vista metodológico, se pensou inicialmente que se poderia fazer um trabalho de campo a partir de um estudo local da *Pedra do Rodeador* em Bonito; e se ampliar posteriormente para uma imersão no lugar onde foi originado o mito, ou seja, na cidade de Alcácer Quibir no Marrocos. Mas infelizmente isso não foi possível; e diríamos que esse foi o nosso maior limite referente ao tempo e espaço para compor esse item, já que os gastos seriam muito altos para uma observação maior. Mas foram realizadas três viagens à região, para conhecer e fotografar alguns locais, por sua importância como partículas na criação do mito. A referencia a essas viagens se apresenta no capítulo II, na etnografia que trata da triangulação: Portugal, Marrocos, Brasil.

Com relação às hipóteses planejadas concluímos que:

a. Quanto a uma sistematização das lendas e narrativas míticas locais, os poucos fragmentos encontrados nos fazem refletir que é possível se tecer um encadeamento lógico da oralidade a partir do fato histórico do Rodeador;

b. Assim como uma hipótese seria a possibilidade da pesquisa servir como fonte de consulta futura, no sentido de dar suporte ao turismo que possa levar em conta a conservação do patrimônio cultural imaterial do Rodeador e sua gente; quanto a isso pode ser viável ampliar algumas questões referentes as opiniões emergentes dos dados da categoria turismo cultural do Rodeador;

Inicialmente uma das possíveis linhas dessa tese seria também a identificação de personalidades relevantes sobre o sebastianismo, tanto na historiografia portuguesa como na brasileira; e nesse sentido encontramos uma variedade incrível de informação, na obra Sebástica[19]. Mas isso deixamos como uma possível frente de estudo para se desenvolver em outra oportunidade.

Outra linha possível de se pesquisar que não foi seguida, seria a partir de uma espécie de anuncio da morte do sebastianismo encontrado em alguns textos, e o paradoxo de algumas personalidades públicas que adquiriram em algum momento, características sebastianistas como no caso de Portugal com o ditador Salazar, e no brasileiro com o social democrata, ex presidente Lula da Silva. Mas ao final os caminhos da pesquisa se focaram no Rodeador como objeto de estudo.

Epistemologia e Hermenêutica

Sabemos que nos tempos atuais, a antropologia apresenta uma flexibilidade frente à epistemologia. Temos que ter em conta que a partir do método indutivo de Boas e Taylor, ao método hipotético-dedutivo desenvolvido por Karl Popper (De Oliveira 2005:56); e a hermenêutica de Clifford Geertz, muitas discussões relativas ao que pode ser empírico ou não, tem causado questionamentos e debates. Nesse sentido se leva em conta que o que atualmente se pode considerar como interpretativo e narrativo, se pressupõe ser adequado e considerado importante para o saber antropológico. E tendo em conta que uma prática antropológica abrange o holístico e interdisciplinar, se pode fazer uso de outras disciplinas.

[19] Oliveira**,** Vítor Amaral de (2002) *SEBÁSTICA Bibliografia Geral sobre D. Sebastião*. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

A hermenêutica[20] (2005) considerada como arte e técnica de interpretação de textos, remonta à era pré-socrática, quando os gregos tentavam entender e preservar o que diziam os seus poetas e sábios. O Dicionário Eletrônico Houaiss[21] da Língua Portuguesa explica que o termo tem sentido de: Interpretação dos textos, palavras, teoria; ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico; arte de interpretar, relativo à interpretação; próprio para fazer compreender; arte de descobrir o sentido exato de um texto; interpretação do que é simbólico. No verbete relacionado à epistemologia a explicação remete a: reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano; relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo; teoria do conhecimento. Estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; teoria da ciência.

Quanto ao método levamos em conta um trajeto partindo do macro ao micro. De um conhecimento holográfico da historiografia geral do sebastianismo, para um conhecimento local da repercussão do mito sebastianista no *Rodeador*. Buscando entender o nascimento e percurso, até uma atualização no imaginário local estudado. As hipóteses planejadas também seguiram o trajeto antropológico, passando pelo método hipotético-dedutivo, que segundo Karl Popper todo problema deve ser investigado de maneira crítica e racional através de conjecturas e hipóteses (Popper apud Oliveira 2005:56).

Estrutura da tese

A tese se estrutura em quatro capítulos, onde são distribuídos os itens de acordo com a abordagem proposta no planejamento. E para a elaboração, levamos em conta, já que tratamos de um mito universal como é o sebastianismo, a concepção de Lévi-Strauss[22], "*O mito é uma máquina simbólica de abolir o tempo na sua peculiar direção"* (1990:67).

[20] De Oliveira, Maria Marly (2005), *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. Edições Bagaço, Recife.
[21] Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa
[22] Lévi-Strauss (1990) Mito y Significado. Editora Alianza Editosrial, Madrid.

Na introdução se explica em linhas gerais a elaboração da tese, objetivo, metodologia e tratamento dos dados utilizados, a partir da etnografia. Já na conclusão são interpretadas algumas questões referentes ao principio desta tese. E ao final uma relação com a bibliografia utilizada e consultada. Nos anexos se encontra uma lista de órgãos visitados no Brasil, Espanha, Portugal e Marrocos, o termo de consentimento de autorização de uso dos dados dos informantes, além de documentos fotocopiados do Arquivo Geral de Simancas: auto da entrega do possível corpo do monarca D. Sebastião; carta do embaixador Juan de Silva a Filipe II, onde informa sobre o resgate e entrega em Ceuta do corpo de Dom Sebastião; carta do rei de Portugal a Felipe II através de seu embaixador Fernão da Silva, que provará a veracidade dos documentos anteriores, já que nela agradece ao rei espanhol o resgate do corpo do monarca português e carta de Dom Cristóbal de Mora a Felipe II. Além de um CD com fotografias, vídeos e o documento "Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador", que nos foi enviado pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. E como Apêndice, texto sobre os falsos monarcas D. Sebastião extraído da obra de Pires[23] e Roteiro da Reunião do Grupo Focal do Rodeador - GFR.

No primeiro capítulo *Origem do Mito Sebastianista*, são tratadas questões historiográficas mais gerais, referentes ao mito a partir do nascimento do rei D. Sebastião, indo ao encontro do seu desaparecimento no areal marroquino, para daí surgir o mítico Sebastião em terras brasileiras. E nesse capítulo também se enumeram os principais eventos ocorridos no Brasil, inspirados no sebastianismo dentro de paradigmas da religiosidade e conceitos do messianismo, milenarismo e profetismo.

O segundo capítulo *Vertente Triangular do Sebastianismo contextualização histórica: Marrocos Portugal Brasil* se refere à triangulação, dentro de um contexto etnográfico, a partir das viagens realizadas para estudos do tema a Lisboa, Sintra e Coimbra em Portugal. No Marrocos se visitou Rabat, Tanger, Larache, Arzila e a região de Alcácer Quibir. E daí é possível fazer uma reflexão partindo de um ponto de vista de onde se cruza história e cultura em uma época efervescente na Europa, quando começaram as travessias oceânicas. E se fala um pouco do surgimento do mito e como

[23] Pires, Antonio Machado (1971) D. Sebastião e o Encoberto, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

esse passa de um imaginário europeu e viaja nas caravelas dos navegantes para a colônia, que naquela época enfrentava um quase furor popular, na transição da colonização para o regime imperial, encontrando na mentalidade do povo, fatores para uma expansão nos meios rurais nordestinos do século XIX. Quando teve início a movimentação e crescimento da cidadela *Paraíso Terreal*, que se tornou berço do encantado rei mítico. Neste capítulo também se faz uma digressão sobre conceitos de fronteira, espaço e território, além de uma atualização do mito no imaginário português através de uma amostra recopilada nos arquivos do jornal Diário de Notícias – DN, de Lisboa.

O capítulo terceiro *Estudo Etnográfico da Pedra do Rodeador como Expressão Simbólica em Bonito Pernambuco Brasil*, trata da etnografia do principal foco da pesquisa, o *Rodeador*. E apresenta os resultados das entrevistas em forma de categorias que emergiram das falas dos informantes; e a interpretação, dentro dos parâmetros da teoria fundamentada, para o tratamento de dados, onde a partir das planilhas de conteúdos primários, construímos outras com categorias e depois os memorandos que dão corpo a uma hermenêutica baseada na antropologia que é o nosso centro catalisador da tese.

No quarto e último capítulo *Perspectivas de uma antropologia aplicada cosmovisão e utopia: o caso da Pedra do Rodeador em Pernambuco nordeste do Brasil* se levou em conta as representações do conhecimento das poucas lendas, que ainda resistem fundamentadas no grupo de fanáticos do Rodeador. E, além disso, se aborda questões relativas à cosmovisão e utopia. E a categoria emergente dos dados das entrevistas, referente à possibilidade de uma prática de turismo cultural, valorizando o fato histórico ocorrido na região, dentro de um conceito de antropologia aplicada. E ao final são elencados alguns exemplos de paraísos naturais onde o turismo tem como suporte a oralidade remanescente de narrativas míticas que causam a curiosidade dos visitantes.

CAPÍTULO I

ORIGEM HISTÓRICA DO MITO SEBASTIANISTA

Fotografia quadro D. Sebastião:
Regina Clara de Aguiar
Museu de Arte Antiga Lisboa/2006

"A busca pelo mito continua
E se espalhou pelo Nordeste do Brasil
Canudos, Serra do Rodeador,
Pedra Bonita, quanto sofrimento e dor
Praia dos Lençóis no Maranhão
Vem viver a lenda da ressurreição..."[24]

Estudar o mito sebastianista é um desafio que leva a beber, numa diversidade de fontes que resistem ao tempo. Tratar o tema, portanto, é uma tarefa complexa, pois na medida em que nos aprofundamos, entramos em um terreno difícil, onde a longa e a curta duração dialogam de perto, ao mesmo tempo em que o estudo e a pesquisa se ocupam do factual, do linear.

O mito é uma máquina simbólica de abolir o tempo na sua peculiar direção, como diria um dos mais importantes autores do estruturalismo, Claude Lévi-Strauss[25] (1990:67), com relação à interpretação que imprime ao estudo do mito, dentro de um contexto de antropologia sócio cultural. E, além disso, o autor expõe com muita propriedade na sua obra, a questão do mito enquanto linguagem.

Este desafio encontra ressonância na etno-história, já que esta trata da mudança cultural, das aculturações sucessivas etc., como mostra Espina Barrio[26] (2005:24). E também na esfera da comunicação, pois dentro da mecânica deste meio, percebemos que a transmissão oral do mito, acontece de forma especial. A retroalimentação, ou seja, o retorno do processo da mensagem ao início, o feed back, técnica de informar, receber e decodificar mensagens, neste caso, se faz, na medida em que novos elementos são absorvidos na maneira de compor e recompor as células mitológicas de um mito, pois

[24] Trecho do enredo do desfile da Escola de Samba *Gaviões da Fiel*, São Paulo, 1999, que faz referencia ao sebastianismo.
[25] Lévi-Strauss (1990) Mito y Significado. Editora Alianza Editorial, Madrid.
[26] Espina Barrio**,** Angel-B. (2005) Manual de Antropologia Cultural. Editora Massangana, Recife.

este contém códigos próprios. Pode-se observar muito bem isso, levando em conta, e de acordo com Lévi-Strauss, já que em seu estudo sobre o tema, o que chamou mais sua atenção, foi, às propriedades do mito, o que fez o autor comparar este, a uma estrutura lingüística, como parte integrante da língua, e até a uma partitura musical, e em conseqüência disso, constatou que o mito é um médio de comunicação, e já dizia no seu livro "Mito y Significado" que,

> *Atualmente o desafio reside naquilo que poderíamos chamar de super comunicação – quer dizer, a tendência a se conhecer com exatidão, em determinado ponto do globo, o que acontece no resto do mundo* -.[…] *Na atualidade nos encontramos ameaçados pela perspectiva de reduzir-nos a simples consumidores, indivíduos capazes de consumir o que seja* […]. (Lévi-Strauss 1990:41 tradução da autora)

Dentro desse paradigma indagamos: será que nesse caso a comunicação que ajuda a criar e difundir o que nos tempos atuais podemos denominar de os mais diversos mitos, com uma velocidade incrível, seria reducionista? Observamos que dentro da estrutura a qual se refere Lévi-Strauss, o que se observa hoje nos mass media, é uma banalização de certa forma do que pode ser considerado "mítico". E fazendo um paralelo com o pensamento do autor podemos deduzir que os veículos de comunicação e opinião pública, têm o poder de criar novas estruturas míticas estereotipadas, sobretudo quando se trata de personalidades famosas do meio político e artístico etc., já se denomina como "mito"; então nesse sentido observamos uma galeria de "mitos" que surgem a cada dia. Esses mitos aparecem na modernidade devido ao imediatismo que acelera o nosso tempo mental, real, num tempo circular, onde o mais importante é o que está na moda. Os modismos da contemporaneidade nos chegam de forma subliminar através dos meios de comunicação em geral, e principalmente dentro de um conceito de propaganda, que visa o lucro, criando muitas vezes necessidades que não existem, os chamados "mitos" do consumo, onde se encontra uma constelação de idéias, objetos e marcas que são veiculadas por uma mídia que atinge todos os sentidos, seja no que se refere ao bem estar, aquele novo jeans, as dietas para emagrecimento, o que o ícone do mundo artístico usou numa determinada aparição pública, nesse caso o mais recente "mito" criado pelo mundo do rock n'roll, Michel Jackson, tem vendido milhões em objetos, roupas e tudo mais usado por ele em vida.

E ficamos refletindo em como se daria nos nossos dias, o caso do monarca "Dom Sebastião" tornar-se protagonista do "mito sebastianista"! Na verdade a essa reflexão se poderia concluir que o mecanismo psíquico de antes, não se distingue muito do que se passa em nossos dias, pois o que gera a força do mítico, de certa forma está ligada a esse poder de imaginação que o homem tem de criar e espalhar histórias, seja inventada no formato de fábulas, seja a partir de um fato real, contado e recontado. E isso tanto ontem como hoje, é algo inerente à condição humana.

E voltando a uma definição de mito, agora dentro de um conceito clássico de significado, somos remetidos ao mundo da cultura grega, onde o termo mythos significa - dizer, falar, contar - num âmbito geral, e a partir da hermenêutica. É uma resposta à tentativa primordial de responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos naturais, entre outros. A concepção de *mythos*, segundo estudiosos da língua grega, que se lançaram sobre seu significado, recorrendo a inúmeras raízes lingüísticas, é o mesmo que *logos* - palavra. Ao longo dos tempos tem causado interesse em muitas culturas, e de forma especial na ocidental. E podemos levar em conta ainda, a definição que, segundo Arnhold[27] (2007) - é uma tradição fabulosa baseada em um fato real, histórico ou filosófico; ou ao contrário, os mitos são histórias tradicionais que tem lugar num passado sem tempo definido; ainda que não estejam baseados em uma verdade objetiva, refletem as preocupações de uma cultura. E o conceito geral de mito[28], encontrado num verbete do Dicionário Brasileiro Aurélio, trata o termo resumidamente, como uma narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração.

Mas, até hoje, abordar questões relacionadas a esse mito, em qualquer âmbito, se pressupõe consultar vasta bibliografia, que a partir do nosso ponto de vista, diríamos, quase inesgotável, já que, ao estudar o mito, se entra num campo de confronto entre a longa e a curta ação do tempo. No percurso da nossa pesquisa podemos observar que as fontes manuscritas relacionadas a sebástica são enormes. Durante a nossa estadia na cidade de Lisboa, em Portugal, tivemos oportunidade de pesquisar nos arquivos da Biblioteca Nacional, e constatar que realmente é incrível o número de documentos sobre

[27] Arnhold**,** Anthony (2007) "comunidades tradicionales de castilla y león: el mito de un pasado en armonía, Viana**,** Luis Díaz y Martín**,** Pedro tomé (Coord.) *La tradición como reclamo*. Junta de Castilla y León Consejería de Cultura y Turismo, Salamanca.
[28] Aurélio - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

a temática, que compõem os acervos daquela instituição. Sabemos que no arquivo da Torre do Tombo, também há uma diversidade de documentos guardados, mas na ocasião não pudemos dispor dos acervos da Torre, já que esta se encontrava em reforma e os documentos encaixotados, mas nem por isso negamos a existência desses documentos antigos, citados exaustivamente por muitos autores, que vem sintetizando o mito na longevidade do tempo. Podemos dizer que foi valiosa a orientação bibliográfica de Santos Pereira[29], que forneceu inicialmente, uma extensa lista bibliográfica, pontual para o referido estudo. Santos Pereira reforça essa afirmativa com a seguinte opinião,

> *Abordar o tema D. Sebastião e o sebastianismo, sem cair nos lugares comuns, parece uma tarefa de extraordinária dificuldade. As fontes manuscritas e impressas são imensas e de vária ordem. Os núcleos acessíveis principais repousam tanto na Biblioteca Nacional e na Torre do Tombo, em Lisboa, como no Arquivo e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, mas há informações dispersas em outros importantes centros de investigação portugueses e estrangeiros, particularmente no Brasil, em Espanha, França e Itália e teríamos algum interesse em que as fontes árabes também nos pudessem chegar* [...]. *Alguns glosaram-no, outros cantaram-no e até o cidadão vulgar, quase sempre, mais do que a trajectória pessoal daquela figura, conhece a trama do mito que a mesma compendiou.* (Santos Pereira 2008:333)

Podemos dizer que a obra *Sebástica*[30], é uma das mais completas fontes em referência, para consulta, constando nos verbetes uma infinidade de indicações com abordagem sobre o assunto. Elaborada com exaustivo rigor acadêmico por Vítor Amaral de Oliveira (2002), que tentou juntar e rejuntar o maior número possível de informações, assim como documentos antigos e atuais. Registra mais de 3.700 títulos, organizados em oito sessões comentadas - História, Sebastianismo e Quinto Império, Poesia, Artes do Espetáculo, Ficção, Divulgação, Iconografia e Bibliografia -. Porém, não encerra tudo, nem poderia, visto que há enorme quantidade de bibliotecas e arquivos em todo o mundo que contém os mais diversos documentos e escritos sobre essa temática, sendo impossível se detectar e publicar tudo, nesses séculos que separam o momento presente do passado longínquo.

[29] Santos Pereira, Antonio dos (2008) *Portugal Descoberto, Vol. I: Cultura Medieval e Moderna* (pp.333-347), UBI e FCT, Covilhã.

[30] Oliveira, Vítor Amaral de (2002) *Sebástica* Bibliografia Geral sobre D. Sebastião. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Sebástica é um catalogo sobre a figura histórica e mítica de D. Sebastião, elaborada pelo autor para defender título de Doutor na Universidade Paul Valéry de Montpellier.

Nas leituras sobre o sebastianismo, encontramos uma variedade de vieses que poderiam ser temas de fundo para inúmeras pesquisas. Neste capitulo referente à origem do sebastianismo, buscamos explicar as origens desse mito universal, que transforma o tempo, num vai e vem, onde passado, presente e futuro se imbricam, rompendo a barreira especifica da temporalidade. Ariano Suassuna (1972), escritor brasileiro voltado à cultura popular, denominou seu livro que trata um dos casos de movimento sebastianista no nordeste do país, que abordaremos no próximo capítulo, de: *Romance D'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1972). E refletindo sobre esse aspecto do mito, num contexto de *vai e volta*, ou seja, entre o passado e o presente, encontramos esse conceito, totalmente pertinente ao nosso estudo, pois dentro da hermenêutica cultural teórico - pratica[31] nos mostra Ortiz-Osés (1985) que,

> *Entre el pasado mítico y el futuro místico-utópico se sitúa el simbólico como mediación exegética*[32]*. De este modo, una lectura simbólica* […] *abre su opaco presente ocluido a su pasado mítico o "de-dónde" y a su futuro utópico o "a-donde" reintegrando a su vez pasado mítico y futuro utópico en dicho presente así dialectizado y distendido (el lenguaje simbólico como lenguaje 'diafórico'): se trata de ver el presente al trasluz del pasado y futuro, así como, viceversa, pasado y futuro al contraluz de un presente evanescente y vivo, en el que se constituye dinámicamente el sentido como sentido consentido, verbo encarnado, logos accidentado, arquetipo simbolizado*…(Ortiz-Osés 1985:10)

A Sebástica compõe-se de documentos e autores que durante o passar dos séculos vem emitindo as mais diversas opiniões sobre essa instigante temática, gerando de certa forma, uma atualização e ressignificação do mito, por meio de pontos de vista diversos, e muitas vezes polêmicos, como o caso que ficou conhecido no período de 1924 a 1925, entre dois autores portugueses, Antonio Sérgio e Carlos Malheiro Dias, este defensor idôneo do sebastianismo em Portugal, como tradição cultural -. Segundo a pesquisadora Maria Mota da Universidade Nova de Lisboa (2009)[33], Sergio designou a contenda como pares de opostos: racionalismo e romantismo, mito e ciência e sentimento e razão. De certa forma, no interior do mito sebástico, existe forte sentido de dualidade,

[31] Ortiz-Osés, Andrés trabalha com antropologia simbólica

[32] Exegética vem de exegesis que segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, significa: explicação, interpretação.

[33] Mota, Maria (conferencia mesa: Comunicação e Educação) *Sob o signo de Pormeteu: A polémica Sebastianista entre António Sergio e Carlos Malheiro dias (1924-1925).* 8º LUSOCOM – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias 14 e 15 de abril de 2009. Consulta em 10/10/2011: http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/162/138

pois tanto leva a opiniões favoráveis como desfavoráveis, como no exemplo citado. Atuando assim, seja no campo negativo ou positivo, o mito incomoda. Causa divergência e simpatia ainda hoje, a uma legião de historiadores, literatos, poetas, músicos, etc. E foi até enredo de escola de samba no Brasil, no final dos anos noventa (1999), levando o público na cidade de São Paulo, ao delírio, entoando e aplaudindo o desfile da "Gaviões da Fiel", contagiado com um mundo recriado pela arte, imaginariamente possível, que segundo supõe o historiador pernambucano Cabral (2002), *"Os autores da letra do enredo, provavelmente após rastrear as pegadas da lenda, entraram em contato com a história* (2002:7)".

O mito viaja no espaço não-linear da longa temporalidade, atravessa o oceano Atlântico a bordo das caravelas dos navegantes portugueses, como asseguram alguns historiadores. Na nova terra, passa por um processo de ressignificação, e se metamorfoseia e se plasma com a cultura local primitiva, hibridando-se possivelmente ao mito da terra sem males[34]. Vainfas no prefácio do livro, No Reino do Desejado, diz que, *"O mito é rebelde, espalha-se por vários espaços e navega por vários tempos"* (*Hermann*, 1998:11). A partir deste extrato de pensamento, complementa Cabral (2002), parafraseando e interpretando a frase, afirmando que o mito transportado de Portugal para os trópicos brasileiros, adquiriu matizes e tons diferentes das aspirações do mundo lusitano:[35] e que nesse sentido percebeu Vainfas que o mito além de ser rebelde, mutável, *"espraia-se por vários espaços, troca de roupagem e adentra vários tempos. Filtrado entre diversos povos, é sempre escrito e reescrito várias vezes, circula de boca em boca, multiplica-se, quando então assume outras tonalidades e versões"* (Cabral 2002:8)

Podemos ver que Oliveira Martins, outro autor português do sebastianismo, acredita que a origem do mito sebástico pode estar na herança celta dos portugueses, o

[34] Ver mais sobre essa temática em Heléne Clastres, (1978) "Terra sem Mal o Profetismo Tupi-guarani".
[35] Os lusitanos constituíram um conjunto de povos ibéricos pré-romanos de origem indo-européia que habitaram a porção oeste da península ibérica desde a idade do ferro. Em 29 a.C., na seqüência da invasão romana a que resistiram longo tempo, foi criada a província romana da Lusitânia nos seus territórios, correspondentes a grande parte do atual Portugal. Os lusitanos são considerados, por antropólogos e historiadores, como um povo sem história por não terem deixado registros nativos antes da conquista romana. As informações sobre os lusitanos são-nos transmitidas através dos relatos dos autores gregos e romanos da antiguidade o que por vezes causa diversos problemas ou conflitos na interpretação dos seus textos.

que reafirmamos na leitura do livro, *O Encoberto* de Sampaio Bruno[36] (1904), que é uma das obras mais emblemática e pontual em qualquer estudo sobre o tema em tela. Bruno traça os caminhos do surgimento do mito por meio de três correntes principais, que podemos identificar como - arturianismo, joaquimismo[37] e o messianismo judaico-cristão - tradições diferentes que se fundem e dão origem a uma nova configuração. A primeira corrente se baseia nas novelas de cavalaria, originárias da Bretanha, que falam do encoberto, ou seja, do rei Arthur - como nos mostra o seguinte recorte do texto,

> *E quando vemos que a alma religiosa da nação, retrahindo-se ao seu âmago intimo, creando espontaneamente uma fé, ao lado do catholicismo, dogmático e transcendente, imposto, importado, e mal definido nas consciências: constrói essa fé com as matérias conhecidas das antigas religiões naturalistas dos celtas; quando vemos que D. Sebastião se transforma n'um rei Arthur, escondido na ilha viçosa dos bardos, - somos com effeito, levados a suppôr que o elemento ethnicamente dominante nas populações – é um Portugal celta[...]* (Bruno 1904:VII)

O mito arthuriano que personifica o rei Arthur, insere-se no âmbito do "mito do libertador", tendo base em antigas lendas celtas, sobre um "Rei encoberto". Nesse sentido seria a personificação da resistência bretã entre os séculos V e o VI da nossa era. A idéia central enfoca a luta contra os invasores e a unificação do reino. Luta, traição, adultério, incesto e a morte final ou o desaparecimento do rei e de seu filho incestuoso, mortos um pela mão do outro - revelam o fim do mundo, e da instituição cavalaria, ou seja, a desagregação da ordem. O chamado ciclo bretão releva uma mitologia toda própria que ultrapassa as fronteiras inglesas na Idade Média, e espalha por toda Europa as façanhas lendárias do rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda. O rei vencendo tribos bárbaras em muitas batalhas, e ferido na última, retira-se para a ilha de Avalon, onde vem a falecer. Este fim se fortalece e se mantém na esperança do retorno do rei que não morreu, ficou encoberto nas névoas da Ilha de onde retornará quando o reino precisar.

Em seguida observamos que Bruno se refere ao joaquimismo com muita freqüência, que é de certa forma uma conseqüência do *milenarismo judaico-cristão*. As

[36] Bruno**,** Sampaio (1904) O Encoberto, Livraria Moreira Editora, Porto
[37] É um termo originário do pensamento de Frey Joaquim de Fiore, abade cisterciense e filósofo místico defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito.

idéias do abade circulam em Portugal, reunindo-se às opiniões gerais sobre o sebastianismo, e indo de encontro ao judaísmo e ao cristianismo, as duas religiões predominantes na época, crenças predispostas ao milenarismo e ao messianismo. E finalmente poderíamos apontar como o terceiro segmento, segundo o autor, que dar grande relevância a esse item, a questão do messianismo judaico-cristão.

1. OLHAR TUPI-GUARANI DA TERRA SEM MAL E O PARAISO TERRESTRE

Após toda a abordagem que fazemos acima, voltamos nosso olhar novamente ao Brasil, onde temos uma trajetória enorme de movimentos que unem interesses religiosos à esperança da saída da miséria, alguns deles como foram aqueles declaradamente relacionados ao sebastianismo, acabaram em luta armada com tropas do exercito do governo, e finalmente foram abafados com sangue, estando ligados geralmente, a sentimentos como - espera, tragédia, sofrimento, esperança – que alimentam o sebastianismo durante séculos, e estão intrinsecamente relacionados à crença da vinda de melhores dias que pregam os movimentos de cunho messiânico. Estes universais remetem ao mito do "Paraíso Perdido", que talvez o rei Sebastião acreditasse, poderia encontrar no areal do Marrocos, trazendo enfim, paz, para as buscas incessantes de uma nação meio sem "rumo", atormentada pelo medo de enfrentar a realidade, ou seja, o domínio espanhol, algo propicio de acontecer, mais cedo ou mais tarde. E que veio realmente a ocorrer, pois a Espanha dominou Portugal durante 60 anos (1580-1640), período que ficou conhecido como, "os sessenta anos de cativeiro" ou domínio filipino.

Como não poderia deixar de ser, fazemos aqui, uma alusão em rápidas pinceladas ao mito do Paraíso Terrestre, levando em conta um olhar tupi-guarani da *terra sem mal* e sua cosmovisão e migrações, dentro de um contexto de liberdade numa América do Sul mística e paradisíaca para os nossos antepassados colonizadores, que ao se depararem com a beleza extrema das novas terras se fixaram e se mesclaram às crenças e ao povo em estado de harmonia com uma natureza toda própria. Segundo Ochoa (2003) o mito da terra sem males, está intrinsecamente ligado ao amálgama das mitologias paradisíacas das culturas aborígenes e indígenas da América do Sul e se subscreve entre os mitos gerais que são compartidos de forma similar por diversas etnias, inclusive por culturas de épocas e civilizações distintas. E o sebastianismo é um

mito nostálgico secular que nos lança a fazer uma ponte entre passado, presente e futuro, e hoje ainda sobrevive no imaginário coletivo de alguma forma, nos lugares onde ocorreram manifestações do mito, seja em Portugal, Brasil, Espanha ou Marrocos.

O mito vem se reproduzindo ao longo dos séculos tendo de certa forma, entrado em contato com os habitantes originais no Brasil, passando por um processo de transformação na época, hibridando-se aos mitos locais. E recorrente, chegou à contemporaneidade, onde até hoje sobrevive nos rituais do Tambor de Minas, onde o rei incorporado é recebido com música e dança nos terreiros das casas nagô de São Luís do Maranhão, como explicaremos melhor no II Capítulo. E nas lendas que sobrevivem na Pedra do Rodeador, Pedra do Reino e Canudos.

Sabemos que todo o conjunto cultural da humanidade, fundamenta-se também na história oral, nas pegadas e lendas, e nas representações do conhecimento, saberes e crenças. A professora e antropóloga, *Cavignac* [38], afirma em artigo que

> *O estudo da literatura oral, que durante muito tempo apaixonou os folcloristas e os historiadores, ficou fora dos grandes questionamentos antropológicos. Hoje, com o surgimento das investigações sobre memória, aparecem, durante o exercício da rememoração, narrativas multiformes, difíceis de serem manipuladas pelo pesquisador – que muitas vezes as ignoram* (Cavignac, Julie Antoinette Vol. 1, Nº 02 2000)

Refletindo sobre as palavras de Lévi-Strauss "*El problema es éste: ¿dónde termina la mitología y dónde comienza la historia?"* (1990:57) e da professora *Cavignac*, acima, podemos concluir, indagando - será que o mito não tem um limite, ou seja, uma fronteira entre o exato momento do nascimento e a história oficial? Pois como indica a oralidade, ao longo dos séculos, gerações e mais gerações, vem recontando a façanha do Rei Sebastião. O mito sebastianista chegou ao Brasil via comunicação oral, por meio dos colonizadores e jesuítas, em missões na terra recém descoberta. E é um mito que até hoje povoa o imaginário coletivo e vem se reproduzindo ao longo dos séculos, de alguma forma, onde ocorreu manifestação do mito, nos três continentes.

[38] Cavignac, Julie Antoinette. Artigo "Vozes da tradição; reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropología". (2000): Revista Mneme 02. Vol. 1, Nº 02. (Antropóloga Profª Adjunta – UFRN).

Pires (1971), autor português de obra de fôlego sobre o sebastianismo, em capítulo falando sobre como o mito se manifestou no Brasil, explica,

> *o messianismo do Nordeste brasileiro é um fenômeno com características especiais. O mito messiânico da "Terra sem males", alimentado na mente do sertanejo, deixou-se penetrar de sebastianismo, trazido por via da colonização* [...] *este mito messiânico do nordeste brasileiro já nada tem que ver, propriamente, com a lenda popular portuguesa. A tradição portuguesa deformara-se ao contacto com a mestiçagem, mal integrada na civilização – deturpou-se o sentido inicial nacionalista do sebastianismo, transformando-se em crença brutal, da qual se aproveitaram os embusteiros, os sanguinários e os criminosos, explorando a fraqueza e a falta de sólida formação cristã do sertanejo* (Pires 1971:111)

A partir do fragmento do texto acima, se observa que realmente no meio rural nordestino, brasileiro, o povo simples, em muitas localidades, até hoje vive num mundo todo próprio, povoado de lendas e estórias de assombrações, com uma cosmovisão singular, onde a magia da natureza e os problemas da seca, enchentes e outros efeitos naturais, convivem lado a lado. Muitas dessas "estórias" que o povo vai contando de pai para filho, passando de geração a geração, nasceram assim, após algum fato real, fica o "disse me disse", criando efeito de boato, de uma certeza irreal, tudo isso, claro, tendo origem num acontecimento real.

Terra sem mal - Ochoa Abaurre (2003) estudou em profundidade na América do Sul, os povos Tupis-Cocamas, da Amazônia peruana, onde fez um estudo do mito *"Yvy-Mara ey* - Terra sem Mal", possivelmente levado àquela região pelos tupis Guarani, nação indígena brasileira. Chama atenção o capítulo[39] onde se refere às manifestações que recolheu sobre o discurso "La Tierra Buena"**,** e de como responde aos paradigmas míticos tupis de perfeição – riqueza da terra e atitude do homem – e plenitude – de alma e conhecimento. Define-se como um lugar rico em recursos naturais, onde o homem vive em harmonia com a natureza e com os demais seres, e como um espaço onde não se sente medo da morte.

Fazendo uma relação com os sentimentos do sebastianismo, podemos dizer que o imaginário coletivo da nação portuguesa do século XVI, criou o mito sebastianista em

[39] Ochoa Abaurre, Juan Carlos (2002) tese de doutorado: *"Mito y Chamanismo: El Mito de la Tierra sin Mal en los Tupí-Cocamas de la Amazonia Peruana",* Universidade de Barcelona.

momento de grande perda e conflito, em que se buscava apoio de universais como: *esperança, salvação, entre outros,* e que na verdade, estes sentimentos estão imbricados numa mesma procura como essa, de um mundo sem mal, e ainda dentro do contexto messiânico, um mundo onde a paz social reine e a harmonia com a natureza sejam palavras de ordem.

É interessante observar que os Tupi-Guarani distinguem duas ordens na cosmovisão de seu universo mítico: o mundo humano e o mundo divino – abaixo e acima -, que configuram a ordem da *terra com mal* e a ordem da *terra sem mal*, respectivamente. O autor define dentro do conjunto complexo dos indígenas, a *Kandire* como expressão que faz referencia no mundo natural desse povo indígena ao ideal e ao sonho de alcançar o paraíso, a perfeição e a plenitude sem perder a natureza humana, com todo seu poder mágico (Ochoa Abaurre 2002:176).

Podemos fazer uma ponte entre o pensamento acima, com a citação de *Agostinho Morgado (2004)* [40]**,**

> *O Sebastianismo, como mito de esperança messiânica do povo lusíada, tem-se renovado na nossa história recente, especialmente entre os poetas sebastianistas. Será que essa esperança/saudade sebastiânica não afunda as suas raízes numa outra esperança/saudade ôntica de regresso ao regaço maternal do Ser do qual partimos e ao qual regressaremos?* (Morgado 2004:89)

Entre outras coisas, *Morgado (2004)* sintetiza o pensamento de Mircea Eliade quando fala das inúmeras interpretações do mito do paraíso, o qual se encontra um pouco por toda parte, sob uma forma mais ou menos complexa. E que inúmeras são as experiências, quer xamânicas, místicas, de regresso/recuperação do 'illud tempus' paradisíaco, de viagens místicas ao centro do mundo, ao céu, ao convívio e amizade com os deuses, e mesmo de recuperação ou conquista da característica mais típica do divino, que é a imortalidade, com a conseqüente pacificação e harmonia da natureza e dos animais, e total entendimento de todas as coisas: visão ou ciência edênica. *Eliade*, diz que nos mitos se encontram quer relatos de criação do mundo, dos animais, das

[40] Morgado Agostinho, (2004) artigo *"Para uma Fenomenologia do Mito Sebastianista"***,** publicado na revista nº 6, do Instituto Universitário D. Afonso III – INUAF,

plantas, do homem e até dos próprios deuses, quer narrativas primordiais de como o homem se transformou no que é hoje, ou seja, um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, e obrigado a trabalhar para viver, etc.

Será que poderíamos conceituar o monarca Sebastião como uma espécie de xamã? Por exemplo, quando ele parte em busca de uma batalha que todos consideravam perdida, acreditando que podia ser a salvação da nação portuguesa do poderio da Espanha, e com a obsessiva intenção de realizar o sonho dos seus antepassados de unificar todas as nações do mundo! Será que ele aí não se coloca na condição de oráculo ou profeta? E como numa inversão do herói munido de uma utopia, chega mesmo a ser um D. Quixote? Ele estaria buscando também o paradisíaco *mito da terra sem mal?*

Para estudar o mito sebastianista é preciso partir de alguns pressupostos básicos que levam às buscas incessantes do homem, em direção à sua origem, na tentativa de entender os mistérios que envolvem a vida e a morte. A ciência histórica, assim como a antropologia, filosofia, comunicação, psicologia, sociologia, etc., tem ido de encontro às pegadas deixadas por nossos antepassados, demonstrando com isso que - desde o habitante da caverna ancestral - já havia o medo do sobrenatural, que levou o confuso homem das cavernas, a criar todo um sistema de símbolos relacionados à mãe natureza - com os fenômenos atmosféricos, a presença diária do sol, da lua, das estrelas.

Muitos autores vêm se debruçando até hoje, cerca de quase cinco séculos depois do episódio de Alcácer Quibir, na tentativa de entender melhor o mito, o homem, o fato histórico, e outros até cantam, como coloca o poeta português *Fernando Pessoa,*[41]

> *Toda a poesia – e a canção é uma poesia ajudada – reflete o que a alma não tem. Por isso a canção dos povos tristes é alegre e a canção dos povos alegres é triste. O FADO, porém, não é alegre nem triste. É um episódio de intervalo. Formou-o a alma portuguesa quando não existia e desejava tudo sem ter força para o desejar. As almas fortes atribuem tudo ao destino; só os fracos confiam na vontade própria, porque ela não existe. O FADO é o cansaço da alma forte, o olhar de desprezo de Portugal ao Deus em que creu e também o abandonou. No FADO os Deuses regressam legítimos e longínquos* .(Pessoa, 14/04/1929)

[41] Fernando Pessoa, texto publicado no "Notícias Ilustradas", 2º série, nº 44, de 14/04/1929, com o título – *O Sebastianismo e o Fado,*

Alguns destes autores vêm estudando o mito, ligado à religiosidade - messianismo, milenarismo, profetismo - e, sobretudo ao mito do paraíso perdido. A América do Sul é considerada por alguns estudiosos e pesquisadores como um dos possíveis e o último "Paraíso perdido", dadas as suas características naturais e dos povos primitivos que viviam ali à época do descobrimento do caminho das índias. E a região amazônica, por sua amplidão, é um pólo centralizador e gerador de mitos e lendas, muitos dos quais perdidos com a conquista. Ochoa Abaurre (2003) comenta crônicas do século XVI, que falam sobre o descobrimento e navegação do rio Amazonas, comparando este com os rios Ganges, Nilo e Eufrates. O Amazonas é qualificado como o mais célebre rio do mundo por regar mais terras que os rios do oriente, o lugar do paraíso, pois seus campos parecem paraísos e suas ilhas jardins. Em seguida faz citação de *Alonso de Rojas:*

> *La fertilidad de la tierra que riega el Nilo es como la del Amazonas: abundante de pesca, los montes de caza, los aires de aves, los árboles de frutas, los campos de mieses. Este nuevo Ganges, este alegre Eúfrates, este fecundo Nilo es el que Dios ha creado en este siglo…* (Rojas apud Ochoa Abaurre 2003: 50,51)

No Brasil há um rico acervo de cultura primordial, entre os povos indígenas. Segundo *Ochoa Abaurre* (2003) explica, este universo verde, regado pelo rio Amazonas, além de ser um lugar paradisíaco, como viram os conquistadores, abriga para os indígenas o espaço sagrado de uma terra sem mal. Hoje, apesar dessa cultura imaterial ter sofrido perdas e danos com a "civilização", muito da utopia dos habitantes ancestrais ainda pode ser encontrada em forma de mitos e lendas, resgatadas no seio de sociedades tradicionais. *Agüero* (1996) afirma no capítulo "El pensamiento indígena en América latina - ¿Desde el mito a la utopía?"[42]

> *la utopía en tanto función o factor crítico, 'horizonte' o ideal alternativo parece ser uno de los predicados del ser-humano por lo que podríamos definir a éste, también, como un ser-utópico… una de las manifestaciones de esta utopicidad del ser humano la encontramos en los movimientos socio-religiosos, particularmente en el milenarismo, mesianismo y el profetismo surgidos y que surgen recurrentemente en sociedades y grupos étnicos en Ásia, África, Europa, América, Indonesia y Oceanía*. (Agüero1996: 57)

[42] Agüero**,** Oscar A. (Coord) (1996) Utopía y nuestra América. Abya-Yala, Quito.

Agüero faz uma ponte com o pensamento de Barabas[43] (*Barabas apud Agüero 1996:* 57. Tradução da autora), que afirma com relação a estes movimentos, que *"constituem projetos utópicos"* - no sentido de que os protagonistas buscam um futuro possível, feliz, de plenitude -, e que surgem na América latina, em populações autóctones, representando suas próprias esperanças de transformação do mundo, garantidas por tradições míticas e proféticas salvacionistas e mediadas permanentemente pela participação popular coletiva.

De acordo com as fontes consultadas há uma tendência geral que parte do pressuposto de que o mito da sebástica não nasce especificamente com D. Sebastião, ou pelo menos, não com esta configuração, e que na verdade a origem de fundação do mito sebastianista, não está personificada na figura do próprio monarca, mas muito antes do seu nascimento, que foi esperado com grande alarido e catarse por toda a nação, que aguardava a chegada desse momento com grande ansiedade. Além do mais o país passou por uma verdadeira explosão de sentimentos por parte do povo, algumas semanas antes do parto do Desejado, como está contextualizado neste capítulo. O momento sagrado em que foi cortado o cordão umbilical que o ligava à mãe, podemos dizer que é exatamente o que iria pontuar seu pouco tempo de vida, e torná-lo um herói ao reverso, entregue à mãe terra, a mesma que o acolheu tombado no areal do Marrocos, daí se personificando num ser mítico.

[43] Ibidem Agüero**,** Oscar A. (Coord) (1996) Utopía y nuestra América. Abya-Yala, Quito. Apud Barabas *Utopías indias: movimientos socioreligiosos en México.* (1989:4 ver nota 5).

2. TRANSMUTAÇÃO DO REI NO MITICO SEBASTIÃO

"Quem tiuesse poder
Pera dizer
os sonhos que homem sonha",
(Goncalle Aannez Bandarra,
Capateyro de trancoso)

Gravura de Gonçalo Annes Bandarra,
sapateiro de Trancoso, trovador e profeta.

A força do imaginário coletivo português atuou livremente na transmutação da morte do rei, para o nascimento do mítico Sebastião.

O sebastianismo que se configurou enquanto mito, além de ingredientes do milenarismo, profetismo e messianismo, junta elementos universais, como - tragédia, sofrimento e esperança - sentimentos que remetem ao mito do *"Paraíso Perdido"*.

O mito, afinal encontra um forte aliado na figura do enigmático sapateiro da vila de Trancoso[44], Gonçalo Annes, conhecido como Bandarra, que elaborou e repassou suas idéias em forma de trovas proféticas, que escrevia baseadas na bíblia, e divulgava num meio predisposto a aceitá-las, como representante da "cultura artesã apocalíptica"[45]. E sendo assim, podemos dizer que é responsável pela transição e transmissão entre o meio popular, e dos cristãos novos e velhos, do messianismo em Portugal. Bandarra sistematiza suas famosas trovas baseadas em elementos retirados dessas duas culturas, cumprindo assim um papel de intermediador entre o que antes era apenas oralidade, e sistematizadas, passou a existir no formato de texto escrito. O sapateiro passa a ser visto como mediador entre dois mundos: o cristão novo e o cristão velho, o oral e o escrito, o popular e o erudito. As Trovas remetem a três temas - sociedade e a hierarquia quebrada; esperança de um novo mundo e atribuição a um rei português a missão salvadora. E este texto circula entre o povo que passa a ter Gonzalo Annes como profeta. E afinal podemos dizer que o messianismo/milenarismo que veio a se transformar em sebastianismo se instala tanto no imaginário popular, quanto da nobreza

[44] Pequeno povoado espanhol situado na fronteira da Espanha com Portugal
[45] Hermann (pp. 49, 121),

portuguesa. E com o nascimento de D. Sebastião, torna-se revelador, pois afasta as pretensões castelhanas de dominar a nação lusitana.

Segundo registra a historiografia oficial, em janeiro de 1554, durante semanas o povo português reza, pedindo e desejando um rei sadio, para governar a nação. E precisamente na noite do dia 20, data comemorativa do santo mártir da Igreja Católica, São Sebastião, nasce o monarca, que é batizado recebendo o mesmo nome do santo. Nesse momento forma-se em Portugal uma verdadeira corrente de fé em função do seu nascimento. As ruas de Lisboa se enchem de luzes, cânticos, orações e aclamações em agradecimento a sua chegada, ocupadas por uma multidão de pessoas em louvações ao santo, e a Deus, pelo envio de um herdeiro para o reino. Os portugueses procuravam demonstrar aos céus sua infinita gratidão, e sendo assim tão esperado e festejado, D. Sebastião I, décimo sexto rei de Portugal e último soberano na sua linhagem, a Dinastia de Avis, sendo o sétimo, recebeu o codinome de o "Desejado". Então dentro desse paradigma de festejos, gerou-se um poderio transcendental no imaginário coletivo, que voltava todas as atenções e esperanças no recém-nascido, que já nascia assim, com um estigma de salvador. E isso só um mito ainda em gestação pode ter poder de insuflar no inconsciente geral, de acordo com a relação que Lévi-Strauss faz entre mito e psicanálise.

Encontra D. Sebastião, o cenário, espaço e condições ideais para receber o codinome de o "Desejado", são os cristãos novos portugueses com sua tradição messiânica; é o fato do seu nascimento que consegue afastar momentaneamente as pretensões filipinas de unificação de Portugal a Castela; é a crise que se abala contra o império português; são as trovas do sapateiro da Vila de Trancoso; é a tradição medieval do encoberto, além de todo um clima propicio ao misticismo e religiosidade da época. Enfim, como ensina Bruno (1904) o Portugal dos séculos XVI e XVII possuía as condições propicias e um terreno fértil para o surgimento do mito.

Não é nossa intenção traçar um perfil psicologico da personalidade de Dom Sebastião, coroado rei aos três anos de idade, para explicar a origem do sebastianismo enquanto mito. Mas, percebemos que quanto mais se aprofunda na vida pessoal do monarca, observa-se como nos mostra a história, que ele foi um homem compulsivo,

controverso, triste e infeliz. Recebeu educação religiosa, dentro de padrões rígidos, por jesuítas da Companhia de Jesus, que o transformaram desde criança, em um fanático religioso e antimuçulmano muito depois das cruzadas.

Criado em meio às mais acirradas disputas políticas palacianas, assimila assim, diversos aspectos que formarão sua personalidade, além de exercer a religião de forma extremamente fanática, instigado por seus preceptores. Acostumado a ser obedecido desde o berço, admirava as histórias de cruzadas, por isso cresceu com o sonho de conquistar o continente africano, e criar uma monarquia universal centralizada em Portugal, para aí implantar o inicio do seu projeto de expansão da fé cristã.

O jovem rei inspira paixão, admiração e ódio ao mesmo tempo, sendo de uma estranha dualidade, pois vai de messias a derrotado, de salvador a demente. Foi uma criança apática, com forte tendência a melancolia e saúde precária, devido a uma enfermidade que sofria desde a infância. Órfão do pai, D. João, que faleceu duas semanas antes do seu nascimento, de certa forma também se tornou órfão da mãe, por ausência desta, já que Dona Joana de Áustria teve que regressar a Castela, abandonando o recém nascido aos cuidados da avó materna e do tio-avô paterno, não retornando nunca, portanto o rei não teve mais contato presencial com o afeto e carinho da mãe, durante sua curta vida.

Cresceu com idéia fixa da conquista, e, com o firme propósito, sobretudo de retomar o espírito das cruzadas, além da obsessão da retomada do norte africano. Assim que obteve a maioridade, aos 14 anos, assume o governo, tornando-se um homem obstinado pela guerra. Dominado pelo fervor religioso, acreditava que seria o capitão de Cristo numa nova cruzada contra os mouros do norte da África. E com objetivo de expandir a monarquia portuguesa, começa a preparar a expedição militar ao continente africano.

Seu tio Filipe II da Espanha recusa participar nesse intento, vindo a adiar o casamento de D. Sebastião, com uma das suas filhas para depois da trágica guerra em

Estação de trem em Alcáçar Quibir
Foto: Regina Clara de Aguiar-Marrocos 2007

Alcácer Quibir[46] no Marrocos, onde o monarca veio a desaparecer na batalha que também ficou conhecida como dos Três Reis.

Em 1578 parte para o Marrocos, vindo a liderar um exército com cerca de vinte mil soldados, sem ouvir os experimentados capitães em guerras africanas. E daí o desaparecimento do corpo do monarca no areal marroquino, envolto em mistério, às margens do rio Oldmakazine, aos 24 anos, sem deixar herdeiros. Na ocasião, o exército português foi quase totalmente esmagado pelo sultão Ahmed Mohammed, de Fez.

Além de ser algo obscuro, a história jamais saberá com exatidão o que foi feito do corpo do rei, se realmente tombou ao final, e se encontra no tumulo destinado a abrigar o corpo real no Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa, ou se foi morto pelos inimigos. E o inconsciente coletivo português apropriando-se da situação, e de certa forma amargando um sentimento de inferioridade absurdo, se refugiou na crença de que o rei estaria vivo e voltaria para trazer paz e harmonia à nação - partindo de uma realidade indesejada - para a possibilidade de uma transcendência mesmo que irreal, porém adequada aos desígnios do povo naquele momento.

Enfim, é este caráter quase doentio que leva o Desejado a perder a vida e de certa forma, a independência do país, no combate com os príncipes marroquinos africanos. Os portugueses desde então passam a identificar o jovem rei como um Messias, que conduzirá Portugal ao seu destino divinamente traçado, a um período de felicidade e prosperidade, ou como diria o poeta Fernando Pessoa: No mais é esperar por D. Sebastião, quer venha, quer não.

[46] Em árabe Alcácer Quibir significa Grande Palácio.

Sobre a derrota que acabou com sua vida, afirma Hermann (1998),

> *Desejado e encoberto, D.. Sebastião certamente não morreu em Alcácer Quibir. Transformou-se em crença sebástica e sobreviveu nos textos e na transfiguração de seus apologistas, nas farsas de seus imitadores, nos fantásticos de suas viagens e reinos fantásticos e até mesmo nas tragédias do reino da Pedra e de Canudos. Fenômeno que combinou o tempo curto dos acontecimentos com o tempo longo das lendas, das tradições e das profecias, o sebastianismo foi ainda uma expressão muito peculiar da combinação entre mito e história, entre a busca do Encoberto e as expectativas sobre o Desejado* (Hermann1998:310)

Há uma linha de opinião em que acredita-se que o rei tinha forte inclinação suicida, e poderia ter cometido um suicidio coletivo, expondo suas tropas, e incentivando com sua postura a derrota que dizimou seu batalhão na chamada Batalha dos Tres Reis. Alguns estudos apontam um lado egocêntrico ao extremo, da personalidade do Rei, e levando isso em conta, como num transe de egocentrismo, ele poderia ter se lançado ao combate, e sua ordem de combater não foi registrada nem ouvida, pelo exército inimigo.

A derrota portuguesa no areal do Marrocos deu início à crise dinástica de 1580, que levou à perda da independência da nação portuguesa, para a dominação Filipina, e conseqüentemente, ao surgimento do Sebastianismo em formato de messianismo, que nasceu da esperança do povo na volta do monarca.

3. POLEMICA PALACIANA

A obra, *Dois Estudos Polemicos,*[47] é resultado de pesquisa a qual se debruçou o professor norte-americano Harold B. Johnson (2004), e nasceu como um apendice ao seu estudo do horoscopo natal do Rei Dom Sebastião, onde se deparou com certas particularidades da vida de dois icones da história lusitana, o Infante D. Henrique e El-Rei D. Sebastião. E trata no caso específico do monarca, de questões ligadas a pedofilia

[47] Johnson**,** Harold B. (2004) *Dois Estudos Polemicos,* University of Virgínia Fenestra Books. O professor norte-americano é autor de diversas obras e especialista em História Luso-Brasileira na Universidade de Virgínia, EUA. O seu livro mais recente *Dois Estudos Polémicos* apresenta hipotéses ousadas sobre a vida sexual de dois ícones da história portuguesa: o Infante D. Henrique e El-Rei D. Sebastião. O segundo capítulo tem o titulo: "Um Pedófilo no Palácio" ou "Abuso Sexual de El-Rei Dom Sebastião de Portugal (1554-1578) e as suas Consequências".

e homossexualismo, temas considerados até hoje pelos historiadores da Sebástica, delicados e sem importancia. Infelizmente não nos foi possível consultar esses documentos, até porque não se trata aqui do nosso foco. Mas realmente merece um aprofundamento maior em outras instancias, já que segundo o autor, trata-se de assunto que até hoje não foi levado muito a sério pelos autores sebastianistas.

A questão relacionada à pedofilia seria praticada por parte do seu principal mestre e confessor jesuita, da Companhia de Jesus, Pe Luis Gonçalves da Camara. Johnson acredita que a maioria dos historiadores portugueses, mesmo atualmente, tem uma postura vaga, e se recusa admitir a idéia de homossexualidade e pedofilia, pois o jovem rei, como icone e herói, mesmo assim, ainda é considerado por muitos, uma vergonha nacional, apesar de tantos seculos. Porém, faz referência a um americano, especialista nos jesuítas de Portugal, *Dauril Alden*, que num dos seus ensaios mostra essas questões, claramente, apontando o preceptor Pe Camara, provavelmente como possível culpado de ter transmitido uma doença da ordem das DST (doença sexualmente transmitida), que afligiu o monarca desde a tenra idade de onze anos, e por isso talvez a aversão que este teve durante toda sua curta vida, com relação às mulheres e ao casamento.

O professor Johnson (2004) relata que teve um primeiro contato com esse viés quando pesquisava o horóscopo do monarca e conta que,

> *Aí, se bem que com alguma trepidação, sugirei que D. Sebastião poderá ter sido abusado sexualmente aos onze anos, muito provavelmente pelo seu tutor/confessor, o Jesuíta, Luís gonçalves da Camara. Esta minha idéia teve algum impacto, pelo menos fora de Portugal, pelo que decidi desenvolve-la. Tinha particular interesse em descobrir, se possível, se o abuso que sofreu teve o efeito de o firmar num estilo de vida homossexual. Uma análise mais aprofundada das fontes*[48] *foi surpreendentemente reveladora relativamente a este assunto e tornou-se claro que ele adotou de facto um estilo de vida homossexual, ainda que de forma secreta, durante a sua curta vida. Estas histórias parecem ter sido omitidas ou ignoradas, acidental ou propositadamente, principalmente por historiadores portugueses [...] Na verdade, elas só fazem 'sentido' assumindo que D. Sebastião tinha o hábito de procurar*

[48] Ibidem Johnson**,** Harold B. (2004) *Dois Estudos Polemicos*, University of Virgínia Fenestra Books.ldo explica que a maior parte das fontes relativas a esta questão podem ser encontradas na *História Del Reyno de Portugal* de Manuel de Faria y Souza, em que várias histórias sobre o comportamento "estranho" de D. Sebastião estão salvaguardadas.

> *aventuras sexuais à noite, e por vezes até de dia* [...]. *Sendo alguém 'de fora' achei que tinha mais liberdade para poder aprofundar o assunto e chegar à verdade, por muito polemico que fosse.* (Johnson 2004:6,7)

Nesse estudo Johnson veio a descobrir que nenhuma das previsões apontadas e previstas no horóscopo, por ocasião do seu nascimento, se realizaram, sobretudo no que diz respeito a relacionamentos com mulheres, que segundo as previsões, ele seria grande aficcionado, vindo a casar e ter muitos filhos, e na verdade tudo isso estava de acordo com a corte, claro, que desejava um herdeiro que viesse para suprir a grande carencia da coroa. E com isso proteger a nação lusitana da perda de autonomia para Castela, Espanha.

O autor mostra que o mapa do futuro monarca foi traçado por um médico de Castela, que assistiu à sua mãe no parto, e que foi baseado no "Tetrabiblos", um manual astrológico de autoria de Claudius Ptolomeu (astrônomo e geógrafo) do século II. O horóscopo do pequeno príncipe foi inspirado nos desejos da corte que queria um Rei perfeito, para governar de acordo com os seus desígnios. A corte recebeu o horóscopo do monarca com todos os pontos plausíveis concernentes a um membro da realeza. Porém para decepção da coroa, essas previsões não se concretizaram jamais, foram completamente fora de cogitação. Na verdade o que se constata na biografia do jovem rei é que ele se revelou muito cedo ao povo da sua nação, sem sombra de dúvida, misógino, pelo fato de conseguir com incrível habilidade e determinação, esquivar-se de compromissos de aliança matrimonial, que a corte articulasse.

4. IDÉIAS RELIGIOSAS IMBRICADAS

Neste capítulo relacionamos alguns dos principais itens da história do sebastianismo que começou com um rei menino coroado, até um rei morto, finalizando num rei mítico que habita onde seja possível transformar a realidade numa dimensão de transcendência social em favor dos menos favorecidos. Ao final mostramos os movimentos que deram seqüência a guerra do Rodeador, que são Pedra Bonita e Canudos, no nordeste do Brasil; e o Contestado no sul do Brasil, que até hoje podemos ver que existem adeptos; e o tambor de Mina no Maranhão ainda tem o cenário de encantaria à espera de alguém para desencantar o monarca dorminhoco embaixo do lençol de águas na Ilha dos lençóis maranhenses.

E também levamos em conta a Antropologia da Religião. E dentro de uma reflexão envolvendo o homem, seus saberes, crenças e práticas culturais, encontramos Clifford Geertz[49] - que nos faz pensar sobre o que vem a ser num contexto teórico e epistemológico essa disciplina, Antropologia da Religião -, uma fonte para compreensão sobre o tema, que nos leva a um entendimento a partir da lembrança de alguns autores que ele considera clássicos e pilares em se tratando da Antropologia religiosa, como Durkheim, e Malinowski, além de Weber e Freud. Mas ao mesmo tempo critica o fato de que qualquer trabalho nesse sentido, geralmente segue a abordagem de uma ou duas dessas figuras transcendentais.

E aqui se poderia citar também Mircea Eliade, Evans-Pritchard, Lévy-Bruhl, Mary Douglas, Victor Turner, cada um desses autores traz grande contribuição ao estudo dos rituais e símbolos desse segmento da Antropologia. Rodrigues[50] refletindo sobre o importante legado deixado por cada um desses estudiosos, explica que, a Antropologia como ciência autônoma é relativamente recente; começa a despontar-se na Europa somente nos finais do século XVIII, para adquirir maior cientificidade na segunda metade do século XIX. E acentua que no princípio o instrumento dos antropólogos e objeto de estudo eram as sociedades tradicionais primitivas, *"que habitavam zonas exteriores às áreas de civilização européia; sociedades de pequenas dimensões, predominantemente caçadoras-recoletoras, com tecnologias rudimentares e sem o conhecimento da escrita (Rodrigues 2007:85).* Mas aos poucos uma tomada de consciência atingiu as mentes pensantes da Antropologia que se deram conta de que esse primitivismo estava acabando e foi assim que começaram a mudar o objeto de desejo dessa ciência que busca a totalidade do homem, e após a crise dos anos sessenta, nos conta Rodrigues que

> *a Antropologia da Religião, para além dos estudos que já vinha realizando, das sociedades tribais remanescentes e do sincretismo religioso e movimentos messiânicos – nas sociedades marcadas historicamente pelo colonialismo -, passou também a estudar as manifestações religiosas no contexto das sociedades modernas.* (Rodrigues 2007:89)

[49] Geertz**,** Clifford, (1990) La interpretación de las culturas. Ediciones Gedisa, Barcelona.
[50] Rodrigues**,** Donizete(2007) *Sociologia da Religião: uma introdução.* Edições Afrontamento. Porto.

Por suas peculiaridades, dentro de aspectos encontrados no que diz respeito à Antropologia da Religião, os episódios sebastianistas discutidos aqui, contém ingredientes do messianismo, caracterizado na espera de um salvador, e ao mesmo tempo, pode ser considerado milenarista já que denota estar impregnado de forte apelo social; além de conter indícios de profetismo por estar liderado por alguém visto como profeta, que afirma a vinda de uma nova era, em que como num toque de magia, todo o contexto de opressão deveria se transformar em justiça e felicidade para aqueles que crêem. Mas Valente[51] orienta que se deve ter cuidado para não confundir o significado do que vem a ser messianismo realmente, com outras idéias religiosas, como por exemplo, no que se refere à doutrina escatológica ou ao milenarismo, explicita que,

> *O que caracteriza, especialmente, o messianismo, é o sentido de força viva e atuante. É a vivencia prática. Não é como certas doutrinas religiosas, pura especulação teórica. A rigor, não se preocupa com as coisas finais, tais como a morte, os problemas de além-túmulo e o fim do mundo. Evidencia-se o messianismo no vigor religioso com que os grupos oprimidos ou infelizes ou os indivíduos que se julgam vítimas da imperfeição de seus semelhantes ou da consciência de sua própria incapacidade, crêem que alguma coisa poderá acabar com os sofrimentos e que o mundo poderá viver sob a inspiração da justiça e da felicidade.* (Valente, 1963:34, 35)

E assim levado pelas águas salgadas atlânticas, o sebastianismo redivivo aportou em terras de Vera Cruz. Mas outro estudioso das religiões, Delumeau[52] no capítulo que fala sobre o milenarismo português expõe uma das características que acredita estar na seqüência, levada ao outro lado do Atlântico, passando primeiro à América latina via países ibéricos e posteriormente da Grã-Bretanha à América do Norte. As viagens empreendidas numa época em que o mundo estava limitado ao velho continente abriram muitas portas e foram motivos de um forte sentimento de orgulho e entusiasmo nos países ibéricos que iniciaram essas investidas pelos mares em busca das Índias. Essas viagens segundo Delumeau também causaram forte impressão, reforçando especulações e esperanças escatológicas. Essas correntes de pensamentos eram formadas de diversos matizes, entre elas a convicção de que o fim do mundo não estava distante, *"já que o*

[51] Ibidem Valente 1963 34 35.
[52] Delumeau**,** Jean (1997) Mil Anos de Felicidade uma história do paraíso. Editora Companhia das Letras, São Paulo.

cristianismo ia agora estender-se ao planeta inteiro: extensão considerada como a última aventura na terra" (Delumeau 1997:176).

5. PARAÍSO TERREAL NO RODEADOR

Pedra do Rodeador. Foto: Regina Clara de Aguiar

A *Pedra do Rodeador* abrigou a vila denominada *Paraíso Terreal* no município de Bonito, região agreste pernambucana, hoje simbolizando o local do primeiro movimento considerado sebastianista no Brasil, no início do século XIX. Tudo aconteceu em 26 de outubro de 1820, quando a vila foi destruída na calada da noite, sendo sufocada a ferro e fogo, num momento em que o país asilava a família real portuguesa (1808 a 1822), e muitas vozes clamavam e lutavam pelos ideais da Independência. A pedra vista de qualquer ângulo em seu entorno, parece ter sido colocada exatamente ali, para ser objeto de apropriação do grupo de místicos que deixaram no chão rochoso, impressas, as marcas da espera e da esperança, enrijecidas e plasmadas com o tempo, em suas fendas, grutas e lapas. Segundo definição de Augusto Pereira da Costa[53], a Serra do Rodeador está localizada numa colina isolada de grande altitude, íngreme, formada de blocos de pedra entremeados de argila, em cuja eminência, das fendas de uma laje, brota alguns veios de água pura, cristalina, que correm para uma espécie de bacia, contornada de vegetação e de pastagem para animais. O sítio é pitoresco, ameno e fertilíssimo, distante cerca de nove quilômetros da cidade

[53] Costa**,** Francisco Augusto Pereira da (1983) *Anais Pernambucanos 1818-1823.* FUNDARPE Diretoria de Assuntos Culturais, Pecife.

do Bonito e cento e oitenta do Recife[54]. (1983:57). O que confere ao rochedo, um aspecto envolto em mistério e misticismo.

A historiografia brasileira aponta o evento ocorrido no local, como o inicio de uma série de outros conflitos baseados no mito português do mítico rei Sebastião. A Guerra do Rodeador aconteceu dentro de parâmetros paradigmáticos específicos, numa batalha desigual. Mas afinal todas essas manifestações terminaram envolvendo governos e tropas militares enviadas para lutar, abafar e dizimar as verdadeiras cidadelas que cresceram em volta da figura mística de um falso profeta, sempre a espera do messias salvador. As crenças messiânicas realizam desse modo, uma catarse coletiva, buscando diminuir tensões na medida em que oferecem a esperança ilusória de transformação do real. Doutrina messiânica ou profissão de fé, o mito religioso ou mágico nasce dessa necessidade coletiva e possui leis que refletem as inquietações do homem perante a vida e o mundo.

Cícero Fiscal foi informante extra quadro da pesquisa, explicando o episódio. (in memoriam) Foto: Alcides Ferraz agosto 2008.

A rocha geralmente tem sido um dos lugares mais propícios ao misticismo. Ao longo da história das romarias a lugares santificados, muitas vezes a alucinação mística, acontece num cenário de montanha. Aparições de virgens, santos, santas, acontecimentos milagrosos, que extasiam populações de peregrinos, têm seguido nessa direção. A rocha, segundo Bachelar[55] tem o poder da matéria dura, "*A contemplação ativista das rochas pertence conseqüentemente à ordem do desafio. É uma participação em forças monstruosas e*

[54] Ibidem Pereira da Costa 1983:57
[55] Bachelard**,** Gaston (2001) A Terra e os Devaneios da Vontade. Martins Fontes, São Paulo.

uma dominação em imagens opressivas... O rochedo é assim uma imagem primordial" (Bachelar 2001:153)

O movimento teve características próprias, com um líder transfigurado numa mescla de messias e justiceiro, que elaborou todo um código de convivência, e assim foi reunindo adeptos em torno a uma choça construída de palha da palmeira do catolé, numa lapa no alto da *Pedra do Rodeador*. E dentre as alucinações do chefe místico estava à afirmação de que falava através de uma das fendas da rocha, com o monarca português, que dizia ser o futuro daquela gente, frutífero, ou seja, os pobres enriqueceriam e os desamparados teriam terras para plantar. E nesses delírios do profeta tupiniquim, entre os elementos utilizados no ritual que ele foi adaptando de acordo com sua criatividade, se encontrava uma caixa que funcionava como uma espécie de oráculo. E ele dizia que dentro havia uma santa que mediava à comunicação com o rei imaginário que em breve surgiria de uma abertura da pedra comandando seu exército com todo esplendor, para promover a salvação de todos. Isso seria a reiteração de um mito que já deu muito que falar e escrever a diversos autores. Mas esses pensamentos foram considerados perigosos pelo governo e a sociedade colonial, inquieta naquele momento de pré Independência do Brasil[56]. (De Aguiar 2008:335).

O surto sebastianista conhecido como guerra do Rodeador, configura-se inicialmente em forma de um arraial fundado e liderado como explica Pereira da Costa, pelo ex-soldado *Silvestre José dos Santos*. O pregador tinha estatura ordinária, pele morena, representando ter uns quarenta anos; e sem nenhuma instrução, porém astuto, velhaco e ladino. Antigo soldado do 12º Batalhão de Milícias chegou à região do Bonito em Pernambuco, foragido de Lage do Canhoto, no vizinho estado das Alagoas. Perseguido pelas suas profecias sebastianistas, misturadas com certas doutrinas religiosas, procurando aquela povoação, dizia que vinha em busca de um sítio do seu agrado para se empregar na agricultura, e efetivamente desaparecendo, soube-se depois que acampara no sítio da Pedra ou Serra do Rodeador, com sua família, que era numerosa, composta de filhos casados, posteriormente aumentada com a vinda de vários

[56] De Aguiar, Regina Clara (2008) "Mito Sebastianista como atrativo turístico e turismo cultural: da Peninsula Ibérica ao entorno da Pedra do Rodeador. Bonito-Pernambuco-Brasil". Espina Barrio**,** Angel B. (Dir) Turismo, Cultura y Desarrollo: Antropologia en castilla y León e Iberoamerica, X. Imprenta Provincial, Salamanca.

parentes. Para alojamento de toda essa gente, foram construindo mocambos ou casas de palha, e realmente, entregaram-se desde logo à lavoura[57] (Pereira da Costa 1983:57).

Já Sebastião Vasconcelos Galvão contextualiza o acontecimento histórico - abafado numa verdadeira carnificina -, onde os fanáticos padeceram terrível morte, queimados vivos na palhoça santuário, onde diante do altar sagrado o líder junto com os fiéis, se reuniam para professar os rituais diários. Lmbra o horroroso massacre como a *"grande matança dos habitantes da serra do Rodeador, crueldades taes, que até Pedro I, em seu manifesto aos brasileiros",* de 22 de agosto de 1822[58], "*assim se exprimiu: - Pernambucanos, lembrai-vos das fogueiras do Bonito"* (Galvão 1908:111). E baseado em trabalho do Comendador Francisco Benício das Chagas, que transcreve na sua obra[59] e que faz uma leitura diferenciada do fato histórico, dando a devida conotação política ao movimento e apontando o acontecimento do *Rodeador*, assim como outros anteriores, como o ponta pé inicial para a proclamação da independência do Brasil em 7 de setembro de 1822. Nesse sentido observa que isso mostra claramente que,

> *A reunião dos povos, na Pedra do Rodeador, nesses tempos calamitosos, tinha fins verdadeiramente políticos e que o chefe de tal movimento, Silvestre, alcunhado – Mestre Quiou, que quer dizer* maioral *na linguagem dos naturaes, não era um simples aventureiro, um impostor e salteador, como se propalou então, durante o governo despótico e violento do General Luis do Rego Barreto. Silvestre não era um impostor, quando ensinava aos reunidos que uma santa ia fallar para mostrar-lhes o que convinha adoptar para melhorar a sorte de um povo soffredor; foi isso explicado depois da independência pelos patriotas bonitenses, que estiveram em maior contacto com o mesmo Silvestre. – e qual era essa santa que ia fallar apontando muitas cousas uteis que um povo soffredor devia adoptar. Era certamente a santa Liberdade, era a independência do Brazil, independência que, por esse tempo toda a America disputava, e no Brazil Pernambuco deu os primeiros passos, á custa de muitos sacrifícios.* (Galvão apud Chagas 1908: 111, 112)

A fome e a miséria geradas pela seca ou chuvas copiosas causando enchentes e outros males, segundo Valente[60] (1963:13) ensina, são influências que no caso

[57] Ibidem Pereira da Costa 1983:57
[58] Ibidem Pereira da Costa 1983:99
[59] *Sebastião Vasconcelos Galvão apud* Chagas**,** Francisco Benício das (1908). *Dicionário Chorographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

[60] Valente**,** Waldemar (1963) Misticismo e Região (aspectos do sebastianismo nordestino). Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife.

brasileiro, do sertão nordestino, castigado por esse contraste impiedoso, com suas conseqüências inevitáveis de destruição e de êxodo, fatores de desequilíbrio ecológico, tem agido de modo favorável com relação a fortalecer um acentuado misticismo na mentalidade do homem marcado por esses fenômenos naturais, e isso de certa forma tem ajudado a formação de pregadores em muitas ocasiões, na tarefa de juntar hordas de fanáticos em busca de algo semelhante ao mito da *terra sem males*. O município de Bonito ao longo do tempo testemunhou muitas revoltas e lutas no sentido de estabelecimento de melhores condições da vida do seu povo, sendo esse fato histórico - conhecido como conflito da guerra do *Rodeador*, ou arraial da vila *Paraíso Terreal* - um dos mais violentos e sangrentos, já que para ser extinto ocasionou cruel chacina.

Nesse sentido o pensamento de Valente é totalmente pertinente com a realidade vivida no ajuntamento do Rodeador, onde se empregava a técnica da espera no salvador, para conter as injustiças e sofrimento daquela gente, e com todas as práticas e rituais empregados por Silvestre, como descreve Pereira da Costa[61] baseado no documento *Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador*,

> *Afetava ele um ar misterioso, era perspicaz e severo nas suas deliberações, mas nunca se soube qual era a sua verdadeira missão; mas com os seus embustes, conseguiu reunir um considerável número de adeptos, que afluíam de todas as partes, até mesmo dos longínquos sertões, em que avultavam mulheres e crianças, mais acessíveis às devoções e superstições*[...]. *Era à noite que Silvestre reunia os irmãos no seu próprio mucambo para a reza do terço e celebração de novenas e outros atos religiosos, mas com certos mistérios introduzidos nas orações, e obedecendo tudo a um cerimonial particular por ele organizado; mas era tamanha a concorrência, que foi preciso construir um grande mucambo coberto de palmas de catolé, para os exercícios religiosos, a que deu o nome de Oratório, tendo por patronos o Senhor Bom Jesus Cristo e a Santa Nossa Senhora, também chamada a Santa da Pedra, por ficar o oratório situado no lugar chamado a Lapa da Pedra. De mistura com as orações da igreja recitadas por Silvestre, entravam diversas partes relativas às extravagantes idéias sebastianistas* (Ibidem Pereira da costa 1983:58).

O episódio aconteceu também por motivos de insatisfação popular, e devido à crença do espírito sertanejo nas coisas do mundo sobrenatural, se configurando na dicotomia política e fé. Na época, chegou a ser julgado até mesmo como a propagação

[61] Ibidem Pereira da Costa 1983:58.

de um cisma[62] religioso e político, atemorizando o poder dominante nas palavras do agitado governador colonial repressivo e militarista de Pernambuco, capitão-general Luiz do Rego Barreto - último governador régio - que afirmou que isso estaria se propagando contra o progresso e era necessário quanto antes por obstáculos porque o povo ia se alucinando, já que se clamava contra o sistema de colonização dominante. O confronto realmente não demorou a acontecer envolvendo cruelmente os habitantes do arraial e as tropas enfurecidas e loucas para atacar, enviadas pelo governo em nome da defesa da ordem monárquica. Tudo acabou em massacre com mortes tanto de um lado como do outro, portanto um final trágico.

O ponto de partida de todo esse desastre histórico foi o ajuntamento de fiéis sertanejos reunidos, seguidores de *Silvestre* e seu comparsa *Manuel Gomes das Virgens*, também ex-soldado do 12º Batalhão de Milícias. O primeiro assumindo ares de falso profeta instigava o grupo de devotos com a promessa da espera do retorno mágico do rei lusitano, e espalhava que assim que a comunidade atingisse o número de mil moradores - numa clara referencia ao movimento ser também considerado milenarista - o encantado se desencantaria. Ribeiro[63] encontrou nos depoimentos da Devassa, trechos que sintetizou numa montagem do verdadeiro espírito que envolvia a gente que havia se instalado no alto da rocha, no acampamento sebastianista.

O falso Silvestre já tentara anteriormente reunir um grupo em Lages do Canhoto nas alagoas, mas foi reprimido e impedido pelas autoridades locais devido às profecias que pregava misturadas a certas doutrinas religiosas. E nas suas andanças após fugir da milícia se refugiou no alto da Serra do Rodeador, perto de uma lapa e iniciou suas prédicas. Aí tinha instalado em um altar, uma imagem do Bom Jesus e outra de Nossa Senhora da Conceição além de muitos santos que adoravam e entre estes havia um de ouro. Assinalando a laje cravara uma cruz e fizera crer aos devotos que dali sairia o monarca com seu exército. O local de acolhida, devido a toda essa movimentação

[62]Ribeiro**,** René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: O episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista. Editora Massangana FJN, Recife.
René Ribeiro faz menção às palavras do então governador do estado de Pernambuco que se encontram no documento da DEVASSA acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondencia com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional. Secção de Documentos, p. 26.
[63] Ribeiro**,** René Ibidem 244

passou a ser conhecido como o "lugar do milagre" ou do "encanto" ou "cidade do paraíso terreal. Silvestre e seu principal auxiliar intitulavam-se "procuradores de Jesus Cristo" e dirigiam todas as atividades do grupo à base de "revelações" que diziam receber da "Santa Milagrosa", pois "que eram os dois únicos que falavam com a Santa, e a quem ela dava as ordens do que eles deviam fazer. (op.cit Ribeiro 1982: 244).

O ex-soldado da milícia alagoana talvez tivesse suas ações voltadas à indignação comum contra o sistema de governo de então, que adotava entre outras, medidas rígidas com relação ao recrutamento militar, que era considerado terrível e abominável, privilegiando os jovens de classes abastadas e adotando um radicalismo selvagem àqueles de classes inferiores; permitindo aos ricos serem sepultados dentro das igrejas enquanto os pobres não possuíam meios econômicos para um enterro condigno. A vida era cara, segundo René Ribeiro [64] *"o conjunto desses fatores deviam facilitar as pregações e promessas de Silvestre José dos Santos, além naturalmente da atração do maravilhoso e da ressonância de suas idéias milenaristas e sebastianistas"* (op.cit Ribeiro1982: 247).

Silvestre refugiou-se na pequena vila na zona rural da cidade de Bonito, no alto da pedra. E fundou o acampamento sebastianista com ajuda de João Francisco da Silva, proprietário das terras da sesmaria do Rodeador, sargento das ordenanças do Bonito, e que logo veio a se associar como tanta gente que afluía de toda a parte, às doutrinas de *Silvestre*. Além de gratuitamente ceder os terrenos para o funcionamento do arraial dessa gente pia, assiduamente freqüentava as reuniões, e foi pródigo em donativos (Ibidem Pereira da Costa 1983: 57,58). Com a alcunha de "Mestre Quiou", esperando formar um núcleo de mil indivíduos que seriam os Ensinados, e contando com cerca de doze homens, os chamados Sabidos, que desempenhavam a função de apóstolos, uma vez instalado o arraial, incentiva a vinda de mais crédulos. Um dos itens, forte chamariz, seria o que dizia respeito a mudar a ordem - numa inversão de valores -, com a promessa de que os pobres se transformariam em príncipes e haveria muita abundância, riqueza e plenitude, uma espécie de *Terra prometida*, beneficiando a todos que lutassem para manter o local sagrado dentro do conjunto de rituais criados por *Silvestre*.

[64] Ibidem Ribeiro**,** René (1982).

Toda essa gente passou a viver em casebres que foram sendo construídos à medida que mais adeptos acorriam ao local à espera do grande dia da ressurreição do rei, que chegaria personificando a própria justiça em favor dos fiéis desfavorecidos, em meio à pobreza e sofrimento. Homens em sua maioria, mulatos livres e desempregados, desertores das milícias, alguns descendentes de escravos, acompanhados de mulheres, crianças e animais, seguiam o líder, guiados pelo mito do retorno de El Rei D. Sebastião, a procura do *paraíso perdido*[65] (Aguiar 2008:334).

Em material recopilado pela historiadora professora Jacqueline Hermann[66], no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro - ANRJ, nos enviado digitalizado, aproveitamos aqui as transcrições que faz de fólios do documento da Devassa do Rodeador, guardado no acervo do ANRJ, para seu artigo *D. Sebastião e a Cidade do Paraíso Terrestre – Um estudo sobre o movimento da Serra do Rodeador (Pernambuco, primeira metade do século XIX)* [67]. E dando seguimento ao que nos explica Costa, podemos verificar nas transcrições de Hermann de alguns depoimentos de presos levados do Rodeador ao Recife, como se processavam os rituais, por meio de terços, penitencias e outras doutrinas empregadas pelo dirigente do ajuntamento, e que ao final de cada sessão, ainda se dirigia ao vento no alto da serra, local onde sopra fortes correntes de ar, devido à altitude. E ainda podemos observar por meio desse material como foi planejada a estratégia de ataque ao sítio sagrado, quando o governo fez uso até mesmo de espias que de certa forma agiram espontaneamente, se apresentando para essa tarefa e se impondo as normas de iniciação utilizadas. E sutilmente levando todas as informações ao poder

---

[65] De Aguiar, Regina Clara (2008) "*Mito Sebastianista como atrativo turístico e turismo cultural: da Peninsula Ibérica ao entorno da Pedra do Rodeador. Bonito-Pernambuco-Brasil"*. Espina Barrio, Angel B. (Dir) Turismo, Cultura y Desarrollo. Imprenta Provincial, Salamanca.

[66] Esse conjunto de documentos consta dos fólios números 24, 25, 26, 27, 28, 46, 47, 48, 49, 57, 58, 89 e 91, enviados via correio eletrônico, por Glaucia Torres, uma amiga que se predispôs a ir ao encontro da professora Jacqueline Hermann do Departamento de História da UFRJ, no RJ, pegar o material, digitalizar e nos enviar em 30 de dezembro de 2009, já que não nos foi possível ir a essa cidade brasileira, efetuar pesquisa presencial no arquivo referente ao conjunto de códices registrados como *"Devassa acerca dos acontecimentos da Serra doRodeador", Governadores de Pernambuco, Correspondência com o Ministro do Reino 1820-21*.

[67]Musumeci, Leonarda (Org.) (2004) Antes do fim do mundo milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. O artigo de Jacqueline Hermann *D. Sebastião e a Cidade do Paraíso Terrestre – Um estudo sobre o movimento da Serra do Rodeador (Pernambuco, primeira metade do século XIX*, é um dos sete que compõem a coletânea apresentada no Seminário Temático "Messianismo (s) e Milenarismo (s): Novos Enfoques das IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, realizadas no Rio de Janeiro em setembro de 1999.

dominante, sem que os lideres sebastianistas se dessem conta dessa movimentação desleal.

Assim o governo do general Luis do Rego se manteve a par de todas as ações comandadas por Silvestre e pode analisar e planejar o ataque na madrugada de 26 de outubro de 1820, quando como já foi comentado, o tenente Madureira em completo desuso da razão por ser consumidor desenfreado do álcool, agiu desatinadamente, ordenando as tropas sob seu comando a atiçarem fogo no santuário dos amotinados a espera do salvador para reverter à ordem de um mundo considerado por essas pessoas indecente. E a crença era tamanha que afastava o medo de se morrer em combate. E eles não duvidaram um só momento, e se prestaram a todas as fantasias silvestrianas, por exemplo, de se tornarem invisíveis no momento da peleja com os soldados, já que não tinham mesmo nada a perder, pois a esperança de se conseguir viver dignamente, agora estava embaixo daquele símbolo rochoso, onde alguns crentes diziam perceber murmúrios e movimentos e se podia ouvir fazer manejos de armas, jogos de espada e instrumentos de música tocando. E onde se esperava a ordem ditada por uma santa milagrosa para aparecer o encantado desencantando do sofrimento o povo que iria, em romaria, até a Santa Casa de Jerusalém encontrar o Paraíso Terreal.

A historiadora Hermann aponta como principais características que singularizaram o movimento do Rodeador - o fato dos acampados da cidadela, nas suas práticas diárias, submetidos a exercícios físicos, como num treinamento militar, em oposição às constantes orações em que se entregavam envoltos numa áurea mística -, aterrorizar a vizinhança, que ao mesmo tempo se encantava com a possibilidade de existência de uma santidade na figura de um rei imaginário, e a presença de autoridades extravagantes que transitavam uniformizadas e portando divisas militares a seu modo. Esses seres transfigurados com patentes santificadas na espera do salvador, *"tinham fugido do grêmio da sociedade, e da observância das leys; e, inventando milagres, e practicando horrendas superstições, haviam aberrado dos princípios da verdadeira religião"* [68]. Esses ingredientes estão fortemente em confronto a um cristianismo

[68] Hermann, Jacqueline Fólio 27. Traduções que a Profª Hermann fez do Documento "Devasssa", enviados por Glaucia Torres, uma amiga que mora no rio de Janeiro. e após entrar em contato com a

velado, que dita como fim para os considerados erros de transgressão na sociedade, o castigo, ou seja, aquelas pessoas eram marginalizadas por suas crenças, e afetavam a ordem de um contexto social vigente, num momento em que a luta pela independência era clara e emergia de vertentes insatisfeitas com o colonialismo dominante.

Voltando a Pereira da Costa[69] só para contextualizar um pouco mais a questão ritualística do movimento do Rodeador, vemos que se praticavam ritos de iniciação dos confrades no que eles denominavam de oratório, ou seja, no mocambo grande, construído para abarcar a quantidade de fieis que a cada dia se aproximava do arraial. E tudo acontecia ao redor do altar na pedra, determinando e simbolizando a ligação com o cosmos, numa dimensão de transcendência. O cerimonial de atos religiosos de um mascarado cristianismo, mesclado com rezas e cânticos, terminava sempre com os homens desfilando e disparando as armas como que para anunciar o encerramento das práticas espirituais e solenidades religiosas. E o ritual tinha uma tonalidade solene particular,

> *Não faltavam as orações, e o professando permanecia de joelhos, convenientemente armado, de espingarda, pistola ou faca de ponta, e sob uma* ***abóboda de aço****, enquanto durava a sua iniciação; dois veteranos de espadas desembainhadas, um voltado para o altar e outro para a porta de entrada do oratório, faziam como que as suas respectivas guardas, e um deles inqueria se havia ali alguém que se opusesse às suas leis, que fosse falso ao que se determinava e contra o que a Senhora mandava; depois levantava-se o professando, empunhando a sua arma, fazia cruzes, e batia três vezes com ela no chão, e pronunciava umas certas palavras da liturgia. Então, dirigia-se Silvestre, ou um dos sub-chefes aos ventos e proferia uma espécie de desafio àquele que ousasse opor-se ao estabelecimento da ordem. Enfim prestava o iniciado um juramento de guardar absoluto segredo de tudo o que se passava ali, sob pena de rigoroso castigo* (Pereira da Costa 1983:59)

A Vila fundada por Silvestre com a ajuda de Manuel Gomes das Virgens, - os dois fugitivos das milícias -, aos poucos foi sendo povoada por peregrinos que vinham de diversas direções, e se beatificavam com as promessas de prosperidade, tudo o que o homem embrutecido pela miséria, fome, falta de oportunidades de trabalho, numa época de transição política, entre outros males, buscava, na tentativa de encontrar bem estar e

professora, esta forneceu o material fotocopiado que Glaucia escaneou e nos enviou via correio eletrônico.

[69] Ibidem Pereira da Costa 1983

felicidade naquelas plagas nordestinas; e quem sabe uma *terra sem males*, verdadeiramente, um reino onde todas as coisas se materializassem a deriva do pensamento, por um simples toque mágico do pregador. E tudo isso foi povoando e enchendo de força e fé o espírito coletivo de homens, mulheres e crianças que aos poucos foram construindo mocambos cobertos de palha de catolé, celebrando a vida em rituais diários, na esperança de um novo mundo. As crenças messiânicas têm essa característica, buscam a satisfação dentro de uma cosmovisão imediata e material. E o povo por essa época andava tão infeliz e miserável que qualquer promessa que promovesse mudança e fosse contra a triste realidade em que vivia, se transformava rapidamente numa marcha. E no espaço de uns vinte dias,

> *o número dos reunidos aumentou consideravelmente; pelo que diversos negociantes do povoado do Bonito, e com especialidade os portugueses, temendo algum assalto por parte daquelle ajuntamento, solicitaram do commandante do destacamento que tomasse algumas medidas. Sobre o facto providenciando elle (era portuguez e tinha o posto de tenente), ordenou, por um officio dirigido ao chefe Silvestre, que fizesse dispersar aquella gente* [...]. *Nenhum effeito produziu* [...], *ao contrario, e o numero de povo crescia de mais a mais, a ponto tal de formar um arraial de casas cobertas de palhas. Silvestre não dispondo de recursos para sustentar algumas pessoas pobres que o acompanhavam, mandou intimar aos proprietários, e, especialmente, portuguezes, que lhe mandassem gado, farinha, milho, feijão, etc, sob pena de, á força d'armas, serem satisfeitas suas requisições, conseguindo assim ser attendido e, muitas vezes, generosamente* (Galvão apud Chagas 1908:112).

Sendo que com isso a fama de Silvestre chegou através das reclamações dos moradores abastados, aos ouvidos do governador que enviou uma primeira diligencia e não conseguiu debelar os fanáticos, já na segunda foi enviado como chefe o tenente-coronel Madureira, português insolente e dado à embriaguez que ao aproximar-se do Bonito,

> *fez uma negaça, munido de bons guias, internou-se pelas mattas em direcção do Rodeador, onde chegou ás 3 horas e meia da manhã, dividindo a gente em dous corpos, um de linha sob sua direcção [...]. Um destes corpos entrou pelo lado oriental do rochedo, e o outro pelo lado occidental, nas quebradas do qual havia o arraial composto de choças* [...]; *houve grande tiroteio, ao qual, acudindo Madureira, a passo de* marche marche, *com a escuridão da noite e intervindo no conflicto, houve grande carnificina entre as forças legais. A grande população, que alli se agglomerava, pouco teria soffrido, si os soldados de Madureira não tivessem incendiado as habitações do arraial, fazendo victimas das*

> *chammas muitos homens, mulheres e crianças, aprisionando e conduzindo para o Recife as mulheres e os meninos* [...]. *O chefe silvestre com alguns companheiros fugiu* (Galvão apud Chagas 1908:112).

Mas até hoje não se conseguiu uma interpretação mais satisfatória quanto ao total de mortos no massacre, ou mesmo dos que freqüentavam o local na cotidianidade; os números que se apresentam nos trabalhos sobre o movimento são confusos. Alguns autores já se debruçaram e realizaram consultas detalhadas aos documentos que existem sobre o fato histórico, dos quais o mais completo e que se pode dar credibilidade é o que se encontra no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – ANRJ, que forma o conjunto da *"DEVASSA acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministério do Reino 1820-21*. Ribeiro deduz pelos documentos consultados que se reuniam mais de 200 homens, com um número igual de mulheres, armados de bacamartes, facas e parnahibas, além de bastante pólvora para se defenderem[70]. Já Cabral[71] mais recentemente garimpando a Devassa observa que,

> *As correspondências e outros tipos de informações consultadas demonstram um grande desencontro de números quando se fala sobre os mortos ou prisioneiros. Quiçá esse fenômeno pode ser atribuído como forma para desconstruir um discurso que se opõe ao hegemônico. As cifras dão uma idéia de verdade absoluta* [...]. *As divergências dos números que aparecem nas diversas correspondências e mapas oficiais sobre o povo do Rodeador é sem dúvida um espetacular recurso que se prestou a atender os jogos de interesses dos poderosos. Se porventura eles aparecessem em termos reais, poderia comover ainda mais a população que se encontrava diante os fatos ocorridos em Bonito* (Cabral 2004:122)

Outro aspecto interessante a se levar em conta no ritual diário do arraial seria a questão de gêneros, no tangente à participação das mulheres na cosmovisão ritualística que se vivenciava. Distribuídas em postos bem específicos, por exemplo, o de Procuradoras da Honestidade das Mulheres, - *"usando essas de duas divisas, uma encarnada e outra azul"* [72], tinham por dever de cargo, fazer com que as mulheres estivessem compostas nos vestuários, e não ficassem juntas com os homens; e orientavam para que elas procurassem ter cautelas; além do mais as Procuradoras

[70] Ibidem Ribeiro, 1982:244 Devassa P. 24
[71] Ibidem Flávio Cabral 2004:122
[72] Ibidem Pereira da Costa pg. 59

vigiavam as mulheres para que estas se mantivessem acordadas e sempre atentas. E observa-se que tinham como tarefa condecorar os membros femininos da irmandade com insígnias e fitas; nesse sentido, as mulheres, de certa forma eram atuantes, mas *"mesmo se destacando, elas não participavam da hierarquia eclesiástica. Um conjunto de formalidades marcava a condecoração dos eleitos, quando então passavam a ostentar distintivos no braço direito (Passos apud Cabral 2005)"* [73]. René Ribeiro aponta que essas mulheres após a jornada de um dia no arraial ainda tinham que se penitenciar a semelhança de grupos de flagelantes que infelizmente ainda hoje se encontram no sertão nordestino, e aproveitam ciclos como, por exemplo, da semana santa para passarem às ruas fazendo demonstrações de penitencia e sacrifício[74].

Para referendar o enunciado sobre essa questão que diferencia o papel que é dado ao sexo masculino na sociedade, como tendo mais poder em alguns setores, buscamos uma explicação na antropologia cultural através de Laraia[75] que nos mostra no capítulo "*Os Indivíduos participam diferentemente de sua cultura"* (80), que efetivamente a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e idade. O autor se refere como exceção, a algumas sociedades africanas, nas quais as mulheres desempenham papéis importantes na vida ritual e econômica, mas enfatiza que na maior parte das sociedades humanas se permite uma ampla participação na vida cultural aos elementos do sexo masculino. E que hoje em dia ainda existem, por exemplo, grupos sociais, onde o trabalho fora de casa é considerado inconveniente para o sexo feminino.

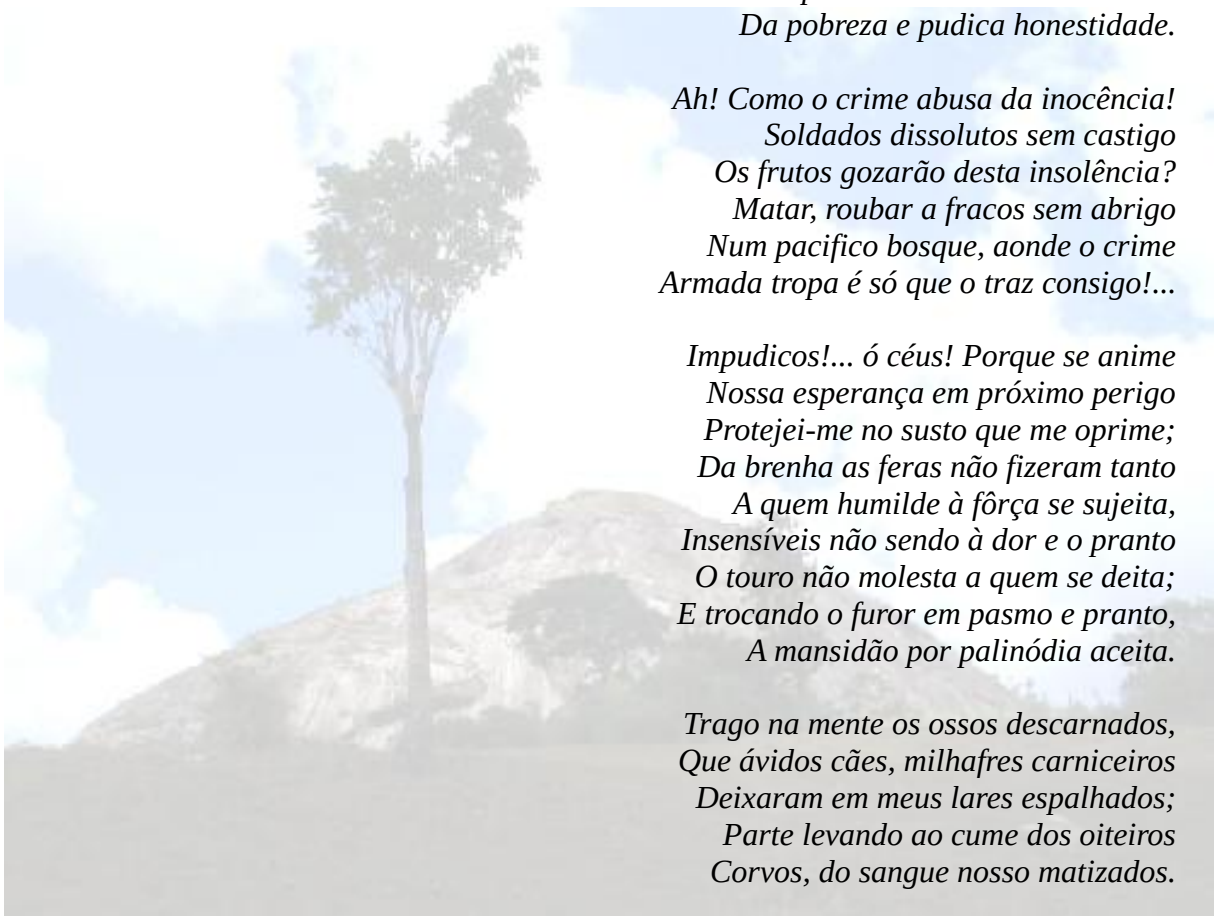
Mas vale uma reflexão, pois mesmo levando em conta toda a tecnologia dos tempos modernos, o homem em muitos sentidos em alguns setores da sociedade, ainda vê a mulher a partir da caverna ancestral, é como a idéia do labirinto que vem de um ponto perdido na noite dos tempos, da escuridão à luz, mas muitos princípios com

[73] Passos**,** Tânia (2005). *Bonito resgata sua história no sebastianismo: Movimento – massacre de 300 pessoas em 1820 no município do Agreste virou tema de dissertação de mestrado na UFPE*. Diario de Pernambuco A9 – Seção Interior. Recife, segunda-feira, 26 de dezembro.
[74] Ibidem Ribeiro, 1982:244
[75] Laraia, Roque de Barros (2005) Cultura: um conceito antropológico. J.Z.E. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro

especificidade em se tratando de relativizar a condição atual da mulher na sociedade em relação ao homem ainda não foram superados; e se observa isso em culturas como a japonesa que até algumas décadas atrás a mulher acompanhava o companheiro sempre atrás; e na cultura árabe em muitas regiões a mulher não pode mostrar sequer o rosto, para não ostentar vaidade e chamar atenção do sexo oposto. No nosso estudo em se tratando das mulheres do Rodeador, observamos que elas ao final da chacina, foram em número quase igual ao das vítimas masculinas mortas na chacina, feitas prisioneiras. E esfarrapadas e famintas, acompanhadas pelos filhos e os velhos do acampamento, chegaram à capital Recife, após andar durante dias e dias. Essas mulheres escoltadas foram às testemunhas oculares de um massacre com conotação masculina, pois tendo em vista o dia a dia do arraial, a participação do contingente feminino nas tarefas estratégicas foi relegada, e assim elas se tornaram atores passivos, ou seja, não receberam treinamento adequado em igualdade aos homens para fazer sua defesa no caso do ataque.

E finalizando esse item podemos observar que o falso profeta se constitui como um homem rude, com fala mansa e grande poder de convencimento, persuasão e liderança, pregando uma possível realidade mágica, que transcenderia a situação miserável e salvaria a todos os moradores. Como numa inversão de valores, os pobres enriqueceriam, e teriam terra livre para cultivar; e os ricos se tornariam pobres. Essa característica é a eterna busca e crença num possível encontro com a terra prometida, a terra sem males, ou a eterna nostalgia do paraíso perdido. É uma procura causada pelas péssimas condições a que muitas vezes é submetido o homem nordestino, condicionado a todo tipo de mazelas, sofrimentos, miséria, pobreza, falta de oportunidades, etc. E na sua sabedoria ingênua, não letrada, dentro de um sistema e uma cosmovisão toda própria, propícia a acreditarem nos fenômenos sobrenaturais, na grandeza da alma, e num Deus que um dia salvará a todos no grande palco do juízo final. Por outro lado, havia demasiada insatisfação com o regime político da época como já foi visto em algumas passagens deste capítulo, além da luta pela terra, e um discurso inflamado em prol do retorno salvador do monarca. E ao final, com a chegada das tropas do exército, a morte nas fogueiras e a prisão dos sobreviventes, em sua maioria, mulheres maltrapilhas, velhos e crianças. E a resistência até a morte de quase todos os homens.

E lembramos que sobre o sangrento massacre, existe um riacho na região da pedra que é conhecido como "Riacho do Sangue" [76], pois na noite da chacina, os moradores contam que os mais antigos falavam de correr sangue do alto da pedra a ponto das águas do riacho se tingirem de vermelho. Nesse sentido anotamos aqui o que escreveu o patriota Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque, um diálogo em forma de versos:



Rios de sangue, fera crueldade,
Aos nossos pés correu sem ter clemência
Da pobreza e pudica honestidade.

Ah! Como o crime abusa da inocência!
Soldados dissolutos sem castigo
Os frutos gozarão desta insolência?
Matar, roubar a fracos sem abrigo
Num pacifico bosque, aonde o crime
Armada tropa é só que o traz consigo!...

Impudicos!... ó céus! Porque se anime
Nossa esperança em próximo perigo
Protejei-me no susto que me oprime;
Da brenha as feras não fizeram tanto
A quem humilde à fôrça se sujeita,
Insensíveis não sendo à dor e o pranto
O touro não molesta a quem se deita;
E trocando o furor em pasmo e pranto,
A mansidão por palinódia aceita.

Trago na mente os ossos descarnados,
Que ávidos cães, milhafres carniceiros
Deixaram em meus lares espalhados;
Parte levando ao cume dos oiteiros
Corvos, do sangue nosso matizados.

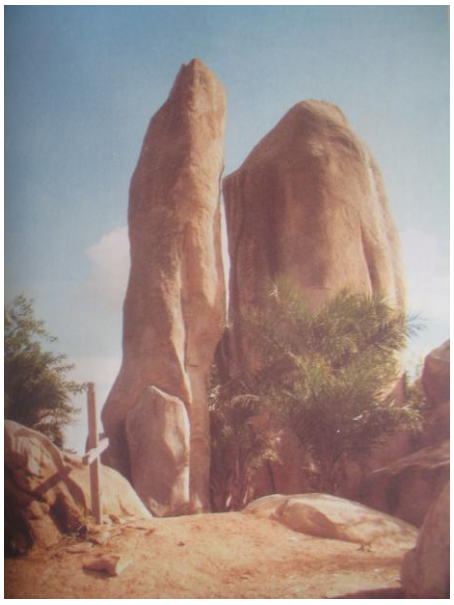
Longe dos homens a inocência rude,
Fiquem no mundo os monstros fraudulentos,
Inimigos da paz, e da virtude.
No tempo o prazer preste a seus intentos:
E quando a Eterna vida as coisas mude,
Os bons tinham prazer, e os maus tormentos.[77]

[76] Anotações de campo

[77] Ibidem Pereira da Costa 1983:98, 99. Esta poesia de Manuel Caetano está publicada na íntegra sob o título: *O horroroso massacre do Bonito. Diálogo de Mileta e Aurila*, no livro Escavações Fatos da história de Pernambuco, por F.P. de Amaral.

6. PEDRA BONITA LAVADA COM SANGUE

Em seguida vem o fato histórico sangrento da Pedra Bonita, também em Pernambuco, maio de 1838, verdadeira carnificina, envolvendo sacrifícios humanos entre seus seguidores, que resultou em vítimas fatais. Foi o mais violento ajuntamento sebastianista, tema do livro *"Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta"*[78] baseado no movimento. E a partir do romance, hoje o município realiza uma festa que recria a história e faz parte do calendário turístico do município de São José do Belmonte, no sertão pernambucano, onde ocorreu. Esse louco capítulo da história brasileira foi protagonizado pelo mameluco João Antônio dos Santos, um lunático que dizia saber o local onde ficava o reino de D. Sebastião[79] (Aguiar 2008:335).



Dois enormes rochedos funcionavam como santuários, e outra rocha era a mesa do holocausto. Segundo Roger Bastide, em "Brasil, terra de contrastes"[80], os místicos cantavam hinos, fumavam uma erva santa e bebiam o alucinógeno suco de jurema - um parente distante do Santo Daime. Antes de desaparecer sem deixar vestígios, passando o "reinado" a seu irmão José Joaquim, João Antônio teve relações sexuais com todas as mulheres casadas da Pedra do Reino, que tinham que passar a noite de núpcias com ele. (*Reprodução foto ao lado*[81] *Nogueira 2002:259*).

A influência do místico foi crescendo, atraindo até não-miseráveis, gente abastada, como fazendeiros da região. Para abrir as entranhas da terra e deixar passar D. Sebastião com toda a sua corte, José Joaquim pregava ser necessário derramar muito sangue. E todos seguiram à risca a recomendação. Durante dias, houve na região uma matança maior do que muitas chacinas do século XX. Primeiro, sacrificaram os

[78] Suassuna, Ariano (1972) Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
[79] Ibidem Aguiar, 2008:335
[80] Bastide**,** Roger (1959) Brasil, Terra de contrastes. Difel, São Paulo.
[81] Nogueira**,** Maria Aparecida Lopes (2002) *Ariano Suassuna o Cabreiro Tresmalhado.*

cachorros, que deveriam voltar como dragões na comitiva do rei. Depois foi a vez de homens, mulheres e crianças, num total de cerca de 30 pessoas, até a chegada da polícia[82].

7. REVOLTA DE FÉ CONTRA A REPÚBLICA

Outras situações parecidas relacionadas ao sebastianismo no Brasil, no entanto, ocorreram depois do Rodeador, e da sangria da Pedra Bonita, ambas em Pernambuco, já que pregações como essas corriam os sertões por gerações. A guerra de *Canudos* no sertão da Bahia, na localidade conhecida como Arraial do Belo Monte ou Monte Santo, que posteriormente foi rebatizada por Canudos, pelo líder a frente do agrupamento humano que invadiu o lugar, aconteceu quase no final do século XIX no período entre 1870 a 1897. Considerada mobilização com conotação sebastianista menos predominante que nas outras, produziu o maior número de mortes, e tinha como uma de suas características a exemplo do que ocorreu nos movimentos anteriores, a espera também do rei Sebastião. Os agrupados na maioria lavradores acreditavam que o monarca iria regressar para ajudá-los na luta contra o que alguns segmentos da sociedade consideravam como república ateia brasileira. O grupo atuava sob o comando do cearense Antônio Vicente Mendes Maciel, filho de um comerciante do Ceará, que abandonou a família e tornou-se peregrino, ficando conhecido com a alcunha de Antonio Conselheiro.

Conselheiro mantinha postura rígida e discursos inflamados contra o sistema da república que acabava de se implantar no país, e que conceituava o reino do Anticristo, em alusão ao personagem apocalíptico que surgiria antes do fim do mundo. Com isso fez aliados e inimigos, inclusive na Igreja Católica. Chegou a ser detido para interrogatório, porém não se intimidou, voltando ao arraial. De 1893 a 1896, foram construídos cerca de cinco mil casebres, abrigando de 20 a 30 mil pessoas. Portanto havia se transformado numa ameaça nacional ao poder republicano.

[82] Ibidem De Aguiar 2008:

O local profetizado pelo Conselheiro, que se transformaria em mar, ao invés das águas salgadas, foi submergido nas águas doces do São Francisco, o rio da integração nacional, junto com outras cidades dos estados da Bahia e Pernambuco, para dar lugar a um lago, em função da construção da Hidroelétrica de Itaparica na década de setenta, já no século XX.

O conflito de Canudos é o mais conhecido de toda essa série. Explorado como tema de documentários, cinema, teatro, literatura, imortalizado na obra *Os Sertões* do escritor Euclides da Cunha (1866 – 1909), sendo hoje a maior fonte de informação sobre esse movimento que se alastrou no sertão baiano. O autor escreveu com base em suas próprias reportagens, como correspondente de guerra do jornal *A Gazeta de São Paulo*. E podemos dizer que realmente é uma das mais conhecidas histórias sebastianistas do Brasil pela repercussão da obra. E é curioso se atentarmos que quase em fins do século XX, serviu como inspiração para o escritor Nobel de literatura 2010, o peruano, Mario Vargas Llosa, que escreveu uma novela em 1981, baseada na insurreição popular do *Conselheiro*, com o título: *"La Guerra del fin del mundo",* onde traça uma parábola moral e política sobre a condição humana e se constitui numa obra apaixonante de aventuras e reconstrução histórica.

Canudos como nos outros movimentos citados, também girava ao redor de um centro catalisador concentrado nas predigas do santo líder. E no centro do arraial, num terreno irregular, cheio de colinas e barrancos, ficava o santuário do Conselheiro. Hoje o local se encontra alagado pela barragem da hidrelétrica de Itaparica, e na verdade a construção dessa obra reuniu trabalhadores, operários insatisfeitos em uma luta desigual, sendo motivo de sérios problemas de descaracterização urbana e cultural. Somando isso à perda de identidade local, com o desaparecimento dos principais monumentos dessas localidades, que ficaram embaixo d'água nas cidades que sofreram

o alagamento, como a igreja, cemitério, escola, e, sobretudo a casa onde viveram os antepassados, a vizinhança, etc. O sítio onde Conselheiro profetizou a chegada do mar,

Embora fossem pacíficos no início, os moradores de Canudos passaram a fazer saques nas redondezas. Os prejudicados reclamaram ao governador baiano, Luís Viana, que enviou uma força policial para sondar o terreno. Eram 30 homens, que acabaram atacados e vencidos por grande número de jagunços. Em seguida, a primeira expedição estadual preparada para um conflito com 100 pessoas, também foi derrotada. Porém em janeiro de 1897 entrou em cena o governo federal. A expedição chefiada pelo major Febrônio de Brito levou mais de 500 soldados, armados de canhões e metralhadoras, mas foi esmagada. Logo depois, o confiante coronel Moreira César liderava, de peito aberto, sua tropa de 1.300 soldados e 16 milhões de tiros. Foi um dos primeiros a morrer, junto com 1.100 soldados. Aí virou guerra mesmo. Mais de 4 mil homens seguiram para lá, liderados pelo general Artur Oscar. A devastação foi total: o arraial de Canudos foi pulverizado em outubro de 1897. Conselheiro morreu, mas há controvérsias sobre a autenticidade do cadáver dado como seu. No livro "Canudos: o povo da terra", o escritor Marco Antônio Villa diz que o corpo desenterrado era o do médico Manuel Quadrado, que trabalhava como voluntário: entre as evidências que apresenta está o reconhecimento do cadáver pela filha de Quadrado. A outra versão é que após a exumação e o reconhecimento do cadáver já em adiantado estado de putrefação, sua cabeça foi cortada e levada para Salvador para futuros exames, ficando exposta na antiga Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em Salvador (BA) desde outubro de 1897, mas um incêndio nas instalações destrói a cabeça do Conselheiro.

8. SUL DO BRASIL E O CONTESTADO

O messianismo em formato selvagem voltaria com toda força a marcar a memória histórica republicana brasileira, já em pleno século XX com a revolta do Contestado, entre 1912 e 1915, na divisa entre Paraná e Santa Catarina. O caso foi um dos mais ferozes exemplos de fanatismo religioso no Brasil. Tendo começado por razões sócio-políticas (grileiros contra uma multinacional de extração de madeira), teve como figura principal um beato, o monge José Maria, que morreu logo no início do conflito. Os revoltosos, muitos deles operários desempregados de uma ferrovia, lutaram contra

um percentual de 8% do Exército brasileiro. Cerca de 20 mil pessoas morreram (2008:337)[83].

A antropóloga brasileira Tânia Welter que desenvolveu tese sobre o movimento sebastianista, conhecido como *O contestado*, conta como conseguiu a representação em gesso de uma estatua do beato João Maria, protagonista do conflito. Explica que apesar de ter conhecido muitos devotos de João Maria, conheceu poucas explicitações públicas desta devoção; a primeira sendo uma reprodução da imagem de João Maria em pintura guache exposta numa barbearia. E após buscar em diversas cidades e locais, encontrou uma em que o beato está representado por uma imagem masculina com traços próximos ao biótipo europeu, com olhos azuis, nariz afilado e barba bem aparada, vestindo camisa e calça branca, paletó e gorro escuro. *Afirma que: "Esta caracterização pode ter sido motivada por interesses comerciais para atingir outros grupos e talvez tenha sido inspirada na representação de Jesus Cristo com olhos azuis e pele clara*[84] *(Welter 2007:233).* O beato José Maria[85] pregava fundamentado no sebastianismo, ele próprio assumindo, ao morrer, ares de Sebastião, pois os fiéis acreditavam que ressuscitaria. Mais uma prova da força de um mito que José Agostinho de Macedo[86] aborda com espanto, "*Na história universal da demência humana, ainda não apareceu nem aparecerá um delírio similhante"* (Pires apud Macedo 1971:14). O que podemos perceber sobre a concepção da imagem do beato é que na verdade os profetas representados pelo imaginário coletivo, vão assumindo características de acordo com o estereotipo de cada região.

No caso dos místicos - Antônio Conselheiro, Silvestre e os irmãos de Pedra Bonita -, são descritos com aspecto rústico e rude do sertanejo nordestino, pois a

[83] Ibidem De Aguiar 2008
[84] Welter**,** Tânia (2007) "*O Profeta são João Maria continua encantando no meio do povo.* Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.
[85] Ibidem Welter Reprodução foto (2007:233)
[86] Pires, Antonio Machado (1971) D. Sebastião e o Encoberto Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

representação do homem que foi um dia passa a ser confundida no imaginário local e vai assumindo outros traços de acordo com a passagem do tempo, e se não tem um registro imagético em fotos, vídeos, fica difícil traçar o rosto desses homens que foram um dia, e nos contextos em que viveram. Naquela época a tecnologia da imagem não era tão imediatista e intimista como hoje.

Segundo explica Welter que trabalhou sua pesquisa a partir do legado em forma de discursos, percebido a partir dos joaninos, que são os seguidores de João Maria, se poderia construir o perfil do beato hoje, como um sujeito simples, despojado e desapegado de valores mundanos. Vivia só, embora tivesse irmãos e irmãs. Detentor de muitas capacidades especiais, visto como próximo e comprometido com os sujeitos, especialmente empobrecidos. Além disto, os discursos evidenciam outras características de João Maria, em sua trajetória na terra, como capacidade de onisciência, onipotência, onipresença, invisibilidade, inatingibilidade, longevidade ou imortalidade, ou seja, possuía capacidade de mudar de forma, ficar invisível, levitar ou locomover-se sobre as águas, modificar o estado das coisas e interferir na vida das pessoas. Estas capacidades teriam sido possibilitadas especialmente por sua condição de enviado de Deus na terra, somente esta posição o habilitaria a premiar os puros e justos e punir os injustos, avarentos e egoístas. Os joaninos indicam outras capacidades em João Maria que o aproximam da posição de benzedor, milagreiro, guia, profeta, apóstolo, divindade, embora se diferenciasse dele por sua característica humana (Weber 2007:249, 250).

9. NO RITMO DA MAGIA DO TAMBOR DE MINA

Os deuses continuam os mesmos, vindos diretamente de lá...[87]. Na região mística e mítica da paradisíaca ilha dos Lençóis no estado do Maranhão, nordeste do Brasil - não confundir com os Lençóis Maranhenses, parque nacional situado a leste de São Luís, no lado oposto -, ainda resiste um núcleo atuante de lendas sebastianistas. No local, os mais antigos moradores e pescadores costumam orientar os visitantes, quanto à proibição de se levar qualquer recordação da ilha para não causar acidentes aos portadores, como conchas, estrelas, búzios, algas secas e qualquer objeto encontrado, já

[87] Trecho da música "Os Deuses Licença recolhida no CD Registros do Maranhão: A Lenda do Rei Sebastião

que tudo ali pertence a El-Rei D. Sebastião, tendo uma dimensão sagrada sua posse. E uma vez que alguém se aproprie indevidamente de algum pertence desses, conta à lenda que o rei implacável, segue os portadores causando verdadeiros transtornos.

Lençóis maranhenses
Foto cedida do arquivo pessoal
da jornalista Regina Xavier

Lá, ao contrário das montanhas no sertão causticante, o pesquisador ou apenas aqueles que visitam a região para conhecer, se depara com o areal das dunas dos lençóis e a imensidão do mar, que com o vento e areia em movimento está sempre criando e recriando novos cenários. E é ali onde D. Sebastião e seu exército, encontram refúgio, embaixo do areal. Com fauna e flora típicas, a Ilha se constitui em um dos lugares únicos do Brasil, e por isso é considerada uma das mais belas ilhas oceânicas do país. O acesso é feito somente por meio de embarcações tradicionais, ou de avião mono ou bimotor, motivo pelo qual ainda hoje a ilha se mantém praticamente no seu estado original. Nela reside uma antiga comunidade de pescadores originada dos portugueses que ali se fixaram há muito tempo atrás. Possui solo arenoso com um campo de dunas de até 35 metros de altura, que formam lagoas de águas cristalinas durante a época chuvosa, mas que, costumam desaparecer em período de seca. É um santuário ecológico onde podem ser encontradas muitas espécies de aves marinhas revoando, além das dunas de rara beleza, das paisagens bucólicas, dos seus habitantes albinos e da pureza ecológica que se vê e se respira a cada passo.

Alcáçer Quibir Marrocos
Foto:Regina Clara de Aguia

E uma das histórias que se costuma ouvir na ilha, garante, ainda, que por ser encantada, se tornou morada do rei português, porque os montes de areia formados pelo vento se assemelham aos existentes no campo de Alcácer Quibir onde D. Sebastião

desapareceu. E outra versão sustenta que o soberano rei Sebastião, costuma aparecer quando tem lua cheia, ou na mágica noite de São João em 24 de junho; nessas ocasiões é comum se vê o monarca vagando nas praias da misteriosa Ilha. Diz outra lenda que o rei sempre se deixa ver na forma de um touro encantado, aguardando que alguém, numa noite dessas, consiga libertá-lo da maldição que o colocou naquela situação. O rei habita um palácio de cristal no fundo do mar, próximo à costa, mas não consegue sair de lá, por mais que tente, porque seu navio não encontra a rota correta que o leve de volta a Portugal.

O touro negro que personifica o monarca português teria uma estrela de ouro na testa, e no dia em que a testa estrelada for ferida por algum cidadão corajoso, que conseguir atingi-la, o rei será libertado do encanto maligno que o transformou em animal, emergindo de vez das profundezas do oceano, com a numerosa e reluzente corte real que o acompanha, assim como suas tropas, que não o abandonam e nem deixam de protegê-lo em seu incansável vagar pelas areias das dunas da ilha. O reino será desencantado e a cidade de São Luís irá submergir sob a fúria das águas revoltas, surgindo em seu lugar a encantada, guardiã dos tesouros, ou o Reino Encantado do Rei Sebastião, o Reino de Queluz.

Tendo em vista a ligação que a entidade conhecida como o Rei Sebastião se apresenta no Maranhão não poderíamos deixar de citar aqui nesse conjunto de casos que fazem alusão à presença mítica do monarca no Brasil, alguma referencia às Casas de Mina maranhenses que tem categorias como toques de tambor de mina, pajelança, cura, sessão astral e outros. Em contato com a professora Lucy França[88] da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, foi possível realizar uma pequena entrevista com o Sr. João Gualberto da Cruz Souza (52), que tem formação escolar em nível de segundo grau incompleto como Técnico de Enfermagem - *Pai de Santo do Terreiro Mamãe Oxum e Pai Oxalá* – que trabalha na linha do Tambor de Mina, Nação Nagô, e está localizado no bairro da Vila Nova, em São Luís – Maranhão, funcionando há cerca de 33 anos.

[88] Resposta por correio eletrônico da professora Lucy França da Universidade Federal do Maranhão-UFMG, que fez contato com o pai de Santo Sr. *João Gualberto* que respondeu algumas perguntas sobre a relação do mítico Rei Sebastião como entidade no Tambor de Mina.

Por meio do Sr. Carlos A. Fernandes[89] mediante conversa telefônica concedida pelo entrevistado, - que respondeu algumas perguntas seguindo roteiro previamente preparado, enviado via correio eletrônico -, pudemos obter alguns dados para compor este item, somente a titulo de ilustração, pois seria necessária uma observação direta no local para se ter um quadro analítico do trabalho realizado nas Casas do Tambor de Mina. E temos como referencia também o professor Sérgio Ferretti, antropólogo do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que vem se dedicando há décadas a pesquisar nesse sentido. Sendo profundo conhecedor das religiões afro-brasileiras, tem contribuído muito para um reconhecimento do significado da Casa de Mina.

A princípio, o Sr. Gualberto conta que o Rei Sebastião - como outros gentís - da Mina do Maranhão - tem formas apropriadas de se comunicar. Não se portam como, por exemplo, "*os caboclos"*, durante os denominados *"trabalhos"*, toque de tambor, pajelança, cura etc. Por isso há maior complexidade para compreender suas formas de manifestação e atuação no campo da espiritualidade. Enfim só esse aspecto já dá *"muita conversa"* afirma com ênfase. Diz que na Casa diversas filhas de Santo *"carregam"* o Rei Sebastião.

E normalmente a manifestação do Rei Sebastião acontece durante os Toques da Mina e nas denominadas sessões de cura. O dia dedicado ao culto ao Rei Sebastião em grande parte das Casas de Mina do Maranhão é 20 de Janeiro - dia dedicado a São Sebastião. Neste dia, grande parte das Casas - principalmente de candomblé – prestam culto ao orixá Oxossi. No caso específico da Mina do Maranhão, o Rei Sebastião tem como morada a encantaria dos Lençóis Maranhenses. E sobre os *"atendimentos"* do Rei Sebastião, aponta que são considerados bem específicos, acontecendo principalmente em sessões de cura. Em dia de festa é difícil se obter dele consultas e atendimentos. Nestes dias festivos o importante é a reverência que a Casa faz para o *Gentil*. Cultuar Rei Sebastião reforça a relação deste *gentil* com a Casa, e principalmente, com os seus *"filhos de santo"*. Em sessões de cura, o Rei Sebastião trata de assuntos relacionados a problemas de ordem espiritual e física (doenças). Afirma que não tem conhecimento de

[89] Correio eletrônico de Carlos A Fernandes - cdesaparecido@uol.com.br - que intermediou entrevista.

nenhuma estória em particular, mas há muitos relatos de pessoas que se dizem curadas e atendidas em seus pedidos por interveniência do Rei Sebastião.

É interessante apontar também a mística extraída da experiência do pesquisador paulista, o jornalista Márcio Godoy[90], que vai às últimas conseqüências na sua busca solitária em entender as lendas contadas na região da Ilha dos Lençóis maranhenses, onde a população ainda hoje reverencia a chegada do rei Sebastião para efetuar aconselhamento, e toca o tambor a espera que o rei carregado, possa ditar curas a quem busca os seus conselhos de curador. Godoy conta que teve o primeiro contato "*direto*" com o encantado quando esteve com uma freqüentadora do Tambor de Mina que tem permissão para carregar o rei Sebastião, tendo construído ao lado de sua casa, uma casinha de cerca de cem metros quadrados, onde mantém um altar com um nicho, para homenagear e agradecer ao rei, os sucessos da sua vida, além de realizar suas obrigações de filha-de-santo (Godoy 2005:132).

Podemos notar a forte devoção popular que impregna o povo na região citada pelo jornalista, além de uma hibridação com tendência em mesclar raízes africanas e primitivas que ali sobrevivem em forma de Tambor de Mina, e das muitas Casas Nagô existentes, com a figura mítica do rei curador. Com relação a sistemas de cura nesse meio de religiosidade popular podemos encontrar em Reginaldo Prandi,**[91]** que se reporta a Malinowski uma citação retirada do primeiro Capítulo do clássico: *Magia, ciência e religião* (1988:19),

> *Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia. Assim como não existem, diga-se de passagem, quaisquer raças selvagens que não possuam atitude científica ou ciência, embora esta falha lhe seja freqüentemente imputada. Em todas as sociedades primitivas, estudadas por observadores competentes e de confiança, foram detectados dois domínios perfeitamente distintos, o sagrado e o profano, em outras palavras, o domínio da magia, e da religião e o da ciência* (Prandi apud Malinowski 2001:15)

[90] Godoy**,** Marcio Honorio de (2005) Dom Sebastião no Brasil. Khronos 25. São Paulo.
[91] Prandi**,** Reginaldo (organizador) (2001) Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Pallas. Rio de Janeiro.

A partir desse contexto Prandi considera que a posição de Malinowski, ainda que contaminada por um certo evolucionismo, mas totalmente influenciada por Durkheim *(Prandi 2001)*, representa grande avanço em relação às concepções anteriores, que resistiam a não reconhecer a presença de um pensamento nitidamente científico entre sociedades tribais, idéia que sob o ponto de vista de Prandi, concordamos plenamente: e se pode ampliar para incluir as populações rurais; e nesse caso as classes populares que vivem imersas em sociedades e que passaram por fatos históricos que geraram um conjunto de lendas e narrativas míticas como se encontra nas comunidades relacionadas a eventos sebastianistas no Brasil.

Godoy (2005) levando em conta esse aspecto que acabamos de observar nesses pensadores, pretendia com a visita in loco à Casa de Mina, verificar em que dimensão se poderia creditar a magia ali realizada e saber como se dava a manifestação do rei em um Tambor de Mina, ou na linha de cura, mais próxima da pajelança. E também procurava referências sobre a imagem do mítico rei Sebastião, pois nunca havia visto uma representação icônica do rei, na concepção da religiosidade popular. E queria conhecer além de doutrinas, alguma narrativa a respeito desse tema em estudo. Perplexo conta sobre a experiência de dialogar com a majestade,

> *A incorporação do encantado deixa-a como que inconsciente, alheia ao que se passa no momento. A respeito da imagem do rei, ela nos confirmou o que já tínhamos observado: a imagem de São Sebastião, o santo guerreiro e católico que aparece amarrado a uma árvore, e cheio de orifícios pelo corpo provocados por flecha, é a que se presta a ser a representação da figura do rei Sebastião em toda a religiosidade na qual este rei tem presença mítica. Quanto às narrativas e doutrinas, dona Luzia nos apresentou uma doutrina belíssima, da linha de cura [...], que traz importante simbologia medieval em sua letra: 'Eu trago a estrela na testa/Eu trago a espada no chão/Eu trago meu nome/escrito/É del rei dom Sebastião' [...]. Depois de entoar doutrina carregada de elementos tão fortes, Dona Luiza sentiu seu corpo irradiado pela presença do encantado e pediu que a acompanhássemos, com algumas velas, até o altar feito para o rei, numa pequena edícula localizada ao lado da sua casa.* (Op. Cit Godoy 2005:132, 133)

E na seqüência, o jornalista, pesquisador, observador participante, agora investido de consultante, obtém a permissão para ir até ao local onde sob as areias encontra-se o reinado oculto do rei Sebastião. E um verdadeiro ritual para a proteção da viagem deveria ser preparado,

> *Era necessário que eu assistisse a doze missas. Em cada missa, na hora em que o padre levanta a hóstia e faz sua consagração, também eu tinha que levantar e erguer a mão, com um vidrinho de Bálsamo santo. Esse gesto precisava ser seguido em todas as missas, pois depois o Bálsamo Santo deveria ser passado em meu corpo, para minha proteção; Um rosário de contas verdes e brancas (cores com as quais dona Luzia recebe o rei Sebastião) deveria ser fabricado e cruzado em um Tambor de Mina. Este só poderia ser utilizado por mim após eu chegar na Ilha dos Lençóis, onde eu deveria chamá-lo da seguinte forma, logo ao chegar na ilha: "Vinde a mim Dom Sebastião"*[...]. *Essa invocação e o rosário garantiriam o sucesso da viagem e dos meus objetivos. Também teriam como intuito me colocar diante da comunidade, como alguém que estava tentando entrar em contato com os mistérios do encantado rei Sebastião, dono daquela ilha e dos subterrâneos daqueles mares maranhenses* (Op. Cit 2005: 136).

O objetivo desse itens referentes aos principais movimentos de cunho sebastianista no Brasil, foi apresentar um pequeno recorte para finalizar este capítulo referente ao nosso marco teórico nesse estudo, já que existem muitas referencias bibliográficas, para serem consultadas melhor em suas especificidades, enquanto manifestações de falsos profetas sebastianistas no chão do Brasil. Para isso nos detemos apenas nos itens acima: Paraíso terreal no Rodeador; Pedra Bonita lavada com sangue; Canudos - revolta de fé contra a república; sul do Brasil e o Contestado e a encantaria sebastianista no ritmo do Tambor de Mina no Maranhão.

CAPÍTULO II

VERTENTE TRIANGULAR DO SEBASTIANISMO CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: PORTUGAL MARROCOS BRASIL

Pedra do Rodeador. Foto: Alcides Ferraz

"Louco, sim, louco, porque quis grandeza
qual a sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há."[92]

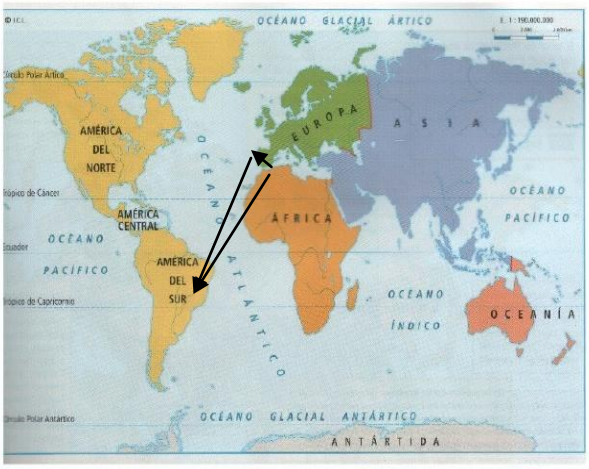
Originado no seio da nação lusitana em pleno século XVI, como já foi visto no capítulo anterior, o mito sebastianista ainda atua nos dias de hoje, em ressonância com as lendas que se reproduzem, resistindo ao próprio espaço temporal, surgidas a partir de manifestações inspiradas no sebastianismo, que aconteceram no Brasil, por volta dos séculos XIX e XX.

Objetivamos nesse estudo, trazer à tona algumas reflexões sobre o tema, dentro de um contexto da história geral e, sobretudo no que diz respeito aos fatos ocorridos no Brasil, em mais uma tentativa de se entender racionalmente esse fenômeno que se arraigou no país tomando formas diversas. E neste sentido, podem ser apontadas como principais referencias neste estudo, os fatos ocorridos no sertão nordestino, onde falsos profetas atuaram tendo como cenário a Serra do Rodeador e Pedra Bonita, ambos em Pernambuco. Antonio Conselheiro pregava em Canudos, sertão da Bahia; e no Maranhão até hoje os tambores continuam rufando, marcando a passagem do tempo, na eterna espera, de que um dia alguém com muita coragem, trave luta corporal com o etéreo touro branco, que desencantado deixará surgir uma cidade mágica - onde Dom Sebastião vive num palácio junto com um exército de súditos - nas águas profundas dos lençóis maranhenses, assim acredita o imaginário popular da localidade. Também não podemos deixar de fazer referencia ao incidente conhecido como a Revolta do Contestado, no Sul do Brasil, que teve como figura principal, o beato José Maria, que veio a morrer logo no início do embate, assumindo ares de Dom Sebastião, deixando fanáticos seguidores aguardando uma possível ressurreição. Alguns desses casos deixaram rastro de forma trágica e sangrenta na história brasileira.

[92] Poema de Fernando Pessoa "D. Sebastião, rei de Portugal" extraído do livro Mensagem (1934).

O mítico rei Sebastião e o misticismo nos conflitos que marcaram sua forte presença no Brasil é o que tentaremos expor neste segmento, por meio de um mapeamento que não pretende ser holográfico, e sim pontuar alguns exemplos no nordeste e sul do país, com destaque para o caso ocorrido na *Pedra do Rodeador*, onde realizamos nosso campo de pesquisa.

1. VERTENTE TRIANGULAR



Pensamos iniciar este item partindo do macro ao micro, ou seja, para se falar do mito sebastianista dentro de um contexto brasileiro, é necessário antes, situarmos a questão a partir de uma perspectiva portuguesa e marroquina.

A partir daí abordaremos com especificidade os movimentos que foram marcantes nos séculos XIX e XX em terras brasileiras. No nosso estudo em tela, temos como principal foco a *Pedra do Rodeador*, que foi palco do ajuntamento denominado "Paraíso Terreal". A triangulação se dá no sentido de que tratamos aqui, de três países - Portugal, Marrocos e Brasil -, localizados em três continentes distintos geograficamente - Europa, África e América do Sul -, sendo portando uma conjunção de águas ligando um oceano, o Atlântico; um rio, o Tejo; e o Estreito de Gibraltar, cujas águas do Mar Mediterrâneo deságuam no Atlântico, renovando o ciclo.

Nessa abordagem que tentamos fazer, não podemos esquecer a importância que foi a leitura do "Colóquio O Sebastianismo", um livro elaborado a partir de um debate na cidade de Lisboa, com base num vértice triangular, envolvendo - Política, Doutrina e Mito - por ocasião da passagem dos 450 anos de nascimento do monarca D. Sebastião, segundo se pode perceber no prefácio da citada obra[93],

[93] Mendonça, Manuela (Coordenação das Actas) (2005) *Colóquio O Sebastianismo. Política, Doutrina e Mito (séculos XVI e XIX).* Academia Portuguesa da História Edições Colibri, Lisboa.

> *Mais do que a figura própria do Monarca e do tempo histórico em que viveu e reinou, impunha-se repensar as circunstâncias do nascimento e da projeção do Sebastianismo. Este devia ser encarado na tripla vertente da Política, da Doutrina e do Mito, para se tentar compreender a evolução do movimento sebástico até ao século XIX* (Mendonça 2005:7)

1.1. Fronteira, espaço e território

Mantendo a lógica de triangulação projetada na longa temporalidade, não podemos deixar de pensar em *fronteira, espaço e territorialidade,* já que o tema nos leva a isso, partindo das fronteiras que separam os países. O espaço estaria mais relacionado ao tempo espacial da ressurgência do mito a partir do seu nascimento, em outras territorialidades. O que leva a refletir, sobretudo o conceito de fronteira, que como define o antropólogo Fernández de Rota[94], não deixa de ser um tipo de limite, uma metáfora, que além do mais congrega espaço e tempo,

> *Na realidade fronteira é um tipo de limite. É certo que o termo fronteira tem também peculiares conotações, mas nós, antropólogos gostamos de destacar seu pertencimento a classe de limite, dada a extraordinária riqueza que este conceito tem adquirido dentro de uma ontologia cultural com perspectiva simbólica.* (D'Rota 1994:63tradução da autora).

E segundo o "Dicionário de La Lengua Espanhola", fronteira é o mesmo que limite[95], significando espaços: "Linha real ou imaginaria que separa dois terrenos, dois países, dois territórios. Em casos como dimensões limite, situação limite". (tradução da autora).

Mas na verdade para o mito, fronteira é apenas uma metáfora, ou seja, a representação simbólica de *espaço e tempo*, que como nos atesta Fernández de Rota, são campos semânticos nos quais apoiamos continuamente nossa recíproca metaforização. E segundo D'Rota o mesmo relógio já é uma representação diária da passagem do tempo através de uma analogia espacial. E continua explicando que este tipo de tarefa de caráter metafórico, o homem realiza diariamente e inconscientemente, sem perceber que se converte em metáfora morta. Acrescenta que,

[94] D' Rota, José Antonio Fernández *Límite y cultura: el contenido de una forma* Revista de Antropología Social, número 3. Editorial complutense, Madrid. 1994.
[95] Diccionario de la Lengua Española Op.Cit. p.1380.

> […]. *A realidade da nossa vida é tempo. O caráter dramático do tempo vem de que com seu devir, não são as coisas que passam, mas nós que passamos. Atendendo a esta dimensão fundamental da nossa existência, o espaço em que discorre nossa vida é sempre eminentemente temporal. Nosso espaço vital está formado pelo entranhado de lugares aos quais voltamos ou recordamos de vez em quando* (D'Rota 1994:64 tradução da autora)

E dentro de um contexto especifico de territorialidade, já que estamos tratando de um aspecto da cultura e história da monarquia lusitana, voltado à conquista de novos territórios, podemos encontrar na introdução da obra "Antropologia del Territorio"[96], uma alusão a Edward T. Hall, que o autor *José Luis Garcia* aponta como sem dúvida um dos antropologos que deu início a um estudo sistemático dessa questão polemica, que muitas vezes se confunde com uma conceituação de espaço. Mas o que queremos deduzir, é que no caso lusitano, nos idos do século XVI, a expansão territorial que tanto se pretendia no reinado de D. Sebastião, era motivo de luta por estabelecer assim, dominio em muitas nações. E poderia como diz Hall, expressar interrelações especializadas da cultura à qual pertencia o rei de Portugal vencido no Magrebe africano.

Hall na sua obra "La Dimensión Oculta", afirma no capitulo XIV *'La Proxemistica y el futuro del hombre"*, que tudo que o homem faz está relacionado diretamente com a experiência do espaço. E que a sensação humana do espaço, além do sentido espacial do homem, é uma síntese de muitas impressões sensoriais como,

> *[…] visuais, auditivas, cinestésicas, olfativas e térmicas. Cada uma além de vir constituida por um sistema complexo, com as muitas formas distintas de captar visualmente a profundidade -, vem moldada pela cultura, a cujos padrões responde. Por tanto, não cabe outra alternativa do que aceitar o fato de que as pessoas criadas ou educadas no seio de culturas diferentes vivem também em mundos sensoriais diversos* (Hall 1973:279 tradução da autora)

Dentro dessa abordagem gostaríamos de apresentar duas idéias que se entrelaçam: a idéia do agressor e, e da agressividade em si. Para a idéia do agressor apresentamos o mundo animal como exemplo, considerando o que Hall ensina sobre o

[96] Garcia**,** José Luis (1976) Antropología del Territorio. Taller ediciones JB, Madrid

universo de muitas espécies de animais que defendem seu território a partir de um princípio agressivo, que nesse caso é para garantir a sobrevivência. Com relação ao fator *agressividade* que desencadeia lutas, notamos a diferença e a freqüência elevada no dia a dia na atualidade, posto que a mídia, atuando como uma janela aberta para o mundo, a todo o momento nos golpeia com exemplos de conflitos desencadeados em muitas regiões do planeta, o qual se transformou numa *aldeia global*[97]. A idéia de "aldeia global" nos pareceu interessante para fazer analogia com essa temática.

Em se tratando da longínqua Batalha dos Três Reis, baseamos nosso ponto de vista nas analises que ao longo dos séculos preconizaram a figura do monarca e seus contemporâneos, como agentes desse protagonismo, para engrandecer, no sentido de espaço geográfico, o território nobre da nação. Isso poderia ser interpretado como *instinto territorial* da época, ou seja, o século em que viveu D. Sebastião foi marcado por lutas territoriais. Podemos considerar positivo nesses empreendimentos a descoberta de mundos além mar; portanto a comparação do *principio agressor*, à luz dos naturalistas, segundo Hall seria controversa, já que as espécies animais se baseiam em estruturas pré-fixadas, e o comportamento humano é flexível e vem incorporando ao longo dos séculos ao seu meio social, e ambiente natural, variados estilos, no que concerne a espacialidade territorial.

Voltamos assim ao que nos diz Garcia a respeito do que considera como manter o sentido operativo do termo territorialidade, levando em conta também aspectos da exclusividade do território, quer sejam positivos ou negativos. Explica o autor citado que a questão positiva indica o sentido de possessão ou domínio enquanto direito às distintas entidades que constituem uma comunidade, tais como individuo família, grupo, etc.

> *Configurando-se a territorialidade sob esta perspectiva numa sucessão de planos que se inter-relacionam de formas diferentes segundo as distintas culturas* […]. A *exclusividade negativa faz referencia às situações territoriais em que qualquer unidade de exclusividade positiva de um determinado grupo, projeta sob alguma normativa, uma exclusão*

[97] termo usado e definido pelo sociólogo canadense Marshall Mc Luhan, que veio a criar esse conceito na década de 60.

> *territorial em que são sujeitos os restantes grupos ou entidades sociais. Esta é uma situação predominantemente humana, onde os territórios de grupos o unidades diferentes substituem a luta, como defesa territorial, tão propagada no mundo animal, pela normativa* (Garcia 1976:29 tradução da autora).

Partindo agora de etólogos como Konrad Lorenz[98], que compartem a opinião de que a agressividade é um ingrediente necessário à vida, bem como do pensamento de Hall fica indicado que

> *O homem ao desenvolver a cultura se domesticou a si próprio, criando neste processo um conjunto de novas séries de mundos, diferentes uns dos outros. Cada um com sua equipe ou aparato de recepção frente aos estímulos sensoriais, de maneira que o que agrupa indivíduos de uma cultura não é igual necessariamente com o que se passa com outra. Da mesma forma um ato qualquer que desencadeia a agressividade num lugar determinado e que pode ser fator de tensões sociais, pode resultar neutro em outro grupo culturalmente diferente* (Hall 1973:21tradução da autora).

O dialogo entre esses dois antropólogos estudiosos da territorialidade, intenciona fazer uma ponte com as buscas pela expansão do território lusitano, incutidas no jovem rei Sebastião em processo de crescimento, recebendo educação dos padres da Companhia de Jesus, os Jesuítas, o que veio a torná-lo um adolescente de grande fervor religioso, na maior parte do tempo praticando jejuns ou em caçadas, desenvolvendo assim uma personalidade mimada e teimosa, levando-se em conta sua condição de rei, aliada à convicção de que seria o capitão de Cristo numa nova cruzada contra os mouros do norte da África (Mendonça 2005). Imbuído desse fator de agressividade contra o norte africano, cresceu com o firme desejo de estabelecer um maior círculo territorial para sua nação, tendo em vista esse distinto mundo sensorial e cultural, com seus códigos e crenças. Efetivamente podemos dizer que a expansão territorial sem limites, foi o principal fator de luta contra os africanos, a quem se pode considerar sob a ótica dos portugueses da época, como potencialmente inimigos a serem subjugados.

[98] Cyrulnik, Boris (1995) Sob o Signo do Afeto, Instituto Piaget, Lisboa. Etologia é considerada a psicologia do comportamento que procura observar os seres vivos no seu meio natural. O pai dessa idéia é o austríaco Konrad Lorenz, como explica Cirulnik. O simples fato de partilhar sua vida com os animais alterou profundamente seu olhar de observador e fez com que se voltasse ao estudo ético do comportamento animal.

O sebastianismo, portanto é um mito que transpõe barreiras, seja do tempo/espaço, limite/fronteira/território, ou da política/religiosidade. E, ao mesmo tempo, está imbricado em todos estes conceitos. De certa forma inquieta o espírito humano, já que pesquisadores ainda se debruçam sobre a idéia central desse mito com a eterna indagação a respeito da morte do monarca, e de onde foi parar seu corpo inerte.

2. CONTEXTO PORTUGUES DO SEBASTIANISMO

Na história de qualquer país, encontramos referencias próprias que favorecem os vínculos de identidade, orgulho e pertencimento. No caso lusitano, podemos apontar a questão das navegações, ou seja, a expansão ultramarina que propiciou o descobrimento do novo mundo. Além dessa epopéia significar e retratar, o espírito capitalista que insuflava a busca de novas conquistas. Também podemos observar, no estudo da identidade portuguesa com a sua história, que a preparação por parte do jovem monarca D. Sebastião, para a batalha de Alcácer Quibir, foi marcante, deixando para sempre, profundo traço na cultura do país. Nos mostra Serrão que:

> *Ao longo da história portuguesa, se há um reinado que sempre tenha merecido o interesse dos investigadores, esse é o de D. Sebastião, sendo vasta a bibliografia que se tem vindo a erguer em tal domínio. Talvez que a aura de lenda que envolveu o Rei Desejado, durante a sua curta vida e nos sessenta anos que marcaram a presença castelhana em Portugal, tenha concorrido para o interesse votado à sua figura de rei mártir e que arrastou ao martírio da pátria. Não se esqueça que a nossa história aureolou com um valor de símbolo o monarca vencido nos areais de Alcácer Quibir* (Serrão1962:12)

Sabemos que durante a menoridade do monarca a regência ficou nas mãos primeiro da avó Catarina de Áustria, princesa da Espanha, e depois do tio-avô, o Cardeal Henrique de Évora. Nesse período Portugal continuou sua expansão colonial em direção aos continentes da África e Ásia. Imbuído do espírito das conquistas, a monarquia do mundo lusitano queria expandir cada vez mais suas fronteiras, aumentando assim o perímetro territorial, e não somente dentro da questão cartográfica espacial, mas de um domínio em forma de reinado absoluto, transcendental, ou seja, assim desejava o Desejado, o mítico *Quinto Império*, que congregaria mundos sensoriais diversos dentro de uma dimensão geral paradisíaca, e que teve os seus fundamentos levados ao outro lado do Atlântico, às terras recém conquistadas da

colônia, através dos sermões do Padre Antonio Vieira, como nos mostram os versos de Fernando Pessoa, *"Segundo/Antonio Vieira"*, impregnados dessa força e magia que o sebastianismo conseguia impor em pessoas como o poeta português, defensor absoluto do que Antônio Sérgio afirmava ser a demência do povo português,

> *No imenso espaço seu de meditar/ Constelado de forma e de visão/ Surge, prenúncio claro do luar/ El-Rei D. Sebastião. Mas não, não é luar: é luz do etéreo./ É um dia, e, no céu amplo de desejo,/ a madrugada irreal do Quinto Império/Doira as margens do Tejo* (Pessoa:Mensagem)

O rei, segundo a historiografia registra, teve suas ações voltadas ao combate e à guerra, inspirado no seu ídolo, o primeiro soberano português, D. Afonso Henriques, enterrado em sepultura que se encontra no Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra. A lenda prega que o patrono das forças armadas portuguesas, contou com a providência divina para vencer a batalha nos campos de Ourique (1139) - hoje região denominada Baixo Alentejo, Sul de Portugal.

Túmulo de D. Afonso Henriques Mosteiro Santa Cruz Coimbra PT. Foto: Regina Clara de Aguiar

A luta teria sido travada numa das incursões que os cristãos faziam em terras de mouros para apreenderem gado, escravos e outros despojos. Enfrentaram-se tropas cristãs, comandadas pelo soberano, e muçulmanas, em número bem maior. Na ocasião o herói enfrentou cinco reis mouros, levando a vitória decisiva para a expansão territorial lusitana. O milagre está gravado na bandeira portuguesa atual, que leva ao centro a cruz azul do vencedor, simbolizando o combate vitorioso. Nesse sentido podemos dizer que as lendas a respeito do soberano nortearam a vida do rei D. Sebastião. De certa forma o conhecimento desse episódio desencadeou uma ordem e desordem marcantes em toda a sua curta jornada na terra. Já que vivendo desde pequeno ouvindo essas estórias, isso atuou forte na sua postura guerreira.

4.1. O Rei e a desordem escondida

Aclamado rei com apenas três anos de idade, já nasceu predestinado a toda uma desordem, por ser filho único, órfão de pai, e criado por sua avó paterna, Catarina da Áustria, que assumiu a regencia na sua menoridade, junto ao seu tio-avô paterno, o cardeal Dom Henrique de Évora. E com um enorme poder, aos 14 anos assumiu o governo, manifestando grande fervor religioso e militar. Portanto podemos dizer que na construção do mito encontram-se elementos como transgressão, espera, poder, ordem e desordem, que norteiam qualquer estudo sobre D. Sebastião e sua personalidade excentrica.

Ressignificar o mito sebastianista implica em trazer à tona, todo um contexto de desordem, a partir de uma ordem vigente, ou seja, o rei Sebastião, desejado e depois considerado encoberto ou adormecido, entrelaçado em outra lenda que povoa o imaginário português, que se refere ao seu regresso numa manhã de nevoeiro, para salvar a nação.

A ordem, causadora dessa desordem oculta, nos aparece na releitura do mito, uma vez que recorrendo e percorrendo caminhos imbricados na longa e curta temporalidade dos séculos - do XVI ao XXI -, também podería ser comparara a uma ordem de espera que pode muito bem pertencer ao mesmo tecido daquele da trama da peça de teatro "Esperando Godot", de *Samuel Beckett*, que trata de dois vagabundos dialogando e esperando um certo Godot, entidade oculta que nunca aparece, mas que nas diversas tentativas em se entender essa "espera", pode ter significado metaforico de Deus ou apenas de um salvador. Assim em meio a toda uma desordem traçada por caminhos ocultos, na construção do mito sebastianista, acreditamos existir todo um potencial que fica à margem da indagação cientifica, podendo ter sentido apenas nesse universo empirico paralelo, que encontra significados e significantes nas interpretações do inconsciente coletivo[99].

As figuras da desordem na contemporaneidade podem ter muitas formas. E varias reações como a resposta pessoal pelo sagrado, ou a resposta dos pragmáticos pelo

[99] Jung, C.G. (1994) Arquetipos e Inconsciente Colectivo. Editorial Páidos Barcelona.

movimento. Na sociedade podemos identificar inúmeras figuras transgressoras e geradoras da 'desordem', sendo nosso ponto de vista a partir de fragmentos do pensamento de Georges Balandier[100], que D. Sebastião pode muito bem estar inserido dentro desse conceito, pois o rei esperado, chegou à vida já com ares de soberano recém-nascido, coroado com a tenra idade de apenas três anos. E mesmo antes de nascer, já dispunha de um poder legitimado, pois era a única e palpavel esperança para a monarquia lusitana, que àquele momento atravessava sérios conflitos. E sendo assim, o rei nasce com um estigma dificil de ser desfeito. Como uma figura da desordem, dentro do conceito que prega Balandier, Sebastião, transgressor, chegou com o poder de ordenar e desorganizar toda uma ordem estabelecida. E fez mais, conseguiu se manter vivo no imaginário universal, imortalizado num mito que até hoje encontra ressonancia e ressurgencia nos mais diversos segmentos da cultura de origem portuguesa, onde o mito flutua no imaginário coletivo, e se mantém presente.

O monarca, pode ser conceituado como uma figura transgressora em seu próprio tempo, se partimos de um olhar que enfoca a desordem. Observamos que no mito torna-se recorrente a imagem do transgressor de uma ordem social, dentro dos movimentos que marcaram fortemente o sebastianismo também no Brasil. Enfim..., esperar..., triunfar contra o poder dominante, em nome de um messianismo, que os falsos profetas do sebastianismo pregavam a uma população meio nômade, à margem da sociedade, sem referencial, perambulando sob o sol árido nordestino, em meio a buscas incessantes, como foram as próprias buscas de sentido para a realização dos megalomaníacos sonhos de conquista do rei D. Sebastião, dentro de um contexto de espera por uma vitória numa batalha sem sentido, que acabou no seu desaparecimento.

O mito insuflado por fontes ocultas ultramarinas impôs uma nova ordem, pois se levamos em conta o pensamento de Balandier (1989: 87), podemos dizer que a tradição nesse mito é a soma acumulada de saberes, que a partir de acontecimentos e princípios fundadores, gerou um contexto de origem que levou para o outro lado do oceano atlântico todo um conjunto de narrativas míticas, que uma vez instalado no imaginário primitivo local, mesclado com a nova mentalidade européia que se instalava no país,

[100] Balandier, Georges (1989) El Desorden. *La Teoria del caos y las ciencias sociales. Elogio de la fecundidad del movimiento.* Editorial Gedisa, Barcelona.

passou a exprimir uma visão e uma presença específica no mundo, no cosmos, e no espaço constituído de uma ordem desordenada, indissociável da ordem e da normatividade cultural.

Na concepção ocidental[101], a tradição tem duas figuras: uma, passiva, que manifesta sua função de conservação, de memorização e outra ativa, que lhe permite ser o que já foi. A palavra, o símbolo, o rito a mantém sob este duplo enfoque. É por meio deles que a tradição se insere em uma história onde o passado se prolonga no presente, onde o presente chama o passado; história desconcertante, porque negadora do seu próprio movimento e refratária à novidade. Possui duas dimensões: esotérico, ou seja, de dentro, refere-se ao segredo e oculto; e exotérico, para fora, é o não segredo, o que pode ser compartilhado. Mas na medida em que permanece viva e ativa, a tradição consegue nutrir-se do imprevisto e da novidade. Na medida em que é praticada, descobre seus limites: sua ordem não mantém tudo; seu próprio dinamismo é alimentado pelo movimento e pela desordem.

Na verdade, junto com os portugueses nas suas caravelas, atravessaram o oceano Atlântico, mitos, lendas, conflitos e toda uma desordem oculta que se vivia na Europa naquele momento. No novo mundo, esse conjunto influenciou na geração cultural imaterial brasileira, adaptando-se, confundindo-se, hibridando-se no imaginário dos antigos habitantes. E se impôs no seio dos povos autóctones, que viviam nas terras recém-descobertas – como foi o caso dos índios tupis-guaranis[102] - que em estado nômade, viviam livremente, sob uma ordem e desordem próprias, além de uma cosmovisão original. Esses antigos habitantes percorriam o litoral primitivo brasileiro, em busca da "Terra sem males". Os brancos colonizadores europeus, ao chegarem com sua cultura, aos poucos foram povoando a nova terra colonizada. Posteriormente, trouxeram os negros, que chegaram na condição de escravos, para cumprir um cativeiro sub-humano e pode-se constatar que nenhum outro país no mundo, teve essa rica interação de diferentes raças e etnias, como ocorreu no Brasil, que em decorrência dessa miscigenação, gerou uma população tri-híbrida[103].

[101]Balandier op. Cit. 1989:87
[102] Ver mais sobre essa temática em Terra sem Mal o Profetismo Tupí-guaraní. Clastres, Heléne (1978)
[103] Garcia Canclini, Néstor (2008) Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Paidós, Buenos Aires.

Voltando a Balandier, podemos constatar que os movimentos sebastianistas no Brasil nos séculos XIX e XX, portanto já bem distanciados no espaço temporal da origem do mito, e de uma memória contemporânea, se firmaram por meio do caos e da desordem de "sistemas" sócio-político-econômicos, com tendência a gerar minorias fragilizadas na sociedade. E como podemos observar no parágrafo anterior, a formação étnica no Brasil multirracial, portanto geradora de minorias marginalizadas, sofreu muitas influencias. Esse fator social alastrou-se com a colônia, a monarquia, a republica, e até hoje, por não contar com uma política eficaz que garanta a todos os segmentos da sociedade, uma sobrevivência digna, que é o que todo ser humano almeja.

E essa gente à margem da sociedade, foge e se oculta dentro de sistemas esotéricos de crenças, onde pregadores, saídos desse mesmo tecido social, marginal, insuflam um sentido messiânico em suas vidas, com a promessa da vinda de um salvador. Podemos observar hoje em dia a quantidade de igrejas de origem pentecostal que surgem nas periferias dos grandes centros urbanos, e tudo isso de certa forma, não deixa de ser uma espécie de sebastianismo ao reverso. E voltando o olhar ao Portugal de hoje, onde surgiu o mito sebastianista, o povo ainda convive com essa força mágica que o mito tem o poder de insuflar. E os portugueses ainda costumam evocar a forte presença mística do monarca D. Sebastião, mas isso não é uma tendência geral, pois é óbvio que existem correntes de opinião entre a população, que acha isso uma tolice, um desvario.

4.2. Buscando pistas sebastiânicas nos caminhos de Portugal

Para compreender melhor o mito e suas imbricações, fez-se necessário um mergulho no universo português. Dessa maneira fomos levados a Lisboa na busca de arquivos, instituições e depoimentos. Assim estivemos visitando os arquivos da Torre do Tombo que estava em reforma e não tivemos acesso ao acervo de documentos antigos. Também na Biblioteca Nacional; na Academia de História; na Biblioteca de Letras da Universidade Nova de Lisboa; no Museu do Fado; na Fundação Caloueste Gulbenkian; na Academia Portuguesa da História; no Centro de História da Cultura; na Cinemateca Portuguesa; no Museu de Arte Antiga, para fotografar a pintura manuelina de D.

Sebastião; no Mosteiro dos Jerônimos, na Torre de Belém, para fotografia do túmulo de D. Sebastião, e no Jornal Diário de Notícias. Também estivemos na Universidade de Covilhã na região da Serra da Estrela em Portugal, e na Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Ciências Humanas dessa instituição de ensino. E uma vez ali pudemos travar contato com o historiador e estudioso do sebastianismo com larga trajetória e livros publicados, professor Santos Pereira, que nos ofereceu material que estava preparando para o lançamento de um livro sobre a temática, além da primeira lista com a bibliografia relativa ao tema sebastianismo, que nos serviu de base para um posterior aprofundamento.

Outras visitas foram feitas a Lisboa, particularmente no retorno do trabalho de campo no Brasil, em setembro de 2008, quando tivemos oportunidade de conhecer outras cidades consideradas itinerários importantes do rei, como Sintra, onde fotografamos o quarto de dormir do monarca, no Palácio Nacional; e em Coimbra onde pudemos admirar a incrível arte tumular de Dom Afonso Henriques, inspirador de toda a vida do rei Sebastião, que se encontra no Mosteiro de santa Cruz[104].

O objetivo concreto de estar em Portugal à primeira vez foi o de efetuar e iniciar pesquisa para abordagem do tema *sebastianismo*, no tempo presente, e observar um pouco a repercussão que o mito ainda gera no imaginário coletivo local, compactuando de certa forma com as fontes históricas abundantes. E falando com muitos portugueses naquela ocasião, deu para perceber, que mesmo que para alguns seja tolice, a simples referencia ao monarca desaparecido no Magrebe, *"esperado até hoje"*, há quem afirme veementemente, que é uma tradição forte e antiga, impregnada no espírito e na alma da maneira de ser português. Isso foi percebido e observado andando e conversando com as pessoas, onde estivéssemos, visitando museus, arquivos e monumentos que guardam uma fatia da história do legendário D. Sebastião, ou mesmo nos deslocando por meio do metrô, ônibus, bondinho do Bairro Alto de Lisboa, trem, embarcações de um lado ao outro do rio Tejo; ou simplesmente percorrendo as ruas do centro lisboeta -, que lembram o sítio histórico da cidade brasileira do Rio de Janeiro, no seu peculiar conjunto arquitetônico-; Sintra ou Coimbra, tentando imaginar em cada parede ou

[104] Anotações de campo

ângulo visualizado - congelando num clik da câmera fotográfica, remanescentes testemunhais dos passos de quase cinco séculos atrás.

A intenção era captar marcas tangíveis de que o sebastianismo ainda existe enquanto idéia arraigada na nação portuguesa. E em muitos momentos percebíamos que o mito quando rememorado, levava a conversa a tomar ares seja de melancolia, tristeza, saudade - e outras vezes era risível o simples fato de se imaginar um rei que um dia chegaria no seu cavalo branco, como reza a lenda.

4.3.1 Sobre o uso de fontes documentais jornalísticas

Depois de Alcácer Quibir que teve como conseqüência o desaparecimento do monarca Dom Sebastião, em Portugal reina o desejo de regresso do *herói nacional*. Esse tema arraigado na herança cultural lusitana de forma contundente tem sido explorado nos mais diversos tipos de expressões, como já foi mencionado no primeiro capítulo. Nesse contexto encontramos a marca forte, atual, do sebastianismo, via recorte de imprensa, com opiniões recopiladas no arquivo do jornal Diário de Notícias de Lisboa-DN, nos meses de julho, agosto e setembro de 2006, e nos baseamos no âmbito da Antropologia da Comunicação que reconhece hoje, como legítima, fontes documentais jornalísticas. E nesse sentido nos mostra Divitiis[105], que para o antropólogo, escritor e jornalista pernambucano, Gilberto Freyre (1900-1987), "*a mídia não era apenas um local para exposição de trabalhos, ou um mero posto de trabalho* [...]. *Freyre via nos jornais uma fonte de inspiração, um documento de resgate histórico"* (2009:4), onde buscava a inspiração a partir das relações cotidianas, e isso encontrava amplamente por meio das histórias captadas através dos fatos narrados na mídia.

Abrindo um parêntese para essa tarefa de garimpagem no arquivo do DN, e levando em conta a diversidade que nos proporciona o olhar antropológico via outras disciplinas, buscamos apoio na ciência da comunicação através da obra: *De Gutenberg a*

[105] Divitiis, Gleice de (2009) dissertação de mestrado: *"Gênese da Antropologia da Comunicação no Brasil",* fevereiro de 2009, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

Internet: una historia social de los médios de comunicación[106], dos autores Asa Briggs e Peter Burke (2005), onde discutem entre outros aspectos das formas de transmissão e recepção de mensagens nos tempos modernos, a contínua importância da comunicação oral e escrita, pois afinal graças a esses tradicionais meios de comunicação humana podemos ter acesso a fontes relacionadas a um passado no espaço do longo tempo.

Atualmente por meio dos veículos de comunicação de massa e os que formam com especificidade o conjunto da imprensa escrita, se pode ter noção da opinião pública sobre determinado assunto. Mas, mesmo assim, com toda a evolução dos mass media, muitas camadas populacionais de baixa renda no Brasil, não tem acesso aos jornais de grande tiragem nem impresso e tampouco eletrônicos. Nesse sentido fica ainda o pequeno rádio de ouvido sempre em primeiro lugar para o camponês, na lida diária com a terra, nesses tempos em que a tecnologia de ponta se desenvolveu ao ponto de criar a poderosa Internet. E por ser de grande penetração popular para as classes menos favorecidas, procuramos entender o mundo da comunicação radiofônica, ou seja, especificamente do eterno rádio de pilha do sertanejo, sob o ponto de vista do Profº. Dr. Luis Anastácio Momesso[107], que aponta o fato das rádios com a expansão da televisão no Brasil terem passado para segundo plano, sendo isso causado pelo interesse do capital que induz a publicidade como ferramenta poderosa da mídia televisiva, sendo assim como atesta no caso das rádios, a

> *maioria delas se constitui como pequenas médias empresas, associadas a grupos maiores, integradas e dependentes de redes para sobreviver. Sobre elas, cada vez mais se expande o domínio de religiões. As concessões públicas têm sido moedas de barganha de governos para conseguir aliados ou adesões, ou feitas sob pressões do poder econômico e político de setores da burguesia. No interior dos estados do Norte e Nordeste, a grande maioria das emissoras pertence a latifundiários ou seus testas de ferro. Quando não, seus proprietários têm que se curvar ao poder local para sobreviver* [...] (Momesso 2007)

Outra critica que denuncia o Profº. Momesso é quanto à postura do poder público, sobretudo relacionado à manipulação de outro item, que repercute na concessão

[106] Briggs, Asa, e Burke, Peter (2005) "De Gutemberg a Internet: uma historia social de los médios de comunicación", Taurus, Madrid.

[107] Professor de Comunicação da UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Helder Câmara. Artigo: Direito à comunicação. *"Memória em Movimento: Revista de Comunicação. Política e Direitos Humanos"*. Ano 1 nº 0 2º semestre de 2007.

de emissoras de rádio comunitária no Brasil. Afirma que hoje há uma verdadeira febre de templos evangélicos que se levantam, a cada dia, pela facilidade em se abrir uma igreja com registro de empresa. E essas se apossando de um sinal para a emissão, garantem um domínio relevante às comunidades, que por osmose abstraem o discurso direcionado dos pastores empresários dessas concessionárias radiofônicas, que nos conteúdos da sua predica, também como os falsos profetas sebastianistas, procuram usar técnicas de convencimento subliminar para assim captar mais e mais pessoas para os rebanhos dos seus templos empresas. Algumas rádios pertencem às pastorais da igreja católica, mas com conotação e discurso menos agressivo, explica. Acredita que, as rádios comunitárias - têm sido perseguidas sistematicamente, com exceção daquelas de propriedade de empresários ou as que mantêm o nome de "comunitária". Na verdade, são empresas comerciais ligadas a alguma igreja, como já foi visto no parágrafo anterior. Essas redes consideradas comunitárias fazem parte desse conglomerado que tem ligação com o poder público e barganha por criar essas pequenas empresas, que servem, por exemplo, em tempos de campanha eleitoral, com a promessa de angariar votos, para comprar o voto do povo, ou seja, dos fiéis que freqüentam esses templos, com a promessa de certa forma do paraíso perdido, em troca do dízimo que mantém e abastece o bolso desses pregadores da moderna indústria da fé.

E a televisão se impõe ainda com força nesses rincões da zona rural do país, de certa forma como diz o Profº. Momesso, a invasão cultural no final da década de 60, propiciou a qualquer cidadezinha afastada dos grandes centros urbanos, no Brasil, a manter um aparelho de TV nas praças, onde o povo se aglomerava para ver a magia da telinha. Podemos comprovar esse ponto de vista levando em conta a quantidade de antenas parabólicas existentes em regiões onde o povo muitas vezes não tem dinheiro para comprar o pão de cada dia, mas vai dormir depois da sessão da novela das 21: 00 h, feliz por momentaneamente desfrutar da impressão de estar entrando em fusão com a tela do aparelho de TV, criando uma simbiose imaginária, e a ilusão de também fazer parte de um mundo visto como um realismo fantástico por essa gente.

4.3.2 O mito sebastianista e a parabólica no Rodeador

Vila do Rodeador
Foto: Alcides Ferraz

Pensamos que toda essa digressão faz sentido se levarmos em conta a posição dos fiéis sebastianistas, que adentraram um mundo de esperança como a gente desses pequenos povoados, no norte e nordeste do Brasil, a exemplo da vila do *Rodeador*, que hoje vive a magia da ilusão de um mundo visto através do sinal das parabólicas, enquanto seus antepassados vivenciaram no corpo a corpo a ilusão que poderiam transcender da dura realidade para a imagética, transmitida via pregação oral, por um dos falsos profetas sebastianistas nordestino.

De acordo com a análise que fazem Asa Briggs e Peter Burke (2005), podemos nos reportar às pregações proferidas pelos falsos profetas sebastianistas no início do século XVI no nordeste brasileiro, como um discurso efetivamente de comunicação oral. Os autores afirmam que não seria de estranhar que o sociólogo Zygmunt Bauman levando em conta as pregações eclesiais, descrevesse os púlpitos da igreja católica como um meio de comunicação de massas (2005:40), explicando ainda, que na Idade Média, o centro das igrejas cristãs era mais o altar que o púlpito, mas a pregação já se aceitava como dever sacerdotal,

> [...] *e os sacerdotes tanto pregavam nas ruas como nas praças das cidades e nas igrejas. E havia a distinção entre sermões dominicais e para dias de festas* [...], *sendo que o estilo da pregação (simples, florido, serio e sóbrio) se adaptava conscientemente ao público ouvinte: urbano ou rural, eclesial ou leigo. Em resumo, as possibilidades do meio oral eram exploradas de forma consciente* [...], *pelo que no século XVI se chamava "retórica eclesiástica"*. (Zygmunt Bauman apud Zygmunt Bauman 2005:40 tradução da autora).

4.1. Opiniões recopiladas no arquivo do Diário de Notícias em Lisboa

Mergulhando no mundo empírico dos meios de comunicação de massa, não na profundidade que gostaríamos, porque não é nosso tema principal, e sim, apenas para contextualizar e referendar a questão do recorte das opiniões que fazemos do DN. Podemos dizer que nesse conjunto de notícias opinativas, encontramos uma diversidade de juízos de valor, nas opiniões publicadas consultadas, que confirmam a existência de uma variedade de pontos de vista na atualidade, em Portugal, concernentes ao nosso estudo.

Podemos citar, por exemplo, no que se refere ao tema - Quinto Império - imbricado no sebastianismo, um texto bem atual, publicado no DN de Lisboa, que trata da obra cinematográfica - *O Quinto Império* - idealizada, realizada e dirigida em 2004, pelo cineasta português, Manuel de Oliveira (atualmente com 103 anos), que também dirigiu outra obra que trata o tema sebastianismo em formato de comédia - *Non, ou a Vâ Glória de Mandar* (1990). Nascido em 1908, na cidade do Porto, Oliveira atualmente é considerado o realizador de cinema mais velho do mundo em atividade (infelizmente não foi possível encontrá-lo para sabermos uma opinião pessoal sua a respeito do nosso estudo, por ocasião das duas vezes que estivemos em Lisboa), mas sabe-se que o cineasta tratou nesse filme da figura de D. Sebastião por considerar um personagem tão universal como o "Lear" de Shakespeare. O autor do texto, Antonio Valdemar, explica que o Quinto Império pretendeu ser uma reposição atualizada de quatro outros impérios que existiram na antiguidade oriental e na antiguidade clássica: o egípcio, o assírio caldeu, o persa e o romano. E que se atribui ao padre Vieira, a prioridade do conceito desse sonho mítico.

> *Antônio Vieira, na história do futuro, profetizou para Portugal, na figura de D. João IV, a realização e concretização do reino universal de Cristo. ' Todos os reinos' – escreveu – 'se unirão em um ceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em um só diadema, e esta será a peanha da cruz de Cristo'. Não se pode, igualmente, dissociar do tema que integra uma constante cíclica da cultura portuguesa, a presença de D. Sebastião. Pessoa deixou na Mensagem poemas acerca do Quinto Império, D. Sebastião, Vieira e Bandarra. O mito nas suas várias dimensões também percorre os três actos do poema dramático El Rei Sebastião, de José Régio. Confronta-se*

> *com 'o eterno encoberto', 'o que sempre se preocupa porque sempre nos foge, o que sempre se ama porque nunca se conhece'. Com base no texto de Régio, Manoel de Oliveira fundamentou este filme, com a originalidade e o talento universalmente reconhecidos.* (Valdemar, Antônio 27/01/2005, "Sonho Mítico do Quinto Império Percorre a Cultura Portuguesa". Diário de Notícias de Lisboa).

E na esteira do cineasta e realizador português Manoel de Oliveira, pode-se encontrar outras opiniões publicadas no Diário de Notícias de Lisboa, como essa, de Marta Rebelo, que analisa questões sobre a política do país, associada à eterna espera pelo que titula "D. Sebastião, o Desejado", já que desde o desaparecimento do monarca,

> [...] *sobre Portugal reina o desejo de regresso do herói nacional. O 16º rei de Portugal, que pouco mais fez foi arruinar os cofres do reino contraindo empréstimos para concretizar a sua obsessão – trazer à soberania lusa os berberes do norte da África – marcou de tal forma o curso da nossa história, que ainda hoje esperamos por um D. Sebastião que nos salve. E os candidatos, esses, são sempre muitos. Alguns apenas saídos do nevoeiro do imaginário colectivo, outros candidatos efectivos, mas pouco assumidos: como el-rei, nunca regressaram.*[...] *Nós recordamos D. Sebastião como um desejado salvador. É certo que a sua saúde era precária, não ouvia conselhos, interessava-se com fervor apenas pela religião e pela guerra, anacronicamente queria salvar os mouros e conduzi-los a redenção* [...] *Ainda hoje o esperamos* [...] *O sebastianismo, no entanto, é um mito inacabado. E do código genético dos portugueses faz parte essa atracção pelos que nunca chegam* [...]. (Marta Rebelo. Diário de Notícias de Lisboa. 30/12/2004)

O historiador Pinharada Gomes, estudioso do autor de uma das obras de referencia do sebastianismo, em entrevista expressa que, *"O meu sentimento pessoal é que 'O Encoberto' representa hoje, uma leitura necessária e inevitável a todo o desejo de conhecimento e esclarecimento do que somos e para que somos".* (Diário de Notícias de Lisboa, Antonio Carvalho, em 06/03/2004). Outro tema corrente é o que trata da identidade nacional, e nesse sentido encontramos uma opinião bastante polemica no texto "O Labirinto da Saudade", em que Helena Sacadura Cabral, tece algumas considerações sobre esse aspecto da cultura portuguesa e aponta duas questões que segundo julga, merece reflexão por parte de todos. A primeira seria de ordem puramente estrutural, sendo o que ela considera como um sentimento geral de profundo sebastianismo. Já a outra seria a sistemática midiatização da justiça. E acrescenta que,

> *o cruzamento destas duas características dá origem a uma mistura cujas conseqüências, longe de nos ajudarem, acabam por criar no nosso tecido*

> *social um cenário, no mínimo, perturbador. A primeira, essa eterna espera, por um D. Sebastião que há de voltar numa manhã de nevoeiro, coloca o país num permanente compasso de espera, de si próprio, numa espécie de movimento circular centrípeto que não consegue, nunca, por mais esforços que faça alcançar a espiral libertadora. Em nós, o tempo não flui natural, como na ampulheta. Pelo contrário, como num metrônomo, ele vai e vem num sistemático retorno ao ponto de partida. Não é seguramente, por acaso que a canção nacional mitifica tanto o labirinto da saudade e o português não se cansa de vangloriar o fato de não ser possível encontrar, nas outras línguas, a sua tradução. É este enleio nostálgico que impede o progresso e acentua a nossa dificuldade em aceitar a mudança. A segunda essa enorme mediatização da vida nacional, tem permitido que a praça pública seja o palco de condenações sumarias que se não afectam a justiça, influenciam, de forma muitas vezes irreversível* [...] (13/09/2003. O Labirinto da Saudade)

Já Raul Vaz no Editorial *A Memória dos Portugueses*, analisa o país de forma bastante dura e contundente, discutindo a valorização da memória nacional, a partir de paradigmas polêmicos dentro de um contexto de eterno retorno ao tempo passado, que sempre seria melhor que o tempo presente. Outra vez nos deparamos com a questão temporal e diacrônica envolvendo passado/presente. E o autor ainda pluraliza a opinião confusa que tem sobre a nação e o português ser estruturalmente fingidos. E afirma que,

> *Somos complacentes com o percurso que justifica as nossas fraquezas. E quando usamos o fatalismo que contamina uma história colectiva, o que foi é sempre melhor do que aquilo que está a ser. À falta de melhor argumento, olhamos o sebastianismo como saída para a mediocridade. Sem sermos capazes de limitar a loucura que embriaga uma nação manchada por saudosismos.* (Raul Vaz 06/02/2005. "A Memória dos Portugueses". Diário de Notícias)

E temas como a destruição e manutenção dos mitos em face de uma realidade nacional com tendência a melancolia e a saudade, são levantados por João Morgado Fernandes, que segundo expõe, passa por certa ciclotimia (termo que se refere a um padrão de personalidade, caracterizado por períodos de excitação, euforia ou normalmente, não configura traços psicóticos) do povo:

> *É óbvio que, ciclotimicos que somos, intercalamos esta má disposição face ao mundo em geral e o país em particular com momentos do mais desvairado sebastianismo. [...] o país que somos também é a imagem que deles construímos. E é aflitivo ver-se tanta energia desperdiçada a glorificar e destroçar mitos.* (João Morgado Fernandes 04/10/2005 O fim do Regime. Diário de Notícias)

E muitas vezes há quem busca de todas as formas, encontrar o fio condutor do mito, como foi o caso da antropóloga forense que intencionava arrancar das entranhas do túmulo onde dorme possivelmente os restos do próprio monarca ou de alguma personificação do rei, ou apenas simboliza uma época que já não tem retorno, uma verdade que o tempo oculta com especificidade.

O autor de uma publicação na coluna 'Tribuna Livre', do Diário de Notícias de Lisboa tece críticas contundentes ao cientificismo, que segundo afirma pode vir a cometer um 'mitocídio' nas tradições que envolvem as figuras do primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques, e que posteriormente veio a influenciar - como o grande herói nacional - ao monarca Dom Sebastião.

O texto é uma critica a postura de duas antropólogas forenses, uma da Universidade de Lisboa, que queria verificar o túmulo do primeiro rei português, mas foi impedida pela ministra da cultura que não autorizou a exumação. Em seguida aponta outra, da Universidade do Minho, que se predispôs a fazer o mesmo, ao túmulo de D. Sebastião que se encontra no Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa, com o fim de saber o perfil genético do monarca, mas também não teve êxito. A publicação considera que o fato de D. Sebastião sofrer uma enfermidade de ordem sexual, seria uma forma de castigo, e questiona o porque da pesquisadora do Minho querer desvendar os mistérios do túmulo sebastiânico, ou seja,

> *daquele que actéon*[108] *castigou! Quererá esta outra paparazzi tirar a limpo as preocupações camonianas sobre o castigo que o Amor fez pender sobre D. Sebastião por ser rebelde ao amor?* [..] *Não há ninguém que ensine a esta professora universitária que em D. Sebastião está o mito do sebastianismo e no seu túmulo, uns ossos que dificilmente serão os dele?*[...]. (Antonio Azevedo. O Mitocidio. Publicação no Diário de Notícias de Lisboa em 26/07/2006. Tribuna Livre).

[108] Acteón na mitologia grega foi um célebre caçador, iniciado pelo centauro Quirón. Sofreu a ira de Artemisa, ao ver a deusa se banhando nua. Consulta em 16/06/2011: http://runeberg.org/nfba/0250.html.

A questão neste caso não se limita ao território espacial de um simples túmulo[109], ou apenas a uns ossos que até hoje o conhecimento cientifico e histórico não verificou a luz dos dias atuais, de quem realmente pertencem. O historiador português *Artur Marques de Carvalho*[110], no entanto põe em dúvida esse detalhe, ao afirmar categoricamente que o corpo do monarca realmente jaz no túmulo do Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa.

Túmulo de Dom Sebastião no Mosteiro dos Jerônimos, Torre de Belém-PT.

Essa afirmativa que procura trazer à discussão sob um novo prisma, tem como foco o corpo real e o documento do auto da entrega, a 10 de dezembro de 1578, do cadáver de Dom Sebastião às autoridades portuguesas, que se encontra no Arquivo Geral de Simancas em Valladolid, Espanha, só agora decodificado, interpretado e valorizado por alguns historiadores; e mesmo assim não comprova realmente o que os séculos não conseguiram confirmar, ou seja, a veracidade, e uma conclusão definitiva e cientificamente coerente, já que existe uma ausência temporal de informação no percurso de um trecho a outro, que não se pode deixar de ter em conta, e o próprio historiador constata.

Enfim, para manter seu ponto de vista comenta que se trata do único lapso documental, a trasladação do corpo desde Ceuta até Faro, e conclui, *"Mas estes documentos são perfeitamente idôneos e tenho uma opinião já formulada, sem dúvidas, sobre a existência do corpo".*

[109] A lápide em latim do túmulo do rei Sebastião, segundo Carvalho significa: "Neste túmulo jaz, se é verdadeira a fama, SEBASTIÃO a quem a morte colheu nas plagas africanas, não digas que é falsa a crença de que o Rei ainda vive. Porque a lei da morte extinguindo-o quase lhe deu nova vida".

[110] Entrevista com o historiador português Artur Marques de Carvalho, sob o título: "*Estudioso Português Conta que o Túmulo de D. Sebastião está nos Jerônimos"*, publicada no jornal de Lisboa A Tarde (279), 2ª série. Lisboa, 24 Jun. 1983.

Apesar do historiador Marques de Carvalho afirmar que os documentos são legítimos, infelizmente a historiografia portuguesa conviverá de certa forma com essa dúvida, até que se possa comprovar através de uma exumação dos corpos da realeza que se encontram no mesmo recinto sagrado do Mosteiro dos Jerônimos, se os ossos do tumulo dedicado a Dom Sebastião realmente pertencem ao rei.

Outro historiador e arqueólogo português, investigador da Universidade de Salamanca-USAl, Carlos D`Abreu[111], também acredita ser a ossada pertencente ao rei. Mas, no entanto, D'Abreu deixa brecha a essa afirmação, quando diz que hoje é muito fácil comprovar se os ossos que descansam no túmulo, são do monarca, já que se poderia exumar as ossadas reais de toda uma linha de ancestrais, familiares do rei, que estão sepultadas no mesmo santuário. Dom Sebastião foi um rapaz frágil, segundo D'Abreu, resultado de casamentos entre a mesma família durante gerações. Por exemplo, só tinha quatro bisavós, em vez de oito. E todos descendentes do Rei D. João I. Ainda há os conhecidos casos de demência na família, como da bisavó, a rainha Joana a Louca, da Espanha. A Dinastia de Avis, popular entre o povo, após ter guiado Portugal à sua época de ouro, acabou por submergir na busca de um sonho que seria a União Peninsular. A mesma complicação causada pela procriação consangüínea pode ter propiciado as mortes das crianças de D. João III e pode ter resultado na excentricidade do neto, o príncipe Sebastião.

Em nosso estudo pensamos que, apesar de não se tratar do homem primitivo, podemos admitir que exista oculto, um estado de consciência pura, primordial, que levou o homem contemporâneo ao rei D. Sebastião, a idealizar o eterno retorno do monarca, partindo de uma realidade mitificada, num determinado tempo e espaço, para explicar o contexto em que se deu o seu desaparecimento na batalha marroquina. Mírcea Eliade em sua obra "O Mito do Eterno Retorno", fala do homem arcaico e de uma eterna repetição dentro de paradigmas que remetem a uma ontologia original,

[111] D'Abreu, Carlos e Rivas Calvo, Emílio (2007) Artigo Alcazarquivir. El enigma (o el rescate Del cuerpo d'el Rey Don Sebastián). Praça Velha – Revista Cultural da Cidade da Guarda – Ano X. Nº 21 – 1ª Série – Julho 2007. Publicação Semestral.

> *Essa repetição consciente de gestos paradigmáticos determinados, remete a uma ontologia original. O produto bruto da natureza, o objeto feito pela indústria humana, não encontram sua realidade, sua identidade, senão na medida em que participam numa realidade transcendente. O gesto não obtém sentido, realidade, senão na medida em que renova uma ação primordial* (Elíade2008:15Tradução da autora)

E nesse sentido o filosofo português Agostinho Morgado[112] explica que, efetivamente, os mitos apesar de terem sido criados numa fase pré-científica do ser humano, superados, portanto pelo advento da filosofia e das diversas ciências, sobrevivem, porém irresistivelmente à usura dos tempos, das civilizações, dos racionalismos modernos, ainda que em formas degradadas e camufladas de diversas maneiras e, constituem assim uma fonte e um meio importante e indispensável, da compreensão globalizante, da realidade total que a humanidade vai perseguindo, ao longo da sua existência terrena e da sua aventura histórica. Morgado ainda explica que, "*Houve quem tivesse querido erradicar o sebastianismo do espírito português por parecer um disparate de mentecaptos"*[113] (Morgado2004:133).

Apesar de todas as opiniões controversas sobre o tema relativo à vida do monarca, a morte prematura originou uma eterna posição no panteão dos mitos portugueses. Esse fato fez com que sua história corresse o mundo, tornando o mito universalmente conhecido e, foi exatamente a importância que sua personalidade mítica adquiriu na corte portuguesa, depois da batalha no Magrebe[114], e a questão do corpo real não ter sido visto, apenas figurando talvez de forma simbólica no templo dos Jerônimos, que se preconizou no imaginário português a idéia que o rei voltaria um dia para compor a corte portuguesa, já numa dimensão mítica. E atualmente isso ainda provoca discussões. E iniciativas como a da antropóloga forense, que apoiada no imaginário que ainda tem a figura do rei viva e forte, busca a verdade, ou seja: serão os restos mortais do rei que jazem no túmulo?

---

[112] Morgado, Agostinho (2004) "Para uma Fenomenologia do Mito Sebastiânico" – artigo– INAUF STUDIA Nº 6, Loulé – Instituto Universitário Dom Afonso III. Pg. 89.

[113] Mentecaptos segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, significa alienados, loucos.

[114] Anotações de campo: Magrebe significa "ocidente" ou "pôr do Sol", como alguns autores árabes se referem a essa região territorial do mundo islâmico, ao norte da África. Possui clima quente e árido, por isso, é uma região pouco povoada, com exceção das planícies e das zonas próximas ao litoral. Os problemas territoriais criados com a composição do Magrebe, formado por três países: Marrocos, Argélia e Tunísia, ou cinco depois que a Mauritânia e a Líbia se anexaram, têm originado muitos debates sobre a constituição de um novo Estado, que seria o Saara Ocidental ou República Sarauí.

Dentro desse recorte, podemos levar em conta que o sebastianismo enquanto idéia ainda se mantém presente com enorme força no imaginário cultural da nação portuguesa, pois vemos que as opiniões encontram um fio comum no que diz respeito à presença do mito na cotidianidade, ou seja, faz parte da cultura do povo ter esse mito como referencia em distintos âmbitos da sociedade, e, sobretudo, a mídia trata de alimentar isso em decorrência de parâmetros culturais arraigados, difíceis de romper, tanto dentro de um universo social intelectual, como no seio da população em geral. Nesse sentido, para concluir este item, cabe aqui uma conceituação sobre idéia em relação direta com cultura, como diria Geertz[115]

> *Ainda que contenha idéias, a cultura não existe na cabeça de alguém. Ainda que não seja física, não é uma entidade oculta. O interminável debate no seio da antropologia sobre se a cultura é 'subjetiva' ou 'objetiva' junto com o intercambio recíproco de insultos intelectuais ('idealista!', 'mentalista!', 'conducionista!', 'impressionista!', 'positivista!')[...] está mal planejado. Uma vez que a conduta humana é vista como ação simbólica [...] perde sentido a questão de saber se a cultura é conduta estruturada, ou uma estrutura da mente, ou até mesmo as duas coisas juntas, mescladas. No caso de uma piscadela burlesca ou de uma fingida corrida atrás das ovelhas, o que tem que se perguntar não é sua condição ontológica. Pois se encontra na mesma condição que as rochas por um lado e os sonhos, por outro: são coisas deste mundo. Aquilo que se há que perguntar é por seu sentido e valor: se é escárnio ou desafio, ironia ou cólera, esnobismo ou orgulho, ou seja, o que se expressa através de sua aparência e por seu intermédio.* (Geertz 1990:24, 25 tradução da autora).

3. CAMINHOS SEBASTIANISTAS MARROQUINOS

O Marrocos atualmente é uma monarquia constitucional, governado por um chefe de Estado, o Rei Mohammed VI. O país está situado no noroeste do norte da África, fazendo fronteira com Argélia, mar Mediterrâneo, oceano Atlântico e o Saara ocidental. A função do Chefe de Governo é exercida por um Primeiro-Ministro, indicado pelo soberano. A Constituição a partir de 1996 adotou o modelo francês, onde o rei detém o poder de demitir tanto o Governo quanto o Parlamento, caso for necessário, mas os partidos políticos da oposição atuam livremente, sendo proibido

[115] Geertz, Clifford, (1990) La interpretación de las culturas. Ediciones Gedisa, Barcelona.

criticar o papel da realeza assim como o fato do país ser muçulmano, além da política com relação ao Saara Ocidental. Recentemente sérios conflitos envolvendo o país abalaram o mundo, indo de encontro aos direitos humanos, trata-se da repressão sem limites ao povo Saarauri, que clama por liberdade, já que consta como a última colônia na áfrica, e está sob controle do governo marroquino. O monarca também tem a função simbólica de comandar os fiéis, além de defender o islamismo. Esse papel de líder espiritual lhe dar legitimidade diante do povo.

Levando em conta o conflito histórico em estudo - relacionado à Batalha dos Três Reis - o prof. Mustafá Akalay Nassar da Universidade de Granada, antropólogo, gestor de Atividades Culturais e Cientificas com o Magreb e o mundo árabe, enviou por correio eletrônico, artigo[116] publicado por ocasião da passagem dos 429º anos desse conflito, no jornal eletrônico "Lemantin.ma", em 03 de agosto de 2007, com o seguinte título: "A Batalha de Oued El Makhazine - uma luta pela soberania nacional" (tradução *de Maria Kerzerho Almeida).*

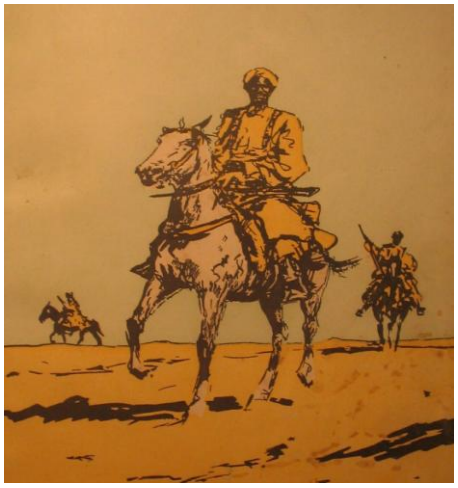
Mas infelizmente, fazendo uma ponte com o que nos mostra o artigo, o Marrocos, além das questões com o Saara ocidental, também vive uma situação caótica com a briga territorial relacionada aos problemas com a emigração. A mídia tem mostrado através da imprensa internacional que a fronteira entre Tanger e Ceuta, configura-se como zona de conflito, e parece longe de ser resolvida. E o pior são os problemas internos gerados e a imagem de um povo deprimido e subjugado pelos aparelhos dos estados envolvidos. E levando em consideração a matéria jornalística recebida, e os enfrentamentos citados, nota-se que o país tem sido cenário de lutas sem fim.

Na verdade pode-se dizer que a jornada da África que pôs fim à vida dos três monarcas, hoje no Marrocos é motivo de orgulho. O texto enaltece o nacionalismo e a defesa da religião, o islã. E, sobretudo faz lembrar às novas gerações a importância desse combate envolvendo os três monarcas, para a supremacia marroquina,

116 Correio eletrônico com link recebido em 06/08/2007
http://www.lematin.ma/Actualite/Express/ArticlePrint.asp?id=73664

Preservação da integridade territorial do Marrocos - O Marrocos festeja hoje o 429° ano da batalha de Oued El Makhazine. Batalha empreendida pelo povo marroquino para defender a soberania nacional e o Islamismo. Esse fato é muito importante para lembrar as novas gerações dos grandes feitos históricos do país. Vale ressaltar, que essa vitoria marroquina foi um desastre material e moral, para as grandes potencias estrangeiras que tentavam a todo custo conquistar o Marrocos [...] A vitoria marroquina conhecida como a batalha dos três reis, põe fim aos desejos expansionistas do povo português. Portugal era na época uma grande potencia militar. E permitiu também, ao Marrocos se impor e fortalecer sua posição no continente africano e no mediterrâneo.[117]

Já em outro artigo publicado no Jornal ABC de Madrid[118], se faz referencia a comemoração da batalha num texto que trata dos conflitos territoriais referentes às duas possessões espanholas no Marrocos, Ceuta e Melilla, e do fracasso de uma manifestação por sua libertação. E em meio a esse assunto se fala no aniversário do fato histórico ocorrido em Alcácer Quibir comemorado anualmente pelo governo marroquino. Mas, hoje, o que se pode observar a respeito da Batalha dos Três Reis, é uma verdadeira ausência de monumentos demarcando a história dessa guerra, onde o soberano marroquino derrota as tropas do rei Sebastião I de Portugal, que desaparece para nunca mais ser visto.



A história mostra que a descoberta do caminho marítimo para as Índias, teve como conseqüência uma série de modificações no que se refere à vida econômica na Europa. Isso transformou Portugal no entreposto dos produtos do oriente, acarretando perturbações para a vida do povo. E fazendo com que o país se deixasse ofuscar por tais riquezas, que ao final não passavam de ilusórias. (ilustração: ***Reprodução da Revista Mauritânia de Tanger).***

O capital não permanecia no país, sendo levado aos mercados estrangeiros como pagamento de produtos de base, necessários à cesta básica da população, já que, infelizmente Portugal não tinha terras produtivas para suprir algumas necessidades. E

[117] Ibidem http://www.lematin.ma/Actualite/Express/ArticlePrint.asp?id=73664

[118] Rabat. Sebastián Basco. Fracassa la campaña anexionista del Istiqlal sobre Ceuta y Melilla – la manifestación fue suspendida por falta de participantes. ABC de Madrid, pg. 23. Domingo 05 de agosto de 1990.

outro problema crucial, se diria que foi no quesito referente às finanças do mercado interno que foram sendo aplicadas nas exageradas expedições às Índias, causando desequilíbrio na economia. Nesse contexto de pura euforia, no Marrocos ressurgiu um movimento religioso, que teve como conseqüência a renovação da guerra santa contra os portugueses.

A guerra da África passou a exigir cada vez mais homens e investimento em capital, que naquele momento não eram compatíveis com os recursos monetários do país, que tinham de ser compartilhados com o desempenho da soberania lusitana no oriente. Nesse sentido o monarca D. João III achou mais interessante para a nação abandonar as praças de menor importância do norte da África, ficando apenas com as que um dia poderiam servir para acionar novos empreendimentos. Esse abandono de certa forma fez com que se renovassem as forças africanas, mas por outro lado foi fator também de insatisfação e desgosto principalmente nas classes dirigentes, pois muitos tinham sua vida e a dos seus antepassados vinculada à conquista e conservação dessas praças. Podemos dizer que esse era um dos pontos que conduzia os rumos da nação no momento em que o Desejado veio ao mundo (1942: 57,58).

4.1. Caminhos marroquinos

Neste item se apresentam algumas narrativas etnográficas de vivências nos caminhos marroquinos, durante as três vezes em que se esteve visitando o país, pisando na terra onde o rei português combateu:

> *Estive visitando o Marrocos em três oportunidades, na procura por fontes complementares, e na tentativa de coletar algumas opiniões sobre a batalha numa ótica marroquina. A primeira vez foi em abril de 2007. Fiquei hospedada alguns dias na capital, Rabat, em casa de amigos. O pai da minha amiga, Sr. Mohamed (in memoriam), na ocasião tinha alta patente do exército da casa real, e me fez o favor de fotografar o quadro que reproduz a batalha dos Três Reis, exposto na sala do Palácio Real em Rabat, já que estava proibida visita turística ao recinto interno da casa, por isso não pudemos entrar, nem tampouco era permitido fotografar nos jardins. Entramos no pátio interno com o Sr. Mohamed, em seu carro oficial com motorista. E eu compulsiva com a câmera na mão, fui proibida sequer de fotografar de dentro do veículo, para não causar problemas ao meu anfitrião, que foi de uma gentileza enorme. Além disso, ele me ofereceu fotocópia de uma enciclopédia antiga*

marroquina, onde um dos verbetes fala sobre a batalha. E algumas ilustrações são utilizadas neste ensaio.

Quadro que reproduz a Batalha de Alcacer Quebir no Palácio Real em Rabat capital do Marrocos, onde se encontra a residência oficial do rei Mohammed VI e a sede do governo.

Depois de passar alguns dias com a família da minha amiga na ampla casa localizada em frente ao oceano atlântico, conhecendo e vivenciando a rotina de uma casa marroquina, com um bom padrão de vida, já que para nós do lado de cá do continente africano, parece algo curioso, o pano cobrindo a cabeça, e as roupas das mulheres de cultura árabe. O costume da casa, sempre com muita gente dormindo amontoada em todos os aposentos, sobre poltronas cobertas com tapetes coloridos, é, portanto distinto do nosso modelo de acomodação, sobretudo no que se refere à intimidade do quarto de dormir. O dia começa cedo. A primeira refeição da manhã, com o cheiro forte do pão caseiro penetrando o nariz, abrindo o apetite, vem sempre acompanhada do chá verde com menta, que é servido em pequenos copos de vidro. O Marrocos cheira a essa mescla de ervas, a canela, curry, e muitas outras especiarias encontradas dispostas de forma atraente nos mercados, em montinhos, lembrando tinta para colorir.

As pessoas da casa se desdobravam para estabelecer formas de comunicação comigo. O gestual não verbal é completamente pertinente nessas horas. Havia momentos em que falavam entre si, e se distinguia perfeitamente três idiomas, árabe, francês, considerada segunda língua, e inglês, já bastante difundida nas escolas. As mulheres em casa possuem uma vivacidade incrível, estão sempre sorridentes, cantando, dançando, e são muito companheiras e confidentes umas com as outras. A presença dos homens é bastante silenciosa, normalmente eles têm um aposento especial, uma sala com tapetes, poltronas, onde podem recitar o alcorão tranquilamente, cumprindo suas obrigações com as orações e a religião, o islã; e ali permanecem a maior parte do tempo, quando estão em casa, e só se reúnem com as mulheres nos momentos das refeições. Quadros com fotos do rei assim como outros com citações em árabe do livro sagrado do islã estão pendurados em todas as paredes. E na casa havia uma peça em papelão com a figura do rei em tamanho real.

Ter status de visita numa casa marroquina é bastante agradável, pois o visitante como figura central, recebe muito carinho e atenção, claro por representar o novo, outra cultura, causa curiosidade. Nas principais refeições a visita é convidada a sentar-se à mesa redonda e começar a se alimentar, enquanto todos da casa se colocam em pé, formando um semicírculo, e só vão se acomodando nos seus acentos depois que o convidado (a) se serve. E nada melhor para relaxar do que as casas de banho coletivo, tanto existem para homens, como para mulheres. A que tive oportunidade de visitar e desfrutar, fica próxima a casa da minha amiga. E está localizada num amplo galpão antigo, com paredes escuras e altas. Há muitas torneiras com jato forte d'água, ao longo das paredes. Mulheres barulhentas e alegres, além de muitas crianças, freqüentam geralmente esses locais, uma vez à semana, levando baldes, sabão, escovas, esteiras para sentar, e muitas se massageiam umas as outras, aproveitando, sobretudo para estarem em grupo, compartindo a vida e se divertindo, pois o banho é uma verdadeira catarse, um ritual da água. A preparação para ir à casa de banho requer alguns procedimentos, por exemplo, a roupa que usei, teve que ser emprestada do guarda-roupa da casa. E os objetos pessoais enrolados num lenço em forma de trouxa.

Vivenciar os dias na casa foi muito importante para um primeiro contato com a cultura do mundo árabe. O pai da minha amiga, uma única vez perguntou (minha amiga servia de interlocutora e traduzia as indagações em árabe que ela considerava mais impactantes) - o que eu achava do islã e do alcorão? Educadamente respondi que tinha o maior respeito tanto por sua religião como pelo livro sagrado, e todos me olharam com simpatia. Confesso que fiquei um pouco apreensiva com o tema levantado, já que tenho minhas próprias opiniões sobre alguns aspectos que envolvem a prática islâmica, mas imediatamente o assunto foi abafado. Eu estava sendo muito bem tratada nessa espécie de imersão, querendo sentir e respirar o mesmo ar nostálgico do país que serviu de palco ao horroroso incidente que ceifou a vida de Dom Sebastião. Eu olhava ao redor e refletia, mas o que estou mesmo fazendo aqui? E me dava conta que buscava respostas que os séculos já responderam algumas, e outras não souberam responder.

Mesmo assim o fato de empreender essa pesquisa me levou a enriquecer conhecimentos e a pisar na história através dessas andanças etnográficas, mesmo sabendo conscientemente que estar na casa não se configurava nada como uma observação participante, pois não era meu objetivo estudar as relações cotidianas da família, de gêneros, nem tampouco o grupo social, mas uma vez ali, aproveitei para adentrar num mundo novo em todos os sentidos para mim, enquanto pessoa, jornalista, pesquisadora e estudando dentro da antropologia aplicada, um aspecto da cultura marroquina relacionado ao fato histórico que gerou o mito messiânico português.(Anotações de campo).

E tendo em vista o que ensina Kathy Charmaz[119] baseada em seus estudos no âmbito da teoria fundamentada, sobre a importância da etnografia enquanto registro da

[119] Charmaz, Kathy (2009) A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Artmed, Porto Alegre.

vida de um determinado grupo, implicando participação e observação sustentadas em um ambiente, comunidade ou mesmo esfera social, que pode se ampliar com a fotografia, mapas, diagramas, entre outros suportes. E em se tratando de um estudo etnográfico, explica que no caso da etnografia, se pretende mais que a observação participante isolada, já que cobre o curso da vida que ocorre dentro daquele (s) determinado(s) ambiente(s) e inclui, muitas vezes, dados suplementares [...]. Os observadores participantes podem limitar o seu foco a um aspecto da vida cotidiana. Ao contrário disso, os etnógrafos buscam o conhecimento detalhado acerca das múltiplas dimensões da vida dentro do ambiente social estudado [...]. O que um etnógrafo deve estudar no campo? Qualquer coisa que esteja acontecendo neste campo. Ao permanecer aberto ao ambiente e às ações e às pessoas que nele se encontram, os etnógrafos têm a oportunidade de trabalhar a partir da base e buscar tudo aquilo que considerarem de maior interesse (Charmaz 2009:40). Levando em conta essa premissa de charmaz, nos deixamos contagiar um pouco nas vivencias e observações, através dessas viagens, o que veio a enriquecer muito alguns aspectos da investigação.

Em Rabat se permaneceu cerca de uma semana. E foi interessante conhecer o perímetro urbano central, a Medina, o Zoco, a Mesquita e os principais monumentos. A cidade tem um comércio desordenado:

> *até minha amiga marroquina tinha receio de entrar em determinadas zonas. Inicialmente com a limitação referente ao árabe, eu andava sempre com muito cuidado para não me perder do grupo, mas fui relaxando e já me atrevia a entrar sozinha no mercado, ir às compras, só que todo cuidado é pouco na hora de escolher um produto, pois o marroquino quando negocia uma venda a um estrangeiro, aproveita para superfaturar no preço.* (anotações de campo)

E observando o burburinho e o vai e vem de uma cidade com uma estrutura toda própria, isso levava a indagar como seria essa nação na época do monarca D. Sebastião: com certeza o rei iria a alguma cafeteria dessas que são freqüentadas geralmente por

homens que fumam e bebem o chá verde com menta. (***Foto ao lado: Regina Clara de Aguiar)***

> *Segui sozinha de ônibus de linha da empresa CTM, de Rabat a Tanger. A viagem dura aproximadamente umas 6 horas, parando para o almoço numa espécie de apoio com mesas, e banheiro. As pessoas geralmente levam sua comida, mas sempre tem um pequeno restaurante onde se pode comprar algum alimento, água, refrigerantes, já que devido ao islamismo é proibido se comercializar bebida alcoólica. Esse deslocamento propiciou ver e apreciar um pouco a paisagem, em muitos trechos, salpicada por rebanhos de ovelhas, e de gado magro nos campos de barro vermelho, pois o pastoreio ainda é base da economia marroquina, além da agricultura, mineração de fosfato e o setor de turismo, que vem crescendo, e é considerado fonte de receita externa do país. Em Tanger onde permaneci por mais tempo nessa primeira vez, não tive nenhum problema com o idioma, já que grande parte da população marroquina da região, fala tão bem espanhol como se vivesse em território da Espanha. Isso se deve ao fato da proximidade fronteiriça, entre os dois países interligados pelo Estreito de Gibraltar. E também pela facilidade com que os árabes têm de lidar com aprendizagem de outros idiomas. É normal se escutar além do árabe - a língua materna - tanto espanhol, alemão, português, italiano e francês. E muitos deles nunca estudaram esses idiomas, aprendem a falar geralmente convivendo com os turistas, por isso são muito hospitaleiros. Quando perguntavam de onde és, e eu respondia do Brasil, sempre riam e procuravam comentar algo em português, como por exemplo, se falava de Ronaldinho, jogador de futebol; ou do carnaval e do samba carioca; das praias, e para ser mais agradável, ensaiavam um "obrigado", ou bom-dia, coisas assim que fazem com que o visitante fique mais a vontade.* (anotações de campo)

Por ocasião da segunda viagem ao Marrocos, primeiro foi feito contato com um historiador, o Sr. Hassan Kéjáiri[120], que vive em Tanger, - por indicação do professor Mustafá Akalay Nasser, da Universidade de Granada. O professor marroquino há mais de dez anos vem se debruçando e estudando essa batalha secular acontecida no areal de Alcácer Quibir. E analisa alguns aspectos sob seu ponto de vista. Fala por exemplo de uma celebração que acontece a cada ano no dia 04 de agosto, data em que ocorreu a

[120] O Sr. Hussein, é um marroquino apaixonado pelo tema da batalha dos três reis, me recebeu em sua casa no Boulevar, grande avenida na zona central de Tanger, e após nos acomodarmos em uma ampla sala com tapetes e almofadas coloridas, enquanto servia o chá verde elaborado tradicionalmente com folhas de hortelã, acompanhado com biscoitos de amêndoas típicos da região, foi baixando da sua estante obras incríveis sobre a batalha (em árabe), que vem colecionando e estudando ao longo de mais de dez anos. Durante a nossa conversa em perfeito português, foi clareando aspectos que depois pude observar em obras da bibliografia consultada (anotações de campo).

guerra, para festejar a vitória marroquina, com palanque e discursos de partidos políticos, como se observa no já citado artigo do ABC de Madrid.

Mas na minha última viagem ao Marrocos, nessa mesma data 04 de agosto em 2009, alugamos um taxi e viajamos até Alcácer Quibir, e não encontramos nenhum tipo de festividade relacionada ao fato histórico. O Sr. Hassan ao lado, explica que as cidades de Tanger, Arzila e Larache acolheram os guerreiros obstinados por essa guerra sem parâmetros em toda a história de batalhas registradas a partir de então. Comenta o fato de que já não existe nenhum vestígio das pegadas da história, referentes ao combate triangular real. (anotações de campo)

O rei Sebastião vértice condutor dessa guerra - conta o historiador - no momento que obteve a sonhada maioridade - ato contínuo - deu início aos preparativos da expedição que iria lutar contra os marroquinos de Fez. Filipe II da Espanha recusou participar naquilo que considerava uma loucura do sobrinho, chegando a adiar o casamento do monarca com uma das filhas, para depois da campanha. O exército português desembarcou em terras marroquinas em 1578. E ignorando os conselhos dos generais expertos em guerras africanas, sob as ordens expressas do rei, guerrilheiro compulsivo, rumou imediatamente para o palco onde se passaria num átimo toda a trama histórica. E acrescenta que a igreja foi a grande força motivadora dessa guerra, e que ao final a população do país ficou bastante reduzida, e que o povo português criou o labirinto da saudade para romper a vergonha nacional, e isso é devido a que o monarca não deu muita importância a opinião dos sábios marroquinos. Completa que o sebastianismo é uma conseqüência de uma psicologia social que traz profundas razões em seu bojo, alimentando a alma portuguesa com sentimentos como atavismo e orgulho exacerbado de um passado exagerado cantado nos versos dos "Lusíadas" de Camões, que glorifica o povo português.

O historiador orientou registrar em fotografia uma maquete simulando a guerra, exposta no Museu do Legado Americano que funciona num antigo palácio na Medina, próximo ao Zoco, em Tanger. O local foi cedido ao governo dos Estados Unidos da América, e guarda uma interessante coleção de pinturas de artistas marroquinos e de estrangeiros residentes na cidade, assim como objetos relacionados com a história marroquina. E nesse conjunto de obras encontramos a representação da batalha no

campo dos Três Reis, onde se deu o combate. A historiografia prega que os portugueses sofreram derrota humilhante, perdendo grande contingente do seu exército. Foi uma grande batalha, onde combateram os portugueses liderados pelo rei Dom Sebastião aliados ao exército do sultão Mulay Mohammed (Abu Abdallah Mohammed Saadi II da dinastia Saadi), contra um grande exército marroquino liderado pelo seu tio, o sultão do Marrocos, Muley Moluco (abd Al.Malik da dinastia saadi), com apoio otomano. O Sr. Kéjáiri diz que até há pouco tempo existiam três obeliscos em memória de Dom Sebastião e dos outros dois reis abatidos, mas infelizmente já não existem. E realmente visitamos a região e não encontramos nenhum monumento fazendo alusão a esse feito histórico.

Maquete Batalha dos Três Reis, exposta no Tangier American Legation Museum. Marrocos
Fotos: Regina clara de Aguiar - Agosto 2007

Já da última vez que visitei o país, viajei com uma amiga brasileira do mesmo programa de doutorado que eu. Saímos da rodoviária de Salamanca por volta da meia-noite e trinta do dia 03 de agosto de 2009 para Algeciras, onde atravessamos de balsa o Estreito de Gibraltar. O ônibus da empresa Alsa, com horário previsto para as 23:50h chegou à plataforma de embarque com um atraso de aproximadamente quarenta minutos, o que fez com que chegássemos ao nosso destino um pouco mais tarde, e em Tanger com menos tempo para negociar a ida no dia seguinte, a Alcácer Quebir.

Caminhos de Alcácer Quibir
Foto: Regina Clara de Aguiar

E naquele dia 04 de agosto de 2009, logo cedo estávamos prontas para irmos, sobretudo eu, em busca das pegadas do rei. Fazia uma bela manhã de sol, quando

as 9:00h o taxista nos esperava na recepção do hotel Pensão Miami, em Tanger, e cobrou o equivalente a 100,00 euros para rodar durante todo o dia, tendo como roteiro, primeiro, Larache, depois Alcácer Quibir e Arzila. Entramos no veículo com um vento cálido batendo nos rostos. À medida que rodávamos saindo do perímetro urbano e entrando na rodovia nacional, que corta todo o país, começamos a ficar um pouco aturdidas e inquietas com o comportamento do taxista, já que ele falava no celular em árabe durante muito tempo, e gritava; e, quando necessitávamos alguma informação não nos respondia ao que perguntávamos. Isso durou longo percurso do caminho, até que se tornou um pouco mais amável, e fomos relaxando e nos deixando levar pela estrada, que lembra muitas zonas da região campestre do nordeste brasileiro, castigadas pelo sol. Ao longo do caminho se via campos de plantação de trigo, girassol, melão, melancia, amendoim, beterraba para confecção de açúcar; e entre Larache e Arzila, muitas áreas propicias a exploração de salinas. (anotações de campo)

Entrada de Alcácer Quibir
Foto: Regina Clara de Aguiar

O trajeto de Tanger até Alcácer Quebir de carro demora cerca de 2:30h. E ao chegar à localidade não havia nenhuma festividade relacionada com o que esperávamos encontrar. A cidade estava toda ornamentada para as comemorações da semana da monarquia marroquina. Então foi negociado com o taxista para nos deslocarmos até ao local onde aconteceu a batalha, ao menos para registrar em fotografia o cenário histórico da campina às margens do rio Oued el Makhazine. E ao final depois de se argumentar muito com o Sr. Mohamed, do taxi, se pagou mais 50,00 euros, totalizando 150 euros o dia.

Nesse meio tempo com o avançar da manhã, o calor aumentou consideravelmente, e o motorista não queria acionar o ar condicionado. Havíamos solicitado que nos enviasse um veículo climatizado, por orientação do recepcionista do hotel que chamou a companhia de taxi. Esse é um problema no Marrocos, pois se combina uma coisa, e afinal além de se pagar muito mais caro, ainda não oferecem o serviço combinado com antecipação. A viagem num certo momento transcorreu monótona, chegou a ser angustiante, estávamos torrando, e não podíamos deixar a janela aberta, pois redemoinhos de areia entravam e varriam nossos rostos, olhos, boca, nariz e incomodava. Fora a temperatura beirava aos 55 graus, infernal. (anotações de campo)

Ao que se refletia sobre a vida naquelas paragens, e o motorista explicava que aquilo era a entrada para o deserto, quando afinal ligou o ar refrigerado e dentro tínhamos uma temperatura de mais ou menos uns 30 graus, mais suportável.

Região onde foi travada a Batalha (fotos: Regina Clara de Aguiar)

Depois de percorrer tantos lugares que marcaram a passagem do monarca naquelas paragens longínquas da campina marroquina, resta a indagação que muitos autores já fizeram, quanto ao paradeiro do rei entronado ainda menino. Mas Dom Sebastião, provavelmente morreu na batalha ou foi morto combatendo, ou ao final. Porém para o povo português de então, o soberano da nação, havia apenas desaparecido.

A conseqüência de tudo isso foi um país órfão de sua autoridade máxima, um reinado de um monarca jovem que foi esperado, louvado e representado toda a esperança de um futuro. Na atualidade quem pode comprovar realmente a veracidade de um passado secular e truncado? Pois à medida que o tempo vai se distanciando do fato histórico na corrida dos séculos, as fontes vão desaparecendo como o próprio corpo do monarca, e além do mais, se adaptando aos novos tempos. E tragado pela oralidade, se cria e recria o mito que se fragmenta em mitemas como: sebastianismo, batalha, morte,

desaparecimento do corpo real em algum lugar do areal marroquino, ou não, e tantos outros, ficando apenas a especulação com respeito às inumeráveis obras existentes em arquivos de todo o mundo na longevidade dos séculos.

Nessa questão relacionada à mitemas[121] nos reportaremos à obra *O Imaginário* de Gilbert Durand que trata entre outras coisas o imaginário como *Bacia Semântica.* Será que podemos afirmar aqui em se tratando do nosso tema abordado nesse estudo, que essa Bacia determina o curso da história, regulada por afluentes que em toda trajetória ao longo dos séculos vem criando, recriando, ressignificando e atualizando o mito, através da repetição, além da diversidade e riqueza das lendas e signos, repetidos e narrados durante a longevidade do tempo mitificado?

Em se tratando de todo esse ambiente simbólico, Durand reverencia Claude Lévi-Strauss, restituindo ao estruturalismo o que há de mais fecundo na sua exploração do mito,

> *De fato, será ele quem apontará a qualidade essencial do sermo mythicus, isto é, da redundância. Como o mito não é nenhum discurso para demonstrar nem uma narrativa para mostrar, deve servir-se das instâncias de persuasão indicadas pelas variações simbólicas sobre um tema. Estes 'enxames', 'pacotes' e 'constelações de imagens podem ser reagrupados em séries coerentes ou 'sincrônicas' – os 'mitemas' de Lévi-Strauss (a menor unidade semântica num discurso e que se distingue pela redundância) além do fio temporal do discurso [diacronia]* (Durand 2001:59,60)

O fato de citarmos Durand serve apenas para pontuarmos o termo mitemas que no conjunto do nosso estudo se vê que há uma infinidade desses grupos, que infelizmente não temos tempo nem espaço aqui nesse estudo, para um diálogo mais profundo, porque entraríamos por um terreno que tivemos o cuidado de não explorar que é o da análise do discurso, passando por toda sua especificidade que claro é de grande importância, porém deixaremos para outras pesquisas que possamos desenvolver futuramente sobre esse tema.

[121] **Durand,** Gilbert (2001). O Imaginário, DIFEL, Rio de Janeiro.

4.2. Falsos monarcas após a derrota marroquina

Antonio Machado Pires[122] lembra que a história do Rei D. Sebastião teve curto reinado constando de um espaço de tempo de apenas dez anos, mas, no entanto, não acaba na manhã tenebrosa de quatro de agosto de 1578 (O.P cit. 1971:59), no areal marroquino, às margens do rio Oued el Makhazine, região considerada porta de entrada do deserto africano, com um sol causticante, lembrando algumas zonas do nordeste brasileiro, já que um equívoco histórico iria propiciar uma série de boatos e lendas, que além de reforçarem a idéia do retorno do rei, foram pontuais no surgimento do mito sebastianista.

Nesse sentido o autor acredita que, sobretudo o aparecimento de quatro personalidades relevantes na época, cada um se dizendo ser o próprio monarca, protagonizando ações específicas em determinados momentos, tiveram grande importância posteriormente na propagação de uma crença que Dom Sebastião estaria vivo[123]. E fazendo um paralelo da vida desses pseudo-reis, que formam parte de um passado registrado nas páginas da história real, se poderia até dizer que foram elaboradas na mente criadora e fértil de algum autor teatral, que consegue elucubrar histórias passadas no mundo paralelo da arte e da literatura.

Esses episódios marcaram o ciclo conhecido como dos falsos reis Sebastião. Pires baseado nas pesquisas que empreendeu por meio de registros históricos e dos cronistas, conta que, por volta da meia-noite do dia da batalha, um pequeno grupo de mascarados, encapuzados, disfarçados ou embuçados[124], chegou a uma das portas de Arzila, e diante das rigorosas exigências de identificação, um dos indivíduos insinuou que seria o monarca D. Sebastião, então imediatamente a porta foi aberta, e o elemento hospedado discretamente. Sendo que a notícia da presença do ilustre desconhecido espalhou-se rapidamente. E o boato de que D. Sebastião estaria vivo e escondido na

[122] Pires, Antonio Machado (1971) D. Sebastião e o encoberto. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. O capítulo 3 trata das "Lendas sebastianistas e encarnações do mito do encoberto: os falsos d. Sebastião".
[123] As quatro histórias dos falsos D. Sebastião se encontram recopiladas da obra de Machado Pires como apêndice ao final.

[124] Segundo o dicionário Online de Português, o termo embuçado significa: disfarçado, dissimulado, encapotado, mascarado. Consulta efetuada em 13/05/2011 no site: http://www.dicio.com.br/embucado/

cidade correu a boca miúda. O autor acrescenta que foram palavras bem fáceis de acreditar, já que seria mais gratificante que *"as notícias trágicas que davam o rei como morto: quod volumus, facile credimus*[125]. E continua, dizendo que a novidade chegou aos ouvidos do corregedor conhecido como Diogo da Fonseca, que se encontrava a bordo de uma frota ancorada em Arzila. O magistrado em seguida - ao saber do que ocorria - efetuou visita ao já considerado ilustre sobrevivente, vindo a descobrir, se tratar apenas de um jovem que sobreviveu na batalha, e se encontrava ferido levemente. E usou esse plano ardiloso para entrar na cidade. Em nota de rodapé, Machado Pires explica que o jovem nesse caso, chamava-se,

> *Diogo de Melo e o seu nome encontra-se na lista dos sobreviventes da batalha, dada por Frei Bernardo da Cruz na Crônica del Rey d. Sebastião (cap. LXXI, p. 292), facto citado por A. Danvila (in Felipe II y el Rey D. Sebastian de Portugal, Madrid, 1954, p. 429). (O.P. cit 1971: 60).*

Segundo Pires, o rapaz assustado por ser acusado de se passar por quem não seria de fato, se alto proclamando rei Sebastião, tentou explicar que apenas dissera *"venho donde estava D. Sebastião"*. E foram empreendidos esforços no sentido de levar o moço para fora da cidade, para isso foi necessário embarcá-lo à noite com muito cuidado, já que

> *o mistério atrai o mistério e tais precauções e desmentidos só aumentaram a convicção da sobrevivência do rei. O equívoco estava lançado e após lançado crescit eundo. O primeiro contributo de crença estava dado, e a crença é a base da imaginação mítica. Começou assim a lenda sebastianista, que tomou o caráter de uma lenda patriótica.*

E em outro trecho Machado Pires explica que,

> *Quando Diogo da Fonseca chegou a Lisboa, logo constou que trazia D. Sebastião oculto no navio (se não mesmo a ferros) e que o rei não aparecia ao povo porque estava envergonhado com a derrota e não queria expor-se à opinião pública. Aguardaria tempo oportuno para surgir, enquanto se esconderia na casa de algum fidalgo...*

[125] Significa "Facilmente se acredita no que se quer". Consulta efetuada em 13/05/2011, dicionário de Frases e Expressões Latinas: http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionário/q12.htm

Nesse caso a opinião corrente seria a de que o monarca ferido e louco se encontrava escondido, envergonhado por causar tamanha desordem, ou,

> *pelo menos, sua consciência estava temporariamente alterada e queria recobrar ânimo no silêncio, na meditação e na penitência. Uma lenda curiosa conta que o rei tinha regressado e se recolhera no Convento dos Capuchos da Piedade, em Sagres, no Algarve*[126]*. Ia-se mesmo mais além: o rei teria partido para a Terra Santa, num longo ciclo de peregrinação e penitência e um dia surgiria redimido para governar o seu povo. São já mais claras as ressonâncias do messianismo do sapateiro Bandarra, cujo Encoberto viria montado num cavalo branco, por sobre as ondas do mar, para trazer a paz e a libertação de todos os males. A lenda do encoberto peninsular, divulgada por via das Trovas do sapateiro de Trancoso, estava a imiscuir-se e a alimentar a lenda sebastianista, dando-lhe caráter messiânico[...]. O messianismo sebastianista tem efeitos imediatos, logo após 1580. Vários são os aventureiros que pretenderam encarnar o "Encoberto" ou, simplesmente, fazer-se passar por D. Sebastião*[127]*. (O.P. cit 1971: 60).*

4. CAMINHOS DO SEBASTIANISMO NO BRASIL

O Brasil tem sido palco de lutas, desde a época colonial. No século XIX surgiram os primeiros movimentos sebastianistas, que aliavam interesses religiosos à esperança de saída da miséria. Muitos desses conflitos foram abafados com sangue. Nesse contexto podemos dizer que essas manifestações tiveram como pano de fundo, idéias como a fundação de verdadeiros paraísos, onde falsos profetas atuavam e agregavam ao seu redor uma legião de homens rudes que vinham de diversas direções, se beatificando com as promessas de mudanças relativas a abundancia, riqueza e prosperidade, tudo que o homem simples, ingênuo e embrutecido pela miséria, fome, falta de oportunidades de trabalho, entre outros males, em épocas de transição política, buscava, na tentativa de encontrar o "paraíso perdido" naquelas plagas nordestinas, e quem sabe uma "Terra sem males", verdadeiramente, um reino onde todas as coisas se materializassem a deriva do pensamento, por um simples toque mágico. E tudo isso foi povoando e enchendo de força e fé o espírito de homens, mulheres e crianças, que aos

[126] O aproveitamento desta lenda encontra-se feito no romance de Aquilino Ribeiro Aventura Maravilhosa de D. Sebastião depois da batalha com o Miramolim (1937). (nota explicativa de rodapé Pires ibdem. cit 1971: 60)

[127] O aparecimento de impostores por morte dum chefe não se verificou só em Portugal; lembrem-se os "encobertos de Valencia", em Espanha, e os falsos Demétrios, na Rússia. Em 1532 um judeu, que se fazia passar por um filho dos reis católicos, já morto, capitaneava um grupo de sublevados em Valência. Sobre o assunto ver Sandoval em História del emperador Carlos Quinto (cit. Por Lúcio de Azevedo, A Evolução do Sebastianismo, p. 20. (nota explicativa de rodapé Pires ibdem. cit 1971: 60).

poucos foram chegando e se juntando num coletivo, construindo casebres e celebrando a vida em rituais diários - tendo no comando -, ou seja, no centro, a figura do falso profeta como guia espiritual, na esperança de um novo mundo. As crenças messiânicas têm essas características, buscam a satisfação dentro de uma cosmovisão imediata e material.

René Ribeiro[128] explica que com a morte e desaparecimento do rei D. Sebastião, elevado a estado mítico, as idéias sebastianistas encontraram, sobretudo em Portugal, solo fértil para se desenvolverem. Cita J. Lúcio de Azevedo assegurando que o autor nos leva a refletir a respeito, quando diz que ainda teve quem se ocupasse em 1820, "*de derrotar o sebastianismo fazendo aparecer o Egrégio Encoberto na pessoa de D. João VI, ao regressar do Brasil"* (Ibidem Ribeiro apud Azevedo 1982:247). E continua Ribeiro,

> *Das Trovas do Bandarra (1530) à identificação de D. Sebastião com o mito do Encoberto e a subseqüente e atribulada carreira política do sebastianismo até seu relativo descrédito em 1813* [...] *a difusão dos mitos sebastiânicos iria passar ao Brasil e aqui motivar movimentos como o do Rodeador (1817-20) o de Pedra Bonita (1838) e o de Canudos (1893-97)*

As manifestações coletivas do sebastianismo em solo brasileiro, porém, só aconteceriam em Pernambuco e Bahia a partir do inicio do século XIX como nos mostra Ribeiro acima. Mas o mito encontrou no Brasil, a fertilidade necessária para se impor dentro da religiosidade popular, certamente trazido por meio dos colonizadores navegantes, na época em que o Brasil colônia, em repercussão à dominação espanhola, da casa filipina, imposta por Castela a Portugal, também permaneceu sessenta anos sob esse domínio (1580-1640). J. Lúcio de Azevedo[129] comenta sobre o patriotismo sagrado português, que a origem de tudo está na crença messiânica de um salvador e que de certa forma o mito messiânico português,

> *surge em um período de aparente grandeza, quando já todavia a estrela fulgente de África e da Índia entrara em declínio; afirma-se na catástrofe em que perdemos a autonomia; alenta-nos na sujeição a Castela* [...]; *Só*

[128] Ribeiro**,** René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: *O Episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista.* Editora Massangana FJN, Recife.
[129] Azevedo**,** J. Lúcio de (1984) A Evolução do Sebastianismo. Editorial Presença, Lisboa.

> *depois esta ingênua crença se foi gastando, aos atritos da razão, sem que todavia de todo se desvanecesse a idéia que a produziu* [...]. *Ninguém acredita já que D. Sebastião venha a ressuscitar; mas poder-se-á dizer que desapareceu de todo o sebastianismo? Nascido da dor, nutrindo-se da esperança, ele é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa"* (Azevedo 1984:7)

Podemos observar que essa aventura chega ao Brasil em forma de relatos bastante peculiares. As histórias do rei desaparecido vão se infiltrando aos poucos na mente do povo, e posteriormente por meio dos sermões inflamados do Padre Jesuíta, Antônio Vieira. Reconhecemos na historiografia consultada que o mito messiânico sebastianista gerou um universo de lendas e histórias verdadeiramente de tirar o fôlego[130]. Esse conjunto da vida do monarca, decodificado de acordo com a mentalidade de homens que lutavam em períodos de transição, por ideais políticos, tendo como bandeira de luta, a fé messiânica em um salvador, veio então a servir de inspiração e pano de fundo para os episódios marcantes ocorridos em solo brasileiro, já nos séculos XIX e XX.

E nos dois principais movimentos - Rodeador e Canudos - se pode fazer uma comparação, que nos leva a buscar uma explicação mais racional para esses conflitos no sentido específico da transição de forma de governo. No caso da guerra do Rodeador, por exemplo, o ajuntamento se deu no período em que se anunciava a mudança do Brasil colônia para império, logo no início do século. E a de Canudos ao final, na passagem do Brasil império para o sistema republicano. Essas mudanças como em todo regime político, se dividiam em posições contra e a favor. E por serem em momentos de forte efervescência política, a presença do falso profeta, anunciando novos tempos, nova ordem social, surgia com mais força ainda.

Mas, na verdade, para falar de sebastianismo, dentro da ótica visionária do mítico Rei D. Sebastião, e do misticismo nos movimentos que marcaram sua presença etérea no país, seria necessário primeiro: observar o rico e fértil terreno da religiosidade brasileira, decorrente do que se considera como tri-hibridação, cultural, étnica, onde tudo se imbrica na formação da cultura de um povo, já que desde a chegada dos

[130] Algumas dessas histórias referentes aos quatro impostores do rei Sebastião, são narradas na obra de Pires, e ao final da tese recopilamos como apêndice.

primeiros colonizadores portugueses assistiu-se à miscigenação em massa com os povos autóctones, ou seja, os índios – os primeiros brasileiros eram filhos de mães índias e homens portugueses[131] – e nas décadas seguintes aumenta a miscigenação com a chegada dos escravos negros africanos, formou-se uma população trí-híbrida. Os portugueses já trouxeram para o Brasil séculos de integração genética e cultural de povos europeus, como os celtas e os lusitanos. Embora os portugueses sejam basicamente uma população européia, séculos de convivência com os mouros do norte de África e com judeus deixaram um importante legado a este povo. Nas palavras de Garcia Canclini[132] o conceito de hibridação pode vir a ser útil em algumas investigações, que possam abranger todo um conjunto de contatos interculturais a exemplo das

> *mesclas raciais ou étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas como a do artesanal com o industrial, o culto com o popular, o escrito com o visual nas mensagens mediáticas* (Garcia Canclini 2008:20 tradução da autora)

E seguindo essa linha de raciocínio concomitante às dicotomias acima, Canclini segue apontando em analogia, questões como a fusão dos colonizadores espanhóis e portugueses, e depois ingleses e franceses com os índios americanos aos quais se acrescentaram os escravos deslocados do território africano. Em todos esses aspectos segundo o autor a mestiçagem é um processo fundador nas sociedades do chamado novo mundo. E aponta alguns países que a semelhança do que ocorreu no Brasil com relação à fusão de crenças, é comum hoje, *"ser católico e participar em um culto afro americano ou uma cerimônia new age" (2008:21)*, tudo em decorrência da tri-hibridação.

Em segundo lugar podemos apontar uma inclinação por se acreditar em forças e crendices exacerbadas, próprias do povo nordestino brasileiro, devido a influencia dos nossos ancestrais os índios, com seu conjunto de crenças e posteriormente dos portugueses mesclados em culturas milenares como a dos celtas e dos mouros. E com os

[131] Ribeiro, Darcy (1998) O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras, São Paulo.
[132] Garcia Canclini, Néstor (2008) Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Paidós, Buenos Aires.

escravos, deuses da cultura africana profunda, foram se mesclando aos santos do cristianismo trazidos pelos colonizadores. E tendo em conta o conceito de Canclini sobre hibridação podemos reforçar esse ponto de vista, a partir das suas palavras que falam de uma intensificação das migrações, além de uma propagação transcontinental de crenças e rituais que "*no século passado acentuaram estas hibridações aumentando a tolerância com relação a elas". (2008:21).*

E por isso somos levados em primeira instancia, a tentar entender essa cosmovisão, como ainda hoje se percebe no nordeste brasileiro, região geograficamente propicia a isso, com aspectos e características que acomodaram, além de fortalecer a concepção, convicção profunda e espera por entidades salvadoras, no sentido de aliviar os problemas causados por secas de grandes proporções, com conseqüências como a fome e outros males, causadores do êxodo interior em direção aos grandes centros. E como bem explica o antropólogo, escritor e médico pernambucano, Valente,

> *[...] o homem, mesmo o de nível cultural elevado, tem sua mentalidade marcada pelo misticismo. Misticismo, cuja intensidade varia conforme o grau de cultura, a capacidade, maior ou menor, de compreender e explicar os fenômenos que a natureza oferece. Misticismo que pode ser reduzido ou acentuado, de acordo com as influencias mesológicas: educacionais, econômicas, sócio-políticas, de natureza animal ou vegetal e climatéricas e telúricas. Influencias que no caso brasileiro, do sertão nordestino, castigado pelo contraste impiedoso das secas e das chuvas copiosas, com suas conseqüências inevitáveis de destruição e de êxodo, fatores de desequilíbrio ecológico, tem agido de modo favorável* (Valente 1963:13).

E partindo da concepção de que na história universal das religiões, nos deparamos com uma crença universal em um salvador, que a humanidade alimenta desde os mais remotos tempos, quando os nossos ancestrais ao vislumbrar os planetas na via láctea, imaginavam ali, um ser todo poderoso! E como os primeiros habitantes brasileiros, os indígenas, reagiam, ao ouvir um simples trovão, por exemplo, acreditando ser, esse fenômeno natural, a presença mágica de uma entidade suprema e justiceira, que castiga ou recompensa. E no nordeste brasileiro, ainda se vive em alguns rincões, dentro de uma cosmovisão singular, fruto de certa ingenuidade arraigada no homem do campo, sobretudo nas localidades rurais distantes dos grandes centros. E mesmo com a avançada tecnologia e informatização dos meios de comunicação que

chegam a essas localidades, o homem com o pé fincado no chão nesses refúgios longínquos da chamada vida urbana, ainda acorda antes do nascer do sol, e enxada ao ombro, vai semear o campo e a noite dorme cedo, mantendo assim um padrão de ligação com a natureza, o que propicia o surgimento de pequenas igrejas dos mais diversos credos. Valente (1963) coloca com muita propriedade a seguinte afirmativa:

> *A presença de 'profetas', 'beatos' e 'santos', que aparecem esporadicamente para adivinhar o futuro desconhecido, resolver situações impossíveis, fazer milagres e dar às criaturas sofredoras o alívio e a tranqüilidade que tanto almejam, é conseqüência deste estado místico que torna o espírito crédulo e sensível aos remédios sobrenaturais* (Valente 1963:15).

E podemos ainda buscar uma explicação em Geertz (1990) [133], que falando sobre cosmovisão dentro de um contexto de religiosidade no interior de um povo, resume seu pensamento na afirmação de que a religião nunca é meramente metafísica, e que em todos os povos, as formas, os veículos e objetos de culto estão rodeados por uma aureola de profunda seriedade moral. E que em toda parte o sagrado não só alimenta como exige a devoção, penetrando assim, com um sentido de obrigação intrínseca, e não apenas suscita ao intelectual, mas também ao emocional, seja em que formato esteja de Maná, de Brahma ou Santíssima Trindade. Segue explicando que os aspectos morais e estéticos de uma determinada cultura, assim como os elementos de avaliação tem sido geralmente resumidos ao termo ethos, enquanto os aspectos cognitivos e existenciais tem sido designados com a expressão de "cosmovisão" ou visão do mundo. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, a disposição de seu ânimo; se trata da atitude subjacente que um povo tem diante de si e do mundo que a vida reflete. Sua cosmovisão é o seu retrato da maneira como são as coisas em sua pura efetividade; é sua concepção da natureza, das pessoas e da sociedade. A cosmovisão contém as idéias gerais de ordem do povo. Os ritos e as crenças religiosas se enfrentam e são confirmadas com reciprocidade; o ethos se faz intelectualmente razoável ao se mostrar que representa um estilo de vida implícito num estado de coisas que a cosmovisão descreve e a cosmovisão se faz emocionalmente aceitável ao ser apresentada como uma imagem do estado real de coisas as quais o estilo de vida é una autêntica expressão. E conclui que

[133] Geertz, Clifford, (1990) *La interpretación de las culturas*. Ediciones Gedisa, Barcelona.

> [...] *Esta demonstração de uma relação significativa entre os valores que um povo sustenta e a ordem geral de existência em que esse povo se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, qualquer que seja a maneira de conceber esses valores ou essa ordem. Qualquer outra coisa que possa ser religião é em parte uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, antes que explícita e conscientemente pensada) de conservar o caudal de significações gerais em virtude das quais cada individuo interpreta sua experiência e organiza sua conduta.* (Geertz 1990:118 tradução da autora)

4.1. Questão política e de fé

Tendo como base os fenômenos históricos ocorridos no Brasil com conotação sebastianista, podemos fazer uma junção plausível entre religiosidade, mito, política, e a enorme desigualdade social que reina na maior parte do ambiente rural nordestino até hoje, para entender que, separados, cada um desses tópicos, tem significação própria; mas em conjunto se ressignificam dentro dos conflitos imbricados numa paisagem humana e social, que trazemos à tona por meio deste estudo. E para uma melhor compreensão desse âmbito de complexidade simbólica, partimos do pressuposto de que o imaginário coletivo é capaz de criar um mundo onírico desejado, possibilitando a realização do sonho de transformação da ordem vigente frente à falta de outras possibilidades. E tendo em conta todos esses fatores, o messianismo encontra terreno fértil para incutir a idéia da vinda de um salvador.

Podemos perceber, aliás, que o efeito religiosidade - ao considerar o homem não somente como ser histórico, mas também como símbolo vivo - levaria a um despertar e a uma tomada de consciência de símbolos e arquétipos arcaicos, vivos ou fossilizados, nas tradições religiosas de toda a humanidade (Elíade1979:38)[134]. E, além disso, pensamos que as práticas envolvendo crenças e religião, têm poder incrível de proporcionar mudança num grupo social ou de forma mesmo individual, e faz parte da personalidade humana, podendo esse assunto ser observado dentro de diversas

[134] Elíade, Mírcea (1979) Imágenes y Símbolos, Taurus Ediciones, S.A. Madrid

disciplinas que tratam de estudar com especificidade o homem. Num contexto da psicologia aponta Jung,

> *Em virtude de que a religião se constitui, certamente, num fator universal de exteriorização da alma humana, subtende-se que todo tipo de psicologia que se ocupe da estrutura psicológica da personalidade humana, terá que ter em conta que a religião não só é um fenômeno sociológico ou histórico, senão também um importante assunto pessoal para grande número de indivíduos* (Jung 1981:19 tradução da autora)

Além disso, podemos observar que a crendice no meio rural nordestino está ligada diretamente às suas práticas culturais, favorecendo o discurso messiânico de gente sem escrúpulos, exploradores mascarados de mercantilistas da boa fé do povo. Acreditamos que esse aspecto relacionado às crenças populares, é ainda devido à repercussão de um efeito negativo gerado pela hibridação triplica, reinante na cultura brasileira. Rodrigues diz que,

> *"em muitos contextos sociais, as práticas e as superstições populares estão misturadas com os dogmas oficiais das Igrejas/religiões instituídas. De acordo com os meios e as circunstancias, tanto as crenças como os ritos, preconizados pelas instituições religiosas oficiais, são praticados e sentidos de maneiras diferentes"* (Rodrigues 2007:80).

Diante da pobreza em que vivem atualmente segmentos da população brasileira, com todo um conjunto de crendices herdadas pelos colonizadores europeus, mescladas com os povos autóctones que viviam em verdadeiros santuários, livres em meio à natureza, e os escravos vindos de regiões místicas da África, com seus deuses - para apaziguar esses terríveis contrastes em que sobrevivem - pessoas simples, humildes e carentes, tomam como elixir da salvação, palavras sopradas por esses falsos pregadores e enganadores de uma fé ingênua que tem como pilar o sobrenatural, e assim conseguem aliviar um pouco o sofrimento e a luta por melhores dias. Podemos afirmar também que essa questão tri-hibrida na cultura brasileira, é uma herança antiga, que vem desde a época do Brasil colônia. Roger Bastide ensina que,

> *a colonização portuguesa repousa, pois, numa base tríplice: latifúndio, monocultura, escravidão. Sociedade aristocrática, com o senhor branco ocupando o cimo, dono de vastos domínios e de engenhos de açúcar – o servo ou o cliente nativo, o agregado, habitando de favor estes domínios,*

> *em situação inferior – e finalmente o escravo negro situado no último degrau desta hierarquia* (Bastide 1959:22,23)

Tendo como referencia o enunciado acima, podemos dizer que o Brasil de hoje cresceu e se desenvolveu em muitos aspectos, podendo ser considerado como um dos grandes centros da América latina, contando com amplas áreas urbanas, metrópoles cosmopolitas, onde gira a economia em torno do capital gerado por intenso comércio e indústrias; mesmo assim em muitas regiões do país, sobretudo no meio rural nordestino, o tempo parece congelado nas palavras de Bastide, pois apesar de ter sido abolido o regime escravocrata africano no século XIX, se observa ainda outro tipo de escravidão velada, ou seja, na exploração da mão de obra do trabalhador tanto no que diz respeito ao operariado urbano ou ao homem do campo - e uma questão complicada se encontra na inumana exploração infantil - e outro item seria a prostituição, entre muitos outros, dentro dessa analogia, que não vamos repetir aqui, citamos alguns apenas para pontuar uma realidade, porém nesse sentido a lista é interminável.

E podemos complementar essa linha de pensamento, voltando às questões que pontuam esse item, política e fé, e numa abordagem de religiosidade popular, buscamos a afirmação de Valente, de que num sentido universalista a doutrina messiânica passou por uma transformação, ou seja, uma espécie de filosofia ou de doutrina do bem estar e da felicidade, assumindo assim forma política ou social (Valente 1963:36). E em outro sentido teve de perder os aspectos realmente religiosos, conservando, porém o élan, o fervor, o fermento e o entusiasmo, que caracteriza sua configuração mística. Sendo o misticismo sua constante. E continuando nessa corrente de pensamento, explica,

> *A experiência histórica tem registrado o entrelaçamento entre o messianismo estritamente político, visando apenas o melhoramento de determinado povo ou nação, e o de âmbito mais largo, tendo como objetivo não somente a salvação de um grupo político, mas de toda a humanidade. Neste caso, a doutrina messiânica de finalidade limitada, a que visa apenas o bem estar político de um grupo, geralmente precede o messianismo universal. O bem estar e felicidade do mundo vão depender do bem estar e da felicidade de um grupo* (Valente 1963: 35,36).

Entre os estudiosos dos movimentos sociais, há uma tendência em associar o surgimento de novas crenças no sentido de fé e religiosidade, às crises sociais. No mundo lusitano, por exemplo, o sebastianismo esteve sempre ligado a momentos de

conflito nacional, como foi o caso do domínio espanhol, durante sessenta anos. E da ditadura Salazar, entre outros. Alguns políticos usam ainda o discurso do mito em suas campanhas de salvação da pátria.

E podemos observar que o messianismo político teve sua 'performance' mais cruel no discurso nazista de Hitler, considerado grande orador, com força de *messias político*, que fez do mito racista seu principal argumento de convencimento para aceitação de uma suposta linhagem superior, a única que estaria em condições de receber o privilégio de bem estar e felicidade, a estirpe ariana[135].

Vemos que num sentido oposto, numa contemporaneidade mais atual, seria o ex-presidente do Brasil o social democrata Luis Inácio Lula da Silva[136], eleito pela primeira vez em 2002. E em conseqüência da sua vitória eleitoral, foi considerado um Sebastião pós-moderno que chegou ao poder ao reverso, para impor toda uma ordem, dentro de um sistema político caótico e desordenado. Algumas correntes de pensamento, viam em sua imagem traços de um sebastianismo redivivo (Godoy 2005:21). Lula naquele momento representava a salvação em meio ao caos, e a ilusão de que ser homem nordestino, tarimbado operário metalúrgico, bastaria, para entender e resolver os problemas socioculturais e econômicos, vigentes nos mais diversos rincões de um país com contorno territorial gigante.

Com relação ao primeiro exemplo, o segundo poderia ser considerado positivo, pois mesmo que Lula da Silva como representante máximo da nação não tenha podido cumprir todos os objetivos da sua plataforma eleitoral, ditados diante de um povo totalmente crédulo, ele pode ser considerado um *messias político* pela sua forma de atuar na época da campanha eleitoral, quando seus discursos - sensíveis, calorosos e inflamados - reuniam número considerável de eleitores em passeatas, nas ruas e praças públicas do país, e uma platéia em verdadeira catarse, enquanto Lula se rasgava numa oratória puramente messiânica no palanque.

---

[135] Nota de rodapé 7 citada por Valente (1963:35).
[136] Godoy, Marcio Honório de na sua obra Dom Sebastião no Brasil, faz essa citação dentro de uma cronologia do sebastianismo no Brasil.

Sendo assim podemos ver que o caráter messiânico identificado em alguns movimentos envolvendo misticismo e religiosidade no Brasil, pode se evidenciar com relação às necessidades de transformação social que o povo brasileiro desde a colonização, como foi visto aqui, vem empreendendo, objetivando mudar toda uma realidade. E sendo assim, o apego às práticas religiosas de alguns meios sociais, se confunde diretamente com o discurso político de alguns candidatos que pregam a possibilidade de mudança, personificando os anseios populares.

Voltamos à questão da difusão do rádio entre populações carentes e no meio rural, que formam ainda a maior audiência de programas radiofônicos no Brasil. A intenção visa exemplificar que, apesar de vivermos uma época caracterizada pelo desenvolvimento das telecomunicações e informática, que funcionam como uma janela aberta para o mundo com essas modernas tecnologias e evolução dos meios de comunicação, o rádio, veículo de fácil manuseio, detentor de grande poder de influenciar a opinião pública, manipulado pelo messianismo ou utilizado em campanhas de cunho político, tem sua tribuna e microfones desvirtualizados em favor desse proselitismo que gira ao redor de um líder carismático, ou de um político corrupto, sem escrúpulos. Ambos com a promessa de mudança em segmentos da sociedade, que expressam valores como insatisfação com o mundo e forte desejo e busca por reforma, e sequer, muitas vezes, são conscientes de suas necessidades básicas. Infelizmente por ser acessível a essas populações menos favorecidas, consegue absorver a massa ouvinte de cariz excluída. Por ser ainda um meio com poder determinante e repercussão, em conjunto com organizações populares e movimentos sociais, exerce extrema penetração junto às camadas excluídas da sociedade, sendo por isso objeto facilmente manejado por pregadores locutores que se apropriando de um sinal para transmissão de suas predicas evangelizadoras, capitalistas, conseguem dessa maneira uma aproximação contundente com grande fatia de público, desvirtuando o verdadeiro sentido e objetivo da existência desses meios e do espaço conquistado em favor dos excluídos socialmente numa longa trajetória. E sendo assim o grupo social atingido com uma programação messiânica, perde seu potencial representativo nesse meio de comunicação, manuseado por esses falsos messias da comunicação. E tendo em vista muitas conquistas legais que a pressão dos movimentos sociais conseguiu realizar, muitas rádios que tem conotação comunitária são inviabilizadas. E é uma lástima já que essas rádios buscam junto ao

poder público, evitar mais exclusão social. E acontece que por pressão desse mesmo poder público muitas dessas rádios comunitárias que fazem trabalho de excelência junto às populações carentes, deixam de funcionar, sendo paralisada a voz que vai pelo ar tentando ajudar pessoas que vivem em total anonimato na sociedade. E toda essa realidade, encontra justificativa principalmente, em motivos políticos e econômicos. E se conseguem manter-se por algum tempo, tornam-se canal para divulgação de idéias messiânicas de igrejas com fim lucrativo via dízimo.

4.2. Messianismo sebastianista nordestino

Esses movimentos envoltos em religiosidade e desfecho trágico refletem toda uma insatisfação social de populações carentes. E no caso das guerras com inspiração sebastianista, essas idéias ingênuas, tiveram fim em suas respectivas épocas, com a intervenção violenta de tropas militares do governo, objetivando acabar com os agrupamentos que se formaram em torno dos profetas sertanejos. Segundo entende René Ribeiro, o conjunto de pensamento sobre tema tão vigoroso, havia sido objeto de efervescentes debates em Portugal durante longo tempo e não estavam totalmente esquecidos no principio do século XIX[137],

> *Com raiz na tradição judaico-cristã do* millenium*, veiculada no livro das Revelações e no Apocalipse com a previsão do estabelecimento do Quinto Império do Mundo, após a vinda do Messias, e o reaparecimento das tribos de Israel perdidas, as idéias messiânicas e milenaristas difundiram-se na Europa cristã e motivaram inúmeros movimentos populares à época das cruzadas, quando não algumas destas.* (Norman apud Ribeiro 1982:246).

Poderíamos comparar o idealismo messiânico desses falsos pregadores do sebastianismo, com um discurso praticado dentro de mobilizações organizadas de grupos que lutam pela terra, a exemplo do Movimento dos Sem Terra - MST e do tipo - pró reforma agrária -, além de muitas outras ações de grupos excluídos totalmente da sociedade, visando uma melhor qualidade de vida. Sobre isso nos diz Antônio Câmara num texto bem atual, onde analisa os movimentos camponeses que,

[137] Op.cit Ribeiro (1982)

> *No caso do Brasil, os Sem-Terra problematizam o futuro do país com seus milhares de marginalizados, ou excluídos, oriundos do campo, vítimas de políticas agrárias e agrícolas que favorecem os latifundiários. Por outro lado, o seu movimento tem um passado cujas origens encontram-se no alvorecer do Brasil contemporâneo: nas lutas de Canudos, Contestado e, mais recentemente, nas Ligas Camponesas*[138].

O sebastianismo, como já foi observado, portanto, está dentro de um contexto de messianismo, e este, relaciona-se com a idéia da crença em um messias salvador. Isso é alimentado na credibilidade que se emprega ao líder espiritual, como alguém de poder e capacidade de transformar a ordem existente. Num sentido metafórico seria como um soberano que governa seus súditos, acabando com toda exploração a que são submetidos enquanto homens simples e trabalhadores, muitas vezes em regime subumano. O mito assim cria e recria realidades, no espaço temporal que pode até ser o presente. E é aí, onde todas as possibilidades de transcendência parecem possíveis, e o messianismo tem atuação dinâmica, seja através da promessa da ressurreição no caso do rei Sebastião, ou apenas, enquanto mudança social de aspectos socialmente deprimentes. Atuando assim, representa a concretude de uma lógica só possível se analisada dentro de parâmetros como os existentes em circunstancias envolvendo extrema pobreza.

As crenças messiânicas realizam desse modo, uma catarse coletiva, buscando diminuir tensões sociais na medida em que oferecem esperança ilusória, de transformação do real. Doutrina messiânica ou profissão de fé, o mito religioso ou mágico nasce dessa necessidade coletiva, e possui leis próprias que refletem as inquietações do homem diante da vida e do mundo. No sertão nordestino, podemos dizer que a seca é grande geradora da fome e da miséria que até hoje perdura e dizima grande contingente da população de sertanejos, e isso ajuda aos pregadores na tarefa de juntar o povo, como rebanho de ovelhas perdidas. E levando isso em conta, os falsos profetas do sebastianismo, no meio nordestino, encontraram esse apoio, e reforçaram seus discursos de encontro a algo semelhante a "*terra sem males*", pela qual os índios tupi-guaranis ansiavam como já foi abordado no primeiro capítulo.

---

[138] Antônio Câmara é professor ºde Sociologia da Universidade Federal da Bahia - UFBa. Revista: Olho da História Nº 3 – UFBa, *"A atualidade da reforma agrária - de Canudos aos Sem-Terra: a utopia pela terra".* Consulta efetuada em 14/12/2005 ao site: http://www.oolhodahistoria.ufba.br/03camara.html

E esses falsos místicos, anunciando a vinda de melhores dias, com um discurso inflamado e incrível poder de comandar, liderar, persuadir e convencer a massa, aproveitando o momento de controvérsia política, e apropriando-se de palavras de ordem, inflamadas de fé e promessas de recompensa para aqueles que acreditassem na possibilidade de se transcender para uma realidade ilusória, foram seguidos por gente humilde, dos mais diversos segmentos da pobreza, portanto abertas a todo tipo de crença que levasse a mudar a dura realidade, e com certeza na busca de encontrar o paraíso perdido, onde a felicidade seria a possibilidade de igualdade, numa sociedade de desigualdades, miséria, falta de terra para plantar, e oportunidades que fazem o diferencial, além de paradigmas para uma melhor qualidade de vida. E assim, nessas localidades quase inacessíveis, verdadeiros santuários naturais, fundaram seus arraiais.

Em meio à pobreza dos fanáticos e a pregação do místico, o profano e o sagrado se confunde, numa prática de rituais impostos pelos pregadores, ou de acordo com as palavras de Mírcea Elíade, que explica o significado dessa dicotomia como *"o contraste entre o que é real e o que é irreal, ou seja, o que é pseudo-real* [...]" (1973:16). A realidade mágica transpondo as portas da percepçao da pura realidade, ou ao contrário, a realidade cruel buscando a magia da plenitude numa terra como descreveu Euclides da Cunha (1945)[139] na sua obra rara "Os Sertões", que aqui transcrevemos um trecho sob seu olhar crítico de sertanista insatisfeito e aflito com o cenário natural da região nordestina de terra endurecida, onde

> *Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquele último rio, está-se em pleno agreste, no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem solitários, cereus rígidos e salientes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de desertos. E o facies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente...*(Cunha 1945:13)

Outro autor, Suassuna construiu à força da literatura, palácios e reis habitantes de um reino no coração do agreste pernambucano, onde o personagem Quaderna transita entre o comico e o risivel, a espera que o desejado se incorpore ali, sob o sol abrasador, e lute por reverter toda uma situação de caos, ordenando e renovando as

[139] Cunha, Euclides da (1945) Os Sertões. Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.

expectativas dos sertanejos em estado de profundo transe e angústia. Nesse sentido Aparecida Nogueira[140] que escreveu obra de impressionante sensibilidade sobre o autor, analisa todo um ordenamento de espaço caotico na paisagem nordestina refletida, e a partir do mundo suassunense, trazendo a metafora de que "*No deserto infinito movido por um sertão universal, a esperança da ressurreição reside na festa da terra, do fogo, da pedra e do ferro* [...]*."* Nogueira com isso ousa abrir uma fresta como um contraponto, significando uma saida burlesca em direção a confusão de toda uma região maltratada por falta de oportunidades sobre o chão árido da caatinga.

E voltando a Eliade, como um dos grandes autores, estudiosos das religiões, entendemos que o homem religioso se esforça muito por manter-se no universo do sagrado, burlando a realidade em que está imerso, à força de uma resistencia própria, além da capacidade de sobrevivencia. E sobretudo podemos observar que no caso especifico do nordestino, considerado por alguns autores como *cabra da peste*[141] isso é mais forte, até por conta do cenário onde a vida se desenvolve, e somente é possível sobrreviver com muito trabalho e suor, além de enorme dosagem de fé; e muitas vezes o solo molhado de sangue. E em contraposição a essa forma de viver no sagrado, o autor mostra que o homem privado desse sentimento de religiosidade, deseja viver num mundo não divinizado, onde a realidade, ou seja, o lado profano possa ter função de eixo condutor da sua vida. O nosso ponto de vista sobre essa questão em relação ao tema em estudo, é que o homem vivendo no sagrado, porém travestido de falso profeta, avido por explorar a ingenuidade e simplicidade da gente humilde, ou como poderemos constatar no item seguinte, onde abordaremos os casos mais importantes de movimentos sebastianistas no Brasil, o próprio pregador nesses casos específicos, também é ator de uma mesma ordem social, como os fiéis que lidera, apenas está do outro lado, assumindo ares de comando, de um rei taumaturgo transitando num universo mágico, e que pode, partindo dessa forma de relacionar-se com um mundo transcendente, manipular a esperança do povo, e aqui ousamos dizer que como um xamã que cura, promete sanar as aflições do meio onde atua. E somente a titulo de conclusão desse pensamento relacionado ao mundo empirico da religiosidade, podemos nos apoiar

[140] Nogueira, Maria Aparecida Lopes (2002) Ariano Suassuna o Cabreiro Tresmalhado. Editora Palas Athena, São Paulo.

[141] A expressão *cabra da peste* é utilizada para designar o homem valente, forte e destemido que vive no sertão, na caatinga e enfrenta as adversidades do calor e do chão ardente nordestino.

novamente em Mircea Elíade, para um enfoque diacronico dos termos - sacro e profano -, que nos orienta a observarmos "*que o mundo profano em sua totalidade, e o cosmos completamente dessacralizado, é um descobrimento recente do espirito humano". (1973:16).*

Focalizando a discussão em tela, acreditamos que nesses locais distantes dos grandes centros urbanos, o divino proporcionando a espera de um salvador, tem relação direta com o profano, numa dimensão representativa da figura do falso pregador sertanejo, ao se apropriar de forma indevida das convicções profundas do povo, sendo parte do mesmo tecido social. E ao fazer essa gente simples acreditar no seu discurso, está legitimando e de certa forma alinhando o falso profeta ao soberano, detentor de transformação e poder. Buscamos em Balandier uma explicação, quando este se refere ao período dos começos, em que a monarquia emerge da magia e da religião, ou seja,

> *A sacralidade do poder se afirma igualmente na relação que une o sujeito ao soberano: uma veneração e uma submissão total que a razão não justifica; um temor da desobediência que tem o caráter de uma transgressão sacrílega [...]. A presença do rei-deus, do rei por direito divino ou do rei taumaturgo não é uma condição necessária ao reconhecimento desse laço existente entre o poder e o sagrado* (*Balandier* 1969:115 tradução da autora).

Levando em conta a observação acima, podemos dizer que no caso nordestino dos falsos pregadores, de certa forma detentores de uma força de comandar as massas de sertanejos naquelas ocasiões, onde a fé seria respeitada como a porta de uma nova dimensão, a dicotomia - poder e sagrado -, é totalmente relevante, se configurando como circunstancia absolutamente precisa. E pode-se dizer que a formação de massas compactas de agrupamento humano, naqueles movimentos de puro messianismo nordestino, criou uma força que inquietou o espírito do poder hegemônico.

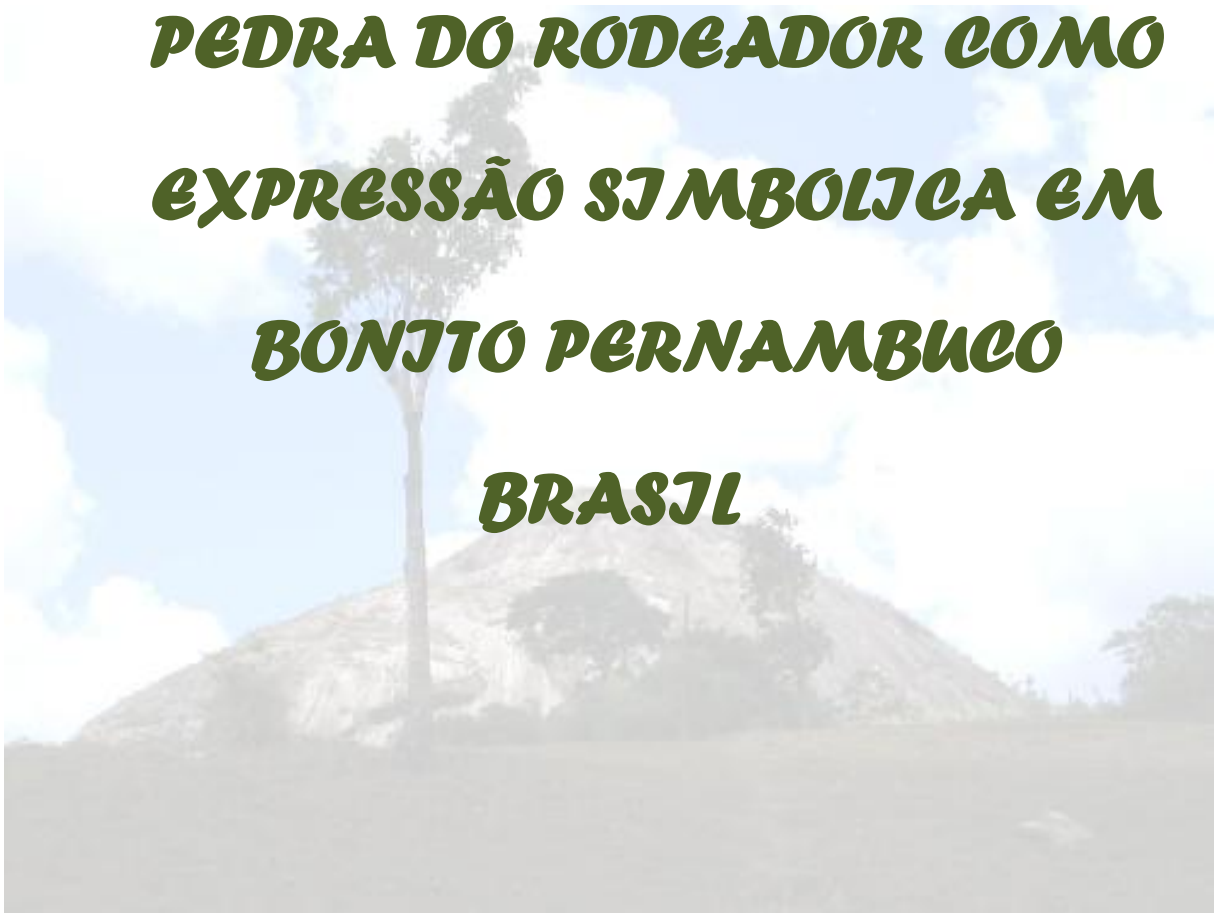
E a repercussão nos ajuntamentos considerados de caráter sebastianista no nordeste brasileiro foi tamanha, que a elite dominante tomou medidas régias e rígidas, que acabou no enfrentamento violento, e em tragédia, pesando para o lado considerado socialmente frágil. Mas não resultou ser fácil para as tropas militares tanto do governo colonial, como do imperial, que sofreram baixas incríveis, levando-se em conta o arsenal de armas com que lutavam, em relação às ferramentas utilizadas pelos fanáticos

matutos[142]. com relação ao uso da força física, gerando violência, Balandier[143] atesta in L. Heusch que: *"Todo governo, todo soberano é em diversos graus* [...], *tanto depositário de uma força física coercitiva como sacerdote de um culto da força" (1969:117).* Segundo o autor citado, uma análise rigorosa impõe contemplar por um lado a sacralização de uma ordem necessária a segurança, e por outro o recurso à força, permitindo legitimar no sentido pleno da palavra, um vigoroso poder.

[142] Matuto segundo o Dicionário eletrônico Houaiss3 da língua portuguesa 1.0, diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito, falta de traquejo social.
[143] Balandier, Georges *Antropología Política. 1969:117*

CAPÍTULO III

ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PEDRA DO RODEADOR COMO EXPRESSÃO SIMBOLICA EM BONITO PERNAMBUCO BRASIL



Caminhos do Rodeador
foto: Alcides Ferraz 05 agosto 2008

Em suas dilatações e em suas pontas,
em sua terra arredondada
e em seus rochedos,
a montanha é ventre e dentes,
devora o céu nebuloso,
engole os ossos do temporal
e o próprio bronze dos trovões
(Gaston Bachelard)[144]

Neste capítulo temos como foco central o estudo específico e etnográfico no mundo empírico, do sebastianismo no *Rodeador*. Visto sob a ótica de alguns moradores indicados através de uma reunião realizada na sede do município com membros de diversos segmentos da sociedade bonitense, e que ao final indicaram pessoas consideradas preparadas para responder aos questionamentos aplicados.

Os capítulos anteriores são como uma amostra dentro de um contexto da história, a partir de um panorama do macro ao micro, visando conceituar o mito messiânico sebastianista. Só para situar e lembrar, o mito trata da crença no regresso do monarca Dom Sebastião, ou na vinda de outro chefe salvador em prol de sanar problemas enfrentados na nação lusitana portuguesa, nos idos do século XVI.

Este estudo tem como base também, a religião como fenômeno social, de crenças, e subsistema cultural, de primordial importância na análise das sociedades humanas, e caracterizada por três níveis principais: "a) *teorético*[145] *(sistema de crenças); práticas (sistema de rituais); social (sistema de relações sociais)* (Wach, Joachim apud Rodrigues 2007:52)[146]. No caso estudado acreditamos que estamos mais próximos da questão social do fenômeno religioso numa dialógica dentro de um prisma

[144] Bachelard**,** Gaston (2001:149)
[145] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa o termo teorético se refere à teoria.
[146] Rodrigues**,** Donizete: Edições Afrontamento 2007

relacionado aos movimentos enfocados neste trabalho, enquanto referenciais simbólicos do sebastianismo no Brasil. E um elo de ligação estabelecido entre os homens acampados no arraial sebastianista e as relações com o divino e a divindade mitificada no mítico monarca D. Sebastião.

Para um embasamento teórico, neste capítulo vamos nos basear na definição de Geertz,[147] quando fala da teia de significados, para entender que nesse aspecto, a Pedra, cenário do fato histórico do *Rodeador*, se configura como expressão simbólica do conflito sebastianista no século XIX, enquanto cultura imaterial local. O autor defende o conceito de cultura como essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, diz: "*assumo a cultura como sendo essas teias [...] como uma ciência interpretativa, à procura do significado". (Geertz 2008:4)*

E na direção da teia, encontramos o conceito de nó górdio[148] - que também se utiliza para a união dos fios na rede de pesca. E num sentido figurado pensamos que a idéia de deslocamento desses fios dos pontos na rede, seria como o entrelaçamento das diversas culturas. Segundo Morin[149] pode ser os encontros das disciplinas.

Na concepção do autor, dentro de um ponto de vista das culturas arcaicas, não há um espaço e um tempo propriamente míticos; há um desdobramento mítico do espaço e do tempo na manutenção da sua unidade, e quem quer que exerça os dois pensamentos, o empírico/técnico/racional e o simbólico/mitológico/mágico, vive naturalmente de

[147] Geertz**,** Clifford, A Interpretação das culturas. LTC, Rio de Janeiro

[148] Nó górdio se refere a uma lenda do século VIII a.C., sobre o rei da Frígia, que segundo conta, morre sem deixar herdeiros, sendo o oráculo quem anuncia que o sucessor chegaria à cidade num carro de bois. O novo rei chamado Górdio, um pobre camponês escolhido pelo povo para rei em obediência à profecia do oráculo, chega numa carroça, com a mulher e o filho. E tornando-se rei, dedica a carroça à divindade, amarrando a uma coluna no templo de Zeus com um nó impossível de ser desatado, que ficou conhecido como o famoso nó górdio. E se dizia que, quem fosse capaz de desatá-lo, tornar-se-ia senhor de toda a Ásia Menor. Muitos tentaram em vão, até que Alexandre Magno, o Grande, visitando a região e após ouvir murmúrios sobre um nó que se desatado tornaria o autor senhor de toda a Ásia Menor, resolveu ir ao templo de Zeus, e após observar bem, tentou também desatar o nó, com o mesmo insucesso dos outros, até que se impacientando, arrancou da espada e cortou-o. Quando depois, conseguiu subjugar toda a Ásia Menor começou-se a pensar que ele cumprira os termos do oráculo em sua verdadeira significação. Consulta em 15/08/2011 link: http://www.lunaeamigos.com.br/mitologia/midas.htm

[149] Morin, Edgar (1988) El método III El conocimiento del conocimiento. Cátedra, D.L. Madrid

maneira una e dupla, a consubstancialidade de dois mundos diferentes. A conjunção destes paradigmas-chave produz 'nós górdios', que podem se associar estreitamente para constituir as grandes categorias do pensamento mitológico, que segundo Morin seriam em primeiro lugar a do divino e a do sacrifício, apontando que,

> *O sacrifício é um nó górdio mitológico de uma riqueza inaudita, que desafia o entendimento racional [...]. E tanto compreende o sacrifício voluntário quanto o sacrifício imposto a uma vítima [...]. Pode ser sacrifício para a coletividade ou sacrifício para os deuses. Leva em si a virtude regeneradora ou fecunda da morte/renascimento e a virtude de agradar aos deuses. Profundamente inscrito no universo empírico pelo ato concreto da morte, profundamente inscrito no universo mitológico como rito de renascimento/fecundidade e como oferenda ao sobrenatural, o sacrifício situa-se na encruzilhada de dois universos, não formando mais que um, unindo um e outro num ato sangrento [...], em que o sangue da vítima renova periodicamente [...] o pacto de vida e morte entre o mito e o homem*. (Morin 1988:177,178)

No nosso caso em estudo o nó górdio estaria centrado de certa forma, interligando o mundo nos diversos mundos relativizados, num sentido de Interculturalidade. E onde no seio de práticas culturais foram gerados os movimentos sebastianistas no Brasil que trazem essas categorias tanto do divino como do sacrifício, de vida e morte. Tomando corpo em forma de conflitos fundamentados no messianismo e em outros dogmas, e que no caso brasileiro teve como ponto de partida o *Rodeador*.

Levando em conta a categoria relacionada ao sacrifício que fala Morin, observamos que foi derramado muito sangue das vítimas em luta sacrifical no *Rodeador*. E no caso do movimento da Pedra Bonita, como vimos que também aconteceu em Pernambuco, em seguida ao do *Rodeador*, os sacrifícios foram concretos. Lembramos que o líder imbuído de um sonho místico solicitou aos fanáticos, sangue humano para lavar a rocha em forma de altar na Pedra Bonita. E até hoje o local é conhecido como a mesa do holocausto. E assim dessa forma, se abriria a brecha dimensional, dando passagem ao monarca em forma de entidade ávida por sangue. Essa imagem do sacrifício condiz com o pensamento *simbólico/mitológico/mágico*.

Tendo por base essas categorias que nos fala Morin, podemos dizer que o mundo empírico do sebastianismo no *Rodeador*, envolvia de certa forma o sacrifício, já que os amotinados do arraial também se autoflagelavam a exemplo de penitentes que saem nas

ruas do Brasil em muitas localidades durante a quaresma, se açoitando ou utilizando outras formas de autopunição, o que nos parece desumano. E todo o sangue derramado em nome da luta - estaria dentro do mundo *empírico/técnico/racional. Esse ato* denominou um pequeno arroio, até hoje conhecido como o riacho do Sangue, no entorno da Pedra, que segundo os mais antigos contam, o sangue corria de bica, na noite do horroroso massacre, e isso é fato concreto segundo a historiografia local.

Assim, acreditamos como Geertz que a cultura efetivamente se constitui num emaranhado de entrelaçamentos de símbolos. E atua ativamente como numa simbiose de significados e significantes, ou seja, o conjunto que forma a semiologia. E podemos nos apoiar também na antropologia como área da ciência, que trabalha o homem de forma integral, no que diz respeito à ciência e cultura humana.

Encontramos uma opinião latente em Lévi-Strauss[150] no capítulo "*O encontro do mito com a ciência",* onde o autor fala ser absolutamente impossível conceber significado sem ordem. E podemos dizer que esses conflitos sebastianistas brasileiros, tem significados que encontram por base toda uma ordem vigente, seja da pobreza, do social, do governo e da busca por melhores dias. E para completar, retornando ao caráter divagador do mito, lembra que,

> *as histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco em todas as partes. Uma criação "fantasiosa" da mente [...].* (Lévi-Strauss, op.cit 1990:30 - tradução da autora).

E em direção a teia é pertinente citar a obra de Baktin[151] *"Cultura popular na Idade Média e Renascimento"* indagando se esses pregadores sebastianistas, falsos profetas, lunáticos, envoltos numa atmosfera de puro misticismo ou simplesmente sábios, poderiam ser comparados aos personagens populares de Rabelais, colhidos direto da praça pública na idade média? Baktin faz referencia a Rabelais como um dos autores do renascimento que centraliza sua obra na praça pública, em transgressores, vagabundos, prostitutas, pregadores, e ao que pode ser reconhecidamente popular. Na verdade Rabelais bebeu das fontes populares. E acreditamos que esses falsos profetas

[150] Lévi-Strauss, Claude (1999) *Mito y Significado*. Alianza Editorial, Madrid.
[151] Bakhtin, Mikhail (1987). *A Cultura Popular Na Idade Média e no Renascimento*. Hucitec, São Paulo.

atuando num cenário natural abrasador, refletindo o sol vermelho na terra dura pela falta d'água na caatinga nordestina, seriam modelos a serem reproduzidos por Rabelais. E esse caráter peculiar imagético da sua obra, explica a força da praça pública, que aqui em osmose transferimos para o cenário do século XIX, na atuação dos falsos profetas no interior do Brasil.

1. PEDRA IMAGEM SIMBÓLICA DO SEBASTIANISMO NO RODEADOR

Pedra do Rodeador
Foto: Alcides Ferraz

Enfocando a força da imaginação nos seus estudos sobre imagem, Bachelard[152] parte do pressuposto de que toda imaginação - é um jorro de possibilidades - jogo ou embate entre forças humanas e materiais. Trabalha a teoria da imaginação, a partir dos quatro elementos – água, terra, fogo e ar - , ensina que é pela imagem "*que o ser imaginante e o ser imaginado estão mais próximos"*. (Bachelard op.cit 2001:4). Sendo assim poderíamos afirmar que a imagem da Pedra pela proximidade exerce um fascínio onírico entre os moradores do entorno, com respeito ao fato histórico. Muitos sequer entendem o que ocorreu ali, mas mesmo assim o tema provoca num certo sentido muitas indagações que poderíamos dizer estão nessa dicotomia entre o real e o irreal.

A matéria dura representada na rocha do *Rodeador*, desperta de alguma forma essa dimensão onírica. A indagação aqui pertinente, se lembrarmos de toda a resistência da gente que lutou para proteger o arraial e o local do encantamento poderia ser: Seria a

[152] Bachelard, Gaston (2001). *A Terra e os Devaneios da Vontade*. Martins Fontes, São Paulo.

resistência social daquele grupo tão grande, a ponto de queimar no sagrado fogo das fogueiras do *Rodedor* no interior da sagrada gruta? Bachelar aponta três ambientes considerados como a volta à mãe, *"as grandes imagens do refúgio: a casa, o ventre a gruta"* (Bachelard op.cit 2001:10). Cita as imagens do labirinto como sendo de uma camada mais profunda do inconsciente, com menos imagens, onde seguimos sonhos mais tumultuosos, mais tortuosos, menos tranqüilos, que dialetizam o sonho dos refúgios mais espaçosos. Sob muitos aspectos os sonhos da gruta e os do labirinto são contrários. A gruta é um repouso[153], enquanto o labirinto repõe o sonhador em movimento.

Lembrando que toda imagem nasce da experiência vivida, e que a mãe terra é o palco dessas imagens que ora se configuram de uma forma, ou de outra, é fácil imaginar toda aquela gente reunida cultuando o mítico rei sob a rocha, pura matéria dura. Bachelard afirma que "*com a substância da terra, a matéria traz tantas experiências positivas, a forma é tão manifesta, tão evidente, tão real* [...]". (Bachelard op.cit 2001:2). Mas, infelizmente todo esse simbolismo existente no *Rodeador*, ainda não foi objeto de um estudo mais sistemático. E de acordo com Ribeiro [154], *"Dentre os vários movimentos messiânicos surgidos no Brasil nenhum parece tão mal estudado quanto o que teve lugar na Serra do Rodeador"* (op.cit 1982:243). E realmente é incrível que o conflito vivenciado no ventre da Pedra sagrada, não tenha sido esgotado e esteja de alguma forma se perdendo enquanto oralidade gerada na longevidade de quase dois séculos.

Os camponeses ali reunidos esperavam o retorno mágico de D. Sebastião, um rei mítico que poderia ser símbolo da sonhada liberdade que se configurava na época. E como já vimos no capítulo anterior - segundo a crença - iria inaugurar com sua volta um tempo de fartura e felicidade. E essa simbologia tem eco na montanha como um refúgio.

---

[153] Numa visita a Gruta da Lapa Doce, na Chapada Diamantina, Bahia, em certa altura, o guia propôs ao grupo que sentasse na melhor posição que pudesse e fechasse os olhos enquanto apagou o lampião. E assim em silêncio, na escuridão e umidade da gruta, todos gozaram alguns minutos de total repouso. E em seguida ele explicou que hoje em dia, existem adeptos da gruta, ou seja, pessoas que se deslocam dos grandes e barulhentos centros urbanos das cidades, para dormir e acampar em grutas, na busca de repor as forças e energias, necessárias a uma vida mais digna e saudável. (Notas de viagem da autora).

[154] Ribeiro, René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: *O Episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista.* Editora Massangana FJN, Recife.

E como nos mostra Elíade[155] partindo de um pressuposto de modelo formulado como: *"A montanha sagrada – onde o céu e a terra se encontram – está localizada bem no centro do mundo* [...]".Elíade 1992:19), e funcionaria como uma espécie de ligação com o sagrado. Explica ainda ser o simbolismo do centro, complexo. E acrescenta que esse arquétipo sobreviveu no mundo ocidental, até o limiar dos tempos modernos.

E tomando como exemplo a representação imaginaria da mais elevada de todas as pedras diz que, *"O Paraíso onde Adão foi criado a partir do barro encontra-se localizado no centro do Cosmo* [...]. *Era o umbigo da terra* [...] *e teria sido estabelecido numa montanha mais alta do que todas as outras"*. (Elíade op.cit 1992: 22)

Nesse sentido parece claro que os ajuntamentos místicos busquem na gruta da rocha um refúgio, pois ali está um dos símbolos de um padrão que liga a matéria da resistência terrestre ao homem que resiste aos fenômenos da natureza, e a um forte elo com o sagrado. E tudo isso num ambiente devastador e aliciador de místicos que montam suas casas na rocha como um ventre natural, e aí espalham suas elucubrações que darão corpo aos movimentos e lutas, dentro de um contexto de enfrentamento do homem com seu ambiente natural e social, num ordenamento caótico. Levando em conta o caso do Rodeador, a idéia é relevante. Entendemos que os místicos montaram o santuário, ou seja, a casa sagrada no alto da montanha. E ali a gruta como ventre e mãe, iria dar a luz ao encantado monarca.

Atualmente se pode dizer que restou apenas a imagem da Pedra como algo superior a simples imaginação; símbolo tangível da obstinação do sebastianismo no *Rodeador*. E a espera como possibilidade real da concretude abstrata de um rei encantado renascer do ventre da rocha mãe, para salvar tudo o que haveria de mal na dura realidade dos habitantes do "Paraíso Terreal". O imaginário popular cria heróis e figuras mitificadas que se espalham no coletivo. E no caso do povo que habita atualmente a vila do *Rodeador*, a Pedra é vista como esse ambiente sagrado e mistificado dentro da dimensão histórica e dos resíduos em forma de fragmentos do fato histórico mesclados a células míticas aderidas com a passagem espacial/temporal.

[155] Elíade, Mircea (1992) Mito do Eterno Retorno, Mercuryo. São Paulo.

2. ETNOGRAFIA NOS CAMINHOS DO RODEADOR

O estudo etnográfico que nos propomos tem por base a técnica da Teoria fundamentada na questão do tratamento dos dados recolhidos em entrevistas semi-estruturadas. E o ato de entrevistar teve o intuito de valorização das classes de idade determinadas. A partir das planilhas de entrevistas podemos visualizar sob uma ótica diferenciada os membros que fizeram parte desse quadro de pesquisa. Todas as entrevistas passaram por um tratamento de categorização parágrafo a parágrafo e a partir daí se partiu para a redação de memorandos, que divididos em blocos estarão compondo o referencial teórico apresentado neste capítulo, respeitando a cosmovisão empírica de cada entrevistado.

Tendo como fio condutor a indagação feita por Charmaz[156], dentro da Teoria Fundamentada na Etnografia, sobre "*o que um etnógrafo deve estudar no campo?"* (2009:40); e sem sair da pergunta que rege este trabalho, que é: *"O que os informantes pensam e refletem atualmente sobre o acontecimento do Rodeador a partir das lendas que ainda podem ser resgatadas no imaginário local para se entender a importância de se manter viva essa memória histórica?"* A resposta seria:

> *Ao permanecer aberto ao ambiente e às ações e às pessoas que nele se encontram, os etnógrafos tem a oportunidade de trabalhar a partir da base e buscar tudo aquilo que considerarem de maior interesse [...] O objetivo é um retrato do mundo social estudado a partir de uma perspectiva interna* (Charmaz 2009:40)

No nosso caso, em cada entrevista aplicada observamos - a partir da cosmovisão do informante, e levando em conta os distintos contextos - em alguns entrevistados fluir mais o meio social enquanto em outros, as práticas culturais, educação, economia, lazer, gênero. Estes ingredientes fluem dos memorandos, interpretados segundo o ponto de vista emergente nos dados dos informantes.

[156] Charmaz, Kathy (2009) A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Artmed, Porto Alegre.

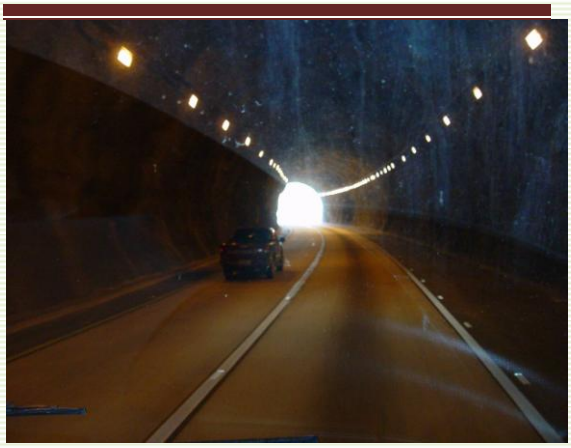
A observação participante dos caminhos da sede de Bonito ao Rodeador, na região serrana, também nos deu o tecido humano, geográfico e social que aqui tentamos mostrar de forma simples, utilizando a própria linguagem que nos foi transmitida a respeito dessas questões. Charmaz diferencia a etnografia e o observador participante, mas no nosso caso, as duas opções se fizeram presentes, pois tanto podemos dizer que atuamos sob o ponto de vista do observador participante, como enquanto etnógrafo, levando em conta as especificidades de cada foco, pois segundo explica a autora,

> *A etnografia pretende registrar a vida de um determinado grupo e, assim, implica a participação e a observação sustentadas em seu ambiente, sua comunidade ou sua esfera social. Ela pretende mais que a observação participante isolada, porque um estudo etnográfico sobre o curso da vida que ocorre dentro daquele (s) determinado (s) ambiente (s) inclui, muitas vezes, dados suplementares de documentos, diagramas, mapas, fotografias e, ocasionalmente, entrevistas formais e questionários* [...] (op. Cit. Charmaz 2009:40)

3. CAMPO ETNOGRAFICO EM BONITO

Em direção ao agreste pernambucano - Fazia um lindo dia de sol com temperatura média em torno dos 29 graus, quando saímos do Terminal Integrado de Passageiros (TIP) em direção ao município de Bonito, no agreste pernambucano, no mês de julho de 2008. O trajeto até Bonito, distante da capital do estado, Recife, é de 132 km. E se faz de ônibus da empresa Borborema. A viagem demora quase três horas, sobretudo no mês de julho, época do ano, em que as condições do mau tempo devido às chuvas contínuas deixam trechos da estrada difíceis de circular. O transcorrer da viagem foi bastante curioso, com motivos que podem ser considerados fonte de inspiração para cineastas, novelistas e escritores. Da Zona da Mata Norte, passando por diversas localidades, como Jaboatão, Moreno e Pombos, o ônibus faz sua primeira parada na cidade de Vitória de Santo Antão, além de diversas paradas em pequenas rodoviárias para embarque e desembarque de passageiros.

A equipe constava de três pessoas, a autora do projeto, uma pedagoga e um foto jornalista que acompanharam o trabalho espontaneamente, durante uma semana. E esse apoio foi muito importante, para os contatos iniciais, registros da região em fotografia, reuniões, discussões, idas a vila do *Rodeador*, etc.



Caminhos do Agreste entrada Túnel Cascavel
Foto: Arquivo do NUSP

O agreste pernambucano é atingido a partir da Serra das Russas. E atravessando o túnel Cascavel, construído na década passada, que veio a modificar toda a perigosa paisagem de curvas em "S" da serra. A viagem segue por Gravatá, Bezerros e Camocim de São Félix. Enquanto o veículo permanece nas plataformas, vendedores mirins aproveitam e sobem para anunciar e vender seus produtos: água, refrigerantes, tapioca com coco e manteiga, batata frita quentinha em saquinhos de plástico e pipocas de microondas. Dois senhores com aspecto de vaqueiros devido à indumentária embarcam na parada seguinte, em Gravatá, e sentam lado a lado. De repente iniciam uma discussão verbal que se estende até ao final da viagem, o motivo seria um guarda-chuva, e a quem dos dois pertencia[157].

Chegando ao campo em Bonito - Finalmente por volta das 13h15min, desembarcamos com nossas mochilas e vontade de trabalhar, na pequena rodoviária em Bonito. Um dos gestores local do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil - PMSNB, desenvolvido em conjunto com o NUSP/UFPE nos esperava. E fomos para sua casa no táxi de um seu amigo, onde seus pais, nos receberam com muita alegria. Elaboramos um rápido roteiro para irmos a *Pedra do Rodeador* após o almoço, aproveitando o tempo ensolarado, com temperatura mais ou menos de 20 graus, propício ao deslocamento da sede do município em direção à região serrana, já que aquela época chove muito. E o acesso ao Rodeador fica em condições difíceis, para a circulação de veículos.

[157] Anotações de campo.

Feira de Bonito
Foto: Alcides Ferraz

Depois de almoçar no restaurante Santa Luzia, uma rica comida regional baseada em legumes, carnes e saladas com produtos da terra, fizemos um breve passeio no centro da cidade para identificar alguns locais como a sede da prefeitura, igrejas, praças e a feira livre. Na quinta-feira, por volta do meio-dia, começa a feira que se estende até ao sábado, quando os moradores da *Pedra do Rodeador* e de outras localidades da zona rural de Bonito, se deslocam para vender seus produtos, como inhame, macaxeira, hortaliças - tomate, cebola, couve – além de frutas regionais diversas, laranja, abacaxi, manga, acerola etc. A feira, como as que acontecem no nordeste do Brasil, é semanal. Em Bonito, conta com um espaço fixo e tem uma extensão enorme, dividida em alas de barracas de frutas e legumes, carnes e peixes, quinquilharias, comidas, bolos, caldo de cana, tapioca, etc.

Chamamos o taxista para combinar a visita ao Rodeador e seguimos para a casa do Gil. Enquanto esperávamos o taxi, sentados no terraço do quintal da casa, conversamos com a mãe de Gil, que nos contou uma história que aconteceu no Hospital Municipal Dr. Alberto de Oliveira, onde trabalhava como auxiliar de enfermagem na década de oitenta. Foi o caso de uma anciã encontrada no local onde o falso profeta que liderou a rebelião do "Paraíso Terreal" afirmava falar com o monarca D. Sebastião. Gel começou a relatar sua história, mas como o taxista chegou, combinamos gravar logo mais a noite.

Depois de negociar com o taxista e combinar o preço da corrida no valor de R$ 25,00 (vinte e cinco reais) iniciamos a subida à pedra, por volta das 15 horas. À medida que o carro avançava e vencia a lama que quase nos deixou atolados, nos surpreendia a cada curva do caminho de barro vermelho, a magia do belo cenário ao redor da pedra,

que aos poucos ia se revelando, pontuado de verde da mata atlântica que ainda resiste ao tempo e ao desmatamento desordenado.

O trator do Seu Miolo. Foto: Alcides Ferraz

É incrível o visual no entorno da pedra sagrada e mística. Aos poucos a tarde foi se transformando em motivo de aventura, onde nos tornamos os atores principais. Atrás do nosso carro vinha um morador da vila do *Rodeador*, conduzindo um trator. O seu Miolo, como é chamado por seus companheiros, é o organizador de uma escola de samba, que segundo nos contou Gil, faz muito sucesso no carnaval da vila. E no momento em que nosso carro foi quase engolido na lama barrenta da estradinha, graças a sua iniciativa e solidariedade, vencemos a dificuldade de chegar ao nosso destino. O seu Miolo nos deu carona na carroceria do veículo enquanto o carro com nosso motorista na direção, apavorado com a situação, era literalmente puxado por uma corda amarrada ao trator. Diante do cenário deslumbrante da *Pedra do Rodeador*, encontramos o nosso informante (A-1), que algumas pessoas, na época, inclusive nosso acompanhante, achavam que já havia falecido, devido a sua avançada idade. Na ocasião da nossa primeira visita a vila, em 2006, conseguimos entrevista-lo e ele veio a falecer em novembro de 2009. Com lucidez impressionante o encontramos diante do portão da sua casa, localizada em frente à pedra. Depois das devidas saudações ele se dispôs a ser outra vez entrevistado e colaborar com o que pudesse lembrar para a pesquisa, pois era o morador mais antigo do local. Sua esposa na época com 69 anos e a neta com 13, também nos saudaram e se prontificaram a colaborar. Mas para grande tristeza alguns dias depois ao entrevistá-lo,

Pedra do Rodeador vista a partir da casa do ancião (A-1). Foto: Alcides

infelizmente, a gente percebia que o tempo fez estrago na memória do ancião. O que é normal, pois com a idade, ele já não tinha quase nenhuma coerência nas suas lembranças.

Fachada da Prefeitura de Bonito
Foto: Alcides Ferraz

Contatos e visitas – A noite após escutarmos nossa anfitriã contar o caso da velhinha da loca, uma anciã, encontrada por caçadores, que se encontra ao final desse item, nos reunimos para fazer a lista dos possíveis participantes que iríamos contatar no dia seguinte, para a reunião do Grupo Focal do Rodeador - GFR. Decidimos que a primeira visita seria à prefeitura, pois lá poderíamos encontrar quase todas as pessoas que iríamos convidar. Este é o resumo do primeiro dia em Bonito, que foi devidamente documentado e registrado com fotografias. E aqui ficam as primeiras impressões do campo de pesquisa com suas dificuldades e alegrias.

Na manhã seguinte acordamos cedo, por volta das 06h30min, ouvindo um galo cantar, e um sol lindo no céu bonitense. Encontramos uma mesa farta do café da manhã, onde não faltava um fumegante café, leite de vaca, cuscuz de milho, ovos mexidos, queijo coalho, macaxeira e pão quentinho. Só a leitura do texto “Gostosuras populares da cana e do açúcar”, de Mário Souto Maior, poderia inspirar e fazer recordar aromas e sabores em meio ao conjunto de lembranças de hábitos, costumes e rotinas em família, da preparação de pratos típicos com ingredientes da rica cozinha nordestina.

Após o café, nos instalamos na grande mesa do terraço do quintal, que apelidamos de “escritório” para discutir a nossa estadia durante os próximos dias no campo, e também planejar o que fazer. A visita à prefeitura, ao cartório, bibliotecas e os contatos para a reunião.

Nossa primeira visita foi à prefeitura onde Valdete Barros, na época adjunta da Secretaria de Turismo, nos recebeu e se prontificou e colaborou no sentido de fazer contatos e convites de alguns membros para a reunião do Grupo focal do Rodeador - GFR, que agendamos para ser realizada na terça-feira dia 05 de agosto no espaço Bambu.

Em seguida nos dirigimos à casa de uma professora de oficinas de artesanato, que nos indicaria como encontrar as pessoas responsáveis da casa que havíamos feito contato, para nos abrigar a partir de então. Disposta a ajudar nos deu o número do celular da pessoa responsável da casa no bairro Veloso. Pois não poderíamos permanecer onde estávamos. Apesar da boa vontade da família, que nos hospedava, reconhecemos que desorganizamos a rotina de todos da casa. Telefonamos para a pessoa que nos tratou de forma desagradável e não se mostrou disposta a nos apoiar. Ficamos meio perdidos e impactados com a recusa. E uma tensão coletiva tomou conta de todos. Mas nos foi sugerido procurar o padre Miguel da paróquia N. Senhora da Conceição, a padroeira da cidade, já que o sacerdote seria acolhedor e acessível. E a casa paroquial estaria sempre de portas abertas para receber as pessoas que acaso pudessem levar alguma contribuição favorável a cidade. Dirigimo-nos à casa paroquial. O padre almoçava e pediu para nos aguardar no salão. Após alguns minutos a figura simples e fraternal, chegou, sentando na sua cadeira de balanço para nos ouvir. O vigário dirige a paróquia há quase trinta anos, e conhece muito bem a localidade. Falamos sobre diversos assuntos após as negociações. E colocamos nossa posição de total neutralidade sob o ponto de vista da religião. E que estávamos em missão de uma pesquisa científica.

A casa naquele momento dispunha apenas de um quarto com duas camas de solteiro. Mas mostrando-se muito a vontade disse que se não nos importava, mandaria colocar um colchão extra para o nosso companheiro. E respondemos que isso não era problema. Acertamos que chegaríamos no dia seguinte, depois do meio-dia. E ele também ofereceria as principais refeições: café da manhã, almoço e jantar, menos no domingo, já que era o dia livre da sua ajudante de casa. O Padre conhece um pouco da história do sebastianismo e conversamos sobre política, religiosidade, relações de poder local, notícias de TV, temas que causam grandes inquietações da atualidade, etc.

Padre Miguel José da Silva[158] é natural de Sairé, município também do agreste de Pernambuco. Conta que nasceu em 5 de novembro de 1945, filho de um casal muito humilde, que morreu também humildemente. E ele também tenta levar uma vida assim. Diz não ter preocupação com luxo e riqueza. Acha que a vida do padre tem que ser baseada na modéstia, humildade, e não tem que ser um tipo arrogante, nem metido a rico.

Chegou à cidade para ficar apenas três meses e até hoje está à frente da paróquia, trabalhando e vivendo com o povo a vida normal da comunidade. Estudou letras, teologia e fez alguns cursos na Europa. Na França, Espiritualidade Marista, e em Bogotá, na Colômbia, participou de um curso de atualização teológica. E com essa pequena bagagem leva a vida na roça, nos canaviais. Diz que foi educado por franceses. Fala um pouco Frances, espanhol e lê e traduz latim. Conta que sua relação com o povo na paróquia é boa, é de família. As pessoas têm muita consideração por ele. Diz que sempre visita os paroquianos em suas casas. Além da função de chefe espiritual da Igreja de N. Senhora da Conceição é também diretor do colégio da paróquia e funcionário público do estado à disposição da prefeitura de Sairé, onde também dar assistência ao colégio.

Sobre o massacre do *Rodeador* diz que sabe o que todo mundo sabe, que por volta de 1820, o grupo de devotos de Alagoas chegou e ficou ali em torno da *Pedra do Rodeador.* E chamavam o movimento de sebastianismo. Começou a crescer e aí o imperador ficou preocupado e mandou acabar com o movimento e teve um massacre e ate fogueiras de gente.

Diz que o fato não tem a ver com a devoção a São Sebastião na cidade. E que por volta de 1840 houve uma forte crise de cólera. E como esse santo católico, é venerado na igreja como protetor da peste, guerra e fome, aí o povo se apegou a ele e foi construída uma capela por conta da epidemia. A paróquia da padroeira atualmente tem 172 anos. Mas o povo atribui a São Sebastião uma espécie de co-padroeiro, ou seja, ele é patrono, porque a padroeira da cidade é nossa Senhora da Conceição. Conta que

[158] Entrevista informal com o Padre Miguel José da Silva

ouvem muitas estórias mal-assombradas, *"até da boca da caverna, acho que tudo isso deve está ligado mais a lenda, porque hoje em dia não se ver mais. Acredito que seja mais a lenda. É a liberdade do povo contar as histórias e contar causos"* (fonte oral. Entrevista informal com Padre Miguel).

Vendedor ambulante no centro de Bonito. Foto Alcides Ferraz

Retornamos à casa do Gil, bem dispostos, para o almoço delicioso preparado por sua mãe. Encontramos no caminho um caçuá[159] de galinhas, que um vendedor ambulante oferecia num carro de mão, de casa em casa, para serem sacrificadas e regar a mesa domingueira das famílias. Visitamos também a Coluna de São Pedro, que é um patrimônio municipal. Bonito, é considerada a única cidade do nordeste onde se comemora o dia dedicado a São Pedro (29/06).

Praça com fachada da igreja de São Sebastião
Foto: AlcidesFerraz

Paramos na Praça de São Sebastião onde está a igreja do patrono da cidade, de onde saem diariamente os ônibus que fazem linha para a vila do *Rodeador*, para nos informar dos horários, caso fossemos necessitar um deslocamento de ônibus até a Pedra. Soubemos que saiam dois ônibus escolares, um pela manhã e outro ao meio dia, traziam e levavam os estudantes dos povoados. E fizemos uma breve parada no cartório de Bonito, mas o tabelião prof. Dimas César não se encontrava.

[159] Cesto de vime, cipó ou bambu segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa.

Após o almoço nos reunimos para um café e aproveitamos para acertar os últimos detalhes do GFR. Primeiro quanto ao tema, como poderia se abordar a rebelião sebastianista na *Pedra do Rodeador* dentro de um grupo com formação diversa, assim como as perguntas que seriam dirigidas.

No dia seguinte, sábado 02 de agosto, chovia muito. Depois do café da manhã aproveitamos para enviar e-mail aos orientadores do projeto da tese - usando a internet da casa, que gentilmente nos foi cedida -, para que estivessem a par de como se procedia à entrada no campo. A chuva forte tamborilando na telha de zinco fazia um barulho nostálgico. Estávamos concentrados na mesa grande do terraço.

De vez em quando Gel, a dona da casa, aparecia, oferecia um café quentinho ou chegava com alguém da comunidade toda orgulhosa para nos apresentar como gente da capital que ela estava hospedando. E uma das visitas, moradora da vila do *Rodeador* nos ofereceu até hospedagem na sua casa. Agradecemos muito, mas infelizmente não estava mais nos nossos planos permanecer hospedados na vila, devido às inúmeras tarefas na sede. E de repente, pensativa arrancou das suas lembranças uma localidade conhecida como Pedra do Galo num sítio chamado "Quilonga", em Bonito, onde segundo lembrava existe uma lenda muito difundida que o povo conta, sobre o encanto de um galo que canta todas as noites, mas ninguém escuta. E no dia que alguém ouvir, o encanto acaba, e a pedra desaparece.

Fato curioso, uma senhora de nome Alaíde Jesuína da conceição (79), que reside do outro lado da rua, na vila mantida pela igreja de São Vicente, onde vivem aposentados que não tem onde morar, contou que em Barra de Guabiraba, município de onde é natural, também do agreste pernambucano, existe uma localidade conhecida como *Pedra Dourada*, mas suas lembranças eram bastante confusas. E na verdade o que pudemos apurar é que a referida Pedra Dourada é apenas um lugar de difícil acesso, sem nenhum fato interessante para a nossa investigação. Assim mesmo à noite fomos à casa de D. Alaíde para ouvir seu depoimento, conversar e fazer um pouco de companhia a anciã que ficou maravilhada com a nossa presença. Sobre o massacre do Rodeador lembrou o riacho do Sangue e a santa da pedra que o povo via subindo e descendo em algumas noites no passado, mas afirma que hoje em dia já não se vê essas coisas.

D. Alaíde à esquerda. Ao lado fachada da sua casa. foto: Alcides Ferraz

Ao final da tarde nos mudamos para a casa paroquial. O padre estava a nossa espera e nos tratou com muito carinho e jantamos com ele. Em seguida saiu para os seus compromissos sacerdotais, e fomos com amigos conhecer um pouco das opções de lazer oferecidas na noite bonitense. E como em toda cidade interiorana, as pessoas se reúnem na pracinha de São Sebastião, e freqüentam os bares do entorno; ou ficam em grupinhos andando de um lado para o outro, até meia-noite ou uma hora da manhã. E, como chovia, optamos por ficar num local ao abrigo da chuva, numa palhoça coberta de palha, onde tomamos alguns aperitivos com petiscos assados ao fogo de brasa e caldinho de feijão. Em seguida voltamos à casa, pois estávamos um pouco esgotados de andar de um lado para outro durante todo o dia nas ruas de ladeiras.

No domingo 03 de agosto, como não podíamos contar com a casa para as nossas principais refeições, havíamos combinado visitar as cachoeiras dos caminhos do *Rodeador* para fotografar. Bonito é um município privilegiado por uma natureza exuberante num triangulo de águas, montanhas e verde da vegetação que ainda guarda em seu conjunto poucas reservas da mata atlântica. Elegemos a *Cachoeira Correntes*, pois ali poderíamos desfrutar de um banho e também de um almoço típico conhecido como o *feijão na panela de barro*; e ainda poderíamos travar algum contato com gente do lugar para obter informações pertinentes ao nosso trabalho, mesmo que de maneira informal. Mas, devido ao tempo de chuva, o restaurante ao lado da queda d água permanece fechado toda a época invernal, já que como vimos e enfrentamos as estradas na visita a vila, os níveis de dificuldade são altos, para o acesso a esses recantos da *Pedra do Rodeador*. E como o tempo chuvoso continuava resistente desistimos. Mesmo que fossemos de carro com tração própria para trilhas que poderíamos alugar ao preço de R$ 100,00 (cem reais), teríamos que caminhar mais de três quilômetros em

estradinha lamacenta de barro vermelho, com risco de sofrer acidentes como quedas e deslizamentos. Desistimos de nossos intentos e optamos por Almoçar num restaurante com uma diversidade de pratos típicos da culinária regional, enquanto a paisagem ao redor de montanhas que circundam a cidade é um verdadeiro convite ao olhar. E no almoço aproveitamos para traçar a infra-estrutura necessária para a reunião do GFR que aconteceria na terça-feira.

A segunda-feira dia 4 de agosto, data do desaparecimento do monarca Dom Sebastião no areal marroquino, foi muito intensa. Começamos as visitas logo cedo com a ida à prefeitura para confirmação dos membros que participariam do GFR. Encontramos Valdete bastante atarefada, e esperamos que acabasse uma demorada ligação telefônica e pudesse nos atender. Ela, toda sorridente, nos acenou para que nos aproximássemos da sua mesa e contou que já havia confirmado alguns nomes para o GFR, e nos deu números de contato telefônico de outras pessoas que seriam de fundamental presença. Além do mais, nos ofereceu o telefone para fazermos as ligações telefônicas necessárias, assim que falamos com muitas pessoas e confirmamos local e horário da reunião.

Mercado da Farinha – Bonito PE
Foto: Alcides Ferraz

Valdete nos explicava que a Secretaria de Turismo estava funcionando temporariamente na sede da prefeitura, devido à reforma do antigo Mercado da Farinha, cujas instalações estavam passando por uma restauração para abrigar alguns órgãos municipais, a exemplo da pasta de turismo, no pavimento de cima. E em baixo os boxes de forma organizada, continuariam negociando seus produtos como sempre.

1.1. Entrevista Rádio Rio Bonito FM

Fátima Aguiar pedagoga
Alcides Ferraz jornalista e fotografo
Prof Marcus da escola pública em Bonito
foto: Regina Clara de Aguiar agosto 2008

Essa atividade não estava planejada para o campo, mas se configurou de extrema importância para nossa aceitação enquanto equipe tentando realizar um trabalho com seriedade numa comunidade que desconhecia até então os propósitos de um grupo que andava de caderneta e caneta na mão, visitando e fazendo perguntas. Esses momentos de entrosamento para o antropólogo que começa a tecer uma teia, são férteis e fermento para a planta que começa a florescer e futuramente, dentro do conjunto intelectual, mental e metafórico, a tendência é crescer.

Durante a entrevista, o professor de história de uma escola da rede privada local, Marcos André, dirigia as perguntas. Nós tentávamos mostrar numa linguagem simples e acessível a todos da comunidade, o processo da pesquisa. Explicamos que seriam escolhidas pessoas tanto da vila do *Rodeador*, como da sede, que seriam as principais fontes de informação, para futuramente se trabalhar os dados obtidos na sistematização da história oral recolhida. Nesse sentido se falou da antropologia como uma área da ciência que fascina, por trabalhar o homem de forma integral, e que tudo que diz respeito à cultura, lendas, narrativas míticas que as pessoas contam que ouviram dos pais, dos avós, das suas gerações passadas... Tudo isso é fator de interesse dentro do trabalho.

A velhinha da loca - Para finalizar este item referente à nossa entrada no campo etnográfico, ao mundo empírico do *Rodeador*, comentamos aqui um caso verídico contado por nossa anfitriã à noite do primeiro dia no campo de pesquisa em 2008, que atualiza e legitima de alguma maneira, o solo sagrado onde se deu o primeiro movimento sebastianista no Brasil, aureolando o local de certa magia e hierofania.

Antônio e Gel
Foto: Alcides Ferraz

Após o jantar, nos reunimos em torno de Gel no terraço do quintal da sua casa, onde estávamos hospedados, para ouvir o "causo" [160] que ela queria nos contar. Tratava-se de uma anciã encontrada por caçadores na entrada da loca da *Pedra do Rodeador*, onde, se presume, ali se reunia o povo do arraial sebastianista. Não lembra com exatidão a data, recorda que isso foi nos anos oitenta. Diz que estava no plantão do hospital onde trabalhava como auxiliar de enfermagem, quando chegaram uns senhores num jipe, com uma anciã.

Eram trabalhadores da mata, caçadores. Disseram que os cachorros começaram a recuar e latir, e foram averiguar o que estava acontecendo, quando viram a loca. Foram entrando aos poucos, então escutaram gemidos. Entraram, e dentro da pedra,

> *tava essa senhorinha, bem pretinha, os cabelos..., branquinho..., Caída..., com muita febre; aí eles fizeram um lastro..., de madeira, e uma esteira velha..., botaram ela e trouxeram pra baixo, pra estrada. Naquela época as estradas eram muito precárias..., ambulância não entrava..., aí eles trouxeram ela lá pro hospital. A gente foi tratar dela. Ela não falava mais. Eles... Não sabia... De onde ela veio, nem como ficou aquele tempo ali. E a gente cuidou dela... A gente regulou uma idade de 100 anos, mas a gente não sabe..., não apareceu ninguém pra informar... E ela tinha o cabelão, aquilo assanhado né... E quando a gente deu banho nela, muito suja, muito mulambentinha, rasgada..., enrrolemo num lençol, e quando*

[160] Causo segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa, se refere a uma narração falada que trata de um acontecimento real, caso, história, conto.

a gente viu, ela tava preta... Preta de piolho... Oia, eu nunca tinha visto tanto piolho na minha vida... Aí a gente tratou..., e quando ela acabou de botar os piolho e ficou melhorzinha da febre..., aí com dois dias depois, ela veio a falecer..., estes dois senhores que acharam ela nessa loca..., o médico mandou avisar pra eles que ela tinha morrido, eles vieram, assistiram também o enterro né... Foi com a gente. O hospital comprou o caixão, a gente arrumou flores, enfeitou ela, levemo ela pro cemitério, fizemo a sepultura dela...

A história dessa senhora comoveu a todos os presentes pelo fato dela ter sido encontrada nesse estado e vivendo no sítio onde no passado foi cenário do "Paraiso Terreal", uma pena que não podemos apurar esse caso melhor. Gel continua a contar mais detalhes,

E dai os dois senhores vieram conversando com a gente..., e disse que voltaram lá..., porque ela tinha um bocado de gato e cachorro..., criava lá naquela loca... Aí eles foram lá olhar, pra ver se conseguiam tirar os animais, pra que eles não morressem lá de fome né, e lá eles encontraram panelinha de barro né..., um foguinho, lenha cortada né, uma esteirinha..., forrada com palha de banana né, que ela... Acho que deitava nas palhas de banana né e disse que aquelas mulamberas e..., resto de comida né...,cacho de banana, laranja, um bocado de fruta... Acho que ela colhia lá..., ao redor, nos mato né, colhia e comia mais os cachorros... Até hoje a gente não soube o resultado, se apareceu família. Mas creio que não, porque se eu trabalhei vinte e oito anos no hospital, e..., daí então, nunca apareceu né... A gente..., não sabia o nome, é..., familiar não apareceu, idade não sabia, nada disso... Então... Foi enterrada como indigente... Aqui mesmo, no cemitério Padre Cícero, que é o cemitério aqui de Bonito. E nos, as auxiliar, as pessoas da limpeza, os médicos, foi quem levamos ela pra..., fazer a sepulturazinha dela...

Ao ser indagada se achava que a indigente poderia ser uma descendente dos fanáticos sebastianistas, respondeu que não saberia dizer se era filha de alguém que ficou perdido após o massacre. E que

na época, contam os mais velhos que sobreviveram..., que na hora..., que botaram fogo... que começou morrer queimado, de tiro mesmo e tudo, muitos escaparam pelos matos, se esconderam nos mato e sobreviveram, uns ficaram, e já morreram, né... Que a gente não alcançou. E outros foram embora, procurar a vida deles em União dos Palmares, pra aqueles meio de mundo né, aonde teve a guerra dos Canudos, também..., e muitos foram pra lá, mas a gente não sabe dizer se é verdade ou não. E daí... Daí então ficou essa mulher... Essa velhinha, que eles acham..., sobreviveu comendo fruta...

Ela acredita que os caçadores já morreram por que eram velhinhos... E nunca mais soube deles. Não sabe se moravam em Bonito, ou se faziam alguma inspeção no local. Mas a loca existe e diz que muitos turistas visitam e entram, mas que o local onde vivia a velhinha "*provavelmente tiraram aquilo ali, jogaram fora, tocaram fogo... Até por conta mesmo dos piolhos né... Até por conta dos animais... tinha mico..., miquinho-leão..., junto com ela. Diz que era ela, os cachorrinhos, os gatos e os micos... Foi".* (fonte oral: entrevista informal com Gercina[161]).

4. GRUPO FOCAL DO RODEADOR – GFR

Na noite do dia 5 de agosto de 2008, às 21h00min teve início à reunião denominada Grupo Focal do Rodeador - GFR, que se estendeu até as 23h30min, com membros da comunidade de Bonito, da sede e da Vila do Rodeador. O local escolhido para o encontro foi a sala de reuniões do Espaço Bambu de Articulação e Promoção de Políticas Públicas do PMSNB[162].

Após as apresentações de praxe, foi enfocado e explicado o objetivo da pesquisa dentro de uma perspectiva da Antropologia Social e Cultural, e ainda levando em conta a disciplina da história. A antropologia por ser uma área das ciências humanas que estuda a integração entre o homem e a cultura, aqui neste ensaio tem como ponto de partida um estudo do imaginário local referente ao núcleo de história oral que sobrevive em relação ao conflito ocorrido no entorno da *Pedra do Rodeador.* Aos preâmbulos iniciais, foi seguido um roteiro de propostas e pautas de discussão sobre o tema.

Ao grupo reunido solicitou-se indicação de fontes para compor o quadro de informantes da pesquisa. Foi explicado que essas pessoas seriam submetidas a entrevistas semi-estruturadas na tentativa de coletar fragmentos da oralidade transformada em lendas que nesses quase dois séculos do episódio do *Rodeador*, vem se formando na mentalidade local. E, ao final, os membros da reunião indicaram uma lista

[161] Anotações de campo e entrevista informal com Gercina fora do quadro de informantes, mas achamos pertinente reproduzir aqui pelas características da história vivenciada pela narradora se passar na atualidade no local onde segundo indicou, seria chão dos devotos.

[162] Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil-PMSNB, realizado pelo Núcleo de Saúde Pública e desenvolvimento Social – NUSP/Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

de nomes de pessoas distribuídas e classificadas como: idoso - seriam os informantes com mais de 60 anos; intermediária (adulto) - entre 25 e 59 e jovens dos 16 até aos 24 anos. Tendo em vista o conhecimento a respeito do tema pediu-se um número maior de idosos, e assim o grupo apontou dez, e desse número foram selecionados quatro para compor o núcleo de informantes referentes a esta faixa etária; com relação à idade intermediária e jovem foram indicados quatro em cada classe, e escolhidos dois informantes para cada representação.

Foi delegada uma maior importância à opinião dos mais antigos, tendo em vista que o idoso é quem, em determinado momento da vida, se ocupa em repassar aos mais novos da família o que aprendem no passado, evocando fatos transformados com o tempo, em lendas e mitos, ou seja, em oralidade. Podemos exemplificar essa questão trazendo à tona sistemas de sociedades e grupos tradicionais onde os mais antigos do grupo social, são detentores do saber e do segredo. Como atesta Balandier[163],

> *Segundo a acepção corrente, a tradição é geradora de continuidade; expressa a relação com o passado e sua coação; impõe uma correspondência resultante de um código do sentido e, por conseguinte, valores que regem as condutas individuais e coletivas, transmitidas de geração a geração. É uma herança que define, e mantém uma ordem fazendo desaparecer a ação transformadora do tempo, retendo somente os momentos de fundação, dos quais obtém sua legitimidade e força.* (Balandier, 1989:35 tradução da autora)

Por exemplo, as práticas culturais e saberes dos grupos de maracatu, da tradição pernambucana, vêm sendo objeto de estudo por parte de pesquisadores, para que não venham a se extinguir totalmente e mantenham por repetição, o conjunto de valores e costumes tradicionais. Assim avivando o interesse dos mais jovens, os mestres detentores do segredo dessas práticas, que são os idosos, imbuídos de uma dimensão elevada a mentores espirituais, e por meio de treinamento direto, são formadores de discípulos que no futuro tomam a frente nos trabalhos na condição também de mestres, seguidores desses ensinamentos, com o compromisso de levar esses conhecimentos adquiridos adiante.

[163] Balandier, Georges (1989) El Desorden. La Teoria del caos y las ciencias sociales. Elogio de la fecundidad del movimiento. Editorial Gedisa, Barcelona.

A observação que trazemos à tona acima, com respeito a esses grupos da tradição seria apenas como forma de legitimar questões relacionadas ao conhecimento que é repassado por via oral. O fato histórico do Rodeador, com o tempo vem perdendo forças no imaginário local com respeito à realidade do que foi o episódio; e até mesmo a perda das lendas que nestes quase dois séculos que separam o acontecimento do momento atual, foram sendo geradas no seio da comunidade, contadas e recontadas, por meio de quase três gerações.

O que foi observado é que não há um tratamento do tema com relação ao ensino nas escolas. Os mais idosos na faixa dos 90 anos, já não têm muito a quem repetir o que ouviam dos seus antepassados. A memória falha, não permite uma clareza no repasse desses conhecimentos; ou o falecimento causa a total ausência. Os jovens não têm muito interesse em ouvir e discutir sobre o tema; as crianças já não contam com a sessão das histórias antes de dormir na calçada, na varanda da casa, pois a televisão é a mediadora e a formadora dos sonhos e arquétipos desses jovens e crianças. A antena parabólica e, hoje em dia, a internet, invadem todos os lugares e penetra na intimidade transformando as realidades distintas em todos os segmentos da sociedade.

Valores como da cultura oral, infelizmente já não tem mais o mesmo peso nos rincões da zona rural do nordeste brasileiro; pois a mídia faz o papel dos contadores de história, mostrando um mundo mais fácil; e preenchendo lacunas de um mundo colorido e de acesso a todas as pessoas, que de certa forma era a proposta do "Paraiso Terreal" dos místicos do *Rodeador*. Não é o caso de que estejamos contra o progresso e a mídia. Muito pelo contrário, dentro dessa perspectiva da perda desses conhecimentos a mídia pode ser uma ferramenta de ajuda na preservação e manutenção dessa oralidade.

5. INFORMANTES CLASSES DE IDADE: IDOSO, INTERMEDIÁRIA (ADULTO) E JOVEM

Começamos este item com a representação simbólica do quadro que evoca a passagem do tempo, de Salvador Dalí[164]. Já que nesta investigação um dos aspectos mais importantes é o tema relacionado ao imaginário coletivo com relação às lendas. A pintura faz refletir sobre a memória na resistência temporal.

A primeira classe de idade referente aos nossos informantes trata dos idosos. Seria a evocação de uma memória mais aproximada, dentro da longevidade do tempo transcorrido entre o conflito do Rodeador, objeto do nosso estudo e o momento atual e o que podem recordar do que ouviam dos seus antepassados mais próximos desse tempo relativo ao fato histórico. Podemos entender que aí se passaram entre três a quatro gerações, então esperávamos encontrar nesses informantes, recordadores[165], narradores[166], resíduos mais afunilados da memória histórica do tema em tela. E como reforço a essa linha de pensamento relacionada à memória, buscamos em Bosi[167] entender a fronteira onde se entrecruzam os modos de ser de uma pessoa e de sua cultura (1994:37).

[164] Quadro de Salvador Dali, *"A Persistência da Memória"* (1931), que hoje pertence ao Museu de Arte Moderna de Nova York, Consultado em 19 de outubro de 2010: http://www.culturageneral.net/pintura/cuadros/la_persistencia_de_la_memoria.htm

[165] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa o termo recordador significa o que ou aquele que recorda ou faz recordar.

[166] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa o termo narrador significa o que ou aquele que narra, conta ou relata

[167] Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. Psicóloga e professora do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo-USP. O termo "velho" foi utilizado levando em conta a conceituação a partir da leitura de Bosi, que determinou a questão do viés de memória que adotamos. E tivemos cuidado em usar "velho" somente no que concerne unicamente a relação que fazemos com memória. Portanto a palavra não está empregada de forma discriminatória ou pejorativa. Nesse caso achamos que é pertinente usar "velho", que é como a autora se dirige a essa "classe de destino – envelhecimento".

Podemos refletir no sentido de que todos têm memórias que podem ser compartilhadas. Por exemplo, o senhor A-1, até dezembro de 2009, foi considerado, e efetivamente, era o morador mais antigo da vila do Rodeador, que sabia recontar com certa maestria as histórias ouvidas dos seus familiares, com intimidade de quem esteve mais próximo de um tempo real, espacial e secular, refinado e filtrado na sua experiência pessoal e coletiva ao seu tempo. Hoje podemos considerar uma memória cada vez mais distante e até mesmo ausente para adultos e jovens que atualmente habitam o mesmo espaço do entorno da Pedra. Agora com sua morte, se perde um pouco dessa oralidade concentrada na memória de poucos.

Neste item vamos traçar um breve perfil de cada informante. E para se referir aos recordadores narradores dentro do contexto etnográfico, como forma de facilitar o nosso olhar e distanciamento, além de certa discrição com as opiniões, se utilizará os seguintes códigos: a) A1, A2, A3 e A4 – referente à classe idoso; b) B1 e B2 – classe intermediaria (adulto) e c) C1 e C2 classe jovem.

1.2. Perfil referente à classe idoso

1.2.1.Recordador narrador: (A-1)

O primeiro contato com (A-1) *(95 - in memoriam* 04/03/1914 + 14/12/2009*)*, também conhecido como Dedé, ou Zé do Senhor, foi em janeiro de 2006. A segunda vez, por ocasião da chegada ao campo de pesquisa. À tarde nos deslocamos para uma visita à pedra onde encontramos o ancião. Conversamos e rimos durante o tempo em que estivemos com ele. Sua maior diversão era contar e recontar as histórias sobre as façanhas ocorridas no cenário rochoso. Era um dos poucos moradores que ainda detinha alguma memória da história oral contada por seus antepassados.

Parecia feliz com nossa presença. Na época já perdendo pouco a pouco a memória, estava bastante lúcido, aquela tarde ensolarada. Fomos encontrá-lo no portão de entrada da sua casa. Naquela idade o que mais gostava de fazer, era ficar sentado na

sua cadeira preferida na varanda, ou em pé do lado de fora do jardim, encostado no muro olhando a pedra. Dali se vê a rocha sagrada de qualquer ângulo, e naquele momento refletia um brilho incrível com a luz solar do entardecer. Sorridente, falava muito. Mas no momento não queríamos gravar entrevista, já que não era ocasião adequada. Apenas se anotava as impressões. Estávamos fazendo um reconhecimento logístico. Perguntamos se lembrava da gente, riu e afirmou que sim. De acordo com Bosi [168] *"A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento"* (1994:39). Outra oportunidade de estar em contato com o ancião seria para uma nova entrevista, em 14 de agosto de 2008.

Nascido na Vila do Rodeador viveu sempre naqueles rincões do agreste pernambucano. Nunca morou em outros lugares, pois tinha terras para plantar e trabalhar com agricultura de subsistência. Sabemos que é comum nessas comunidades de zona rural, a migração para os grandes centros em busca da garantia de um trabalho que ofereça melhor qualidade de vida. Mas no seu caso é diferente. Dotado de uma cosmovisão de mundo particular, isso propiciou que estivesse, contudo, junto à exuberante natureza local. Não teve acesso à escola. Conta que o pai contratou um professor para ensinar aos filhos a ler, mas infelizmente o mestre morreu deixando os alunos sem aprender, portanto era analfabeto, com uma memória singular.

Porém, no último encontro com o idoso informante, ele se encontrava quieto; apático, em silencio. Sentado na varanda com plantas penduradas por todo lado, expressava olhar saudosista. O ambiente transpirando ar de misticismo, além do verde da vegetação em qualquer época do ano, é realmente muito bonito. A gente sente que o lugar tem fortes antecedentes históricos, que em algum momento marcaram profundamente o local de uma áurea sagrada.

No dia da entrevista chegamos por volta das 11h30min da manhã a sua casa. O dia estava quente. (A-1) havia acabado de sair do banho, parecia que ia dar um passeio, mas sua mulher foi logo avisando que ele não estava muito bem. Ficamos preocupados,

[168] **Bosi,** E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. Psicóloga Professora Titular do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo-USP. Estuda a constituição da memória no tempo histórico-biográfico.

mas na verdade não havia tempo para voltar outro dia. E ao final seria melhor aproveitar e tentar assim mesmo gravar alguma coisa. Ele nos recebeu sem o entusiasmo das outras vezes. Tinha o olhar perdido no nada, sem demonstrar alegria em nos ver.

A memória falhando, afirmava que estava caducando. A gravação da entrevista foi difícil, pontuada por longas pausas. E muitas vezes por um silencio inquietante, além da falta de raciocínio lógico e linear nas suas falas, conotação de perda acentuada da memória. O ancião se encontrava em estado de lucidez e percepção visivelmente alterada. Infelizmente, o que deixou muitas lacunas nas suas respostas. Naquele momento com todo distanciamento que se pressupõe o trabalho de campo, sensações como forte pressão apertando a garganta, lágrimas marejando os olhos, além da ternura incrível por aquele senhor idoso tão fragilizado pelo fator tempo, alquebrado em seu estado físico – era difícil conter a emoção. Foi complicado extrair algumas informações que no primeiro contato, fluíam com nitidez das gavetas da sua memória. Segundo suas contas, dizia ter 97 anos em 2005. E ao se perguntar sua idade, voltou a dizer que tinha a mesma. Mas sua esposa que é bem mais nova (69), contou que na verdade ele estava com 94, pois era o que constava no registro de nascimento dele.

Não chegamos a ver o documento, mas temos a imagem do santinho[169] distribuído no seu funeral, gravada em vídeo por uma equipe do NUSP que esteve em sua casa, que por se encontrar fora do perímetro urbano, poucas pessoas na sede do município sabiam do seu falecimento. A equipe tentou gravar nova entrevista, na tentativa de esclarecer e aprofundar pontos confusos da sua fala. Mas no momento em que chegou a casa dele, junto com Gil na época gestor local do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil - PMSNB, se deparou com a total ausência do senhor. E o que se pode fazer foi gravar algumas imagens, numa dessas, aparece a viúva mostrando o cartão de falecimento com as datas de nascimento e morte, respectivamente. Para nosso grande pesar, com ele se foi para sempre detalhes importantes da história oral local, que detinha e sabia contar bem. Dos outros sete entrevistados dessa amostra, quase todos falaram dele como referencia, por seu conhecimento sobre a guerra.

[169] Santinho é o cartão com idade de nascimento e morte, distribuído por ocasião dos ritos de velório e enterro de uma pessoa no nordeste do Brasil.

Como num jorro lembra que os familiares eram todos do sertão e viviam na vizinhança. Fala da sua família que veio de Belo Jardim, município pernambucano também do agreste; conta que ele era muito pequeno quando teve a guerra, (na verdade nem havia nascido); os antigos já tinham morrido (as recordações de família são abundantes); o avô que morreu com mais de cem anos (temos que dar um desconto para essa idade computada em sua memória); o pai uns dois anos depois de se instalar no local, veio a falecer. Conta que nasceu e se criou no local, ao ficar órfão foi criado por familiares. Diz que os moradores da vila são quase todos da mesma família, e que morava em outro local nas proximidades da pedra, mas não gostava do lugar, então decidiu construir a casa onde viveu com sua família até falecer em 2009. Repete que nasceu e cresceu na pedra. Nunca teve aborrecimento, nunca brigou,

> *quem quer brigar que arrume com quem brigar. Eu não brigo com ninguém; sou uma pessoa positiva; meu trabalho é meu roçado; e no fim de semana vou para Bonito fazer a feira, mas agora não vou mais. A mulher vai com os meninos; pois não tenho mais idade; e não posso andar tanto* (Fonte oral A-1).

1.2.2.Recordador narrador: (A-2)

Conhecido por todos como seu Bitonho (83) natural de Bonito, (A-2) conta a saga da sua família, identificando três gerações. É interessante a narrativa de fôlego que vai tecendo e emendando a partir das lembranças que fluem enquanto conversamos antes de iniciar a gravar entrevista. Isso nos faz buscar uma explicação para a fluidez da *memória dos velhos* em Bosi, pois como relata *"Freqüentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão"* (Bosi ibidem 1994:39).

Diz ter estudado até o segundo ano primário, que as aulas eram no Engenho Caramuru, no Rodeador, que pertencia ao seu bisavô, onde tanto freqüentavam filhos da família Caramuru como dos moradores da região, também gente do Rodeador e de outros locais. Conta que freqüentou a escola aos dez anos, junto com o irmão mais velho com doze e o terceiro com nove, na sede em Bonito, no primeiro semestre de 1935, *"mas a dificuldade... A despesa aumentou e tal, papai disse não tenho condições*

[...]. Aí papai quis contratar uma professora e tal. E a professora resolveu vir morar em Caramuru... E instalaram a escola". (fonte oral A-2)

Fomos encontrar o entrevistado, numa tarde de chuva, cinzenta e fria, na sexta-feira, 15 de agosto de 2008. Esperava-nos no terraço da sua casa, recebeu-nos com ar de entendido no assunto. Foi logo mostrando um livro que tinha nas mãos, junto a uma fotocópia que nos ofereceu, do capítulo "*O Horroroso Massacre do Rodeador*" [170], onde é descrito o conflito em linhas gerais.

Lembra que passava semanas na casa dos avós no Rodeador. Saudoso, recorda a região onde existia a propriedade sendo que antes, as terras eram do seu bisavô, mas desconhece como foram adquiridas essas terras. Sabe da procedência do engenho Caramuru, que foi comprado através de hasta[171] pública. Depois de relembrar a história do bisavô, enfim (A-2) começa a falar do tema da pesquisa. Nesse momento ouve-se o som altíssimo de um carro da campanha eleitoral, que nos faz rir e parar a gravação por alguns minutos para comentar sobre o incomodo desse tipo de propaganda que invade as casas e os ouvidos quer queira, quer não. Recomeçamos a gravar após a pequena pausa. Volta a contar o que sabe do massacre, que ele passou toda sua vida escutando os mais diversos relatos, mas só chegou a entender como se processou o fato histórico, após a leitura da obra que tinha nas mãos.

1.2.3.Recordador narrador (A-3)

Natural do estado de São Paulo, (A-3) (78) havia acabado de chegar da sua fazenda na zona rural de Bonito. Nos aguardava na tarde de chuva enquanto sua esposa se balançava numa rede. E ao iniciarmos a gravação, ouvia atenta a entrevista. De vez em quando fazia uma intervenção para alguma observação. E ao final, muito simpática, nos preparou um café quentinho com biscoitos para aquecer o frio. Bonito tem um clima ameno e no inverno a chuva faz com que as temperaturas oscilem entre os 15 e 20

[170] Ibdem Cabral 1988:68.
[171] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa o termo *Hasta Pública* significa a venda pública a quem oferece o lance mais alto; leilão, arrematação.

graus. E com o vento a sensação térmica é bem maior, fazendo com que as pessoas se protejam com agasalhos e casacos. Principalmente por ser região serrana.

Sentado numa mesa com jornais e revistas sobre ecologia, foi logo mostrando um artigo que escreveu com essa temática. Com formação em Engenheiro Agrônomo conta com orgulho marcante ter sido aluno do professor Vasconcelos Sobrinho, que considera o maior ecólogo que o Brasil já teve, tendo estudado cerca de um ano com ele. Lembra que em 1954 o café havia alcançado um preço alto no mercado internacional. Então o governo resolveu criar um departamento junto da Secretaria de Agricultura para a conservação dos cafezais de Pernambuco, naquele período considerado o segundo maior produtor de café. Passou no concurso em segundo lugar e pode escolher o município de Bonito, terra do avô. Informa que foi nomeado Engenheiro Agrônomo Conservacionista. Chegando ao município, observou não haver boa distribuição de água, energia, pavimentação nas ruas, etc. Mas ele admirou muito a paisagem e a simplicidade do povo. Conta que quando subia a serra e chegava ao alto e visualizava o panorama abaixo, *"isso aqui não era descampado como é hoje não, era tudo cheio de matas, mata atlântica tá entendendo. Naquela época tinha 8.500 hectares de mata atlântica verdejante naquela região ali"* (Fonte oral A-3). Aponta a direção das montanhas. Após uma pausa nos carros de som da campanha eleitoral, conduzimos a entrevista para o assunto de nosso interesse. E ele deixou momentaneamente a ecologia de lado, respondendo as questões referentes ao nosso foco.

1.2.4.Recordadora narradora (A-4)

Natural de Bonito (A-4) (72), tem formação em História. Diz que gostaria muito de investir em pesquisa. Conta entusiasmada que vem elaborando um trabalho sobre as famílias de Bonito, no sentido de se preservar as que vão desaparecendo. Reflete que *"o ruim de ficar velho é que, aquelas pessoas que tem muita coisa pra dizer desaparecem sem deixar registro das suas memórias"* (Fonte oral A-4).

A manhã ensolarada de sábado, estava bastante movimentada, com a feira livre local. E a todo o momento, tínhamos que pausar o gravador, para a professora saudar aos transeuntes no portão, desejando bom-dia. As pessoas paravam meio que

estrategicamente. Acontece que nessas cidades interioranas do nordeste brasileiro, todos se conhecem. Aonde chegávamos já sabiam da nossa presença, pois alguém havia falado do nosso trabalho. Alguns trocavam um pouco mais de palavras, enquanto fixavam o olhar interrogativo nos nossos equipamentos de gravação e câmera fotográfica. E tendo em vista que a professora foi formadora de toda uma geração de alunos, e goza de respeito na comunidade, despertávamos ainda mais atenção.

1.3. Perfil referente à classe intermediaria

1.3.1. Recordadora narradora (B-1)

Encontramos a professora de ensino fundamental, (B-1) natural de Bonito, na escola onde ensina. A classe onde aplicava exercícios, se encontrava silenciosa e repleta de alunos, na maioria, crianças entre oito e dez anos, que nos olharam de forma curiosa, como se indagando sobre quem seriam os visitantes invasores. Esperamos que fossem liberados para o recreio, quando saíram em algazarra chamando nossa atenção com risinhos e brincadeiras infantis. Conversamos rápido, combinando a entrevista para logo mais ao retornarmos da casa do informante (A-1).

Conversamos no alpendre da sua casa, localizada numa região bastante isolada da zona de menor densidade demográfica da vila do Rodeador. Enquanto falávamos podíamos ver uma boa reserva de vegetação verdejante, resquícios da mata atlântica como explicou, além de árvores frutíferas no quintal, onde se vislumbra outro ângulo da *Pedra do Rodeador*. Ao principio (B-1) se mostrava um pouco agitada, pois no momento que começávamos a gravar, alguém chamou do portão, e tivemos que pausar. Em seguida recomeçamos de forma mais relaxada; e a conversa ocorreu tranquilamente. Ela falou bastante, de forma coerente. Com muita vibração e sentido de pertencimento ao sítio sagrado onde vive.

1.3.2. Recordador narrador (B-2)

O encontro com o bonitense (B-2) foi na sua casa. Ele tem formação em nível de terceiro grau incompleto, tendo iniciado duas faculdades, mas não pode continuar

devido ao trabalho. E pretende dar continuidade aos estudos e concluir quando possa. Conta que a família possui propriedade no *Rodeador* em frente à Pedra. Diz que morou uns dez anos por ali, e em seguida viveu em Bonito, Recife e Rio, voltando para Bonito onde vive atualmente.

1.4. Perfil referente à classe jovem

1.4.1. Recordador narrador (C-1)

Natural de Bonito (C-1) possui Licenciatura em História. Além de exercer atividade de professor de ensino especial num programa do governo de Pernambuco, também trabalha num escritório. Por ser tão ocupado tivemos que esperá-lo na sua casa, à noite até quase 23h30min. Ele chegou correndo e iniciamos direto a entrevista. Ele é um jovem bastante perspicaz e vibra muito com o tema focado no sebastianismo.

1.4.2. Recordadora narradora (C-2)

A informante mais jovem (C-2), natural de Bonito, moradora da Vila do Rodeador, na época cursava a oitava série, num colégio da zona central de Bonito. (C-2) estava visivelmente nervosa, conversamos sobre outras coisas, enquanto ela relaxava e perdia o medo do microfone. A maioria das pessoas fica com algum temor em falar, expressar opinião, quando sabe que terá sua voz captada, gravada. Demonstrava certa insegurança quanto ao conflito do Rodeador. Enquanto falávamos trivialidades, entre outras coisas anunciou, que dentre suas expectativas de vida, e seus interesses, o que mais gostaria, seria ter um futuro melhor, o que significava um bom emprego, mas que não iria sair da vila. Queria ser professora. E ajudar sua comunidade. Finalmente se predispôs a colaborar com suas opiniões para nossa pesquisa, consentindo que iniciássemos a gravação. Ao final disse que espera que haja mais pessoas interessadas na guerra do *Rodeador*, que possam divulgar a importância que isso tem para o local e o país.

6. CATEGORIAS EMERGENTES DOS DADOS

O imaginário tratou de tecer como numa teia de aranha as lendas que hoje ainda sobrevivem no *Rodeador*. Mas essa oralidade vem sendo enterrada aos poucos junto com as pessoas mais antigas, detentoras dentro de um parâmetro de longevidade, de um conhecimento do fato histórico transformado em histórias lembradas, mesmo que fragmentadas na imaginação das pessoas mais antigas da vila do *Rodeador*. Segundo Lévi-Strauss[172] assinala,

> *O caráter aberto da história está assegurado pelas inumeráveis maneiras de compor e recompor as células mitológicas. Isto demonstra-nos que, usando o mesmo material, porque no fundo é um tipo de material que pertence à herança comum ou ao patrimônio comum de todos os grupos, de todos os clãs, ou de todas as linhagens, uma pessoa pode, todavia conseguir elaborar um relato original para cada um deles* (Lévi-Strauss 1990:63 tradução da autora).

E é interessante citar aqui um trecho de Elíade[173], que diz com relação aos objetos do mundo exterior, tanto como os atos humanos propriamente ditos, não ter um valor intrínseco autônomo. E que um objeto ou uma ação adquirem um valor, e desta forma, chegam a ser reais, porque participam de qualquer maneira, de uma realidade que os transcende.

> *Uma pedra, entre tantas outras, chega a ser sagrada – e, portanto, se acha imediatamente saturada de ser – pelo fato de que sua forma acusa uma participação num determinado símbolo, ou também porque constitui uma hierofania[174], possui maná, comemora um ato mítico. O objeto aparece então como receptáculo de uma força estranha de seu meio que lhe confere sentido e valor diferente. Essa força pode estar em sua essência ou em sua forma; uma rocha se mostra como sagrada porque sua própria existência é uma hierofanía* [...]. *Uma pedra das mais*

[172] Lévy-strauss**,** Claude (1999) Mito y Significado. Alianza Editorial, Madrid
[173] Elíade, Mírcea (2008) El Mito del Eterno Retorno, Alianza Editorial/Emecé, Madrid
[174] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa hierofania é o aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado.

> *vulgares: será convertida em "preciosa", quer dizer se impregnará de uma força mágica ou religiosa em virtude de sua forma simbólica ou de sua origem: "pedra de raio", que se supõe caída do céu; perola, porque vem do fundo do oceano. Outras pedras serão sagradas porque são moradas dos antepassados* […] (Elíade 2008:14, 15 tradução da autora)

Neste segmento utilizaremos a codificação das entrevistas que nos possibilitou criar categorias a partir dos dados. Além dos memorandos das entrevistas para compor o corpo teórico. Foram escolhidas as categorias que consideramos mais representativas para o nosso estudo: a) A pedra sebastianista evocada recontada escutada; b) lendas ressaltam segredo mistério encantamento assombração; c) o arraial e a guerra com os devotos no Rodeador; d) moça ou santa da pedra; e) riacho do sangue e chumbo da pedra símbolos da morte.

1.5. A pedra sebastianista evocada recontada escutada

O recordador narrador (A-1) sempre afirmava que nasceu na pedra e nunca saiu para morar em outro lugar, e em tom enfático até um pouco irritado, afirma categoricamente, *"as terras da pedra devem ser mantidas e preservadas"*. E como num clarão de memória de repente lembra:

> *teve a guerra; mas a guerra foi há muito tempo atrás; há muitos anos; Foi há muito tempo; pelo menos uns cento e tantos anos que houve a guerra; quase derrubavam a pedra toda; foi o governo quem empatou e ordenou que na pedra não se mexe um só centímetro; quem quiser pode estudar, pesquisar; mas derrubar o que tiver ao redor da pedra, de jeito nenhum. Nunca vi nada dessas coisas que se comenta. Sei de um tiroteio que aconteceu no local, por volta de 1822, e que um tenente do município vizinho, a mando de quem, ninguém sabe, veio e se ofereceu para procurar e achar uma moça. Foi conversar com ela e tirou ela da loca, levando prá Recife... Esperou então que chegasse à hora dela falar, aí quando ela falou, deu dois tiros, e os outros, prevenidos, danaram bala, assim conta o pessoal mais velho. E o segredo que o povo diz que vê, fica nas bandas da casa de um morador, no pé da serra, mas isso era há*

> *muito tempo..., e ninguém nunca mais viu nada. Eu não acredito nisso não. Quem inventou isso foi os mais velhos, que já morreram*[175].

Diz que vinha do Recife quem podia, e passava às vezes até um ano trabalhando,

> *o governo consentia; quem quisesse morava no local; sem problemas; e também podia ir embora;* (afirma com ênfase) *ninguém empatava o povo de trabalhar em qualquer lugar na vila; trabalhavam por conta própria; eram os donos, levantavam casa. Havia muita gente que vinham da rua; ou saiam para a rua; um vai e vem danado de gente; mas o pessoá se desencantou; não vem mais gente. Era tudo nego os que vieram morar aqui. Chegava aqui e fazia casa* (fonte oral A-1).

Já outro informante, (A-2), confirma saber da história da santa e da guerra no pé da pedra. A mãe que nasceu e se criou no engenho Rodeador contava sempre o que ouvia sobre o episódio. E (A-3), que chegou a região por contingencias de trabalho, e acabou ficando toda a vida, constituindo família e fincando os pés na terra, fala que ouviu muitas histórias, e leu também, que no passado apareceu no povoado, um rapaz chamado *Joaquim Silvestre dos Reis* (não tem certeza do nome); não se sabe se era louco ou normal, pregando idéias sebastianistas. Muita gente acreditou nas suas pregações. Misturou conceitos de sebastianismo com o sistema de governo imperial, vigente; isso começou a inquietar as autoridades; daí teve como resultado, uma férrea perseguição que acabou com o massacre ao final de 1820.

Com grande empolgação, (B-1) diz que desde criança o pai - se estivesse vivo estaria com 90 anos -, que veio do distrito de Alto Bonito e morou no Rodeador cerca de setenta anos, sempre se referia a história do massacre que aconteceu no local, como a guerra. E numa ocasião chegou a encontrar uma caneta de prata muito bonita. Recorda que um dia, junto com um trabalhador abria terras para plantar, quando de repente o rapaz encontrou um objeto pontudo, enterrado na areia e entregou ao pai, que reconheceu e se fez guardião da caneta; além das cascas de balas encontradas nas suas terras, por muito tempo. Lembra que quando criança, pesquisadores estiveram na sua casa acompanhados de alguém do exercito, querendo saber sobre a história da pedra. O pai mostrou os materiais encontrados. E pediram para que fossem doados, pois seria

[175]Anotações de campo e entrevista informal com o Sr. José alexandrino de Menezes quando da primeira visita à Pedra do Rodeador em 2006.

importante se preservar isso para a história da pedra. Mas o pai negou-se a doar a caneta explicando que tinha uma filha, (B-1), que estudava e havia pedido a tal caneta, para mostrar a quem aparecesse futuramente interessado na cultura e história do lugar. Queriam levar para fazer parte do acervo de algum museu. Mas a caneta posteriormente veio a desaparecer. Sumiu numa apresentação tipo feira de ciências, que sua irmã participava na escola Paulo Queiroz, falando sobre o Rodeador, e levou a caneta para ilustrar sua exposição. Diz que não restou sequer uma foto da caneta com sua família. Lembra que *"tinha alguns desenhos e uma pena de um lado. Mas não lembro o ano. E tinha também uma numeração, um brasão brasileiro e uma coroa*". Sente muito a perda desses objetos, principalmente da caneta, que acha ser uma "*relíquia irrecuperável, e as cascas de balas também, porque poderiam ser hoje um pequeno acervo do Rodeador"*; diz que além de contar sobre essas coisas encontradas, o pai também falava do massacre e de uma capela construída em cima da pedra. Recorda que há muito tempo atrás ainda se encontrava tijolos lá em cima. Acredita que já não existe nenhum vestígio dessa construção. Afirma que aos quinze anos subiu a pedra,

> *realmente cheguei a ver as pedras da capela amontoadas, mas com o tempo e a visitação, as ruínas foram perdendo o formato de capela; mas meu pai sempre dizia que ali existiu a capela onde a filha de Dom Sebastião se apresentava como santa* (fonte oral B1)

Fala (B-1) com nostalgia de um senhor chamado José Faustino que nasceu e foi criado no Rodeador, descendente de escravos como sendo

> *um preto velho muito espevitado, contador de causos. Morreu com 85 anos, de câncer. Se estivesse vivo contava melhor que ninguém as histórias que ouvia dos seus familiares. Os pais dele viveram e fizeram família no Rodeador desde a época dos engenhos de cana e das plantações de café. O Rodeador sempre foi habitado por muitos negros, escravos que clamavam pela liberdade. A família do seu Faustino contava muitas histórias que ele ouvia quando menino. Ele teve amigos e parentes que viveram, participaram e até morreram na causa do arraial. Mas muita gente veio de fora, tanto de Bonito como de Alagoas, em busca dessa libertação [...]. Eu tenho impressão que o Silvestre queria mesmo um confronto com o governo, e por isso aos poucos foram se fortalecendo a espera da guerra. Agora eles viviam de pedir coisas, plantavam também, mas saqueavam muitas fazendas e o comércio de Bonito em busca de alimentos. E por isso começaram a ser perseguidos, por essas coisas consideradas roubo* (fonte oral B-1)

Desde pequeno (B-2) escutava fatos curiosos referentes ao conflito do Rodeador que aprendeu dos familiares mais antigos. Observa com preocupação e muita ênfase que *"o fato histórico hoje está sofrendo perdas de conteúdo. É uma história grande".* O pai contava muitas histórias, vindo a morrer aos 80 anos. Continua sua linha de raciocínio e acha jocosa a idéia do rei D. Sebastião aparecer, ressuscitar e estar no Brasil, na Pedra do Rodeador, em Bonito. Assegura erudito que toda essa história bonita virou lenda em Bonito,

> *o massacre ocorreu naquela época com a polícia do Recife, capital de Pernambuco. O Silvestre, um militar do exército de Maceió em Alagoas, se dizia ser o próprio Dom Sebastião, se fazendo acreditar pelo povo. Fugido, se refugiou na Pedra do Rodeador. O militar tinha uma namorada e queria mostrar ser uma pessoa ingênua, sendo que lá, ele dava uma de santo* [176]*, ocultando sua presença [...]. A guerra ocorreu na região da piscina por ali, perto do riacho do Sangue [...]. As crianças foram jogadas pra cima, e o pessoal... A polícia... O exército quando chegou de Recife, que encontrou aqui o povo, disse que era prá matar todo mundo, que ninguém podia ficar aqui. As criancinhas eram jogadas pra cima, e quando iam descendo, os soldados espetavam elas com as espadas. Elas eram..., feridas pelas espadas, foram mortas tá entendendo. As histórias eram essas, aí a gente comentava muito isso, mas sem uma exploração maior..., uma coisa tá entendendo..., que... A gente achava que na época, na realidade..., pra gente não tinha importância* (fonte oral B-2).

Reflete pensativo (C-1) e comenta que há muitas histórias que se escuta, mas que só falou com pessoas de 70, 80 anos. Mais do que isso não, nunca teve oportunidade. Comenta que essas pessoas afirmavam ouvir dos seus familiares sobre a qualidade de gente que vinha acompanhar Silvestre na formação do arruado, ser do tipo bandido e saquear a cidade, promovendo pânico. O povo tinha medo dos amotinados. Contam que por diversas vezes praticaram abusos, como homicídio, estupro. E nesse sentido, acha que *"é uma visão negativista, pois aquelas pessoas tinham um ideal religioso"* (fonte oral C-1)

[176] Trocadilho bastante usual no nordeste brasileiro "dar uma de santo" é quando se quer dizer que alguém se esconde, demonstrando ter outras intenções.

1.6. Lendas ressaltam segredo mistério encantamento assombração

Alguns informantes conferem ao local do massacre terreno encantado. Nesse sentido confidencia (A-1) que tem gente que vê pessoas encantadas na pedra, mas reforça que não comunga esse ponto de vista. Dizia que

> *sempre ouvi contar dos meus familiares antigos, que a pedra era encantada. Aparecia visão, assombração. À noite, se via gente passando, descendo a pedra ser ter ninguém. Assim de trevés, de costa. Agora se vai descer desse lado da pedra, aqui em frente, só se desce uma vez e nunca mais é vivo, por que morre* (fonte oral A-1)

A indagação aos comentários com referencia a pedra ter um mistério, um segredo, mudar de repente a temperatura, (A-1) responde de forma óbvia – *"bem no inverno tá fria; no verão tá quente"* -. Diz que em janeiro tá fria porque o tempo ainda não esquentou. E impaciente comenta que o povo inventa muita coisa que não tem nada a ver, e que não sabe de nada disso, e não vê nada do que se abismar. E acrescenta,

> *Eu não acredito em nada disso que o povo inventa; é tudo besteira [...]. A gente podia ver a pedra toda, agora não se vê toda porque a árvore fica no meio e não deixa. A pedra brilha e fica iluminada, mas não tem nada que cause nenhum impacto. Eu penso que se fosse construída uma estrada asfaltada se podia subir na pedra. E se podia andar lá em cima, pois nada impede subir a pedra e passear em cima dela* (fonte oral A-1).

Contrapõe o ponto de vista de José Otacílio (Zé Pequeno) 54 anos, também morador da vila do Rodeador, que ouvia do avô, José Marcelino dos Santos que teve uma guerra, e que a pedra tem um mistério, que é um negócio encantado e que tem um segredo. E que antigamente na entrada de uma loca na pedra, aparecia uma carreira de luz de um canto a outro da pedra, e no meio surgia uma moça. Ele acha que a pedra é estranha mesmo, porque às vezes muda de temperatura[177].

Já outro informante não lembra alguém comentar sobre a pedra com esse sentido, de sobrenatural e encantamento. Reforça a opinião de que não se entra na caverna, devido unicamente as fezes dos morcegos que habitam o interior da rocha (A-3).

[177] Anotações da primeira visita ao campo em janeiro 2006.

Outra opinião corrente enfatiza sobre o que aconteceu fazer parte da história, afirmando o desconhecimento de lendas envolvendo o Rodeador. Dentro desse racionalismo histórico surpreende, ao divagar que a mulher que se passava por santa no arraial poderia ter morrido, aparecendo na imaginação popular em forma de assombração; mas reflete que não tem como se provar essas coisas (A-4).

O povo diz que Silvestre e a moça entraram na pedra e desapareceram (B-1). Observa em seguida que a pedra é encantada, nunca conseguiu entrar na caverna. Mas já escutou sobre pessoas que entraram na loca e tiveram a ilusão de ver uma casa totalmente mobiliada no interior da gruta. Diz que muita gente já foi até o local tentar entrar. Mas tem que levar corda e equipamento adequado (infelizmente quando estivemos no Rodeador, chovia bastante. O acesso até a citada gruta se encontrava em completo abandono e matagal, totalmente inacessível. Não foi possível visitar, pois seria um risco demasiado alto. A região não conta com guias especializados, ou seja, treinados para isso). Segundo (B-1) o senhor José Faustino contava que algumas pessoas que conseguiam chegar ao interior da gruta tinham o dom de visualizar uma casa montada. Enquanto outras só viam mesmo as pedras, para se aceder ao ambiente interno da gruta, de acordo com a descrição do velho senhor José Faustino, seria como entrar por uma passagem estreita e sair num grande salão com um amontoado de pedras, com espaço tanto para sentar como deitar. Dizia também que muita gente entrava na caverna e saia correndo ao se deparar com a casa mobiliada. Acrescentava que muitas pessoas sumiram ali. Seria como uma brecha, abertura, passagem para outra dimensão? Entrando por essa fenda, nunca mais saíram e que se encontrava até vestígios de ossos humanos dentro da gruta. E teve até ocasião de se entrar um grupo e alguns desaparecerem, não voltaram nunca.

Admite (B-1) que essas histórias de desaparecimento foram apenas escutadas. Relata o caso concreto, de cinco rapazes do Recife, que munidos de equipamentos, há uns três anos antes dessa entrevista entraram na gruta, mas só conseguiram chegar até determinado ponto, devido a dificuldade de caminhar na estreita passagem. A escuridão, as lunetas não clareavam o bastante, e em determinado momento começaram a apagar. Então eles recuaram, ficaram de retornar para tentar outra vez, mas até aquele momento não haviam retomado a aventura de entrar na caverna. Outro caso foi o da equipe de

pesquisadores de alguma faculdade que ela não conseguiu lembrar. Ao tentar entrar na gruta, encontraram muitos morcegos, colocaram tela para os animais saírem e acamparam ao pé da pedra com a intenção de retornar no dia seguinte, mas também não sabe o desfecho final desse grupo. Reflete *"esses rapazes da faculdade, de certa forma estavam fazendo história"*.

Outro ponto de vista remete a historia do Rodeador a um caso que virou lenda e folclore (B-2). Reconhecendo que cada pessoa conta a história de forma diferente. *"As pessoas não contam a mesma história de maneira igual"* (B-2). Sempre são mostrados aspectos distintos, dando ênfase à questão de que *"a lenda é assim"*. Ressalta o fato de que

> *fui criado no entorno da pedra. E sempre observei que havia uma diversidade de versões diferentes de uma mesma história contada e recontada pelo povo; e ao final a transformação dessas histórias em lendas que circulam hoje de boca em boca. As pessoas contam com diferentes detalhes a mesma história* (fonte oral B-2).

E quanto ao mistério da temperatura que contesta (A-1), por achar que é uma questão obvia da natureza, aqui adquire outros matizes, já que (B-2) considera que as mudanças bruscas causam forte impressão de mistério. E segundo afirma, no entorno da pedra, os moradores não entendem porque em alguns trechos quando cai a noite, por exemplo, na área próxima ao açude, nas terras da antiga fazenda de Fred, hoje conhecida como da Varig, o ar é muito quente. Cita outra localidade chamada Camaleão, próxima a casa de Marina (terras do riacho do Sangue), onde ocorre o mesmo com a temperatura,

> *à noite o ar é mais forte; acho isso inexplicável e ocorre também em outros locais. É uma coisa assim... A gente que anda muito na zona rural... Tem alguns lugares, por exemplo, aqui no município, que quando a gente passa a noite, a temperatura é diferente, e eu não sei por que* (fonte oral B-2).

Continua B-2, fala que o riacho do Sangue antigamente era considerado *mal-assombrado*; seu pai sempre passava por lá a cavalo, quando assumiu o Engenho Rodeadouro, por ocasião da morte do avô, porque naquela época não existiam carros,

tinha que se andar a cavalo ou a pé. Empolgado narra as andanças do seu pai à noite no entorno da pedra.

> *É... Então veja o seguinte... Meu pai sempre andava a noite. E quando foi um dia, ele ia... , e quando ele chegou, passando no pé de caju, que ficava no riacho do Sangue, que ele olhou, ele disse que viu três caveiras penduradas no pé do caju... Aí ele disse que o cabelo arrepiou. O cavalo que ele ia era um cavalo bom, disposto, aí o cavalo também parou e não quis ir. Ele disse que no claro da lua..., que botou a lanterna, quando olhou tinha três caveiras penduradas no galho de caju, e ele tinha que passar com o cavalo por baixo. Então ele tinha um revolver né, e ele foi... Não tinha outro jeito, em cima do cavalo, pegou o revólver e atirou nas caveiras* (Fonte oral B-2).

O entrevistado se empolga na narração, seu gestual é de quem acompanha, como na tela do cinema, uma fuga a cavalo.

> *Aí ele disse que puxou o revolver e atirou, e o cabelo arrepiou, o cavalo deu três pulos, ele bateu a espora e o cavalo passou por debaixo... Na carreira... E foi embora tá entendendo* (Fonte oral B-2).

Conta (B-2) que a localidade conhecida como Camaleão, em frente à pedra, na época da sua infância, até uns 12 anos, também era considerada mal assombrada. Por exemplo, sempre que voltava com os companheiros da cidade, à noite montando a cavalo, viam às vezes um coelhinho branco e outras, um porquinho que corria na frente deles, ou um gato que aparecia no lugar do massacre. E que ao passar no local, quando o cabelo arrepiava e sentia uma sensação estranha era o sinal da aparição em seguida, de um ou dos três animaizinhos. Afirma com veemência que naquela época se via assombração, mas hoje não se vê mais. Era comum se ver coisas chamadas de mal assombro na região, mas com o tempo, se deixa de ver ou acreditar nessas coisas. Rindo muito narra outra passagem vivida pelo pai, quando certa noite passava diante do riacho do Sangue, com muito medo, pois era comum as pessoas verem mal-assombro no local. Mas dessa vez tudo não passou de uma ilusão ótica,

> *Meu pai outra vez disse que ao passar no riacho do Sangue... Aí ele disse que estava com medo, por que o povo sempre via mal-assombro né. E numa noite de lua, tinha chovido e... Quando ele chegou mesmo no riacho, viu uma claridade muito forte na frente dele... E, naquela claridade ele disse que era um fantasma, e não sabia o que era, e puxou o revolver e começou a atirar. Deu seis tiros no fantasma e ele atirava e a*

> *coisa ficava lá balançando e clareando... Uma lua bonita! E ele disse que bateu a espora no cavalo... O cavalo estava apavorado... O cavalo se aproximou... Quando chegou junto, era uma folha de banana que tinham colocado amarrada numa vara, enterrada no chão. E a folha de banana ficou em pé... Choveu, quando a chuva passou, a folha de banana molhada..., a lua, o claro refletiu na folha de banana. E ele disse que ficou com o maior medo do mundo, disse que deu os seis tiros de revólver na folha de banana, pensando que era um mal-assombro. Quando o cavalo chegou perto, que ele foi olhar era uma folha de banana* (Fonte oral B-2).

Reflete "*é o poder da imaginação".* E acrescenta, "*do medo, da lenda do mal assombro".* Então com todos estes ingredientes o pai se assustou. E ao modo dele, travou tremenda luta para ultrapassar algo que via com uma configuração fantasmagórica.

> *E esperou mais de meia hora tentando ver se a coisa saia da frente e não saia. Ele disparou os seis tiros do revolver e teve que passar, quando chegou perto, se aproximou, que olhou era uma simples folha de banana. O medo vencido seguiu em frente. Ele morria de rir quando contava essa história. Disse que quase corria com medo da folha de banana* (Fonte oral B-2).

Mesmo se considerando incrédulo (C-1) afirma que muita gente ouve gritos lá na região do massacre, de homens e mulheres sofrendo. Diz que

> *hoje em dia algumas pessoas ainda afirmam escutar esses gritos de dor vindos do antigo arraial. Há ainda gente que diz escutar o culto religioso. Principalmente os mais velhos com mediunidade apurada*[178]*, escutam os fanáticos fazendo suas orações na pedra. Orando, pedindo a volta de D. Sebastião. E outros vêem as tochas caminhando ao redor da pedra. E nisso tem toda uma mística* (fonte oral C-1).

Quanto ao local ser considerado encantado em função de uma opinião geral, reafirma o ponto de vista de outros entrevistados, que há muitas histórias contadas sobre a gruta. E observa

> *as pessoas acreditavam que D. Sebastião, surgiria de uma abertura na rocha, na entrada da gruta. O episódio tem toda uma mística religiosa envolvida no processo, nas lendas, na historia. Alguns dizem que no interior da caverna tem uma casa toda feita de pedra. Contaram que tem*

[178] Segundo o espiritismo kardecista, é considerado médium, uma pessoa sensitiva, que tem o poder de fazer contato com o mundo espiritual

> *até sofá e mesa de lapide da rocha; e que a gruta é enorme. Dizem que dentro tem um buraco sem fim. Tem que ir com muito cuidado, porque se cair não tem mais como se encontrar. Mas não conheço nenhum caso de desaparecimento de alguém, somente lenda, boato. E os fanáticos viviam ali. É uma pena que eu ainda não tive oportunidade de conhecer o local para conferir pessoalmente* (fonte oral C-1).

1.7. O arraial e a guerra com os devotos no Rodeador

Sobre o arraial dos devotos sebastianistas, diz enfático (A-1) *"quem chegasse ao arruado acampava; Silvestre deixava que as pessoas fizessem as palhoças pra morar e vivessem nas casas".* Diz que o avô contava que as choças eram construídas com barro e cobertas de palha de catolé, um tipo de palmeira muito comum na região, e viviam uma ou duas famílias e que o arruado era grande, *"e ao final tiraram tudo prá Recife"*. Faz referencia aos fanáticos feitos prisioneiros, ao garantir que depois todos foram embora prá Recife, numa forte alusão a leva de homens e mulheres, crianças e animais levados em caminhada pelas estradas do agreste pernambucano até a capital. Aponta o lado da pedra em frente a sua casa, como o local do arraial. Afirmando que o arruado de casas ficava no pé da serra; num baixio; onde tem umas casas, e que era plano e quem quisesse podia morar lá.

Pensa (A-1) que os moradores do arruado só queriam brigar, e se consideravam os donos de tudo. E aí entra em contradição com outra afirmativa de que o povo comia, bebia, vivia unido e não batia boca uns com os outros. Mas em certo sentido se refere a que os fanáticos queriam conquistar o lugar para construir suas casas, por isso talvez se referisse tanto as brigas. Na verdade os moradores do arraial tinham que sobreviver. Já que não podiam dispor de meios para ganhar o sustento, promoviam saques na redondeza. Isso acabou chamando a atenção dos moradores mais abastados, até que enfim chegou aos ouvidos do governo imperial, que enviou suas tropas para abafar o que acreditava se configurar como um motim.

Relata o que ouvia dos familiares mais velhos na sua infância que diziam, *"o povo do arraial rezava muito e fazia o terço"* (fonte oral A1). E as orações seriam ouvidas nas proximidades da pedra.

Quem tava no pé da serra podia ouvir quando os que tavam acima falavam. E quem tava acima podia ouvir os que tavam embaixo e o pessoal que vinha de fora era muito atencioso, mas eram todos metidos a cangaceiro, arruaceiros e cabra brabos (fonte oral A-1).

O arraial do Silvestre foi construído onde hoje é o riacho do Sangue assegura (A-2) e explica

na parte de baixo da pedra. No início Silvestre influenciava o povo e seduzia as pessoas falando sobre um tal de sebastianismo; dizia que um senhor chamado Sebastião que já é morto..., mas ele dizia que o morto ia chegar pra dar felicidade aos moradores do arruado de casas; e o povo foi se reunindo e construindo barracos cobertos de palha de catolé, de palmeira, e agrediam o comércio de Bonito atrás de comida; os moradores não tinham condições financeiras de sustentar mais de 500 famílias, e nessa situação os fanáticos não podiam viver só de ouvir falar desse tal de sebastianismo, assim não teria comida à mesa; e isso começou a preocupar as autoridades de Bonito, e os comerciantes; todos se assombravam com a idéia de um ataque daquela gente à cidade; então..., foi enviado então alguém para se infiltrar no movimento e observar tudo que acontecia lá; o camarada foi para o arraial e se fez de devoto; e ficava só observando os regimentos e manobras deles, e de escutar conversa, e ia transmitia as autoridades de Bonito; o governo de Recife foi informado, e enviou tropas de militares pra atacar; mas o comandante do grupo enviado gostava de aguardente; e estava quase sempre embriagado; nesse estado comandou o ataque a noite; o que fez os seus homens atear o fogo, matando muita gente; os de lá reagiram também; nessa guerra morreram uns vinte e dois militares; e mais de setenta devotos; as casinhas foram incendiadas; muitas mulheres e crianças foram mortas; um verdadeiro desastre; e dizem que o sangue correu no riacho que ficou conhecido como do Sangue (fonte oral A-2).

Traçando com a mão direita um semicírculo, na opinião de (A-3) as cabanas do arraial foram construídas nesse formato; de meia lua; conta que ainda existem algumas estacas no local, segundo relato de algumas pessoas, e que

embaixo onde existe hoje o hotel Rodeadouro, haviam diversas cabanas. As estacas que demarcavam o local das casas foram encontradas há muito tempo; mais de vinte anos; e do amontoado desses materiais, vem à idéia da meia-lua. Penso que o Silvestre deu o primeiro grito pró-república, por que pregava sempre a idéia de que o Brasil só cresceria quando fosse instituído um governo do povo; para o povo; que os coronéis e latifundiários não monopolizariam mais as terras; seriam divididas igualmente entre todos; e isso perturbou o governo que tomou a decisão de destruir o ajuntamento; mas se ele, Silvestre não tivesse se excedido tanto, e ficasse calado, o arraial teria seguido sem incomodar ninguém; quem sabe poderia ter surgido um povoado; mas as idéias dele deram no que deu. As quimeras de Silvestre incomodaram tanto ao poder

> *imperial que o governador geral, ordenou o envio de um pelotão ao local, prá abafar a situação. E um primeiro pelotão foi dizimado pelos fanáticos do Rodeador; em seguida foi um segundo pelotão e o massacre final foi depois de três anos* (fonte oral A-3).

Segundo o que aprendeu nas leituras sobre o ocorrido, afirma que

> *o final do massacre aconteceu quando foi enviada a última remessa de tropas ao ajuntamento. E ao chegar o pelotão o povo correu para dentro da caverna. Havia um coronel, não sei do nome, que ordenou atear fogo dentro da caverna; os fanáticos à medida que saiam do fogaréu iam morrendo; derrubados a bala; o arraial foi exterminado. Durante o dia viviam nas cabanas e a noite realizavam as reuniões dentro da caverna; que também funcionava as vezes de abrigo; recebiam os pelotões e resistiam no interior da gruta; era uma estratégia de defesa; ninguém até aquele momento havia tido a fatal idéia de tocar fogo na entrada da caverna para desestabilizar e provocar a saída dos amotinados; que morreriam de qualquer jeito; seja sufocados pela fumaça e pelo fogo em combustão; ou na saída; executados a queima roupa pelas tropas do exército; sem defesa; com certeza eram alvo fácil; não sei se era capitão ou tenente quem teve a repugnante idéia de tocar fogo na gruta; mas esse homem era um louco; isso é o que todos comentam, e o que sabem da história real do massacre do Rodeador; os primeiros pelotões foram dizimados pela estratégia de defesa dos fanáticos; apenas o último obteve êxito; mesmo assim, por ordem desse louco; que fazendo uso da autoridade, ordenou as tropas atear fogo; o que provocou a carnificina e o massacre. E o Silvestre ainda conseguiu fugir com a moça enquanto o restante do pessoal foi massacrado. Diz que poucas pessoas conseguiram sair com vida do arraial; algumas fugiram para municípios vizinhos; o exército e a polícia não conseguiu capturar muita gente; porque sequer podia identificar esses sobreviventes; levaram um número pequeno de presos para julgamento no Recife; não sei quantas pessoas, isso é tudo que sei* (fonte oral A-3).

Indagada sobre uma pesquisa que realizou no município, (A-4) assume uma postura discursiva; afirma que o trabalho entre outras coisas aborda o massacre da *Pedra do Rodeador.* Fala que Silvestre queria fundar o arraial Paraíso Terreal, e que,

> *isso ia proporcionar a todos viver em igualdade e com boas condições de vida. Na minha opinião ele mesclava catolicismo com umbanda, era uma seita diferente onde ele era o líder espiritual. E o arraial se localizava ao redor da pedra, na parte de baixo; ali em frente à casa do seu Zé do Senhor que conheço e é um homem sério, simples, bacana. As famílias antigas que viviam na localidade chamavam o lugar de Engenho Caramuru, porque o fundador da sesmaria admirava a história de Caramuru. E no local onde se vê uma abertura na pedra, o Silvestre conseguia colocar a mulher que aparecia e falava para o povo; Os participantes do arraial esperavam a fala da mulher. Penso que os fanáticos viam em suas palavras, signos como liberdade, a imagem da*

> *república..., da futura república. A idéia que Silvestre espalhava era que o rei Sebastião ia ressuscitar ali no Rodeador para libertar o povo* (fonte oral A-4).

Conta que a pedra tem uma parte oca em forma de salão; e os fanáticos se reuniam ali sob o comando do líder embusteiro (om relação a mulher, o documento *Devassa*[179] faz apenas referencia a essa moça, mas nos depoimentos, segundo Ribeiro[180], o líder do arraial esperava a capela ser construído para apresentá-la ao povo).

> *O povo na sua ingenuidade de gente simples, do campo, acreditava nas pregações do Silvestre sobre a vinda do rei Sebastião, que sumiu na batalha de Alcácer Quibir em 1578; e naquele momento era esperado para fundar um novo império. E dizia que os primeiros habitantes do Paraíso Terreal, seriam os beneficiados; mas aí ele foi juntando pessoas de todo tipo; muita gente analfabeta buscando um pedaço de terra. E como os Sem Terra de hoje queriam apenas um local prá viver e um pedaço de terra prá plantar; chegavam e levantavam cabanas; e o ajuntamento foi crescendo; chegando muita gente; a vizinhança pensava que era um movimento contra o governo, que recebeu uma denúncia, daí iniciou perseguição ao povo reunido ali; um grupo de polícia de Vitória de Santo Antão se dirigiu ao arraial para prender os fanáticos reunidos na pedra; da primeira vez não conseguiram; mas o fim daquela gente foi triste; todos dormiam enquanto as cabanas foram incendiadas; e muita gente foi assassinada e presa; muitos dos sobreviventes, na maioria mulheres e crianças, foram detidos; algumas não puderam retornar; outras morreram; ou caíram na prostituição; o riacho que corre no local, na noite do combate, se tornou vermelho, da quantidade de pessoas mortas, e por isso ficou conhecido como riacho do Sangue; tendo o líder desaparecido; conta-se que apareceu depois em Carpina,,,* (Fonte oral A-4).

Diz que hoje em dia é impossível se descer do alto e penetrar no salão, ou seja, no interior da caverna, onde eram realizados os rituais e reuniões dos adeptos de Silvestre, pela quantidade de morcegos que é impressionante, afastando qualquer tentativa de se entrar na gruta; fala de um grupo do exército que quer fazer exploração na caverna; a idéia seria levar equipamentos como máscaras de proteção e salvamento por causa do odor das fezes dos mamíferos voadores que é bastante tóxico; e fora o

[179] CD- Enviado Arquivo Nacional. Secção de Documentos, p. 4-144, 180-87 e 264-69. *Devassa* acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro,

[180] Ribeiro, René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: *O Episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista.* Editora Massangana FJN, Recife.

capim macio e cheiroso, propicia um criatório da cobra cascavel. Conta que havia uma casa em frente da pedra, na propriedade do Engenho Rodeador, mas derrubaram.

> *O arraial estaria localizado embaixo da pedra. Não sei se a casa foi da época do Silvestre; uma vez fui visitar a família que vivia lá; e do terreiro da casa se via a pedra do alto; minha neta avisou que ia subir para uma visita e prepararam um almoço; a dona da casa assava carne numa grelha grande, num fogão de lenha e desconfiei que fosse cobra cascavel pelo aspecto, lembrando o peixe conhecido como praieira; sem cabeça nem calda; e quando olhei disse que não comeria, pois sabia que era carne de cobra, então a senhora riu muito e explicou que essa carne, sua filha levaria para vender ao pessoal no local onde trabalhava. A cascavel pode ser consumida como carne, mas tem que se cortar um palmo da cabeça e outro da calda e a parte do meio se come sem medo de envenenar-se. Mas não me atrevi a comer (rindo), pois não acreditei que a carne não tivesse veneno; mas afinal todos comeram até meu marido e disseram que a carne é muito gostosa* (fonte oral A-4)

Mostrando com a mão, a direção onde supostamente acredita ter existido o arraial, (B-1) contesta a informação do mais antigo informante A-1; diz que não foi na frente da casa dele. Reitera a afirmação de outros informantes, sobre a localização do arruado, confirmando que realmente

> *o arraial estaria nas terras onde hoje existem os chalés do hotel Rodeadouro. Antigamente, se acreditava que o arraial estaria do outro lado da pedra, na direção contrária a da minha casa; mas hoje já se sabe melhor a localização; levando em conta a pedra da moça e o riacho do Sangue.* (fonte oral B-1).

Continuando (B-1), sabe que o líder se mobilizava no sentido de aumentar o número do pessoal no arraial e assim dispor de um contingente humano para formar um exercito, como veio a ocorrer opina, e que,

> *realmente esses homens lutaram na guerra; e tudo era comandado por Silvestre, considerado cabeça de tudo; o monarca dizia que iria salvar a todos; e que deveriam estar armados; e se ele não aparecia era porque os reis não queriam; mas todos deveriam manter-se em estado de prontidão e munidos de armas a espera da boa noticia; agora fico pensando assim, como é possível que ninguém se perguntasse na época, se era uma salvação, uma libertação, porque teriam que fazer uso de armas? Não sabiam o porquê da guerra; e na primeira batalha o pessoal armado conseguiu combater. Meu pai dizia que teve mais de uma batalha, e o Sr. José Faustino, considerado por todos grande contador das histórias do Rodeador, confirmava. E na segunda batalha veio tropas*

> *por Bezerros; e o último combate foi que conseguiu afastar o Silvestre do lugar.* (fonte oral B-1)

Supondo que a guerra do Rodeador aconteceu entre 1818 e 1822, (B-2) diz que muita gente morreu. E se atreve a apontar umas 500 pessoas mortas no massacre, como (A-2). Assassinadas das mais diversas formas: crianças mortas à espada, gente caindo no riacho. O massacre deu-se em torno daquela historia do sebastianismo. Interpreta de forma sintética o conflito, afirmando que o exército chegou ao local, dispersando, queimando as palhoças e destruindo tudo. E entusiasmado vai narrando o fato histórico a sua maneira, como aprendeu dos mais antigos.

Refere-se à questão da localização do arraial de Silvestre como totalmente polemica nas cabeças das pessoas.

> *Alguns afirmam que o local é onde hoje tem o Hotel Fazenda Pedra do Rodeadouro, que faz trilhas até uma caverna, mas outros dizem que o arraial ficava nas proximidades da casa de Marina no riacho do Sangue. E realmente é no local onde vive Marina, nas terras de Heleno e outras propriedades, algumas dessas já pertenceram a minha família no passado E outro fator seriam os restos de bala que a gente encontrava quando criança* (fonte oral B-2)

Como outro entrevistado, (B-2) lamenta a falta de oportunidade para entrar na gruta. Mas confirma que tanto seus irmãos como muita gente conhecida sua já foi na loca e entrou. A gruta dos Morcegos segundo outros informantes apontaram, era onde se dizia que sairia o Rei Sebastião com todo seu exército em momento oportuno, para salvar as pessoas da pobreza e miséria. Indica uma árvore enorme que se destaca em cima da pedra e afirma que foi onde seus irmãos amarraram a corda para descer. Sua conclusão é que a gruta do arraial do Silvestre ficaria junto da árvore. Recorda que o pessoal do colégio onde estudou fazia passeios até lá, munidos de cordas e guias treinados para entrar em furna, já que o local tem níveis altos de dificuldade de acesso. Para entrar só com muita segurança; tem que se estar bem preparado além de amarrado com corda, como para praticar rapel. Diz que já andou por cima da pedra,

> *Na verdade eu já andei na pedra, já andei por cima da pedra, já encontrei pedaços de pratos antigos, já trouxe... Poderia ser da época... Eu guardei por muito tempo, mas hoje eu não sei mais aonde estão... Tinha uma capelinha que foi feita por um primo meu, que gostava duma*

> *moça, e a moça o deixou. O Jaime, falecido há pouco tempo, e já também com quase 100 anos. E então ele fez uma promessa que se a moça voltasse pra ele, ele faria uma capela, mas ele se apressou, subiu com o material de burro, botou no burro, subiu e lá em cima ele ergueu uma capela e colocou uma santa na capela, e... Isso há muitos anos atrás. Hoje só existe lá, o localzinho né, a gente encontra lá os pedaços de tijolo, cimento*[...] (fonte oral B-2)

Explica (B-2) que no arraial existia uma capela que ficava a uns 500 metros de distancia da que foi construída por seu primo, e que por essa razão as pessoas confundem como a capela construída no arraial, mas dessa não resta nada. Não sabe se realmente existe alguma pista da capela do arraial, pelo fato de nunca ter ido ao local. Só conhece a capela construída pelo primo, e esta ele descobriu junto com a equipe que participou de um programa de reflorestamento na pedra, plantando 2.000 árvores no local em 2005, mas um ano depois um incêndio veio a destruir cerca de 300 hectares de terra, o que causou a destruição dessas plantas, e foi aí que se encontrou a base da antiga capela construída pelo primo.

Em linhas gerais o perfil da *Pedra do Rodeador*, segundo ponto de vista de (B-2), é o de uma pedra longa, grande, alta; entre 400 a 450 metros de altura com extensão de quase 10 quilômetros de cumprimento. Sorri orgulhoso de ser bonitense. E considera a pedra um lugar encantado, mas também define como complicado. E reflete mais uma vez sobre a questão da localização exata do arraial, apontando diversos pontos de complicação. E diz que é, sobretudo, devido às muitas histórias que o povo escuta e por aí vai indicando aleatoriamente o local onde existiu o arruado.

Indagado sobre a questão do arraial não ter sido até hoje demarcado, e comprovada historicamente sua localização, responde que *"não. Nunca foi feito um estudo baseado em pesquisa, pra mostrar concretamente o local do arraial"* (fonte oral B-2). Mas como estudou geografia não acha impossível isso. Enquanto geógrafo acredita ser possível um estudo da localização exata do arraial, baseado até mesmo nas indicações de pessoas idosas. E que uma prospecção arqueológica e uma pesquisa bem elaborada, poderiam definir o local exato, pois como não foi feito recentemente um levantamento atualizando e demarcando o local, por arqueólogos e historiadores, então o que se sabe e se conta é essa confusão de pontos de vista. Mas enfim reconhece que a

prova cabal de tudo poderia estar onde os projeteis de bala eram encontrados, no sítio onde está à casa de Marina.

> *E se as casinhas ficavam ali, naquela encosta..., com certeza..., porque se houve o massacre ali, se houve as coisas... Se o riacho do Sangue é ali... Se o sangue correu ali, então as casinhas, as cabanas tinham sido construídas naquela localidade... Próximas àquela localidade* [...]. (Fonte oral B-2)

Tomando como referencia à existência de cerca de três ou quatro furnas na pedra, e uma caverna em cima, que se desce somente com equipamento de rapel, volta a dizer que a caverna de Silvestre não tem visão voltada para o hotel como outros entrevistados afirmaram. A que se vê desde o ponto de vista de quem está no hotel Fazenda Rodeadouro, é outra, bem maior. E conta que esteve na casa de A-1 com uma equipe de televisão da região, e que ele ainda se encontrava mentalmente saudável, tendo apontado mais uma vez, o local onde ele e seus coleguinhas de infância encontravam chumbo e projeteis de balas usadas no massacre, como sendo próximo da casa de Marina (fonte oral B2)

Vê o massacre como movimento messiânico ocorrido entre 1818 e 1820 (C-1), que reuniu um grupo de amotinados que praticavam culto religioso. E por meio da religião esperavam a chegada do monarca Dom Sebastião, rei de Portugal, que faleceu na Batalha de Alcácer Quibir em combate com os mouros no Marrocos.

> *O rei era bom para seu povo. As pessoas amotinadas viam no culto, a possibilidade do monarca ressuscitar no Rodeador; e assim poderia construir um reino de paz e igualdade no Brasil; reunidos ali realizavam seus ritos de fé. Então o governador imperial preocupado, tentou contornar a situação, com receio de que isso refletisse na imagem política do império. Por isso foram enviadas tropas do exército para combater. A ordem era derrotar o arraial. Os feridos foram amontoados e juntos com os mortos, queimados em fogueiras, e os vivos levados a pé, estrada afora, seguindo a Serra das Russas, da Borborema, caminhando até a prisão no Recife, com as péssimas condições das estradas naquela época. A sujeição sofrida por aquela gente tinha como delito acreditar na metáfora que contava Silvestre de que o rei ia aparecer e salvar todo mundo. E o local da cadeia do império na capitania de Pernambuco funcionava onde hoje é a sede do Arquivo Público Estadual; não se tem uma idéia certa do número de pessoas massacradas e mortas no combate, nem as que foram levadas pra prisão no recife* (fonte oral C1).

Falta conhecimento por parte dos próprios professores de históriadiz (C-2). Isso pode ser fator que inegavelmente compromete a questão do mal entendido do fato histórico, dando margem ao esquecimento e as distorções. (C2) Aponta a importância de se saber da historia sob o ponto de vista da localidade, e não só aprender sobre os faraós e Egito; isso denota falta de conhecimento do professorado local. Pretende estudar bastante, trabalhar e ajudar aos pais no futuro. E entender as previsões do falso profeta que pregava a vinda do rei português Dom Sebastião que sairia de uma pedra encantada. Pensa que é difícil.

1.8. Moça ou Santa da pedra

A Pedra é também conhecida pelos moradores locais como a "pedra da moça". Entre as muitas lendas sobre o movimento, em meio aos agricultores locais, uma que se destaca é a da aparição de uma mulher. Dizem que na noite do massacre, uma mulher vestida de branco, que alguns afirmam ser amante do líder, *Silvestre José dos Santos*, teria caído numa fenda da pedra quando tentava fugir, e o seu corpo nunca foi encontrado.

Um agricultor Paulo Sebastião (45), garante ter sido escolhido para um encontro com essa mulher misteriosa, diz que *"ela tem horário para se apresentar. Não é qualquer hora e não é para qualquer pessoa. Eu estava caçando na mata às 4h e, de repente, ela apareceu. Fiquei assustado, mas foi só uma vez e demorou pouco tempo*[181].

E antigamente na entrada de uma loca na pedra, aparecia uma carreira de luz de um canto a outro da pedra, e no meio surgia à moça. Quando da primeira visita ao Rodeador tendo como guia o já falecido, Cícero fiscal (in memorium), ele nos conduziu até um morador chamado Raimundo, na época, em dezembro de 2005, com 86 anos. E ao ser indagado se lembrava das histórias da guerra na *Pedra do Rodeador*, ouvidas dos seus familiares mais antigos, sentado ao pé de uma parece de uma localidade próxima ao Rodeador, respondeu ter morado três anos no gavião. E onde tinha um pé de gameleira, junto com os amigos acharam seis garrafas de barro... Quebraram, mas não

[181] Ibidem Passos

encontraram nada dentro, pensavam que poderiam ser do arruado, porque antigamente as garrafas eram de barro. E conta que os mais antigos sempre contavam a história de uma moça,

> *Diziam que antigamente, aparecia uma moça de costa na pedra, aí desconfiaram né, porque a moça só subia de costa, não se virava, aí era um homem que segurava pela costa, e subia e descia a moça, aí começou a guerra né, aí por causa dessa guerra aí, foi que criaram o riacho do Sangue. Dizem que essa guerra foi a primeira guerra do Brasil...*[182]

Sobre a questão indagada a respeito da santa da pedra, (A-1) responde indiferente que é

> *o povo que acredita que vê coisas. Os moradores perto de Heleno Gonçalves que mora lá no pé da serra vê, mas eu nunca vi não. E isso era há muito tempo, ninguém nunca mais viu. Eu não acredito nisso não. Quem inventou essas coisas foi os mais velhos, que já morreram. Mas eu nunca vi nada a respeito dessa moça, dessa conversa dessa loca*. (fonte oral A-1)

Sabe da santa, e que a loca realmente existe; (A-2) conta que um homem conhecido por Zé telegrafista há alguns anos atrás, reunido a outros cinco ou seis homens de Bonito, conseguiu entrar na Loca da Pedra; diz que foi convidado, mas não aceitou por achar que o grupo não estava bem equipado; achou que era precário o que eles tinham a disposição; e seria um negócio arriscado; então achou melhor não ir. Diz que Zé Locutor, um dos participantes do destemido grupo contou que andou no interior da loca; ele e seus companheiros perceberam enorme quantidade de morcegos; a descida é complicada; dentro há um grande salão; levaram holofotes e clarearam o que puderam; mas só viram esses animais; o Zé Locutor afirmou que não teve medo de entrar, pois eram cinco ou seis pessoas juntas. Afirma que o grupo quis entrar por curiosidade; o Zé Locutor morreu e os outros ele não lembra os nomes. Não sabe especificar a data que o grupo entrou na loca; mas acredita que há muito tempo ninguém se aventura a isso. Confirma o que disse (A-4) sobre a existência de muita cobra cascavel no local; mas o Zé Locutor havia contado que no dia da sua ida a loca não se deparou com nenhuma cobra, ao contrário dos morcegos em muita quantidade, o que também confirma a opinião de (A.3) sobre a existência desses mamíferos voadores; e

[182] Anotações de campo dezembro 2005.

com as luzes dos holofotes voavam de um lado ao outro da caverna. A mãe falava prá ele que

> *A santa era milagrosa e o povo costumava fazer pedidos e promessas. Mas não sei que pedidos eram feitos a santa da loca; agora sei que a mulher pode ter sido Aninha do Gavião e que Silvestre ocultava ela prá fazer o povo acreditar que seria uma santa milagrosa* (fonte oral A.-2).

Silvestre conheceu uma moça e a levou para a pedra começa explicando (C-3). Dizia ao povo que ela fazia adivinhações; isso criou um mito ao redor dessa mulher misteriosa. Embaixo onde existe o hotel, muita gente ainda hoje afirma que era o lugar onde Silvestre costumava descer todas as noites com a moça considerada divindade, para pregar.

> *O povo acreditava que a criatura tinha o poder de fazer previsões; enfatiza que a coitada era uma matuta; não sabia de nada; o Silvestre doutrinava e insuflava as coisas que ela deveria dizer; não entendia o que falava. Mas na minha opinião isso não passava de truques o que se ocorria ali; como por exemplo, se valendo de mentira, poderia pagar alguma pessoa simulando doença para uma consulta; e depois que ela botava a mão em cima, aí o cara saia andando; to apenas supondo essas encenações, mas acho que ninguém nunca pensou que isso poderia ter se passado, como hoje acontece nos cultos de algumas igrejas evangélicas, e isso se passa também em outras formas de curandeirismo. Acho que para ganhar a confiança daquela gente, o Silvestre poderia ter elaborado algumas sessões milagrosas. Não vejo essa moça como milagrosa, acho até que ela era como uma marionete, manipulada por Silvestre, tendo suas ações comandadas por ele* (fonte oral A-3)

Diz que Silvestre apareceu na localidade com uma amiga, esposa ou companheira (C-4). E enfatiza que isso não é lenda; projetava a ilusão de que a mulher que se fazia de oráculo, intercambiando a comunicação com o encantado, era Nossa Senhora; inventava rezas para os fanáticos rezarem nas sessões; misturava orações como a Ave Maria com outras coisas; instituía leis; criava distintivos como um lenço; isso não é lenda; isso é história afirma categoricamente (C-4).

> *E a mulher que aparecia como santa, na verdade era a companheira de Silvestre. Nos rituais que comandava, apresentava a moça para que o povo acreditasse no seu delírio. Depois da tragédia ele fugiu; desapareceu e fim. E é isso que consta nos anais da história e do reino* (fonte oral C-4).

A entrevistada (B-1) narra segundo seu ponto de vista o que poderia ocorrer nas reuniões do arraial.

> *Antes de iniciar as reuniões o Silvestre invocava essa menina, moça, santa, mas ela ainda não havia aparecido para os fanáticos como tal, haveria uma preparação para que ela se apresentasse a todos na condição de santa da pedra. Mas eu acho que ninguém chegou a ver mesmo essa moça. O Silvestre falava com a menina e ela repassava a ele as mensagens recebidas de Dom Sebastião. E dizia que a tal santa iria aparecer no momento certo; somente depois é que se conheceu a verdade sobre essa santa. Chegaram a dizer na época que era filha dele, depois que era amante; mas acredito mais na possibilidade da santa ser namorada ou mesmo amante dele. Essa moça coitada estava sempre escondida, aguardando o momento de aparecer na capela que estava sendo construída para isso; desconhece se realmente a moça chegou a cumprir seu compromisso de aparecer para o povo* (fonte oral B-1)

(B-1) sorri, dizendo que tem algumas histórias engraçadas que os mais idosos contavam. Explica que o Sr. José Faustino já citado antes, por exemplo, gostava de se referir a um mascate que aparecia vendendo coisas no Rodeador e que

> *certa vez, passando junto à pedra, viu uma casa que nunca havia percebido antes; e de repente uma janela se abriu e uma moça muito bonita pediu que ele trouxesse espelho e enfeites para ela; e ao se aproximar, viu que a casa e a moça não passavam de uma ilusão; saiu correndo deixando a mercadoria; contava ainda que ele e um grupo que ia vender mercadorias, saia geralmente as 03h00min da madrugada; pegava a estrada e todos sentiam receio de passar no local; era comum se ouvir gritos, barulho de martelo batendo na rocha, vozes chamando alguém; acrescenta que eles se arrepiavam e corriam; tocavam os animais e nessas carreiras para fugir do local, muita gente perdeu mercadorias ao passar pelo lugar à noite; com medo do encanto da pedra; Acredito que nesse ponto, a pedra é encantada. O seu José Faustino era o melhor contador das coisas do Rodeador; contava, por exemplo, que ninguém nunca chegou a ver a moça na época do Silvestre; mas essa outra moça que aparecia na janela sempre pedia coisas; alguns mais antigos deixavam até fumo no local, como se fosse oferenda para uma deusa; e nessa versão da moça da janela segundo a lenda, ela teria um tesouro a oferecer a quem tivesse coragem de entrar com ela nessa porta ou janela* (fonte oral B-1).

Quando era criança ainda ouvia muitos comentários sobre essa história diz (B-2). Falava-se bastante da lenda de uma moça encantada que se escondia. No mesmo tom burlão, sorrindo, diz que a moça era justamente a namorada do Silvestre. Relata que a moça da lenda foi vista certa vez e correu se escondendo na caverna. As pessoas não

imaginavam que era amante do Silvestre. Aprendeu com os mais velhos que antes do massacre a moça foi vista; se escondeu em seguida, na caverna. Os moradores do entorno da pedra pensavam que era uma moça encantada. O boato assim correu a boca miúda por toda a região, virou mito.

> *A moça foi vista primeiro pelo padeiro que passava com um balaio de pão para vender, e foi o responsável pela divulgação da lenda; onde passava contava que havia visto uma moça encantada entrando na caverna da pedra; a lenda foi se impregnando de outras coisas; a moça era muito bonita; era uma rainha; vivia encantada na loca da pedra; aparecia vestida de branco; mas na verdade a moça era a amante do Silvestre. A moça do caminho de luz como outras pessoas contam, que era vista subindo e descendo a encosta da pedra de costas, num caminho de luz. E outros dizem que estava presa por trás com uma corda para segurar ela e dar efeito dela estar suspensa; acredito se tratar da mesma moça encantada e que com a passagem do tempo as pessoas vão distorcendo e contando diferentes histórias, a partir de uma mesma história, e ao final a moça era real e não passava da amante do Silvestre.* (fonte oral B-2).

Confirma (C-2) já ter escutado sobre a carreira de luz. Acredita que isso poderia ser uma clara referencia também, as tochas que alguns idosos alegam ter visto em alguma ocasião. Volta a falar em mediunidade dessas pessoas que vêem tochas ao redor da entrada da gruta onde o líder do arraial costumava falar com a santa, "*alguns fazem referencia a uma imagem da santa dentro da gruta, mas isso eu não sei se é verdade"* (fonte oral C-1).

Acrescenta (C-2) ao raciocínio dos outros informantes, que sabe por exemplo, que uma família se hospedou na Pedra, e que

> *havia uma moça muito linda que morava lá, por isso o local foi chamado "Pedra da Moça", porque ela vivia dentro de uma caverna. Mas teve muita briga e sangue, coisas assim. E o povo, os turistas em visita ao local, depois da guerra, jogavam comida para a moça* (fonte oral C-2).

Diz com ênfase: *"Era a moça da pedra"*, acredita de verdade, pois as pessoas da zona rural do nordeste do Brasil ainda vivem um pouco imersas numa cosmovisão que leva a acreditar em mal assombro, encantarias e crendices diversas. E nesse momento emite uma opinião mais pessoal sobre a moça da pedra,*"ela ficava dentro; tinha medo*

da guerra; medo de sair, de morrer; para proteger sua família, ficava feito uma estátua, como uma santa, e o povo mandava comida" (fonte oral C-2).

1.9. Riacho do Sangue e chumbo da pedra símbolos de morte

O riacho do Sangue é ali na frente, aponta com a mão (A-1), na direção do riacho como numa espécie de insight; diz que corria sangue de bica. Ao falar sobre esse assunto foi como um clarão de lucidez e fluidez. Já (B-1) descreve como acha que aconteceu a guerra que deu fim ao arraial,

> *Foi à noite quando tudo foi destruído. Cercaram e tocaram fogo. E foi tanto sangue que os sobreviventes viam ao invés da água, descer da serra, puro sangue para um riacho; e hoje se diz que é o riacho do Sangue do Rodeador" (fonte oral B-1).*

Não lembra bem do que o pai havia contado, mas sabe que muita gente foi assassinada no local. E que *"houve muito sangue e violência. Mas na escola onde estudo nunca se comentou sobre isso. Sei que muita gente morreu, o sangue descia pelo riacho entre a pedra e umas casas numas locas"* (fonte oral C-2).

E traçando o percurso do riacho do Sangue, (B-2) afirma com certeza, que o local fica exatamente passando entre as terras de um proprietário chamado Heleno, em frente à casinha da moradora Marina que mora nas terras do primo dele, José Alberto. Nesse ponto onde se encontra hoje uma pequena ponte sobre o riacho, diz que o pai atirou na folha da bananeira. E lembra o que aprendeu ouvindo dos mais velhos que contam que a água de um pequeno riacho ficou vermelha de sangue, por isso o apelido riacho do Sangue; sangue humano misturado com água corrente do riacho.

> *aquele riacho, a gente passava por dentro dele, não tinha ponte... E era uma água limpa..., todo mundo bebia, porque a água de lá, é limpa, é cristalina, é uma água mineral... Vem da serra, vem da pedra... Então naquele riacho a gente tomava água quando a gente passava ali. Era uma areia muito branca, muito bonita, muito fininha, aquela areiazinha. E a água bem geladinha que desce de dentro daquelas grutas, e... E ali foi exatamente aonde houve o derramamento de sangue, que se deu o nome do riacho do Sangue. Naquela época há 20 anos, aquela água dali era cinco vezes o que desce hoje. Era muita água, não cortava o verão todinho, era muita água naquele riacho. Hoje ele chega a ser quase temporário, no verão, fica bem pouquinho. Mas naquela época, há vinte,*

> *trinta anos atrás, era muita água, mesmo no verão corria muita água naquele local* (fonte oral B-2).

O informante A-1 se refere ao chumbo e cascas de balas encontradas em frente a sua casa ao pé da pedra, na sua meninice. Conta que quando era pequeno encontrou muito chumbo; ele e os amiguinhos de infância. Juntavam e iam vender as bolsinhas do que conseguiam numa venda que existia em frente ao engenho da Prata.

> *Era um caso..., era um negócio sério! A gente achava chumbo nessa estrada aqui mesmo, a gente saia caçando, quando chovia escorregava da pedra. Oia, um bocado escorria quando chovia a pique no inverno. Chovia que o chumbo escorria... Aí o pessoá..., os meninos... Eu mesmo ajuntei muito chumbo aqui prá ir vender a um bodegueiro que tinha lá fora, da Prata. A gente vendia o chumbo a ele. Era Elizeu, que era o comprador de chumbo... Aí um dia achei que deu um pacote assim* (mensura o tamanho com as mãos), s*ó em caroço, miudinho, de bala de armazém, de espingarda. Aí eu levei e vendi para o finado Elizeu, que tinha uma bodega grande, uma venda lá no Engenho da Prata. Deu um quilo e cem gramas, aí ele pagou três tostões o quilo, porque tava todo machucado. E a gente comprou de cigarro na venda dele pra fumar. Diziam que esse chumbo que caia da pedra, era da guerra, era de quem tava lá no ajuntamento, atirando pro lado da pedra, era um arruado de casa de um lado e do outro do caminho. Mas agora não tem mais chumbo desses... Tem não... Acabou-se... Derreteu..., derreteu-se todo. Desmanchou-se... O pessoá todo ajuntava... Oia todo mundo que chovesse em casa ajuntava o chumbo. Não aparece mais nada disso... Não. Não, de jeito nenhum aparece, de jeito nenhum* [...] (fonte oral A1)

Conta (A-3) que quando chegou ao Rodeador nos anos cinqüenta do século passado ainda era comum alguns agricultores que lavravam as terras próximas ao local onde se deu o confronto, encontrar restos de balas, coronas, canos, carabinas enferrujadas, soca-soca; diz que chegou a ver as balas, eram redondas e se encontrava no chão, muitas vezes se deparava com esses objetos apenas movimentando o solo para plantar. Mas explica que

> *a erosão laminar com o tempo vai cobrindo tudo; então chegou um momento em que já não se encontrava mais esses materiais; e quem encontrava guardava em casa; ninguém teve a percepção de entregar esses objetos as autoridades para que fossem guardados em museus, e servir como peça arqueológica do episódio sangrento. E é uma pena que com o tempo essas coisas foram desaparecendo sem deixar rastro* (fonte oral C-3).

Conta (B-1) que o pai quando chegou ao sítio, abrindo a mata fechada para o plantio de café e mandioca, muitas vezes encontrava cascas de bala, mas desconhecia a história ocorrida ali; então mostrando o material encontrado nas terras do seu sítio, ao pé da pedra, a alguns coronéis que habitavam na localidade, chegaram à conclusão, que as cascas de bala de rifle, poderiam pertencer ao arraial. Fala das enxurradas, e de como (A-1) lembrava que faziam o chumbo escorrer da pedra; e também quando chovia as pessoas pescando encontravam restos de chumbo e de lata dentro do riacho do Sangue; mas isso foi há muito tempo, já acabou; Muita gente encontrou chumbo e balas por aí afora, no riacho; e quem contou isso foi justamente (A-1).

Refletindo sobre esses materiais encontrados (B-2) confere de certa forma uma legitimidade ao que as pessoas antigas relatavam,

> *Veja... Acho que naquela época a gente nem entendia muito né... Hoje o tema é mais explorado. Naquela época se contava por contar, mas a gente não sabia da importância... Não se falava em colégio, não se dava aula. Hoje não... Hoje os professores têm obrigação de saber, de passar pras crianças, de ensinar, de fazer trabalho, pesquisa, então hoje é completamente diferente né. Mas naquela época a gente contava, mas não contava tanto assim, tá entendendo. Quando a gente... Quando as cascas dos projeteis de chumbos, aquelas balas antigas, redondas que eram encontradas lá no riacho do Sangue... Antigamente... Eu cheguei a ver... Então veja, quando a gente encontrava, aquilo ali era uma coisa tão comum..., teve uma guerra aqui, morreu muita gente* [...]. (Fonte oral B-2)

7. COMENTÁRIOS DAS CATEGORIAS UTILIZADAS NA ETNOGRAFIA

Para validar e referendar este item relativo ao mundo etnográfico da pesquisa, se tomou por base a diferença da memória dos velhos e adultos. No caso

> *dos velhos, é possível verificar uma história social bem desenvolvida* [...]. *Enquanto o adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, devido às inúmeras tarefas que tem que cumprir no decorrer de um dia* (Ibidem Bosi E. 1994:60).

E os mais jovens têm compromisso com o seu tempo, ou seja, vivem no presente. Compreendemos as dificuldades dos mais idosos com relação a expressar lembranças, já que tivemos um nível alto de dificuldade ao lidarmos com nosso mais

antigo informante, que considerávamos dentro de uma escala de valor, de suma importância para nossa pesquisa.

E retomamos mais uma vez a Bosi, que mostra de acordo com suas palavras, como é difícil mensurar a clareza da memória nesses casos, já que temos que levar em conta algumas limitações que esses narradores recordadores encontram. A autora se refere a questões concretas, como a falta da liberdade de expressão, se comparar com quem escreve diante de uma folha em branco e pode apurar, retocar, refazer. Enquanto nesse sentido não podemos deixar de ter em conta também que as memórias recolhidas de fonte oral nessa faixa que identificamos como *classe de idade: idoso*, existe a possibilidade de nos defrontarmos com os seguintes fatores que denotam toda uma condição da passagem do tempo abstraída numa dimensão do físico. Os limites do corpo - instrumento de comunicação às vezes deficitário - impedem em algumas ocasiões, de se manter um nível de clareza, pois

> *Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa* (Ibidem *Bosi E.* 1994:39)

Sobre as muitas opiniões recopiladas nas categorias apresentadas, observamos, por exemplo, que num dos segmentos, o do nosso informante mais antigo se apresentou alguns desses níveis de dificuldades apontados por Bosi. Por ocasião do nosso último encontro, o ancião já não tinha um raciocínio lógico muito claro, mas mesmo assim, tecendo com valentia, como numa tarefa difícil, ou mesmo como numa colcha de retalhos, ia compondo com pedacinhos do que sua memória falha conseguia contextualizar. E falava da sua vida, suas lembranças e da importância da pedra. E também do conhecimento recebido por meio de contadores, mais velhos que ele.

E uma observação que achamos pertinente é quanto às histórias escutadas provindas de fonte oral desconhecida, aqui neste estudo, geralmente começarem como, por exemplo: *"soube que"*, *"assim contam", "ouvi dizer", "nunca ouvi"*, deixando a procedência no coletivo. E como explica Baroja

> *A história é um reflexo, nada mais que um reflexo da realidade [...]. Grande parte do que se atribui a dizeres de figuras históricas, é fictícia, apenas reflete o perfil que historiadores ou o próprio povo quer atribuir para ajustar essas personalidades a um modelo de herói que existe previamente em suas consciências* (*Baroja*, 1991: contracapa. Tradução da autora).

E encontramos no folclorista espanhol Joaquín Díaz[183], que vem pesquisando a tradição oral na Espanha, a seguinte definição para lenda, como *"um dos gêneros pior limitados dentro do âmbito do tradicional" (Díaz 1996:7 tradução da autora),* e baseado nas palavras do antropólogo Frances Arnold Van Gennep[184], que segundo Díaz observou com clareza,

> *Na lenda o lugar se indica com precisão; os personagens são indivíduos determinados; tem em seus atos um fundamento que parece histórico e são de qualidade heróica* (Díaz in Gennep 1996:7 tradução da autora).

E a partir do nosso ponto de vista reconhecemos que a ciência antropológica tem na oralidade uma forma de conhecimento popular, onde o imaginário atua de acordo com o meio em que vive. E até mesmo dentro de um contexto de religiosidade e misticismo, abrangendo a criação e recriação de lendas no caso do Rodeador. E como sabemos essas histórias que circulam a boca miúda, provocando as mais diversas formas de recepção, e muitas vezes transformadas em assombração [185] tem na sua origem algum fato real, mas que contadas e recontadas, adquirem novos matizes. Podemos dizer que é o contexto popular em determinado momento emergindo e adquirindo status de história oral.

Encontramos no item das Categorias, informações diversas, extraídas dos pensamentos dos informantes. E tentaremos listar nossos comentários a partir de propriedades ou atributos ou nó górdio das opiniões dos informantes:

[183] Díaz vem pesquisando aspectos da tradição oral na Espanha. E diferencia a lenda de outros gêneros similares como o conto ou a fabula.
[184] Arnold Van Gennep: La formación de las leyendas. Alta Fulla, Barcelona, 1982.
[185] Assombração segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa é a ação ou efeito de assombrar (-se). Sentimento de terror causado por coisas que não se podem explicar e que freqüentemente são interpretadas como sobrenaturais; alma do outro mundo; assombramento, fantasma, sombração.

1.10. Pedra

Quando um dos informantes (A-1) se referia a que - o governo não consentia que as terras do Rodeador fossem exploradas por ninguém -, temos que levar em conta a idade avançada, pois é uma referencia ao passado. Atualmente existe uma configuração diferente daquela vivida por seus antepassados, e por ele próprio, com relação a uma realidade atual na paisagem do Rodeador. Acreditamos que o informante não fazia idéia que as terras do Rodeador, pertencem hoje a propriedades privadas. Falava como se vivesse na época dos seus familiares antigos. Mas na verdade com o tempo a pedra passou por uma espécie de divisão à medida que foi sendo adquirida por proprietários diversos. E essas propriedades privadas repassadas como herança de família.

Alguns se referem a boatos de desaparecimento de gente na caverna da pedra que muitos chamam de loca. Mas na verdade não existe nenhum caso realmente comprovado. E conta-se que se alguém se perdia no interior da gruta, o restante do grupo tinha tanto medo, por considerar o local encantado e mal assombrado, que saia correndo. *"Sendo por isso que não procuravam ajuda. É possível? como pode alguém desaparecer de um grupo, e os outros não buscarem socorro"* (fonte oral B-1), questionou uma das informantes, acrescentando que só sendo histórias que o povo vai criando *"um absurdo e falta de solidariedade se de fato acontecer de alguém se perder dentro da caverna da pedra, e não ser procurado com a devida ajuda"* reflete.

Observamos sobre essa questão comentada por alguns informantes, que - sendo verdade ou não -, o desaparecimento de pessoas, no interior da gruta sebastianista, de certa forma, faz parte do imaginário coletivo do Rodeador.

1.11. Assombração

O Rodeador é um patrimônio imaterial do município de Bonito, onde está majestosa, poderosa, a rocha como símbolo do sebastianismo,

gerando saberes e crenças que encontram eco no imaginário local. E mesmo que atualmente a juventude não tenha tanto interesse em ouvir as lendas contadas pelos mais antigos, e que muitas vezes suscitam o medo e o suspense, não se pode negar essa oralidade impressa numa expressão popular.

Não faz muito tempo à luz de uma prateada lua cheia, ou dos lampiões de gás, ou mesmo alumiados sob uma chama fosca de uma lamparina, sobretudo nos rincões do nordeste do Brasil, era comum ouvir estórias de assombração que logo iam povoar o sono das crianças.

No tempo que ainda não existia a presença massiva da televisão e nem se cogitava internet, era normal os mais velhos contarem "estórias da carochinha". E hoje em dia com toda tecnologia, essas práticas simples e saudáveis da convivência em família, ou com a vizinhança; dos folguedos e brincadeiras de roda na rua; vão se extinguindo cada vez mais. Depois do jantar, todos sentavam nas calçadas, no meio urbano das cidades, ou nos alpendres das casas, no campo, para ouvir o avô, a avó, ou os tios. E nas famílias sempre havia um membro que se destacava como contador de *estória*[186].

E no meio rural o aldeão, na sua sabedoria de homem do campo, sertanejo, trabalhador na lida diária com a terra, sementes e plantação, depois de um dia de sol causticante, tornava-se o centro catalisador de todas as atenções. E o grupo de crianças e jovens reunido naquelas ocasiões, ouvia com palpitações e um pouco de temor as 'estórias de trancoso', que dentro de um conjunto de intimidade e conhecimento da natureza, contava com maestria o contador de estórias. E tudo isso, ia povoando de aparições diversas o imaginário dos ouvintes, com lendas

[186] Estória se diferencia de história segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa significa narrativa de cunho popular e tradicional; é um regionalismo no Brasil.

da mula sem cabeça, Saci-Pererê, do lobisomem, fogo que corria na mata, animais encantados, etc.

Sobre a impressão de mal assombro relatada por um dos informantes que o pai havia vivenciado ao passar certa noite junto ao local onde está o riacho do Sangue, quando a folha balançava ao vento, molhada, refletia a lua com intensa claridade, assumindo aí uma dimensão fantasmagórica; Podemos ver a situação contada por (B-2) baseando-se nos arquétipos do inconsciente coletivo, capaz de criar imagens quiméricas (Jung 1994); outro aspecto seria o medo insuflado nas mentes do povo da vila, ou seja, de acordo com o informante (B-2), o lugarejo próximo ao riacho do Sangue era temido, devido aos comentários sobre aparições de fantasmas que o povo foi criando e espalhando no seu meio. E nas palavras de (B-2) o pai assumiu aí um verdadeiro combate com o que pensava ser uma assombração. Nosso ponto de vista é que a percepção dos moradores da localidade, de tanto ouvir contar sobre visões no local, estava aberta, predisposta a ver fantasmas. E ele viu o reflexo, e aí se estabeleceu o contato com o medo. E forçando uma necessidade de vencer esse temor, travou luta com o desconhecido, que desde seu ponto de vista, seria parte de um universo sobrenatural, que sobrevinha de uma simples impressão ótica, mas que trazia no seu bojo toda uma legião de estórias de causar espanto na região, sobre as vítimas do massacre que elevou o local pisado a solo sagrado, pois se tratava do leito do riacho, transformado em cálice cheio do sangue das vítimas do Rodeador, na noite do massacre. Segundo (B-2) o pânico, levou ao risível da situação depois do pai dominar o objeto causador das distorção ótica..

O município de Bonito ainda tem algumas lendas consideradas populares e que muitas vezes se confundem até mesmo com as histórias de assombração contadas no entorno do Rodeador, como relembra uma das informantes; na mesma rua onde mora, na casa vizinha a sua, diziam que antigamente toda noite de lua, aparecia uma

mulher de branco, com um vestido longo com rendas, bem arrumada e portando sombrinhas como uma sinhazinha; contavam que ela caminhava até a avenida às vezes; e numa dessas aparições chegou a pedir a um senhor que estava sentado na calçada para que acendesse um cigarro: Ele acendeu e seguiu a criatura que entrou no cemitério; nesse ponto da narração, questiona a localização do cemitério que na época ficava na parte alta da cidade, junto à igreja, e na estória está localizado em baixo; reflete sobre a questão do imaginário do povo que tem o poder de criar histórias a partir, de um dado qualquer da realidade ou da imaginação; enumera as lendas que existem em Bonito: a da mulher de branco na rua que antigamente se chamada rua estreita e hoje é Cônego Cavalcante, em homenagem a um ex-vigário; a do padre sem cabeça; a das mulheres que rezavam a noite, afirmando que muita gente via a igreja matriz aberta de madrugada e mulheres com as cabeças cobertas por um paninho branco rezando. (A-4) volta a afirmar que ela, a mãe e a avó, nunca viram nada disso; conclui que não pode dizer se é verdade ou não essas assombrações. Acrescenta sorrindo que *"muita gente ainda tem medo do padre subindo e descendo ladeira, nessa o povo ainda acredita"* (fonte oral A-4)

(A-4) explica que a lenda do padre sem cabeça não tem nada a ver com o massacre da pedra do Rodeador:

> *O padre sem cabeça é uma lenda de uma rua do centro de Bonito, onde fica a prefeitura. Conta que um vigário antigo possuía escravos; naquela época chamavam os negros de peças e tratavam como animais adestrando; podia ser padre ou qualquer outro proprietário de escravo; levavam os negros para uma zona de mata, o local onde hoje é o campo da feira, para se exercitarem, pulando no valado, com o objetivo de ficarem mais fortes e renderem melhor no trabalho. Esse sacerdote, herdou da família, alguns negros que conservava, sendo que depois os padres seguintes derrubaram os quartinhos, transformando em sala de estudo. Dizem que ele era muito mal para os negros, e um deles especialmente, tinha raiva dele. Então numa rua estreita, conhecida como beco do Quebra Quilo, por causa da revolução da troca do peso, ele mandou levar os negros para os exercícios, e esse negro se fazendo de doente não foi, pois havia preparado um clavinote, uma espécie de arma antiga. Encheu de vidro, prego, do que ele quis, esperou a volta dos negros, e quando o padre vinha, atirou nele, arrancando sua cabeça, e*

daí em diante o imaginário do povo fez nascer a lenda que dizia aparecer um padre subindo e descendo a ladeira; procurando a cabeça. (fonte oral A-4

1.12. Arraial

Alguns entrevistados indicaram a paisagem diante da casa do informante mais antigo (A-1), como sendo possivelmente o ponto onde existiu o arraial Paraíso Terreal. Em um trecho da entrevista com (A-1) tem uma passagem onde ele se refere a ter ouvido dos seus familiares mais velhos, ser a população do ajuntamento composta de uma maioria de pessoas negras. Usa o termo 'nego'.

Na verdade os fanáticos estavam compostos de diversas etnias, mas no nordeste brasileiro ainda é costume se dizer "aquele nego" quando se trata de marginalizar, ou seja, diminuir socialmente. E o município de Bonito, geograficamente estava próximo ao Quilombo dos Palmares. E isso propiciou refugio aos escravos que vinham aderir às crenças dos rebeldes amotinados (Cabral 2004). Por isso é mencionada a presença de negros, escravos fugitivos no arraial de Silvestre. Assegura ainda (A-1), que o pessoal que vinha de fora era muito atencioso *"mas eram todos metidos a cangaceiro, arruaceiros e cabra brabos"(fonte oral A-1).* Visão condicionada talvez ao tipo de homens que vivem e habitam certas localidades na zona rural nordestina. Ainda hoje se costuma interpretar a partir desse ponto de vista, a atuação de moradores nessas regiões longínquas dos aglomerados urbanos, onde existem os chamados justiceiros, que costumam fazer justiça sob ameaça de puxar o gatilho.

Riacho do Sangue com
Pedra do Rodeador ao fundo
Foto: Regina Clara de Aguiar

Afinal é confusa a localização exata do arraial, já que atualmente há uma competição velada entre o local situado em frente à casa do ancião que estaria mais próximo ao riacho comentado por todos; e outro ponto seria onde está o hotel Engenho Pedra do Rodeadouro. Mas quando estivemos fazendo o campo de pesquisa em 2008 tivemos oportunidade de visitar o hotel e conversar com o proprietário atual, um recifense, que na época não tinha nenhum conhecimento a respeito do fato histórico ocorrido na região da pedra. Mas a referencia, apontada por quase todos os informantes, quanto à localização mais aproximada, estaria nas terras onde está a casa de Marina; seria ali o local onde tudo aconteceu; onde dizem que correu sangue na noite do massacre.

Riacho do Sangue com casa de Marina
Foto: Regina Clara de Aguiar

Com mais de 70 anos, Marina cuida de uma propriedade nas terras por onde passa o riacho do Sangue. Tem sua casa de materiais diversos; como as construídas nas favelas das grandes cidades; uma construção de tijolos rústicos que por fora lembra uma garagem com uma única porta grande de entrada, como para passagem

de veículos; não tem janelas. Em frente à fachada da casinha, junto de um grande cajueiro, corre um pequeno arroio. O conhecido riacho do Sangue, que segundo nos contou outro informante (B-2), quando criança costumava banhar-se ali com seus amigos, porque era caudaloso[187], exatamente no local em frente a casa da anciã. Cícero fiscal (in memorium) alcunhava Marina de matriarca do Rodeador. (B-2) se referindo à distancia do hotel Rodeadouro para o riacho, calcula mais ou menos que está à cerca de um quilometro. Então por esse motivo, seria mais lógico que o arraial estivesse nas proximidades do riacho do Sangue.

(B-2) indica profundamente interessado que deveria ser feito um estudo cientifico que pudesse comprovar realmente a localização onde existiu a cidadela conhecida como arraial Paraíso Terreal. E o mais interessante seria que alguma universidade pudesse fazer um levantamento de toda a área, mostrando ao final, com precisão, onde existiu o arraial e deu-se o massacre, já que a pedra é enorme. E as opiniões e indicações, as mais diversas e desencontradas. Observa que se alguém diz que é aqui e outro diz que é ali, isso significa quilômetros de distancia de um ponto ao outro indicado pelos moradores. E a importância desse estudo estaria em que o povo pudesse conhecer o lugar onde vive, valorizando seu entorno e sua cultura.

1.13. Santa Moça da Pedra

Outro informante começa dizendo que a mãe contava histórias sobre a existência de uma loca na pedra do Rodeador, onde aparecia uma santa. Interpreta a partir do capítulo do livro de Cabral[188] que fala ser essa santa, uma mulher de nome Aninha do Gavião; na época

[187] Anotações de campo
[188] Cabral (1988) Bonito: das caçadas às indústrias. Biblioteca pernambucana de história municipal. Recife.

proprietária do engenho Tróia, amiga do Silvestre, líder da guerra do Rodeador.

Volta a dizer que *a mãe sempre ouvia contar*, e tudo se processava em torno da figura da santa da loca da pedra; explica que conhecia a história; mas não com detalhes; não sabia a origem; nem tampouco o que seria sebastianismo; e exulta que agora sabe; e que ouvia sempre a mãe contar que houve a guerra do Rodeador

Quanto à outra questão referente aos que se encontravam em baixo da pedra, como nas palavras do informante mais antigo, escutarem os que rezavam "*em riba da pedra",* se trata possivelmente dos momentos em que o falso profeta realizava o ritual utilizando a moça como oráculo - as leituras de referencia apontam ser a mesma santa da pedra -, para a recepção das mensagens enviadas pelo encantado rei D. Sebastião na caverna em cima da pedra.

Sobre a moça ou santa da Pedra, alguns informantes comentaram que tinha uma moça sim, enquanto outros afirmaram saber que depois da guerra a moça foi para Recife. Essa moça, que alguns afirmam que conseguiu sobreviver ao massacre e fugir, é a mesma que se personificava tanto de santa, como de oráculo nos rituais de orações no arraial, e até mesmo da Virgem Nossa Senhora, dos católicos, ditando penitencias aos iniciados no movimento; e segundo alguns entrevistados, era apenas a amante, namorada ou amiga do falso líder Silvestre. Ou até mesmo a filha de Dom Sebastião, seria outra representação da santa, com status de filha do monarca encantado no Rodeador.

A santa ou moça da pedra é um símbolo forte, e referencia popular da guerra da pedra. Ou apenas mais uma metáfora do imaginário coletivo. Aparecia ali, naquela terra, aponta a direção da pedra o informante mais antigo, convicto, afirmando que ainda hoje tem gente que vê a

santa, mas não se faz promessas. Explica que essa história aconteceu há muitos anos e que ele mesmo nunca viu a tal santa.

No relato de uma das informantes chegamos à conclusão que a moça ou santa do arraial do Silvestre, se mescla com outra moça encantada no mesmo local da pedra, que aparecia e assustava os caminhantes noturnos, se apresentando numa janela aberta na rocha e pedindo oferendas. Tem uma versão que fala de uma moça debruçada numa janela na pedra; e também de se ouvir pessoas cantando no local, e quando alguém ouvia essas coisas e se aproximava, como se estivesse enfeitiçado, não via ninguém nem escutava nada. E o medo tomava conta da pessoa; no caso dos viajantes com mercadorias para vender em outras praças, ao sair do local correndo, perdiam seus pertences. E se fala também dessa mesma moça aparecendo num caminho de luz que aparecia de um lado ao outro da pedra.

A informante (B-1) relata que um dos mais antigos, e talvez até fosse o melhor contador das coisas do Rodeador, também já falecido, conhecido como seu José Faustino, contava, por exemplo, que ninguém nunca chegou a ver a moça na época do Silvestre; mas essa outra moça que aparecia na janela sempre pedia coisas; alguns mais antigos deixavam até fumo no local, como se fosse oferenda para uma deusa; e nessa versão da moça da janela segundo a lenda, ela teria um tesouro a oferecer a quem tivesse coragem de entrar com ela nessa porta ou janela conta (B-1).

Sobre a existência da moça isso estaria dentro de uma simbologia idealista. Representaria a liberdade atesta outro informante mais consciencioso. Alguns acham que poderia ser a independência. Consegue enxergar um ideal político dentro do movimento messianista. E a moça que viria salvar o povo seria a própria democracia; acredita num consenso geral sobre a questão religiosa mesclada a uma intenção política no seio do arraial do Rodeador; e por

isso o governo a par dessa possibilidade, ordenou a destruição do ajuntamento. Pensa que a idéia da moça é algo que pertence ao imaginário; não existem documentos comprovando; nem relatos da existência real da moça. O entrevistado não faz uma ligação a questões afetivas do líder do ajuntamento com a moça, dando assim uma dimensão nova a representação da santa.

1.14. Riacho do Sangue

No nordeste do Brasil, a morte tem nomes diversos, tanto pode ser Severina como Caetana a onça divina e alada da morte sertaneja na cultura popular. A consciência da morte revela-se fundamental para a existência da cultura, e torna-se necessário que as gerações morram para que o patrimônio coletivo de saberes seja transmitido às novas gerações (Nogueira 2002: 68).

Entre as muitas histórias e relatos é sempre lembrado o riacho onde o sangue corria vindo dos mortos e feridos amotinados, e que por isso se transformou em sangue. O das vítimas do massacre. Segundo referencia de Cabral[189] o histórico riacho do Sangue deve sua denominação *"à Guerra do Rodeador, de cujas lutas, diz a tradição popular, - o derramamento de sangue "tingiu o riacho"* (Cabral 1988:106).

1.15. Chumbo

Sobre os materiais encontrados no Rodeador que poderiam simbolizar a guerra, que importância foi dada a esses achados no solo do entorno da pedra? É uma pergunta. Já que hoje em dia, quando o pesquisador necessita encontrar esse tipo de pegadas do movimento ocorrido ali, não consegue saber onde se encontram rastros como esses, que afinal ficam apenas no imaginário coletivo local, assim como as vozes dos mais antigos, que se perdem, com sua ausência, por falecimento. E

[189] Cabral, Flávio José Gomes (1988) *Bonito: das caçadas às indústrias.* Biblioteca pernambucana de história municipal. Recife.

podemos constatar isso na opinião de um dos informantes que afirma ter visto cascas de chumbo de projeteis de balas antigas, redondas no riacho do Sangue. E quando alguém na sua época de criança encontrava e juntava como ele mesmo teve ocasião de pegar esses restos de materiais que provavelmente eram do antigo arraial sebastianista, aquilo para eles, era uma coisa tão comum, apenas se comentava sem se entender muito bem a questão: "*é, teve uma guerra aqui, morreu muita gente".* (fonte oral B-2)

1.16. Caneta

Quanto a uma caneta encontrada em solo sagrado da pedra, e que se supõe pertenceu a alguém do arraial, na verdade não se pode afirmar isso concretamente, como uma das informantes acredita. Apenas diríamos que hoje em dia se encontra aí em forma de metáfora e com aureola de grande significação para a ex-proprietária do pequeno objeto perdido. E podemos dizer até que entra numa dimensão de símbolo do fato histórico, se pensar que foi retirada da terra que um dia foi palco da atuação dos místicos. Mas, só se poderia saber a procedência concreta se tivesse sido realizada além de análise um estudo específico, mas como o objeto desapareceu, fica apenas fazendo parte do imaginário local, já que muita gente no município comenta sobre a caneta, tendo-se criado aí muita especulação e conjectura sobre a peça. E sob o efeito "boato", foi-se reproduzindo entre toda a gente[190].

1.17. Capela

Sobre a existência da capela no alto da serra do Rodeador, Ribeiro valida à opinião de mais de um informante, baseado no documento da "Devassa". Retrata que Silvestre tinha como local de pregação,

> *o alto da Serra do Rodeador, perto de uma lapa, foi o sitio escolhido para suas pregações feitas a princípio em pequena cabana e*

[190] Anotações de campo

posteriormente numa construção maior, ou 'mocambo que servia de capela [...]. *O tenente-coronel José de Sá Carneiro Pereira, comandante do ataque, refere ter incendiado a capela de palha* [...] *(Ribeiro 1982:245).*

1.18. Guerra

Conta um dos informantes que conheceu um senhor de mais de cem anos, ainda seu parente, morador do Rodeador, que falava bem do assunto, ou seja, da guerra ocorrida no local, que transformou o arraial sebastianista em um verdadeiro fogaréu de gente. Não sabia o nome, mas viveria no entorno da Pedra.

É incrível como no interior nordestino nos deparamos com lugarejos onde todos se dizem ser da família. Na verdade, existem laços consangüíneos mesmo que distantes; e no caso do nosso entrevistado, sequer sabia o primeiro nome do seu familiar. Perguntamos se acaso estaria falando de (A-1), na época o morador mais antigo da Pedra, que veio a falecer, ao que respondeu sim.

Segundo recordava o falecido informante, *"minha avó era sertaneja, do sertão e não sabia nada da guerra, nunca falou nada da guerra. Só meu avô contava"(fonte oral A-1).* E o interessante é que a mulher dele, como se pode constatar, também desconhece, ou por uma questão de submissão, não se expressa sobre o tema. Seria uma discriminação de gêneros! Pelo fato de ser mulher, pois em muitas comunidades de zona rural, a mulher ainda é totalmente submissa ao homem, até em questões como esta, de expressar opinião.

A informante mais jovem expressava-se com vivacidade e confiança sobre o absurdo do conflito. E visualizava muitas pessoas assassinadas. Afirmava pensativa que realmente acreditava que a guerra aconteceu no Rodeador, opinando veemente (C-2), *"tiraram à vida de pai de família, mãe de família, que queriam um futuro brilhante para seus filhos. E esses não conseguiram ter, por causa da guerra"(fonte oral C-2).* Repete que foi um absurdo. Conta que aprendeu sobre o

Rodeador, ouvindo dos pais, avôs, dos mais antigos, buscando pessoas idosas que entendem do assunto. Acha que os mais velhos sabem contar melhor. Relembra as coisas que o pai conta sobre muita gente ter chegado ao local, por ocasião da guerra, em busca de um futuro melhor para os filhos; e ao final morreram. Acha que uma guerra só acontece por um problema político; algo relacionado ao poder; o que detém mais poder combate, eliminando quem tem menos poder (C-2).

1.19. Educação focada no Rodeador

Ao traduzirmos as frases entrecortadas da informante (C-2), ao final se percebia que havia um interesse em aprender e trazer o passado a luz do presente de forma ressurgente. Mesmo que às vezes dava impressão de que as poucas informações que detém são truncadas. E se vê que realmente na escola, o tema não recebe a devida atenção no que se refere ao quesito. Pressupõe-se que a partir da temática em discussão a jovem possa entender e conhecer melhor sua própria cultura. Quer começar a buscar na biblioteca municipal, onde fala que tem um livro, mas sequer sabe o titulo. Na verdade esse livro que todos comentam é o do já citado autor[191], pois é o único que aborda a questão diretamente, sob um ponto de vista da localidade.

Não quer sair do Rodeador, só se for necessário. Mas essa questão é complicada, ou seja, a imigração dos jovens nordestinos da zona rural

[191] Ibidem Cabral, Flavio José Gomes (2004) *Paraíso Terreal: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador*. Pernambuco – 1820. ANNABLUME editora comunicação, São Paulo. Logo ao chegar ao campo de pesquisa em Bonito, procuramos saber se existia algum exemplar da obra na biblioteca municipal. As bibliotecárias informaram que não. Falamos posteriormente por telefone com o autor que afirmou ter deixado alguns exemplares para as bibliotecas do município, mas ninguém sabia onde estavam. Nem mesmo o que afirma um dos nossos informantes ter deixado em doação para seus alunos pesquisarem, foi encontrado. O que encontramos foram fotocópias antigas de alguns artigos tratando do assunto, em péssimo estado de conservação. As funcionárias muito atenciosas disponibilizaram tudo que conseguiram localizar. E procuravam em caixas que segundo nos falaram ainda iriam passar por um filtro e catalogação. Estivemos dois dias lá, buscando material falando do episódio do Rodeador, e apenas se pode encontrar um capítulo de um livro do antropólogo René Ribeiro e outro de uma obra de Cabral. O mesmo ocorreu com o material micro filmado do documento "A Devassa", cedido pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro a Cabral, que após usar nas suas pesquisas, diz ter deixado em doação no Laboratório de História da UFPE, porém não consta. Buscamos e não encontramos nenhuma pista do conjunto de documentos.

do Brasil, em direção aos grandes centros, geralmente é causada por falta de oportunidades em concluir estudos, encontrar trabalho; o que se dar muito nessas localidades; e de certa forma faz inchar o subemprego nos grandes centros urbanos do país, alimentando assim essa cadeia sem fim.

Quer estudar e ser professora, profissão depois da política, que mais dar *Status Quo* na zona rural do nordeste brasileiro, por que geralmente se consegue cursar até o segundo grau, com grande esforço e se especializar em educação primária. Mas atualmente isso vem passando por um processo de mudança, já que, os governos tanto federal como estadual, conjuntamente, com apoio da municipalidade, vem tentando implantar projetos de interiorização das universidades, item que mereceu grande impulso por parte do ex-governo de Lula da Silva. E geralmente nas mais distantes localidades há disponibilidade de ônibus por parte das prefeituras, que levam os estudantes em viagens que demoram muitas vezes duas, três horas, até ao centro universitário mais próximo. Isso é um longo processo de mudança, mas que já tem algum efeito positivo, porque mais e mais jovens nessas condições, podem freqüentar uma faculdade.

Em Pernambuco algumas regiões como a Zona da Mata, Agreste, Polígono do Sertão do S. Francisco, já foram contempladas com alguns anexos e centros universitários. Isso vem estimulando mudança, à medida que mais e mais jovens dessas distantes localidades podem concretizar seus sonhos de estudar dentro de um contexto mais avançado.

A informante (C-2) acredita que se na escola o aluno recebesse informação valorizando a cultura do seu próprio lugar, se daria mais importância aos fatos históricos locais. E ao final culpa aos professores a falta de interesse. Que no caso não se poderia dizer que os mestres seriam os culpados, e sim o complexo sistema educacional de um país

que tem que despertar para uma ressignificação desses casos voltados a localidade, sem banalização, criando infra-estrutura baseada no conhecimento da cultura específica de cada local.

E sobre a questão do tema ser ensinado nas escolas públicas do município, (C-2) tem opinião formada sobre o ensinamento, levando em conta sua vivencia na escola local, onde estuda. Pois segundo conta, não constava até aquela ocasião na grade curricular, conteúdos voltados ao tema em tela. Mostra-se pragmática ao criticar o ensino da disciplina de história da escola que freqüenta, onde há valorização de temas das civilizações clássicas em detrimento de um conhecimento local. Categórica (C2) diz que: "*Só ensinam coisas do Egito; coisas que aconteceram em outro mundo; mas as coisas do mundo de cá não".* Reconhece de acordo com seu ponto de vista, que o mais importante é o conhecimento local, do Rodeador, onde vive.

Em tom de deboche um dos entrevistados diz pensar que enquanto o militar se fazia acreditar ser o monarca D. Sebastião, não passava de um fugitivo do exército alagoano, se escondendo. Na época de criança não se entendia bem o assunto, comenta; antes as pessoas falavam por falar, não sabiam da importância; Não se estudava nas escolas durante as aulas; hoje é diferente. Os professores têm obrigação de saber. As crianças têm que aprender na escola; tem que se estimular a pesquisa e o ensino sobre o assunto; naquela época se contava por contar e não se tinha muita idéia sobre o que realmente ocorreu Acha que deveria ser feito na escola, em primeiro lugar uma pesquisa; depois se lançaria um livro com fotografias; mostrando a verdade histórica; esse livro seria utilizado nas escolas em Bonito para que as crianças crescessem aprendendo sobre o tema; esse livro seria divulgado em todo estado de Pernambuco (B-2); E o estado teria então o conhecimento da importância que teve há quase duzentos anos atrás para a história do país. Questionado sobre o que se pode distinguir entre a história e a lenda, faz um discurso explicando que *"em tudo tem uma verdade! Eu*

acho que essa verdade, ela só poderia ser realmente revelada, se fosse feito um estudo com muita prudência" (fonte oral B-2). Com veemência repete que em tudo tem uma verdade! (pensa um pouco sobre o real sentido que quer empregar da palavra *verdade)*; a verdade deve ser investigada para se revelar (conclui com certa inquietação). Conta que foi feita uma pesquisa sobre a história de Bonito (pondera um pouco); diz que o pesquisador trabalhou sozinho; mas foi uma pesquisa importante; resgatou muitos aspectos interessantes do município. Fala do primeiro livro de Cabral (1988), sugere que deveria ser enxugado e atualizado; assim a juventude teria acesso a ler e conhecer a verdadeira história de Bonito contada, baseada nos fatos reais. Acrescenta que, além disso, se poderia incluir também as lendas, pois fazem parte da história, do folclore local. (fonte oral B-2).

Mas (C-2) afirma que a maioria dos jovens hoje em dia, se mostra incrédula. Alguns pensam que aproveitadores chegaram à época, para se apossar do local. E como na própria escola não se discute a ocorrência e veracidade do evento sebastianista, na medida em que o tempo passa a distancia entre a verdade histórica propicia ainda mais distorções. Diz que gostaria de provar ao povo da sua comunidade, principalmente aos jovens, que a guerra foi um fato real. E também quer contar sobre a cultura do lugar onde vive, mesmo não sendo contemporânea desses fatos que se passaram há muito tempo. Diz que o pai conta sobre a guerra, mas não sabe por que aconteceu. Pensa que terá que pesquisar muito para aprender. Diz de forma contundente que vai estudar e se empenhar em entender e saber o motivo principal do movimento.

Já outro informante (C-1), assumindo postura realista com relação as condições precárias de ensino da escola local, vibra com a possibilidade de se poder fazer uma releitura da guerra; recriar, não só com relação ao Rodeador, mas com outras questões relacionadas à cultura. Acha que a confecção de uma cartilha seria o primeiro passo a

ser trabalhado nas escolas; bem ilustrada, com abordagem e linguagem fácil, objetiva e proveitosa. E explica que uma aula por semana para crianças do ensino fundamental, seria ideal, pois assim partiriam para o médio com uma formação de base. E acentua que quando se observa e se entende o micro, fica mais fácil entender o que acontece no macro. Comenta que junto com outro professor, tentou elaborar um rascunho da cartilha. Fica pensativo, não sabe se conseguirão a verba para esse projeto. Demonstra grande preocupação com o ensino da história local; gostaria que as crianças do município pudessem aprender sobre a sua história por meio de um material didático; pensa que ainda falta fundamentação para que a idéia da cartilha possa ser um projeto cientifico, didático. Faz uma projeção futura, quem sabe a Secretaria de Educação do município poderia se empenhar, e todos trabalhando juntos nesse sentido, se conseguiria concretizar esse projeto ousado, porém extremamente proveitoso. Finaliza analisando e partindo do pressuposto de que quando se tem uma educação histórica de base, os horizontes da cidadania se abrem. Vê como extremamente importante, a história local; mas distingue a falta de valorização em detrimento aos conteúdos ensinados na escola, que se referem ao macro, sem o cuidado devido com o local, ou seja, nas escolas do município, como se referiu a informante (C-2).

(C-1) continua explicando que na escola se ensina sobre a realidade de outros países, e se esquece o local; diz que as crianças estudam sobre o que acontece nos Estados Unidos, sobre a história da Revolução Francesa, mas sobre o verdadeiramente local, nada. Por isso não pode aprender sobre a própria cidade em que se vive. Lembra do poeta chileno Pablo Neruda, numa passagem em que diz, *"primeiro devemos conhecer nossas aldeias para depois conhecer o mundo".* Dar exemplo de alunos da sexta e sétima série, que sabem contar toda a história de Napoleão, mas não tem conhecimento da sua própria história; acredita que isso é uma deficiência desde uma perspectiva da escola local; para os estudantes, a história é o que acontece no macro; afirma que a

história tem que partir do micro, do local; e enfatiza, não há história sem povo; reconhece que nesse sentido o sistema educacional, é deficiente, e não só no seu município, como em outros, isso é uma realidade; pensa que deveria ser incluído no currículo das escolas, o ensino da história local como obrigatório; pensa que ao menos uma ou duas vezes por semana se deveria ensinar sobre a cultura e história local; reflete que há muitos temas interessantes a se abordar além do movimento sebastianista. E mais pragmático, vê aí a causa das crianças crescerem já viciadas por esse pacote que a escola monta e repassa, daí a triste realidade de uma sociedade relapsa. Acredita que a opção para transformar essa realidade seria se adotar um ensino de história de base, pois isso transformaria as pessoas em cidadãos de responsabilidade, com consciência crítica, e assim tudo fluiria melhor.

(C-1) se mostra pessimista, pois diz não poder ser otimista quanto à questão indagada, referente ao fato de segmentos importantes da oralidade local se encontrar sob o risco de perder-se completamente. Acha a história oral importante, mas alega que existe de concreto apenas um único documento[192] oficial, abordando o tema; e os depoimentos podem ter sido forjados, ou seja, em sua opinião não se poderia ter total confiança. Aponta ainda a inexistência de entrevistas realizadas por pesquisadores com pessoas que viveram na época; diz que a história valoriza a oralidade; mas não vê nos boatos e contos uma aproximação da realidade, concluindo decisivo, acrescentando que poderia se aproximar, caso estivesse respaldado pelo documento escrito. Volta a reforçar a questão da "Devassa" como sendo a única fonte confiável, entrando em contradição, já que anteriormente afirma que os depoimentos poderiam ter sido manipulados (C-1).

Mas nesse sentido fazemos uso das palavras do antropólogo brasileiro René Ribeiro, que esclarece a legitimidade quanto aos depoimentos

[192] A Devassa forma o conjunto de depoimentos acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro Arquivo Nacional. Secção de Documentos.

tomados de homens e mulheres, feitos prisioneiros do massacre da *Pedra do Rodeador.* E explica que os documentos

> *estão em muito bom estado e surpreendem pela clareza e meticulosidade com que foram redigidos, permitindo a utilização de informações preciosas para o historiador e de igual modo para o sociólogo ou psicólogo social mais exigente na consulta a fontes primárias* [...] (Ribeiro 1960:244)

Rreconhecemos que a história se alimenta de fontes verídicas, mas a diferença para nossa abordagem referente à antropologia, nesse estudo, é que justamente nos interessa mais os resíduos de oralidade e não se buscar uma compreensão a partir das fontes históricas, e sim a preservação das lendas dentro de um contexto de antropologia cultural.

Outra opinião corrente entre os informantes seria a de que a cidade deveria ser mais explorada com relação à importância cultural, dentro de uma reflexão do movimento messiânico do Rodeador. E tanto para o estado de Pernambuco como para o país, já que o município contemplou outro conflito em nível nacional, o Quebra Quilos, que teve como motivo a questão dos pesos e medidas, uma luta na qual se sabe que a população participou ativamente.

Alguns informantes apontam à re-atualização de determinados acontecimentos que fazem parte da cultura, como forma de trazer a tona uma possível reforma nos currículos de ensino de algumas disciplinas, no que se refere à localidade, dentro de um contexto dessas lutas que tiveram como palco o município. E que isso possa ressurgir através da escola local.

E como verificamos em outros pontos de vista, que apontam desinteresse em se aprender sobre sua cultura, por parte dos jovens, que sentiriam até mesmo vergonha do seu passado histórico; mas com respeito a essas opiniões, acreditamos que isso denota muito mais falta de informação. E não um juízo de valor que se possa creditar a

juventude atual, como falta de interesse. Pois se fosse instituído como conteúdo curricular, os estudantes voltariam a circular a informação com dados corretos e orgulho de pertencimento ao seu lugar de origem.

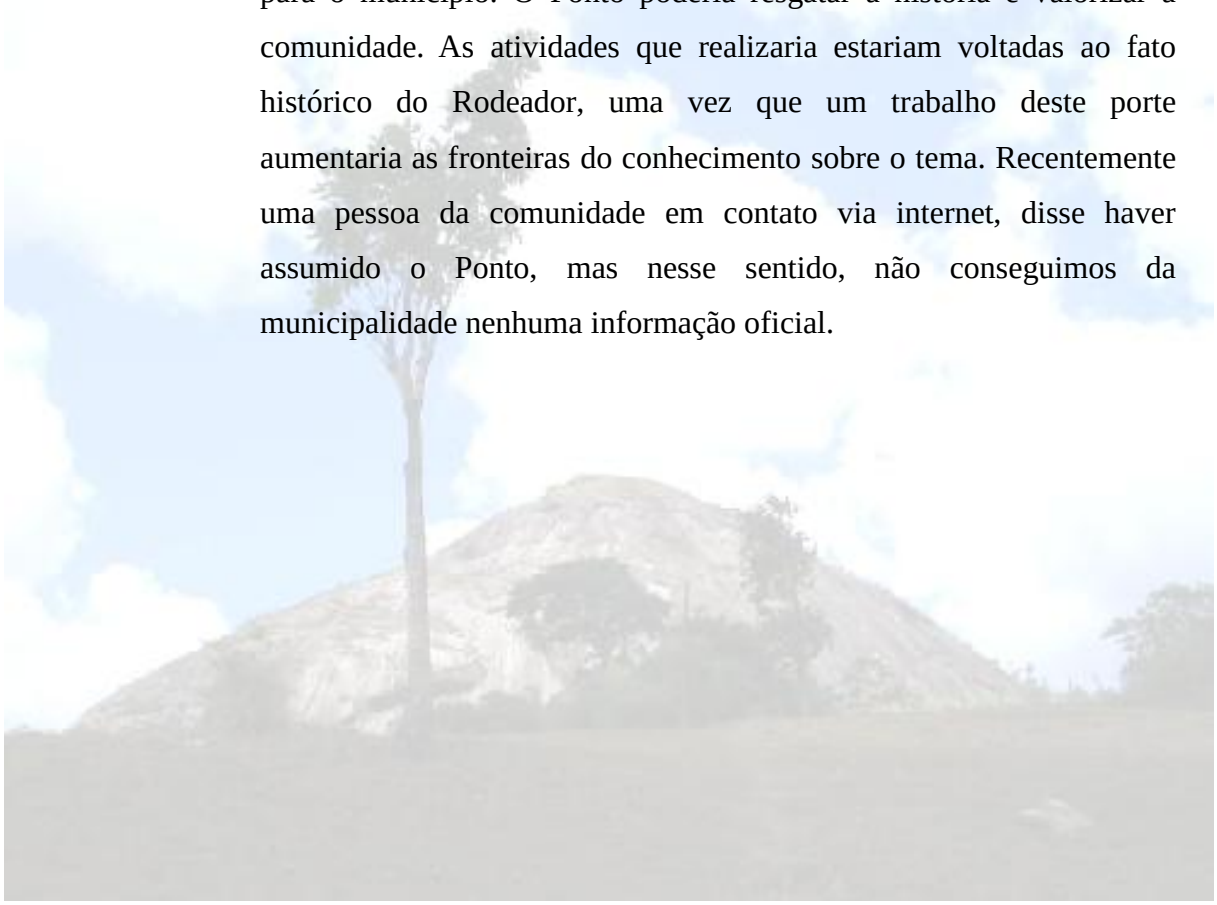
Outra informante (B-1) comenta que deveria ser proporcionado aos jovens uma maior conscientização a respeito da história do local onde vivem e da grandeza que existe no Rodeador com relação às lendas; e reflete que esse tema da história de Bonito, já deveria constar como disciplina curricular na escola. Conta que a Secretaria de Educação promoveu uma época, um desfile na rua abordando a temática do Rodeador. Os alunos da vila confeccionaram painel com representação da batalha, onde se via o povo com espingardas, gente deitada ensangüentada, fogueiras. As crianças desenharam e pintaram com pincel a mão livre, como entendiam o que ela e outras professoras contaram sobre o que sabiam do massacre do Rodeador. E o desfile foi em Bonito.

1.20. Ponto de Cultura

O Projeto[193] *"Ponto de Cultura: A Rebelião Sebastianista no Vale da Serra do Rodeador"* deveria entrar em vigor a partir de 2008. A idéia seria um acompanhamento das atividades, mas infelizmente não foi possível, pois não se sabe até hoje o que pode ter acontecido com a verba federal destinada ao funcionamento do Ponto no município, beneficiando a população e valorizando ainda mais a cidade considerada como uma das sete maravilhas do estado de Pernambuco. Acreditamos que a implantação do Ponto, iria ajudar a esclarecer muitas dúvidas a respeito do evento sebastianista, como nos mostram as falas dos informantes, que poderiam ser debatidas com a população e corrigidas.

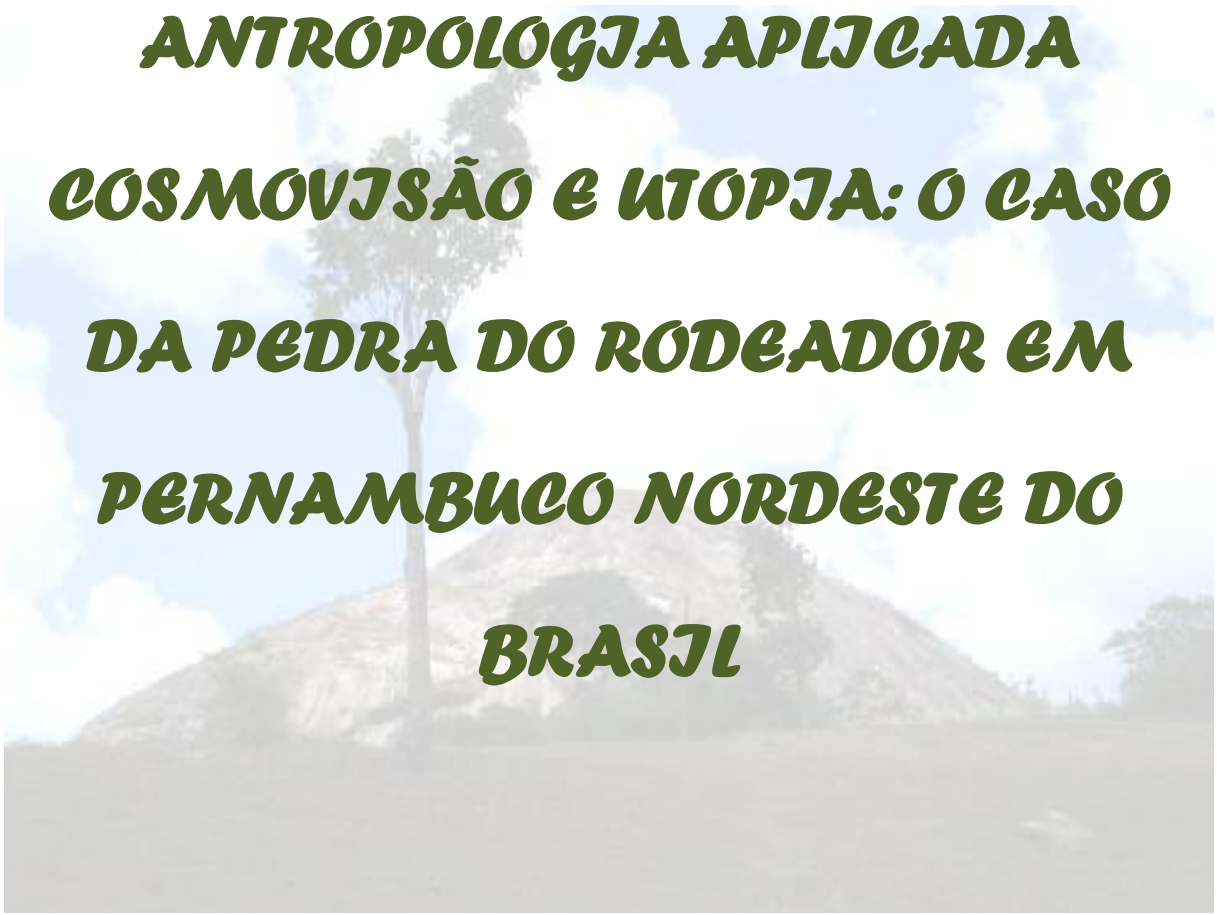
[193] O Projeto Ponto de Cultura *A Rebelião Sebastianista no vale da Serra do Rodeador* consta no site: http://www.cultura.gov.br/salic5/Ajax.php?action=project&projeto_pronac=072090 consulta em 16 setembro de 2011. Apresenta uma parcela recebida de três que seriam pagas pelo convenio. E uma prestação de contas em 19/07/2011. E expiração do convenio em 18/12/2011. E tem como responsável a

Quando estivemos fazendo a pesquisa de campo em 2008, havia uma articulação discreta quanto à existência do projeto, efetivamente aprovado e tendo a primeira subvenção de três parcelas pagas pelo Ministério da Cultura dentro dos convênios do *Cultura Viva*, na gestão do então ex-ministro, Gilberto Gil, que dizia *"O Ponto de Cultura é uma espécie de 'do-in' antropológico, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do País".* E a partir dessa afirmação de Gil, seria uma grande projeção para o município. O Ponto poderia resgatar a história e valorizar a comunidade. As atividades que realizaria estariam voltadas ao fato histórico do Rodeador, uma vez que um trabalho deste porte aumentaria as fronteiras do conhecimento sobre o tema. Recentemente uma pessoa da comunidade em contato via internet, disse haver assumido o Ponto, mas nesse sentido, não conseguimos da municipalidade nenhuma informação oficial.



CAPÍTULO IV

PERSPECTIVAS DE UMA ANTROPOLOGIA APLICADA COSMOVISÃO E UTOPIA: O CASO DA PEDRA DO RODEADOR EM PERNAMBUCO NORDESTE DO BRASIL



Caminhos do Rodeador
Foto: Alcides Ferraz 2008

"Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
de nada, morre".
(Fernando Pessoa - Mensagem)

Para abrir este capítulo se levou em conta a antropologia aplicada, além das representações do conhecimento das poucas lendas, que ainda resistem fundamentadas na vivência do grupo de fanáticos do *Rodeador*. Essa oralidade será abordada, ao levarmos em conta a categoria emergente dos dados das entrevistas, referente à possibilidade de uma prática de um turismo cultural valorizando o fato histórico ocorrido na região. E, além disso, valorizar-se-ão os conceitos de cosmovisão e utopia, relativos às práticas culturais do grupo de fanáticos do *Rodeador*.

Bandarra, Camões, Vieira, Pessoa, e um Rei ressurgente numa brecha da rocha sagrada do *Rodeador*; ou encantado no areal do Maranhão... Rei perdido... Rei morto... Rei Mítico! Vivo no entrelaçado cultural de uma enorme *teia;* aqui buscamos outra vez em Geertz (ibidem 2008:4), o sentido para essa expressão que fortalece o conceito em que queremos atualizar esse mito universal, que vem tecendo séculos e séculos de ordem e desordem; unidos nos quatro elementos em conexão: terra – a marroquina, portuguesa e brasileira; água, de rios, mares e oceanos, itinerários que levaram o rei ao Marrocos e o mítico rei ao Brasil; fogo de pólvora da Batalha dos Três Reis e das fogueiras do Rodeador; e ar onde o rei expirou com certeza, o sopro transcendental, para entrar na eternidade atemporal, espacial, mítica. Retornando ao illud tempus do mito, ao tempo sagrado das origens. No sebastianismo transformado em herói, com áurea reveladora de hierofania. E como alude Eliade,

> *Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, e que esta história é significativa, preciosa e exemplar* (Eliade 2000:27. Tradução da autora)

1. COSMOVISÃO E UTOPIA

Podemos partir da abordada de Agostoni[194] que faz uma distinção com referencia ao termo utopia. Segundo explica, num nível de linguagem de uso cotidiano a palavra se associa aos significados de quimera ou ilusão, se definindo ainda como algo impraticável ou irrealizável, que não encontra suporte na realidade. Por outro lado a um nível de consideração repleto de possibilidades, a utopia vai repelindo essa identificação com um sentido pejorativo, além de repelir também certas manifestações de injustiça e opressão social, propondo um modelo alternativo. Faz alusão à conotação positiva que contém uma visão construtora de uma ordem alternativa que apela a razão e a ação do homem. (1996:31 tradução da autora). Em outro trecho falando de uma utopia do Novo Mundo, a autora explica que comparar o conhecido com o não conhecido servia para diminuir a distancia existente entre Europa e América, minimizando diferenças e sobrepondo-se ao impacto social. E ainda esclarece que uma das visões utópicas que se tinha do Novo Mundo era aquela que equiparava a natureza e os habitantes com aquilo que se dizia haver existido na idade dourada, no paraíso terreal, no melhor da humanidade. Os primeiros documentos apresentam uma realidade idealizada, que já poderia ter uma conotação turística, partindo de um ponto de vista da atualidade. Nos relatos de Colombo abundam paisagens e índios, tudo é visto como uma unidade em harmonia: *"Esta ilha é enorme e cheia de árvores, verde, águas e tem uma lagoa muito grande, sem nenhuma montanha, e toda verde, que é um prazer olhar; e a gente é mansa"* (Colón apud Agostini 1996:35 tradução da autora)

Tentamos buscar a dimensão humana - imbricada no movimento sebastianista do Rodeador -, e como vimos acima, a visão utópica positiva da recriação do paraíso seria um objetivo impresso na mentalidade e cosmovisão de homens e mulheres, que aderiram a manifestação messiânica pregada na ocasião. Quem sabe, na atualidade, esse paraíso poderia ser a própria idéia da exploração turística local, como uma perspectiva de beneficiamento da comunidade da vila.

[194] Agüero**,** Oscar A. (Coord) (1996) *Utopía y nuestra América.* Abya-Yala, Quito. Agostini, Claudia capítulo "La utopia em el nuevo mundo".

Este ponto de vista pode ser reificado a partir da antropologia aplicada, tendo em vista as próprias palavras dos recordadores narradores que trazemos à luz neste capitulo com as alusões a uma prática turística reforçando a história local como tradição cultural, que encontra eco nas palavras de Espina Barrio[195],

> *Entre as temáticas mais genuínas que podemos considerar no desenvolvimento da chamada Antropologia aplicada, está sem dúvida alguma, por sua importância na atualidade, a que faz referencia ao turismo, especialmente na sua relação com culturas de gente simples e seu desenvolvimento integral* (Espina Barrio 2008:15).

E podemos encontrar em Bastide[196] muitos questionamentos a respeito da antropologia aplicada, que segundo expressa,

> *corresponderá estudar a ação do homem sobre as coisas e os efeitos que dali se derivem* [...]. *Seu dever consiste em abranger todos os tipos de ação que alterem e modifiquem a realidade, e atrás desta o conjunto das outras razões que nossa razão não conhece* (Bastide 1971:210)

Lembramos que o sebastianismo é sem dúvida nenhuma, terreno fértil para a criação em muitos sentidos. Na acepção que nos oferece Bastide, pensamos na possibilidade de utilizar a memória do movimento do Rodeador, como uma ação que poderá vir a se modificar com a prática turística adequada, aliada a vida dos moradores da pequena vila. E aqui encontramos um padrão que liga o tempo mítico a todo um conjunto de significados e significantes. Assim podemos nos reportar a um enunciado de Lévi-Strauss que indaga,

> *Que significa o termo "significar"? Parece que a única resposta possível é que "significar" significa a possibilidade de que qualquer tipo de informação seja traduzida a uma linguagem diferente* [...] (Lévi-Strauss, op.cit. 1999:30. tradução da autora).

A partir desta afirmação de Lévi-Strauss, podemos falar de um significado utópico na cosmovisão do movimento em tela, onde o falso profeta sebastianista pregava e buscava levar ao apocalipse, o grupo reunido sob sua liderança, debaixo do ardor de um sol causticante no nordeste brasileiro; e com a promessa da revelação do

[195] Espina Barrio**,** Angel B. (Dir) (2008) Turismo, Cultura y Desarrollo: Antropología en castilla y León e Iberoamerica, X. Imprenta Provincial, Salamanca.
[196] Bastide, Roger (1971) *Antropologia aplicada*. Amorrortu editores, Buenos Aires.

segredo, recebido por meio de um oráculo; e falava do desencanto do rei e do milagre da inversão de valores em todos os sentidos para beneficiamento da gente que iria lutar e defender o arraial, que aos poucos foi povoado por homens rudes, que vinham de diversas direções, e se beatificavam com as promessas propagadas.

A terra castigada por um sol abrasador racha e engole o sertanejo lavrador Severino[197], da mesma matéria dura que aqueles amotinados do alto da serra do Rodeador. Observamos que o mito se mescla na cosmovisão nordestina, como mostra Nogueira, antropóloga e escritora pernambucana. Por meio do arquétipo do herói, o mito encarnado por D. Sebastião, se reencarna nos beatos espalhados pelo sertão afora. E conclui,

> *O sebastianismo nordestino é amplo e fornece subsídios para a conformação da visão paradisíaca do Brasil, lugar escolhido por D. Sebastião para ressuscitar, devido as suas qualidades de flora, fauna, sua riqueza e seus tesouros [...]. O mito de D. Sebastião existe no sertão: o rei está vivo, mas encantado, deve voltar um dia e estabelecer a justiça na terra* (Nogueira 2002:35 e 36)

Mas, ao final, ao invés do *Paraíso Terreal*, os crentes se depararam e se confrontaram com a morte indesejada, sem a intervenção do poder mágico que com a ressurreição do rei, ofereceria sobrevivência, resistência e invisibilidade durante a luta, segundo pregava o discurso silvestreano. As pessoas foram chegando atraídas por uma verdadeira utopia[198], ou seja, à procura de um lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Seria como a descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade.

Dentro desse paradigma os fiéis do arraial sebastianista, encontrariam no rei, após a saída e desencanto da caverna, o verdadeiro lugar onde esbanjava abundancia riqueza, prosperidade e plenitude, tudo que o homem rude e embrutecido pela miséria, fome, falta de oportunidade de trabalho, numa época de transição política, entre outros

[197] Severino é o personagem do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. Consulta ao site em 24 de setembro de 2011: http://www.culturabrasil.org/joaocabraldemelonetoo.htm
[198] Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa

males, buscava, na tentativa de encontrar naquelas plagas nordestinas, quem sabe, a *terra sem males*, verdadeiramente, o reino onde todas as coisas se materializassem a deriva do pensamento, por um simples toque mágico. Todas essas possíveis dádivas iam preenchendo de força, fé e magia, o espírito coletivo de homens, mulheres e crianças que aos poucos foram construindo casebres e celebrando a vida em rituais diários, na espera da transformação da dura realidade. As crenças messiânicas têm essa característica, de buscar a satisfação dentro de uma cosmovisão imediata e material.

Levando em conta a premissa acima, lembramos que o rei teve uma existência moldada entre a morte do pai, e o desejo do seu nascimento, considerado milagre e orgulho para o povo português. E já nasceu predestinado a se tornar mito a partir da sua gestação, sendo considerado pela historiografia, um homem despótico, religiosamente fanático e utópico, dentro das circunstâncias da época em que viveu, e em que girou sua curta vida; e a incógnita para salvar sua nação do poderio espanhol, que o levou a combater no areal marroquino.

Passando a dimensão mítica continuou seu reinado absorvido por mentes ao seu tempo, com idéias messiânicas do encontro do paraíso na terra. E o mito gerado - adquiriu vida própria -, seguiu caminho voluntariamente; e viajando infiltrado em mentes à procura do novo, foi absorvido em terras predispostas ao ambiente místico, como foi o caso do Brasil. Dessa forma, o mito pode se renovar por meio de novas deliberações que deram seguimento aos intentos de salvação, primeiro aparecendo mitificado no movimento do Rodeador. Assim podemos dizer que a lenda tem fundamento naquilo que o rei pode representar para seu país, muito antes de nascer e após o seu desaparecimento e sua própria vida articulada entre as polemicas palacianas do seu tempo.

Efetivamente esse tipo de movimento, como o do falso místico do Rodeador, que predizia o eterno retorno mágico do rei português em tela, adquire outros matizes na atualidade. Sendo que na verdade a idéia central é sempre a mesma, um poder de convencimento liderado por um homem comum, travestido de messias que leva um coletivo de atores de um mesmo grupo social a legitimar um discurso idealista, em

busca de equidade, num mundo segmentado em partículas e com enormes desigualdades, que em muitos setores chegam a ser desumanas.

Essa multiplicidade de fatores nos dias de hoje se faz visível no Brasil, especialmente em determinadas esferas, onde o povo subjugado pelo poder dominante, não tem perspectiva e oportunidade de melhoria na qualidade de vida. Essa temática já foi abordada em outro capítulo. Mas voltamos a refletir que isso vem ocorrendo em muitas zonas periféricas dos grandes centros urbanos, e, sobretudo na zona rural, nos rincões quase inacessíveis. No caso da região agreste pernambucana, especificamente no município de Bonito, local do episódio em tela, ainda hoje a população sofre de certa forma, por falta de um maior envolvimento com o micro, e responsabilidade do poder público local. Mas o mais absurdo nos tempos atuais é observar que já se poderia e deveria ter sido superado muitos problemas que se sabe, ainda existem por falta de interesse da administração pública em se criar diretrizes para sanar aspectos como a seca que ainda produz o êxodo rural nordestino e outros problemas relacionados à terra e falta de oportunidades em outros setores.

Podemos dizer que, sobretudo na região nordeste, se contabiliza cada vez mais, o surgimento de igrejas de origem pentecostal. E Observamos que todo esse processo é alimentado por uma utopia centralizadora, a partir do proselitismo dos lideres evangelizadores. E que na maioria dos casos, os fiéis realizam a troca messiânica utópica, com a retribuição de um miserável e sofrível dízimo. Os pregadores confiantes se aproveitam do espírito do povo nordestino, credor numa ordem divina, e na figura do salvador que pode trazer melhorias futuras. Aí atuando e enchendo o cofre das pequenas igrejas, que muitas vezes funcionam em um casebre. E de repente a fachada vai se ampliando e toma o formato de um templo. Geralmente essa forma de atuação messiânica se dá, em áreas povoadas desordenadamente, onde o capital social[199], oferecendo baixo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, e sem contar com infra-

[199] *Capital social* segundo Franco de Sá teve o primeiro registro enquanto conceito por volta de 1977 [...]. E o desenvolvimento conceitual em ciências sociais deve-se especialmente aos trabalhos de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putman. Diversas são as definições para capital social, porém segundo a autora, duas grandes correntes tentam conceituar o termo: a estrutural e a cultural. A estrutural seria originada a partir dos trabalhos de Bourdieu e de Coleman, que definem capital social como um conjunto de recursos disponíveis para o indivíduo, derivados de sua participação em redes sociais; já a segunda abordagem concebe o termo como fenômeno subjetivo, composto por determinados valores e atitudes que orientam como as pessoas se relacionam entre si. (2006:11 a 27).

estrutura básica satisfatória a que todo ser humano merece, é destino certo para essas iniciativas. E citamos esse exemplo no nosso estudo como um caso que podemos dizer seria de utopia negativa, onde existe a promessa messiânica irrealizável.

2. PEDRA COMO ESPAÇO ONÍRICO

No capítulo anterior lembramos Bachelar[200] no que se refere à matéria dura e sonhadora da rocha. Aqui buscamos em Durand[201], no ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem - evocar o valor do onírico, do sonho, da utopia - e de um encantamento de todas as gerações, num espaço atemporal, desde o momento misterioso da criação. E como se fosse o olhar através do mágico '*macroscópio'* de Rosnay[202], vai tecendo como na teia, suas valiosas observações sobre o imaginário, que aqui tentamos trazer ao nosso tema em tela..

Nesse sentido podemos fazer uma reflexão! Apesar de vivermos num mundo de fatos reais, a mente constrói idéias que podem partir de uma irrealidade ou de um sonho lúcido, propicio a mitos e lendas dentro de um conjunto de símbolos e atributos em determinado povo, cultura ou grupo social. Seria o "trajeto antropológico" que nos fala Durand, ou apenas, segundo afirma, uma legitimação onde o símbolo deve participar de forma indissolúvel para emergir numa espécie de 'vaivém' contínuo nas raízes inatas da representação do sapiens e, na outra 'ponta' nas várias interpelações do meio cósmico e social. E relembrando o espaço de sonho evocado por meio do movimento que teve como cenário a pedra mística do Rodeador, fazemos uso das palavras do autor que complementa,

> [...] *a lei do 'trajeto antropológico'* [...], *mostra muito bem a complementaridade existente entre o status das aptidões inatas do sapiens, a repartição dos arquétipos verbais nas estruturas 'dominantes' e os complementos pedagógicos exigidos* [...]. *Por exemplo, para tornar-se um símbolo, a estrutura de posição fornecida pelo posicionamento do reflexo dominante na vertical necessita a contribuição do imaginário cósmico (a montanha, o precipício, a ascensão...) e sociocultural (todas as pedagogias da elevação, da queda, do infernal...), sobretudo.* (Durand 2001: 90, 91)

[200] Bachelard**,** Gaston (2001) *A Terra e os Devaneios da Vontade*. Martins Fontes, São Paulo.
[201] Durand**,** Gilbert (2001). *O Imaginário*, DIFEL, Rio de Janeiro
[202] Rosnay consulta em 23 setembro 2011: http://es.scribd.com/doc/53180370/El-macroscopio

Nos itens seguintes mostraremos um pouco da região onde se desenrolou o primeiro movimento sebastianista brasileiro no século XIX, partindo de uma prática turística em linhas gerais no Brasil; em Pernambuco; no município de Bonito e finalmente a caracterização da onírica *Pedra do Rodeador,* como símbolo de um futuro voltado ao turismo pernambucano.

3. TURISMO NO BRASIL

Primeiro vamos dar uma pincelada só para situar o turismo no Brasil atualmente. O país está dividido em cinco regiões, onde podemos observar que de norte a sul, conta-se com diversas opções de lazer que são proporcionadas aos turistas, com incrível variedade de distintos atrativos em cada uma. Cada região possui uma cosmovisão toda própria que vai desde as diferentes formas de viver, hábitos, maneiras de vestir, saudar, falar, sotaque[203]. Muitas vezes se faz necessário ter às mãos um glossário de termos para se entender melhor a região visitada, porque dependendo do lugar, as denominações das coisas têm significados distintos.

O Brasil é o mais extenso e povoado país da América do Sul. Destino turístico elegido por viajantes do mundo todo. Possui 8.500 quilômetros de costa sobre o oceano Atlântico, onde o turista pode encontrar desde grandes paredões rochosos, até praias extensas de águas quentes, passando por baías, dunas e vegetação exuberante. Como sabemos geograficamente é conhecido por sua enorme dimensão continental, com 8.515.692,272 km2 para 190.755.799 milhões de habitantes, distribuídos em território heterogêneo, muitas vezes de difícil acesso, composto por 27 Unidades da Federação e 5.565 municípios, dados da estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE[204], ano 2010.

Mas infelizmente o que atemoriza uma prática turística saudável nos centros metropolitanos, é a incidência de violência hoje em dia, que gera medo e imprime uma

[203] Sotaque segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa pode ser a pronúncia característica de um país, de uma região, de um indivíduo etc.; acento.
[204] Sinopse do Censo Demográfico 2010 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro.

imagem negativa ao país. A grande imprensa registra e denuncia diariamente fatos que podem desestabilizar de alguma forma o turismo, tornando um acontecimento público caótico devido a assaltos a mão armada e violência. Comentamos o tema apenas levando em conta que apesar do Brasil ter um lado considerado paradisíaco, também reflete toda uma diversidade social desagregadora de valores, devido a uma prática cultural em segmentos da sociedade que vem se repetindo. E governantes que não persistem em propiciar políticas públicas mais eficazes nesse sentido.

3.1. Caracterização do estado de Pernambuco

Localizado no nordeste do Brasil, Pernambuco conta com 185 municípios. A população gira em torno de 9 milhões de habitantes em um território com 98.937,8 quilômetros quadrados. O estado goza de posição geográfica privilegiada com relação à Europa, sendo uma das principais portas de entrada do turismo internacional

Recife, a capital, conta com uma população de mais de um milhão e meio, se destacando com muitos monumentos da época da dominação holandesa. No velho bairro, na zona portuária, há movimento noturno em torno aos bares e de idas ao teatro. Durante o dia há comércio, órgãos públicos, e o mundo financeiro onde se encontram as principais agencias bancárias; é aí que encontramos a primeira sinagoga das Américas. No centro também estão os dois jornais de maior circulação do estado: Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio. A cidade recebe as águas dos principais rios Capibaribe e Beberibe sendo por isso conhecida como “Veneza Brasileira”.

Pernambuco oferece ao visitante grande variedade de atrações naturais, culturais e históricas. O novo e o antigo, o rústico e o sofisticado, o litoral e o interior convivem em perfeita harmonia. Quem visita Pernambuco no carnaval, por exemplo, pode constatar que *Olinda*, uma cidade de origem colonial a cerca de sete quilômetros da capital, faz o maior carnaval de rua do país, o que atrai uma demanda incrível de turistas por essa época. Hoje em dia tem como concorrente o carnaval do Bairro do Recife, que faz com que os foliões nesse período flutuem entre as duas principais cidades do estado.

Na capital Recife, o porto nos idos do século XIX, era um dos mais importantes da região nordestina, por ser ponto de desembarque de passageiros, funcionários reais; e onde circulavam correspondências e impressos. Era normal ao sinal da chegada de uma embarcação, as pessoas irem até a beira do cais à procura de informações do velho continente. E tudo se processava onde hoje, no local, existe uma praça denominada *Marco Zero*; e do lado oposto, nos arrecifes há um parque de esculturas, numa faixa que liga as águas dos rios Capibaribe e Beberibe com a bacia do Pina, que deságua no oceano atlântico.

3.2. Caracterização do município de Bonito

A cidade está rodeada de montanhas, com vegetação verdejante, cachoeiras, rios, furnas, além de ar puro e reservas da mata atlântica. Recentemente, explorando seus recursos naturais, se investe no chamado turismo ecológico, através de passeios ou prática de esportes radicais. Com oito cachoeiras e esse perfil, o município integra a trilha das águas de Pernambuco, além de possuir clima quente e úmido com temperatura média variando entre 20 e 30 graus. O município de Bonito é conhecido também como a "*Terra das Belezas Naturais e Águas Cristalinas"* [205] (Melo Filho 2006:49).

A distância para a capital Recife, é de 128,4 km. Conta com uma população aproximada de 57.371 habitantes, em área territorial de 493 Km2. Dispõe de boa infra-estrutura em comunicação e tem como principais atividades econômicas, agricultura, pecuária, avicultura, floricultura e turismo ecológico de cachoeiras.

O poder público na gestão anterior visava explorar e dar ênfase à cultura e história da região da *Pedra do Rodeador*. Mas, tentamos falar recentemente com algumas pessoas, fora do nosso quadro oficial de informantes. e o que se observa segundo comentários dessas fontes, é que por enquanto não existem ações no sentido de dar continuidade a alguns projetos que foram divulgados anteriormente como propostas

[205] Franco de Sá, Ronice, Melo Filho, Djalma Agripino de, (organizadores) (2006) Avaliação do Capital Social nas áreas do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil: Barra de guabiraba, Bonito, Camocim de São Félix, Sairé e São Joaquim do Monte. Edições Bagaço. Recife.

da gestão que estava no comando, como os casos do *Pólo de Cultura* e *Ponto de Cultura do Rodeador.*

Povoamento - Até o final do século XVIII, o território era coberto por imensas florestas e águas cristalinas. E fazia parte do célebre Quilombo dos Palmares. Segundo a tradição, a origem do nome se deve ao fato de que alguns habitantes da margem do rio Ipojuca vinham caçar na direção da serra dos Macacos, que pertence ao município. Certa vez dois caçadores, descendo a montanha, chegando à encosta, descobriram um ribeirão de águas límpidas; em uma nova caçada, ao se perguntar a direção que tomariam naquele dia, um deles respondeu: - a do rio bonito. A água boa, pura e abundante que ali jorrava atraía a prática da caça, e assim surgiram habitações naquela área, então desabitada, iniciando-se a fundação de Bonito, entre 1796 a 1798. Desmembrado de Vitória de Santo Antão, a cidade foi emancipada em 12 de abril de 1839. Além da sede, se compõe dos distritos Alto Bonito e Bem-te-vi abrigando ainda a vila do Rodeador.

A cidade fervilha aos sábados, dia da feira livre que começa na quinta-feira, tendo seu auge no final de semana. A população da zona rural se desloca para vender seus produtos na sede. O artesanato seria outra manifestação cultural, podendo ser adquirido no Casarão das Artes.

Dentre as festas que se destacam estão principalmente a da padroeira - Nossa Senhora da Conceição que acontece em 08/12; o movimento aumenta, pois as populações das comunidades circunvizinhas vão prestar homenagem à santa. Há também a festa de São Sebastião, festejada em 20 de janeiro com celebrações religiosas e culturais.

O Carnaval também tem seu ponto alto na apresentação de bandas musicais, fantasias e máscaras; e a grande representação carnavalesca fica por conta dos papangus, manifestação popular no Agreste de Pernambuco; já nas festas juninas, os grupos de bacamarteiros, quadrilhas tradicionais e estilizadas, mazurca e forró pé-de-serra saem às ruas fazendo a alegria de toda gente.

Como atrativos principais têm a Pedra do Rodeador e quedas d'água como a Cachoeira Barra Azul. A Torre de São Pedro no ciclo junino homenageia este santo com muita festa. Além disso, tem também o ponto mais elevado da cidade, onde foi erigida a capela Nossa Senhora de Mont Serrat, um santuário para a prática de turismo religioso em certas épocas do ano, na serra do Araticum, que abriga as antenas de televisão, sendo considerado mirante para se apreciar, por exemplo, um belo pôr-do-sol, ou até mesmo reunir os amigos em noite de luar ao redor de uma fogueira. A cidade tem como característica um casario considerado pelos historiadores como do mais autentico estilo colonial.

O padre José Miguel da Silva, pároco da igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Bonito, conta que vive numa das sete maravilhas de Pernambuco; e que o título vem de uma eleição, onde o povo escolheu o município de Bonito devido às cachoeiras, a *Pedra do Rodeador*, e outras atrações que são de verdade bonitas, como os velhos casarões de engenhos, etc. Indagado sobre o aproveitamento turístico local, acha que ainda falta muito, primeiro não tinha estrada para as cachoeiras, mas diz que felizmente,

Agora começaram as obras. Nesse período está um pouco parado por conta das chuvas; o asfalto..., na verdade tem um problema, porque também afeta a natureza. Mas, é um mau necessário; temos as cachoeiras, temos também o Rodeador, casarios. (fonte oral: entrevista informal com Padre Miguel).

Igreja Matriz Bonito
foto: Alcides Ferraz agosto 2008

Quanto ao fato de Bonito vir a ser itinerário de uma prática de turismo religioso responde afirmativamente, dando exemplo do município vizinho, São Joaquim do Monte, onde todos os anos milhares de romeiros prestam homenagens ao Frade. A romaria de Frei Damião como é mais conhecida, acontece entre fim de agosto e início de setembro. A programação religiosa e cultural modifica

totalmente o aspecto da cidade. O ponto central da celebração sagrada e profana seria uma estátua erguida em homenagem ao santo, localizada num Cruzeiro. Aponta Frei Damião, como um ícone da igreja, e que com a festa religiosa e profana, o município vizinho, recebe cerca de cem mil pessoas.

Voltando à questão de Bonito fala da capela de Nossa Senhora do Monte Serrat e de uma promoção de uma via sacra, para dinamizar - a exemplo do vizinho -, o turismo religioso que seria a partir de setembro e outubro, porque nos meses de chuva não vale a pena. O cura traça um perfil da comunicação da rádio a qual administra, FM Rio Bonito, e segundo seu ponto de vista a relação com outras emissoras é boa, atinge apenas 15 mil pessoas, é bem local; e diz que também tem outra emissora Rádio verdade. Explica,

> *a nossa é comunitária; é pioneira; ta aí fazendo barulho, faz dez anos, isso já deu processo, só não deu cadeia. Mas, a gente lutou e agora efetivou o sinal, realmente. E quanto às telecomunicações em geral aqui é bem servido, recebe bem sinal para acessar internet, celular. A internet ainda não chega em todas as áreas, mas tem antena parabólica em todo canto.*

4. CARACTERIZAÇÃO DO RODEADOR PARA UMA PRÁTICA DO TURISMO

Buscamos nas palavras do professor Espina Barrio[206] que ensina no seu *Manual de Antropologia Cultural* que *"estudar uma nova cultura é como aprender um novo idioma"* (2005:42), e seguindo esse exemplo, nos atrevemos a estudar o sebastianismo num vértice triangular, tendo claro, o Brasil, como fonte principal de referencia, por ser o país e o continente que abriga o nosso principal campo de pesquisa, a *Pedra do Rodeador.*

Chegando na zona rural do município pernambucano de Bonito, nos deparamos com o incrível visual da *Pedra*, onde o sagrado e o profano se mesclam em meio a uma natureza exuberante. Refletimos sobre a existência ali, de uma verdadeira fonte de cultura, ºno seio de um povo desencantado com suas lendas, que lança mão do esquecimento por não ter como manter um passado que não traz o conforto dentro de

[206] Barrio, Ángel-B Espina (2005) *Manual de Antropologia Cultural*. Recife Editora Massangana.

Caminhos do Rodeador
foto: Regina clara de Aguiar

paradigmas de sobrevivência, e indagamos: será possível fazer com que a história possa renascer em suas origens verdadeiras, como o mito da Fênix, que a partir das cinzas cria vida?

Observando a majestosa pedra sentimos que aos poucos os resíduos de narrativas míticas existentes ali, além de um núcleo de lendas que resistem ao tempo, como a própria rocha, são representações simbólicas de arquétipos de um sebastianismo redivivo.

E também podemos indagar sobre como essas narrativas surgem. Concluímos que é importante registrar em imagens o local ainda sem a especulação imobiliária que pode vir a destruir parte do patrimônio natural. Isso poderia ocorrer caso a pedra futuramente venha a ser tombada, funcionando no seu entorno um parque. Apesar do que quanto a isso não há nenhuma informação tangente; são apenas boatos que circulam em meio aos moradores da vila do Rodeador e sede do município, que ninguém consegue explicar. Mas o que acontece é que muitas vezes esses comentários sem fundamentos, têm origem em alguma fonte articuladora, como vimos em matéria divulgada já citada[207] em outro capitulo, onde se faz referencia a um empreendimento como um Pólo Cultural e Ponto de Cultura. Mas enquanto o poder público não tomar iniciativas sérias nesse sentido, essas conjecturas que rondam no local, já fazem com que grupos se empenhem em abrir hotéis e explorar a região de alguma forma.

A pedra abriga esportes radicais, como: rapel, montanhismo, motociclismo, mas sem nenhum ordenamento nem guias especializados, segundo detectamos nas falas de alguns dos informantes. Nas estreitas trilhas, o visitante ainda pode encontrar ruínas de construções feitas pelos escravos, mas o que acontece é que não há ainda um pessoal treinado para dar esse tipo de informação, como essa, além da referencia ao conflito

[207] Passos**,** Tania (2005) *Bonito resgata sua história no sebastianismo*. Diário de Pernambuco. A9 – 26 de dezembro.

sebastianista que poderia levar muita gente a visitar o local em busca desses atrativos culturais.

O povoado da Pedra do Rodeador está dividido geograficamente em sítios: Prata, Mucurí, Paudarco, Bemtevi, etc. As fazendas, geralmente são denominadas por seus proprietários, com o nome de família. O Rodeador, há cerca de dez anos, tem status de vila. Isso só foi possível, ressalta Glaudecir (presidenta da Associação de Moradores da Vila do Rodeador, que atualmente congrega o trabalho de professora do ensino fundamental, com a produção de polpa de frutas), graças ao trabalho incansável do ex-presidente da associação, com mandato anterior ao seu, no exercício do cargo, que articulou muitos projetos. Por isso o Rodeador foi contemplado com a condição de vila. De acordo com sua explicação, existem hoje na localidade, cerca de 20 casas, um templo da igreja católica que tem Nossa Senhora de Fátima como padroeira, e uma agroindústria que produz polpa de frutas que se vendem na feira no centro de Bonito, aos sábados. Demonstra grande esperança em uma futura transformação, que elevará a vila do Rodeador a distrito.

Glaudecir reforça que a base econômica do município de Bonito, tem na agricultura produtos como a banana. No Rodeador também se produz frutas como: pitanga, acerola, graviola, manga, além de milho e feijão (produtos obrigatórios na mesa nordestina). Mas ainda é o inhame[208], que está sempre em primeiro lugar em produção e vendas. Apresenta também pecuária que é de subsistência.

[208] De origem africana, o inhame é adaptado ao solo e clima semi-árido. Acreditando no potencial da região que oferece condições favoráveis para o cultivo, como sol em grande parte do ano e água na medida certa, por meio da irrigação, membros da Coopevasf formaram uma comissão de produtores para visitar o município de Bonito (localizado no Agreste de Pernambuco), que é o principal produtor de inhame do Estado. Deste intercâmbio, os produtores firmaram uma parceria, onde a Coopevasf trocou, com os produtores do município de Bonito, varas de marmeleiro por sementes de inhame. As varas serão aproveitadas para as ramas do inhameiro, pois na região do Agreste são utilizadas varas de plástico, que não tem muita durabilidade e aumentam os custos de produção. "O manejo da madeira foi feito em uma propriedade particular utilizada para fins agrícolas", explica o presidente da Coopevasf João Batista, destacando que o Ibama concedeu licença ambiental para a retirada da madeira. Os produtores consideram importante o apoio que a Codevasf em Petrolina e a Chesf deram à Cooperativa para a viabilização do intercâmbio, obtenção das sementes e o assessoramento técnico. "Estamos muito satisfeitos com os resultados, porque quando pensamos em formar este grupo de produtores de inhame, só tínhamos a boa vontade de fazer acontecer, mas precisávamos que as instituição nos dessem suporte nestas alternativas de sustentabilidade para o produtor do Perímetro", conta a agricultora Ivone Silva. (http://www.codevasf.gov.br/noticias/2006/perimetro-irrigado-brigida-produz-inhame-de-forma-experimental/ 03/11/2010).

A presidenta da Associação de Moradores da Vila do Rodeador fala da importância da Agroindústria do Rodeador, funcionando desde 2005, e implantada por meio da luta travada na entidade, em favor dessa causa. O que veio a beneficiar os pequenos agricultores locais, já que muitos moradores da vila, tem terra no quintal onde plantar árvores frutíferas. E agora encontram na agroindústria, um negócio onde empregar o excesso do seu trabalho, adquirindo renda extra para a subsistência. Glaudecir explica que uma empresa de sucos no início da safra, compra toda a produção que utilizará nos produtos que comercializa. Nesse caso, o pequeno agricultor, antes da agroindústria só tinha a opção de vender o excedente na feira aos sábados e domingos em Bonito. Ao final se desperdiçava muito, porque não tinham em que empregar o excesso. Explica que o aproveitamento do excedente de frutas, foi um projeto criado para beneficiar os agricultores ligados a associação. Finaliza dizendo que as polpas de frutas também são vendidas para praças como Caruaru, Palmares, além de lanchonetes e restaurantes. A idéia é que o negócio poderá em breve vir a ser uma marca conhecida e vendida em supermercados, já que a polpa é de boa qualidade, por isso compatível no mercado.

5. TURISMO CULTURAL

A indústria do turismo movimenta viajantes de todos os continentes, num vai e vem contínuo. E nesse aspecto podemos falar que esse contingente de pessoas, também busca o conhecimento de novas culturas, o que na *antropologia* é um fator de integração e agregação de valores e identidade dos povos, levando-se em conta o respeito à alteridade e cosmovisão de cada grupo humano dentro do seu contexto. Segundo nos mostra Espina Barrio (2005), a antropologia cultural pode ser definida como "*estudo e descrição dos comportamentos aprendidos que caracterizam os diferentes grupos humanos*" (Espina Barrio 2005:21). Todas as ações por meio das quais os povos expressam suas formas específicas de ser, constituem a sua cultura, que vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. Segundo orienta Laguna[209], a cultura do turismo,

[209] Lagunas, David (coord.) (2001) *Antropología y turismo: claves culturales y disciplinares*. Plaza y Valdés editores. México.

> *Como o modus operandi ET vivendi do "paraíso turístico", começa a definir e redefinir papéis, regras, sentidos, movimentos, formas, forças, expectativas, processos; e a noção de animação* [...] *capta este estado instável ou ilusório flutuante, de desapego, indolência, ou desconexão, transcendendo os limites normais, longe de tudo* (Lagunas 2001: 53)

A cultura é um processo dinâmico, transmitido de geração em geração, que apreende dos ancestrais e se cria ou recria no cotidiano, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou individuo enfrentam. Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a Interculturalidade. Este conceito nos permite ter uma visão mais ampla do processo cultural ao longo do tempo, reconhecendo que não existem culturas mais importantes, ou superiores, do que outras.

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas instituições e agentes governamentais. Existem outras formas de expressão da cultura imaterial que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira como: artesanato, maneiras de pescar, caçar, cultivar, plantar, colher, utilizar as plantas como alimentos e na medicina caseira, construir moradias, gastronomia, danças, músicas, modos de vestir, falar, rituais e festas religiosas e populares. As relações sociais e familiares revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade.

Mas para um estudo mais amplo nesse sentido é necessário uma metodologia adequada para descobrir potencialidades culturais e naturais existentes na localidade em foco. É preciso estabelecer aprofundamento das questões relacionadas ao Patrimônio. E conhecer de antemão as necessidades de informação do público com que se vai lidar. O patrimônio cultural e o meio ambiente natural do Rodeador, podem provocar sentimentos de surpresa e curiosidade, levando a um desejo de querer conhecer mais sobre eles. Estes são elementos que as pessoas que poderão vir a lidar com um projeto de turismo no local, podem ter em conta. Mas só para lembrar, porque em todo caso não vamos nos aprofundar nesses conceitos, estamos apenas fazendo um pequeno passeio nesse tema relevante e extenso; já que não é nosso foco, não temos espaço aqui para

desenvolver melhor, somente pontuamos de maneira a iniciar o item relacionado ao turismo na visão dos nossos informantes.

5.1. Turismo no Rodeador na visão dos informantes

Caminhos do Rodeador
foto: Alcides Ferraz

Objetivando oferecer um painel representativo das opiniões dos recordadores narradores, e segundo suas próprias palavras, será feita uma exposição de algumas propriedades observadas, relacionadas a uma das categorias emergentes das entrevistas: Turismo no Rodeador: a) Dinamizar o turismo a partir da guerra do Rodeador; b) Turismo das águas; c) Tombamento da pedra; d) Preservação da caverna; e) Morcegos da gruta de Silvestre como fator de impacto na economia; f) Sinalização; g) Pedreira no Rodeador; h) Exploração imobiliária.

Não podemos perder de vista o fato que saberes e crenças são fatores importantes em iniciativas para o desenvolvimento sustentável e turístico cultural de uma região. No caso em tela, há um núcleo de lendas que resistem ao tempo, e que tratamos enquanto categorias da tradição oral no capítulo anterior.

5.1.1. Dinamizar o turismo a partir da guerra do Rodeador

Foi sugerido por um dos informantes (A-3) que a abertura de uma boa estrada de acesso a rocha poderia vir a dinamizar o turismo na região; e também lembrou a utilidade e efeito das placas indicativas; e a importância da pouca reserva de mata atlântica[210] ainda existente. E, sobretudo a limpeza

[210] E pesaroso o informante ecologista (A-3) explica que atualmente só restam 720 km de mata da espécie considerada atlântica na área territorial de Bonito que conta com cerca de 470 km quadrados, e ainda que

da caverna; para que as pessoas possam desfrutar do ambiente, como representação simbólica do movimento do século XIX. O informante que indica esse conjunto de opções visando um bom êxito do turismo, diz *"isso deveria ser feito"* e relata que infelizmente o que acontece atualmente é que o lugar se encontra em completo abandono. Fala do seu incomodo pelo poder público local não dar a menor importância a uma exploração turística responsável no local. Lembra que o empreendedor do único hotel no entorno da pedra, é uma pessoa de fora; viu no local uma possibilidade de um grande negócio; ao contrário dos órgãos gestores que ao menos deveriam preservar o local como símbolo do massacre.

Quanto à idéia de um bondinho ou teleférico que algumas pessoas comentaram, para subir do lado mais íngreme da pedra e chegar até a caverna, o informante diz ser isso uma loucura; explica que um bondinho necessitaria dois pontos na mesma altura; eqüidistantes; e o acesso ao alto poderá ser feito em breve pela PE 103. Na época dessa entrevista a estrada citada estava em construção, o que causava impressão de rumo ao desenvolvimento, ao progresso na vila para alguns, enquanto para outros, suscitava preocupação com o patrimônio da pedra como um santuário, que deveria ser preservado e protegido da depredação turística. E ainda diz que o Rodeador ocupa muita terra improdutiva, pois não serve para nada, além de símbolo do fato histórico; Teima em conceituar o arraial como o palco do primeiro grito em direção a republica; e lembra-se de um homem que criava boi lá em cima, no alto da pedra, ao longo do local onde estava sendo construída a estrada nova; e diz que os bois subiam e escorregavam embolando até embaixo, morrendo com o impacto; o povo da vila corria para esquartejar e levar as carnes para consumir.

esse tipo de mata é um bioma presente em grande parte do solo brasileiro, um ecossistema que apresenta árvores com folhas largas e perenes atingindo de vinte a trinta metros de altura. Sobretudo se encontrava em todo litoral do país de norte a sul. E aponta como principal causa do desaparecimento dessa floresta tropical, o desmatamento desenfreado, principalmente a partir do século XX. E atualmente se encontra extremamente reduzida, sendo uma das florestas tropicais mais ameaçadas de todo o planeta. Mas mesmo assim tão reduzida, sua biodiversidade e ecossistema ainda são um dos maiores do mundo. (anotações de campo).

Outra informante (B-1) indagada sobre se um projeto turístico daria certo no entorno da pedra, responde exultante: e como! Após uma pausa, faz uma verdadeira digressão sobre a inquietação que tem com o destino da pedra; conta detalhes da sua relação com o cenário que pontuou toda sua vida, desde a infância.

O informante (B-2) quanto à questão de uma dinamização da prática de um turismo cultural no local onde ocorreu o movimento sebastianista do Rodeador, reflete que seria interessante, pois afinal tudo muda,

> *o turismo é uma indústria global, gera emprego. E Bonito é uma cidade interiorana com grande potencial turístico; Conheço quase todo o Brasil; já viajei a muitos lugares considerados turísticos; muitas cidades pernambucanas voltadas ao turismo, como Garanhuns, Gravatá e Triunfo, mas posso afirmar que nenhuma tem a beleza natural e a história que se encontra em Bonito, no verde, no relevo geográfico, nas serras bonitas, verdejantes e nas águas. E Pernambuco é o estado que possui o menor índice em recursos hídricos, e ao mesmo tempo, Bonito é privilegiado por águas tão abundantes*. (fonte oral B-2).

(B-2) responde afirmativamente à indagação quanto ao episódio do Rodeador vir a ser um fator de beneficiamento e valorização do turismo local. Com o semblante digerindo certa inquietação, completa a afirmação com uma condição: *"depende, por exemplo, de ter pessoas treinadas e bem preparadas com relação a um profundo conhecimento e compreensão da guerra e outras coisas, para atuar como guias de turismo".*; e um ponto interessante que expõe refere-se à população desconhecer a sua própria cultura, o que causa desencontro e falta de informação correta sobre os fatos; sabe-se pouco e falta documentação que comprove e mostre os fatos como realmente ocorreram no passado. Relembra suas viagens; conta uma aventura interessante ocorrida numa dessas ocasiões. Ilustra com a narração, a situação do município de Bonito, que tem uma história importante, mas falta o capital humano preparado com poder de convencimento, infra-estrutura; e estar melhor ferramentado para concorrer e atuar no setor turístico; enquanto no episódio relatado, se vende uma ilusão. Mas afinal acredita que Bonito tem coisas importantes para mostrar.

A gente viaja, e a gente vai a cidades que são turísticas, e eles fazem de um mosquito um elefante. Cheguei a Natal, por exemplo, há dois anos atrás... E o guia turístico me convenceu pra ir conhecer uma cachoeira... A cachoeira do sem metro..., E eu estava junto com um grupo de pessoas, tinham três carros comigo, e a gente foi convencido a ir conhecer o lugar. Então nós entramos num matagal... Tudo plano..., não tinha nada pra ver, não tinha nada que chamasse atenção. E ao chegar o guia turístico mostrou um riacho correndo... Muita gente do Brasil inteiro estava nesse lugar..., uma vegetação parecida com um mangue, inclusive, mesas dentro do riacho..., com pessoas sentadas em volta com cerveja..., e a gente começou a conversar e tal, e depois a gente chamou o guia... - Guia, a gente quer ir pra cachoeira..., ele disse a cachoeira é aqui... Sim, a cachoeira do sem metro é aqui, ela não tem nem um metro..., é sem metro..., é sem com s... Então, eles fizeram uma fantasia..., uma fantasia de uma cachoeira, um riacho que não tem nada pra se ver e leva pessoas do Brasil inteiro pra prestigiar uma coisa que não tem o que ver. E a gente aqui que tem tanto o que ver, e não tem as pessoas preparadas pra convencer as pessoas pra ir. Nós temos aqui a história da capelinha, nós temos uma história, que é uma lenda também, da espada de ouro, que fica dentro de uma lagoa, que fica aqui no Monte Serrat... Quando eu era criança, com quatro anos de idade pra cinco, eu tomei banho naquela capelinha, segurado na mão da minha mãe por que diziam que tinha uma espada de ouro que arrastava as pessoas pra parte profunda da lagoa... E é uma lenda muito bonita. Há quatro anos atrás, eu falei com a prefeita que hoje está, a gestora, pra que resgatasse o turismo... O turismo da capela, o turismo da lagoa do Monte Serrat. E ela se comprometeu. Hoje já está disponível na conta, um milhão de reais, para ser feito um calçamento da cidade até o local, a lagoa; vai ser feito um pátio de eventos lá, um restaurante com infra-estrutura... E botaram também no projeto, doze estações que conta aquela história bíblica... Não sei como é... Eu não entendo muito... O turismo religioso. E uma estatua, com 35 metros de altura... (fonte oral B-2).

Com relação ao Rodeador, pensa que para ser implementado e incentivado o turismo, levando em conta o movimento sebastianista e o arraial de Silvestre, seria preciso se ter um contingente de pessoas preparadas e a própria população deveria estar bem informada, saber contar com exatidão a versão da guerra; sendo assim o turista seria bem recebido podendo satisfazer sua curiosidade.

Aí no caso a gente teria que ter..., guias turísticos..., a população saber contar a versão da historia, tá entendendo? Depois que essa população tiver preparada, sabendo contar, então todo turista, todo mundo que for pra lá, vai gostar de ver, de ouvir. Nós temos lá no Rodeador cinco piscinas de água mineral, onde a gente recebe muito turista na época do verão, de todo estado, de toda a região. Então o povo vai pra lá desfrutar das piscinas, e tomar uma cerveja, uísque etc. Só, que a historia não é contada. O povo não sabe... Então, o primeiro passo que temos que dar com relação a esse folclore que Bonito tem, seria a preparação da

> *população, que é despreparada de tudo... A cidade não tem infra-estrutura, a estrada fica intransitável no inverno, e no verão os carros chegam lá com muita poeira e... Não tem é..., uma infra-estrutura em geral.* (fonte oral B-2)

O informante (C-1) lembra que em alguns setores, se comentou a possibilidade de criação de um memorial sebastianista no município, junto ao Ministério da Cultura. Pensa que já poderia até ter sido aprovado pelo Ministério da Cultura. Mas não sabe se foi realmente, nem se foi liberada verba para um projeto desse porte. No caso, os documentos seriam digitalizados, transformados em formato de álbuns digitais que ficariam disponibilizados ao público, em sala ambientada com gravuras representativas. Isso que relata, estaria relacionado ao projeto do ponto de cultura, que sequer o informante como professor, conhecia na época. Quanto à história do Rodeador vir a ser fator de beneficiamento em relação ao turismo local responde que bem planejado seria viável, já que no momento só tem a pedra no local, simbolizando a história. Acrescenta,

> *com certeza, desde que feito é..., bem planejado né, que o turismo hoje, ele tem que ser bem planejado, é tanto que lá só tem a pedra. Hoje pra se ver só tem a pedra. Esses documentos..., é..., gravuras..., esse tipo de coisa, não tem. Já deveria ter um local... Esse local deveria ser lá, pra pesquisadores visitarem, pra sociedade no geral, visitar. Mas, os próprios habitantes de Bonito, não se interessam por esse assunto. E aí fica difícil que outras pessoas que não sejam pesquisadores, se interessem né. Pra o tema cair na moda às pessoas tem que... A cidade tem que abraçar a causa. Eu acho que uma educação histórica de base, seria o primeiro passo pra esse abraço com relação a essa causa* [...]. *Eu acho que, quando a gente pensa em turismo, a gente deve aproveitar todas as perspectivas né, não só o real, cientifico, mas também o místico né... O místico, o imaginário, os mitos. Quando a gente dar a idéia de turismo a gente não pode selecionar que clientela de turismo a gente detém. A gente deve abordar todos os espaços, explorar todos os espaços, pra que de fato venha a ocorrer a* expansão turística, *e aí o cientista, o pesquisador que quisesse vir aqui, ele teria esse suporte, e o que quisesse vir também só atrás de misticidade, de lenda, ele também teria, essa possibilidade de encontrar aqui. E limitar não seria uma boa idéia. Expandir e abraçar quantas possibilidades tivesse acesso, de desenvolver com relação ao* turismo [...] *E melhorar a infra-estrutura do local e ter um espaço direcionado a esse tipo de visita... lá na* pedra (fonte oral C-1).

Está convicto de que o fato de se pensar em turismo, deve levar em conta todas as perspectivas – real, cientifica, mística, imaginária, mítica – e que

não se pode selecionar que clientela de turistas se quer atingir; deve-se abordar e explorar todos os espaços possíveis; levando-se em conta a expansão turística; isso daria suporte ao cientista, ao pesquisador e ao visitante em busca do místico, das lendas.

Já (C-2) indagada sobre a possibilidade de jovens contadores da história local - incentivar o turismo -, responde pensativa que sim, seria muito importante se conhecer, para se reproduzir corretamente a história com início e fim. Analisa ainda que nesse caso os pais que visitassem o local e ouvissem contar a história de forma correta, contariam aos filhos, os filhos aos amigos, e assim se criaria uma rede com informação sobre o fato histórico local. Isso iria ampliar e divulgar o Rodeador. Refletindo sobre o turismo praticado na região, afirma que gostaria que o movimento turístico estimulasse a implantação de novos projetos, valorizando assim a história da guerra do Rodeador. Espera que pessoas de responsabilidade possam ter interesse no local. Fala também de *esperança no futuro*, para os mais jovens, e que possam contar com projetos que levem o conhecimento do fato histórico ao povo em geral. Denuncia uma questão comum na zona rural, com relação à juventude. De forma geral, os jovens hoje não se preocupam com a história do lugar onde vivem; mas acredita que tem muita gente interessada no tema. Expressa interesse em saber melhor sobre a guerra. Lembra com certa decepção de alguém que se comprometeu a realizar um documentário sobre o conflito, mas nunca apareceu. Sabe que é uma pessoa de fora. Aponta que

> *seria mais interessante para o turista, se a pessoa do lugar pode contar da guerra, porque muitas vezes o turista chega e não sabe nada, por exemplo, que na pedra aconteceu a guerra, por isso apenas ver o lugar, anda na trilha no mato e só* (fonte oral C-2).

Faz uma reflexão crítica sobre a postura de pessoas que prometem levar ao Rodeador algum projeto valorizando o tema, e não cumprem. Acredita que os turistas vão ao local passear, mas também com curiosidade de conhecer a cultura do lugar.

5.1.2. Turismo das águas

Com relação a uma incrementação turística voltada ao fato histórico, (A-2) comenta que o município está voltado mais ao turismo das águas, devido à quantidade de cachoeiras; enquanto o Rodeador se acha no esquecimento. Acredita que um turismo voltado ao Rodeador, não teria condições de ser desenvolvido.

Já (B-2) esclarece que não há exploração das indústrias com relação à água, nem a nada. Nem o próprio *turismo* seria explorado. Fala com uma ponta de desgosto da falta de exploração do potencial do município onde vive; e que nem sequer o turismo é visto de forma impactante; Fala da existência de uma secretaria de turismo recém-criada há cerca de seis meses (em 2008); e não existe uma secretaria para o meio-ambiente. E na prefeitura municipal, apenas funciona uma diretoria do meio-ambiente que está anexada à outra secretaria; Foi diretor dessa diretoria (mas no momento da entrevista estava afastado devido à campanha eleitoral e sua candidatura a vereador); enfatiza a defesa do meio-ambiente como uma das suas lutas na campanha. Mostra-se indignado por ver tanto abandono do município com relação a um maior cuidado com a natureza e a implementação de obras voltadas a valorização dos recursos naturais e do turismo; aponta empreendimentos por iniciativa de pessoas de fora do município, como a construção de três hotéis; pensa que falta no município uma infra-estrutura de investimento, uma gestão interessada em explorar todo esse conjunto turístico que o município possui naturalmente; e se necessita ter bons gestores que possam dar a devida importância e divulgar as belezas da cidade; pois todo o conhecimento externo que trata do município, não foi devido ao esforço dos gestores e sim, foi gerado por veículos de comunicação, como emissoras de televisão que estiveram na cidade, registrando e divulgando o município. E enfático conclui que,

> *a gente vê isso, a gente fica, realmente, é... Indignado, porque na verdade, Bonito não poderia estar dessa forma. Bonito tem uma riqueza, como você vê as pessoas que vem de fora, como Pedro que implantou o Hotel Pedra do Rodeadouro, como o rapaz que... comprou a terra... instalou... e fez o hotel, construiu o hotel, investiu, tá entendendo; tem*

> *Francisco na colônia japonesa, que fez outro hotel fazenda, tem outra moça aqui, que tem o hotel Aguabranca. Todo esse pessoal é de fora, quer investir em Bonito, quer acreditar em Bonito, mas nós não temos é... Nós não temos infra-estrutura. O problema de Bonito é a infra-estrutura. O governo... Os gestores municipais que passaram até hoje, não deram importância pro turismo; não deram importância pra o meio ambiente. E a gente precisa é... Acordar... A gente precisa botar na televisão, as belezas de Bonito, porque a televisão mostra a beleza de Bonito por si só. O que Bonito tem hoje... O conhecimento que Bonito tem lá fora, não foi o esforço do gestor, foi... Os... Os veículos de comunicação que vieram pra Bonito e mostraram por conta própria. Não teve apoio do... Da gestão. E isso é que faz Bonito é... Não ter o que realmente ele merecia ter... A infra-estrutura... Correto.* (fonte oral B-2).

5.1.3.Tombamento da pedra

Seria importante e impactante o tombamento da pedra segundo (A-2), mas acrescenta que não vê como isso seria possível; já que a região do Rodeador é agrícola; os proprietários das terras que compõem o conjunto da vila e o entorno do Rodeador, com certeza não levam isso em conta; e na sede do município ninguém se movimenta para viabilizar um projeto de tombamento da pedra. Afirma que é uma coisa muito remota.

Como primeiro passo expõe enérgico (A-3), a câmara poderia tomar a iniciativa de lutar pelo tombamento da pedra e tornar o local um ponto de turismo histórico do município; se poderia fazer um projeto de tombamento da área onde se encontra a caverna; tornando o local, área de patrimônio municipal; como foi feito com a casa do Engenho Verde, perto da usina.

Atualmente a área desse casarão antigo, conhecido como Engenho Verde, tombado pelo patrimônio municipal, está passando por séria polemica, com a possível implementação da construção da barragem de Serro Azul, que terá grandes dimensões. E acumulará cerca de 380 milhões de metros cúbicos d'água, com paredão de 64 metros de altura, desapropriando 1.600 hectares de terras férteis. A obra já foi aprovada e feita licitação pelo governo do estado, que visa beneficiar a zona da mata sul, entre os municípios de Palmares e parte de Bonito. E, além disso, o empreendimento fará desaparecer duas cachoeiras no município de Bonito. A obra em

andamento vem sendo motivo de muita briga por parte dos ecologistas que lutam pela preservação e por conter os impactos ambientais que irá sofrer toda a região possivelmente inundada.

(A-3) conta que a família dele viveu na casa que atualmente está fadada a ser submergida; diz que o arrendatário não pode sequer pintar a propriedade de uma cor diferente porque o patrimônio histórico não permite; então acha que isso poderia ser viabilizado com relação à preservação da cultura material e imaterial do Rodeador, com a possibilidade de se tornar patrimônio municipal.

Acredita que seria possível o tombamento apenas no sítio sagrado se fosse feita uma medição por metros, se tombasse, então ninguém poderia mexer no local; mas no resto da pedra sim. Enfatiza novamente a questão de ser determinada a área de tombamento referente ao fato histórico; e a importância da construção de uma estrada bem feita; colocação de placas indicativas; limpeza na caverna, ao menos de uns dez metros em que o visitante pudesse entrar para ter uma idéia do espaço da gruta; segundo sua opinião seria isso que deveria ser feito.

Reflete sobre a necessidade de se fazer o tombamento da pedra (B-1). Tendo em vista as obras da estrada, que estão se aproximando cada vez mais; a pista que já está passando por cima da pedra; e com certeza uma especulação ali não iria demorar muito; o que contribuiria a que se mexessem na pedra; vindo a descaracterizá-la em muitos sentidos.

Realmente em uma ida ao Rodeador, tivemos a oportunidade de passar na área onde estavam abrindo uma nova estrada que dará acesso com mais facilidade ao entorno da rocha sagrada; e a gente mesmo na condição de pesquisadores, vê como o homem pode destruir esses santuários da natureza com a tecnologia e o progresso da urbanização desenfreada.

Continuando, (B-1) diz com amargura que os estrondos vindos da detonação das obras em cima da pedra, causam verdadeiro pesar. Lamenta: "*ai meu Deus, vão acabar com a minha pedrinha"* (fonte oral B-1). Emocionada conta que olha a pedra todos os dias, percebe as mudanças sutis que o tempo e o homem vão realizando no cenário que é fiel expectadora e observadora desde pequena. A cada olhar para sua pedra, cada árvore que some, percebe que o tempo vai efetuando mudanças no que foi a pedra, causando grande transformação. Lembra que quando criança subia a pedra e encontrava uma diversidade enorme de árvores que hoje já não encontra mais. Sente que a cada dia vai desaparecendo um pouco mais. Acha que isso pode ser conseqüência do movimento de carros entrando e saindo das estradinhas no entorno da pedra, além da presença do homem que a cada ano promove desmatamento aleatório que muitas vezes tem como resultado, focos de incêndios causando a morte de árvores, que vão desaparecendo ao longo dos anos. Aponta uma única que sobrevive em cima da rocha, explicando que é um sapê, espécie de arbusto abundante na região. Abismada diz:

> *fico pensando: meu Deus a vegetação vai ser destruída e só vai restar a pedra nua e o sapê". Este ano caiu uma boa parte da terra com o forte inverno; e olhando bem dar para ver a diferença da coloração da pedra; acho que essa paisagem tem os dias contados* (fonte oral B-1).

A informante acrescenta, preocupada com o meio-ambiente onde nasceu e faz parte da sua vida,

> *sempre que posso comento com as pessoas que entendem do assunto, como o Flávio*[211]*, sobre o tombamento do local da pedra onde teve a guerra, nessa parte da pedra onde antigamente havia uma árvore chamada imbaúba na entrada da gruta; o povo amarrava corda e descia até dentro da gruta; essa árvore de raízes fortes, é difícil de morrer, mas também sucumbiu ao desmatamento na área; o dono dessa parte da pedra já desmatou grande área de terreno em cima. Isso tem devastado as grandes árvores que existiam no alto da rocha.* (fonte oral B-).

Continua dizendo que na região tem muita vegetação, como o ipê amarelo e roxo, além da sapucarana e que já não se encontra muita mata fechada no

[211] Cabral, historiador citado muitas vezes nas respostas dos informantes.

local. Mostra o exemplo da encosta da pedra, totalmente nua de vegetação; conta que o pai tinha muito cuidado com a mata da parte da pedra do sítio onde vive e hoje tenta preservar. Aponta para a pedra num ponto onde diz que existem grotas (veio de água), pedras e árvores grandes e antigas.

Quanto à preservação da pedra, o informante (B-2), reconhece que é viável o tombamento, divergindo das opiniões de outros que acreditam ser isso impossível, devido à quantidade de propriedades que teriam que ser desapropriadas e indenizadas, em função do tombamento, pois a pedra pertence a diversos proprietários. Lembra que existe um projeto antigo tramitando na câmara para essa questão da preservação e tombamento da pedra.

O entrevistado não tem muita clareza de datas, se referindo de forma vaga, por aproximação. Realmente quanto à veracidade da informação, na época não pudemos checar, pois em ano eleitoral, as pessoas, sobretudo nas cidades interioranas nordestinas, se dispersam. Na prefeitura ninguém sabia nos informar sobre algum projeto nesse sentido. A única pista que temos é a referencia que é feita em matéria[212] divulgada no jornal Diário de Pernambuco, que já citamos aqui em outras passagens, onde trata entre outras coisas do pólo cultural, do ponto de cultura, do tombamento da *Pedra do Rodeador,* e de um evento anual que celebraria o cerco das tropas imperiais em 25 de outubro, data do massacre do Rodeador. Essa iniciativa de uma representação no formato de encenação do episódio seria uma das propostas para fortalecer e solidificar o acontecimento local, a exemplo do espetáculo que acontece anualmente em São José do Belmonte, para pontuar o banho de sangue no altar de rocha da Pedra Bonita.

(B-2) diz que sobre essa questão do tombamento da pedra, nada acontece; reclama um pouco amargo, demonstrando inquietação com a falta de preocupação e informação das pessoas em geral, além da falta de infra-

[212] Ibidem Passos**,** Tania (2005) *Bonito resgata sua história no sebastianismo*. Diário de Pernambuco. A9 26 de dezembro.

estrutura adequada para a exploração do potencial turístico, que não existe; reforça e afirma que é isso mesmo, que é

> *porque as pessoas aqui não ligam pra historia, não ligam pra meio ambiente, não ligam pra turismo... É..., tá entendendo? Pra própria educação, porque a educação faz parte..., então, se a gente despertar todos esses pontos importantes... Eu acho que a gente tem que começar por isso aí, tem que preparar, tem que ter a infra-estrutura..., tem que tombar a pedra... O tombamento da pedra faz parte da infra-estrutura, ela tem que ser tombada, ela tem que ser preservada...* (fonte oral B-2).

Assume uma postura dura e suas palavras são secas e afirmativas. Crítica velada a uma realidade que de certa forma deveria ser preocupação de todos, sobretudo de políticas públicas empenhadas em solucionar esses problemas, e proporcionar vida saudável, saúde e educação, pilares de uma melhor qualidade de vida. Mas infelizmente isso se passa em todo o país, e Bonito não é um caso isolado, sendo o Brasil um país com dimensão continental, muitos lugares passam por essas questões conjunturais, muitas vezes por falta de compromisso político-social. E a questão vai mais além de uma fronteira de compreensão e envolvimento da realidade. Podemos dizer que fora isso tudo, ainda há o ambiente propenso a corrupção. Não se pode generalizar, mas sabemos que muitos políticos, infelizmente estão envoltos com corrupção, falta de ética, além de irresponsabilidade com o poder público. Afinal a pratica do desvio de verbas públicas no país, é um tema debatido exaustivamente nos meios de comunicação, e muitas vezes esses debates e o que esses meios divulgam para a opinião pública, são retalhos manipulados. (B-2) enfatiza que uma solução seria o despertar de todos esses pontos críticos e que é preciso preservar a pedra e possibilitar o tombamento.

Conta que já problematizou a questão junto a diversos órgãos e instituições. Explica que hoje em pleno século XXI há um novo conceito de parques naturais temáticos, que não expulsa os moradores, e sim promove a inclusão dessas pessoas. E são esses nativos que recebem capacitação para guiar o turista. Ressalta a importância da criação de um parque no entorno da pedra, o que daria visibilidade ao setor turístico e aos diversos aspectos culturais locais, valorizando toda a área.

> *Tem que ter um parque... Inclusive já falei com o pessoal do IBAMA*[213]*, pra se criar um parque aqui em Bonito. Mas, pra isso a gente precisava de infra-estrutura, engenheiro florestal, técnicos, um monte de coisas... Dinheiro... E nada disso a gente tem... Mas existem dois tipos de parque hoje; e um em que as pessoas não precisam ser retiradas; permanecem controladas por uma lei é..., municipal, que vai dizer o que elas podem fazer e o que não podem. O que cultivar e o que não podem. E vão desfrutar também da parte que vai render do turismo..., turismo rural..., cada uma inventa alguma coisa. O Sebrae*[214] *dar apoio; tem aqueles que vão vender tapioca, vender doce, fazer artesanato, ter uma casa de farinha, que no domingo leva a farinha, pra que o turista veja como é produzida, como se raspa a mandioca, como se moi, como se passa na prensa pra tirar a manipueira*[215]*... Hoje o Ministério do Turismo dispõe de verba pra isso... É... Como o Ministério de Meio Ambiente, existe verba. E as verbas estão sendo devolvidas, porque os municípios não apresentam projetos. Tá faltando técnicos capacitados pra elaborar projetos, e pegar o dinheiro disponível pelos ministérios. E quase ninguém sabe disso, a gente sabe por que a gente tá lá, tá mexendo... Participei agora da "3ª Conferencia Nacional do Meio Ambiente", em Brasília, participei da regional, da estadual. Fui a São Paulo numa feira de turismo rural, uma semana, no Expocenter; então tudo isso a gente tem disponível, e não sabe aproveitar. Eu digo que Bonito tá muito aquém dos outros municípios que tem dez por cento do potencial que Bonito tem, exploram e estão se dando bem, feito Gravatá, Triunfo e outros.* (fonte oral B-2).

Outro informante confirma o que outros entrevistados falaram sobre o não tombamento da pedra; e também tem conhecimento de um projeto tramitando na FUNDARPE [216], mas como outros, afirma também saber que a pedra pertence a propriedades privadas, mas acredita em todo caso que se o processo de tombamento está em andamento, facilitaria a retirada dos proprietários com uma indenização, e se o poder público mostrar realmente o devido interesse, se conseguir passar do simples papel, a iniciativa real de tombamento da região da Pedra do Rodeador, seria um beneficiamento coletivo muito grande. Mas, o que observamos é que em três anos, desde o nosso campo de pesquisa em 2008, parece que as informações recolhidas na ocasião permanecem congeladas, já que não há nenhum andamento dos projetos tanto de tombamento como de outros. E ao que parece a prefeitura

[213] IBAMA – Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
[214] SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
[215] Manipueira segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa é líquido extraído da mandioca ralada e em tupi, *mandi'pwera* é usado para preparo de uma espécie de aguardente.
[216] Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

na sua nova gestão não se preocupou em dar andamento aos projetos dos gestores da administração anterior. Segundo informações recentes de informantes amigos, de Bonito, os novos componentes das pastas da municipalidade, não tem dado a menor atenção para as iniciativas anteriores, que com o tempo são relegadas ao esquecimento, lamentavelmente essa é uma prática comum no Brasil.

5.1.4.Preservação da caverna

A Pedra do Rodeador é apenas uma pedra! Tecnicamente a serra é um maciço rochoso de granito da era quaternária, ramificação da serra do Prata que se estende até Bonito, ensina (A-3). Traça um perfil da pedra explicando que a caverna tem mais de três quilômetros e que é um maciço, um granito enorme. Conta que já tentou entrar na caverna, chegando apenas até a entrada. Mas hoje é impossível permanecer no interior da rocha, devido às fezes de morcego em abundancia, exalando forte odor de amoníaco, enlouquecedor. Acredita que a gruta sempre esteve ocupada por morcegos e que os fanáticos ao invadirem o local, causaram a fuga desses animais, mas assim que se esvaziou a presença humana, retornaram ao seu habitat, sendo hoje milhares. Diz que é terrível, a quantidade é tremenda. Ninguém consegue se aproximar, por causa da emanação de amoníaco. As fezes exalam esse odor horrível. Pensa que é uma coisa que o comitê de turismo do município, deveria observar, providenciando uma limpeza, já que o local representa um símbolo do acontecimento que marcou para sempre a história de Bonito. Elogia o fato de funcionar um hotel, junto à pedra com SPA, pesque-pague, piscina. Na verdade existe apenas esse hotel na vila. Diz que o povo chama o Rodeador de pedra, mas na verdade, sob o ponto de vista técnico geológico, é um maciço. E pede para não se denominar o Rodeador de pedra, e sim de maciço. Explica que diferentemente da pedra que se vê em qualquer direção, o maciço não fica visível em qualquer ponto, pois tem características distintas, é uma pedra enorme e comprida. Na Europa tem denominação de serra ou cordilheira. Garante que o Rodeador nesse caso, é um maciço que pertence a serra do Prata, vem de Palmares. Conclui que é

essa a definição técnica. A localização da caverna estaria, portanto, na parte sul do maciço, mas não sabe com exatidão a altura que estaria desde o solo, calcula que há aproximadamente uns nove metros. Conta que antes colocavam até escada para entrar. E o cheiro do amoníaco que exala das fezes pode intoxicar de tão forte. Lembra que um amigo seu, chamado Jesus Correia, uma vez colocou uma máscara e entrou, só conseguindo percorrer a metade da gruta, tendo se atolado nas fezes, saiu completamente encharcado. Acha que foi a única pessoa que ouviu falar que havia conseguido entrar na gruta. E não tem conhecimento que tenha sido feito algum dia uma prospecção arqueológica no local para aferir a localização do arraial e promover uma preservação da pedra.

5.1.5.Morcegos da gruta de Silvestre como fator de impacto na economia

As fezes do morcego representam uma fortuna, pensa (A-3), pois se alguém se interessasse em explorar a gruta e transformar as fezes em adubo, iria ganhar muito dinheiro. O processamento das fezes do animal, após passar por moinhos, e trituradas, ameniza o cheiro que fica mais suportável. Assegura que o adubo obtido das fezes do morcego, é de uma fertilidade incrível. Quanto à isso, teria como se explorar. Pondera entretanto quanto a negociação das fezes, já que se a pedra não tem dono, com quem o investidor iria negociar. Volta a enaltecer a qualidade das fezes desses animais, típicos de cavernas, como um adubo orgânico da mais alta qualidade, extraordinário, explicando que ninguém até aquele momento havia pensado nisso, ou seja, na retirada, tratamento e venda de adubo orgânico das fezes de morcegos da caverna. Esclarece ainda que o adubo obtido do processamento das fezes teria efeito parecido com um tipo de adubo de aves produzido no Peru. A única diferença estaria no fato de que o morcego não é ave, e sim mamífero. Fala sobre alguns ensaios afirmando resultados espetaculares desse adubo, e que na caverna existem milhares e milhares de morcegos, defendendo a utilidade desses animais como contribuição ao meio-ambiente no combate predatório aos insetos nocivos. Ressalta a questão do amoníaco como fator que dificulta a entrada de alguém na rocha, impregnando o ar, dificultando a

respiração. Conta que soube que alguma vez um assaltante tentou fugir entrando na caverna, foi se esconder no interior da gruta. Explica que dentro da gruta tem um piso onde as fezes estão depositadas e ao final acaba em declive. Na verdade não sabe se seria um assaltante ou um retirante, imagina que essa pessoa tenha se adentrando e não percebendo o declive, caiu. Talvez gritasse, mas os gritos não poderiam ser ouvidos por ninguém. Nunca mais se soube dessa pessoa que possivelmente acabou desaparecendo nas entranhas da rocha sagrada. Afirma que a "estória" seria com "e" já que nada confere alguém ter desaparecido no interior da gruta. Alerta quanto ao perigo de se inalar grandes quantidades de amoníaco. Orienta que uma tentativa para se entrar na caverna deve levar em conta esse risco, pois a quantidade de amoníaco expelida pelas fezes dos morcegos atualmente seria tremendamente compacta, além de ser gás inflamável, o que seria outro fator de risco, caso alguém riscasse um fósforo, poderia explodir tudo.

O informante (C-1) também nunca esteve na gruta. Fala que em todas as vezes que chegou próximo, havia muito mato. Nessas condições não é aconselhável chegar até a entrada da caverna de Silvestre. No nosso caso, realmente quando estivemos fazendo a pesquisa de campo, não pudemos subir até a gruta pelo mal tempo, além das chuvas torrenciais, a mata fechada, falta de guias treinados para enfrentar uma trilha de alto risco, com possibilidades de deslizamentos, com nível de dificuldades grandes para acesso. Ficamos sem pisar o interior da caverna onde deve estar ainda adormecido o monarca encantado. (C-1) confirma o depoimento de (A-3) quanto aos morcegos,

> *Há muitos morcegos... e outra coisa, não é todo período do ano que se entra. Geralmente as pessoas escolhem janeiro, porque o pessoal queima a mata... E o mato fica mais baixo devido a queimada né... Existem de fato muitos morcegos, mas eu acho que com determinada proteção, acho que se consegue chegar... A gruta é aberta, é tanto que a quantidade de* morcegos *lá é grande. Outros afirmam que lá tem* cobras *enormes... Eu tava semana passada conversando com uma pessoa que disse que dentro da* gruta *tem cobras enormes, e muita gente não se arrisca a chegar lá, moradores não se arriscam a chegar lá devido a isso.* (fonte oral C-1).

5.1.6.Sinalização

Para chegar à caverna, (A-3) explica que o acesso é feito através de um caminho à esquerda do SPA. A prefeitura não se deu conta ainda da importância desse caminho, deveria sinalizar e colocar placas indicativas, para que o visitante soubesse onde estava pisando durante sua caminhada. Cita como exemplo, a data do massacre 25 de outubro. Recorda a passagem de um discurso do imperador Dom Pedro II, abrindo a sessão do Congresso Brasileiro: *"Lembrai-vos das fogueiras do Rodeador do Bonito"* (fonte oral C-3), que também poderia constar numa dessas placas. Acredita que esse tenha sido o primeiro grito republicano no Brasil. Inconformado acha que a prefeitura não valoriza esses aspectos da história local, poderia colocar placa com a frase proclamada pelo imperador. O entrevistado acredita que o falso líder Silvestre no seu movimento sebastianista, mesclava conceitos separatistas com antiimperialista o que pode se configurar como também o primeiro movimento pró-republica brasileiro.

5.1.7.Pedreira no Rodeador

Quanto à exploração da pedra como pedreira, segundo comentários de algumas pessoas na cidade, (A-3) acha impossível, apesar do material da pedra ser puro granito, reconhece as sérias dificuldades que se teria com relação ao transporte de material. Reforça que além do mais a região é rica nesse mineral. Garante que no agreste se encontra muitos lugares de pedras onde o acesso é mais fácil. Quanto ao questionamento sobre a possibilidade de algum empreendedor querer investir na pedra por ser local de difícil acesso, diz que a pedra não tem dono, apesar de estar dentro de propriedades privadas, mas o proprietário por isso não é dono da pedra, apesar de que se quiser pode até derrubar. Mas acrescenta que o nível de dificuldade para se investir numa pedreira ali na pedra é enorme. Enfatiza que ninguém se arriscaria a tanto. Realmente, enquanto engenheiro agrônomo, conhecedor das dificuldades geológicas nesse sentido, não reconhece nenhum valor em se explorar o local como um grande empreendimento empresarial.

Reconhece que pelo fato da pedra não ser tombada haveria uma remota possibilidade, mas acrescenta que é dificílimo alguém se atrever. Tem certeza que uma exploração da pedra como pedreira, seria inviável e que só o trabalho e investimento de se construir uma via até em cima, tendo pedras de acesso muito mais fácil, perto das estradas, desestimularia a qualquer investidor. Faz referencia a existência de pedreiras eternas para esse tipo de exploração, ao longo da rodovia que chega ao município de Bonito, desde a capital Recife. Assegura que ninguém iria se ocupar de uma pedra como o Rodeador, para essa finalidade. Mesmo assim, conclui sem muita segurança no que diz: tomara que não. Explica que a PE 103 passará a margem do Rodeador. Indica outra pedra na região, chamada Viração que estaria mais adequada à exploração, por ser maciço rochoso em extensão quase igual ao Rodeador, e uma vantagem seria a questão de ter água em cima descendo por gravidade, e que um grupo de catequistas canadenses passou um período de quase quinze anos nessa localidade. O que propiciou muitos beneficiamentos à comunidade. Com o dinheiro do seu país construíram tubulações para encanar água e levar a todas aquelas propriedades.

5.1.8.Exploração imobiliária

Quanto à exploração imobiliária no entorno da pedra (A-3) reconhece que pode acontecer, já que a estrada nova vai facilitar o acesso. Outro informante (C-1), concorda, mas em seguida se contradiz. Acha que atualmente não há nenhum perigo de especulação imobiliária, já que o turismo não está em alta. O turismo no município tem como ponto alto, as cachoeiras. Não existe em alta a modalidade de turismo histórico, esse segmento partiria do tombamento da pedra. Diz que o ressurgimento do tema referente ao massacre do Rodeador aumentou a procura, por parte de pesquisadores. Realça a opinião com relação à falta de interesse da população que ainda não se deu conta da importância do assunto, porque não tem uma educação histórica de base.

Algumas propriedades da categoria relacionada ao “turismo”, que tratamos acima, emergentes das opiniões dos informantes, receberam tratamento diferenciado do conjunto exposto no capítulo anterior. Pensamos que seria conveniente dar uma maior visibilidade, nesse capítulo a essas opiniões referentes a uma perspectiva de Antropologia aplicada.

Acreditamos que pode ser razoável na prática, uma exploração positiva de um turismo voltado ao templo sebastianista natural, utópico, do Rodeador. Na verdade nosso ponto de vista para um movimento turístico, como pensam os informantes, não deixa de ser uma utopia que beneficiará o lugar. Mas só o tempo poderá concretizar e transformar, trazendo os benefícios que a gente da vila do Rodeador espera. E não como um sonho, uma quimera, mas sim na qualidade de uma possível realização de algo que venha a valorizar o local.

6. OUTROS PARAÍSOS - LENDA E TURISMO EM PARCERIA

A idéia é trazer a esta discussão em tela, alguns exemplos de lugares considerados paraísos naturais que têm na oralidade e misticismo pontos positivos. O que confere a estes locais, um elo forte com suas lendas. Mostraremos alguns lugares tanto no Brasil como na Espanha que na prática turística valoriza a cultura através da repetição da história oral, criando laços de pertencimento e orgulho na população. E isso podemos dizer que emana da mentalidade que vai se construindo no coletivo.

Não como comparação e sim levando em conta a *Pedra do Rodeador* e o potencial existente que pode vir a ser determinante nesse sentido, já que o fato histórico deixou rastros em forma de oralidade, que pode ser fator importante no desenvolvimento econômico local e infra-estrutura turística, potencializando um turismo saudável, respeitando a cosmovisão local, dentro das leis do meio-ambiente natural. E isso tudo nos leva a refletir tendo como ponto de partida, a antropologia aplicada.

Podemos dizer que tanto no Brasil como na Espanha existem localidades consideradas “paraísos” naturais, que vivem da forte impregnação das suas lendas e

buscam na oralidade dar maior incentivo e movimentação ao seu patrimônio cultural material e imaterial, seja através do artesanato local e lembranças que o visitante leva na mala de viagem, que fazem menção a isso, ou no acompanhamento de guias que conhecem e sabem contar sua cultura.

E ao contrário do que ocorre na *Pedra do Rodeador,* nesses exemplos os motivos se integram ao povo e à tradição contada. Lembramos aqui novamente o trajeto antropológico do imaginário em Durand[217], que reforça,

> *As estruturas verbais primárias representam, de alguma forma, os moldes ocos que aguardam serem preenchidos pelos símbolos distribuídos pela sociedade, sua história e situação geográfica. Reciprocamente, contudo, para sua formação todo símbolo necessita das estruturas dominantes do comportamento cognitivo inato do sapiens. Assim, os níveis 'da educação' se sobrepõem na formação do imaginário: em primeiro lugar encontra-se o ambiente geográfico (clima, latitude, localizações continentais, oceânicas, montanhosas etc.), mas desde já regulamentado pelos simbolismos parentais da educação, o nível dos jogos (o lúdico) e das aprendizagens por último. E finalmente pelo nível que René Alleau denomina de 'sintomático', ou o grau dos símbolos e alegorias convencionais determinados pela sociedade para a boa comunicação dos seus membros entre si. (Durand 2001:91).*

6.1. Fernando de Noronha

No nordeste do Brasil encontramos ecos de oralidade remanescentes de lendas, no arquipélago de Fernando de Noronha, nas águas atlânticas pernambucanas, único território estadual do Brasil. Composto por vinte e uma ilhas, somente a maior que tem o mesmo nome, é habitada. As outras são preservadas e só é permitida a entrada com fim de pesquisa. Pertencem ao Parque Marinho tombado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. Universo insular que Américo Vespúcio pisou em 1502 e ficou fascinado, vindo a inspirar o criador do termo utopia, Tomás Moro[218] a escrever um texto com o título "Utopia" (Agostini 1996:37), onde visualiza o lugar perfeito através das narrações do navegador, e esse lugar seria a ilha de Fernando de Noronha.

[217] Ibidem Durand**,** Gilbert (2001). O Imaginário, DIFEL, Rio de Janeiro

[218] Agüero**,** Oscar A. (Coord) (1996) *Utopía y nuestra América*. Abya-Yala, Quito. **Agostini**, Claudia capítulo: "La utopía en el nuevo mundo". O gênero utópico se inicia como tal, a partir da utopia de Tomás Moro em 1516, engloba ou define textos que apresentam propostas político-sociais para uma sociedade alternativa que careciam de um nome genérico para serem agrupados. E a partir de 1516 deixou de ser o título da obra para converter-se em gênero literário

Podemos observar que a oralidade se torna motivo de curiosidade por parte dos visitantes que chegam à ilha em busca de tranqüilidade, e se encantam com a natureza, a beleza de uma paisagem que une o mar ao verde de uma vegetação nascida na rocha vulcânica. Além do mais guardam ecos de uma história oficial que determinou a elaboração do imaginário na criação de lendas que circulam e atraem o visitante.

Uma das lendas mais conhecidas é a que inspirou o pecado, fala de amor proibido entre dois seres gigantescos – um homem e uma mulher – castigados por amar-se demais. Para ela o castigo foi ter os seios perpetuados, no mar azul turquesa do atlântico, em pedra, e essa seria a formação que compõe o *"Rochedo dos dois Irmãos"* e para ele a pena foi ter o órgão sexual transformado no *"Morro do Pico"*. Distantes e próximos estão estrategicamente em dois pólos opostos da ilha, mas de qualquer ponto podemos ver os dois morros, simbolizando o amor-pecado condenado insular. Segundo afirma Marieta Borges historiadora pernambucana que vem se dedicando a sistematizar as lendas na ilha, *"tudo isso encanta, fascina e entusiasma. Tudo isso é Fernando de Noronha, é o paraíso insular em meio ao atlântico, sonho dos brasileiros, herança singular para o Brasil inteiro"* [219]. Mas antes de tornar-se o paraíso turístico e ecológico de hoje, o arquipélago foi local de detenção de condenados enviados a cumprir pena em cárcere que funcionou desde 1737 até 1942, sendo que a partir de 1938 somente para presos políticos do chamado estado Novo[220].

[219] Borges Lins e Silva, Maria José (Marieta) (1992) FERNANDO DE NORONHA – Lendas e Fatos Pitorescos. Recife, Ed. Inojosa. http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_noronhense_livros.htm. consulta em 19/10/2010.

[220] Consulta em 19/10/2010: http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_noronhense_livros.htm. "Este não é apenas um livro de lendas fantásticas, produto da imaginação de um povo 'fora do mundo'... Nem os casos relatados, alguns bem pitorescos, são apenas o registro curioso de acontecimentos diversos. Para cada caso, para cada fantasia há – nos comentários que se seguem – a preocupação de localizar, na História, que o Arquipélago guardou segredos militares, recolheu a solidão de prisioneiros que ali cumpriam pena, desterrados do continente, acolheu estrangeiros de muitas companhias a serviço, ofereceu-se a cientistas de renome... Registrar em um livro parte desse mágico e fantástico mundo é tarefa gratificante, sobretudo quando se tem presente o desejo verdadeiro de entender-se o mito, justificarem-se os acontecimentos, situando cada um no seu devido tempo. Todos os aspectos de sobrevivência da ilha foram abordados. As histórias (algumas carregadas de humor) falam da água escassa, da luz que custou a chegar, do abastecimento precário, da sofrida descarga de navios em alto mar... Seus personagens são soldados, prisioneiros, cientistas, pescadores, funcionários públicos... sempre e sempre o cuidado de encontrar o 'fio da meada', a razão para cada lenda ter sido inventada, a atualização de cada informação, trazendo-se o que foi antes dificuldades às soluções de agora". Depoimento de Marieta Borges sobre seu livro Fernando de Noronha – *Lendas e Fatos Pitorescos.*

6.2. Lago de Sanabria

Em Castilla y León na Espanha, por exemplo, tivemos a grata oportunidade de travar conhecimento com a lenda que povoa o entorno do Lago de Sanabria, em Zamora e que o folclorista espanhol Joaquim Diaz[221] sistematizou. Refere como narrações que, unidas, dão origem a um relato completo, sobre uma localidade encantada nas profundezas das águas, conhecida como Valverde de Lucena. Segundo reza a lenda, os moradores se negaram a fazer caridade a um pobre, *"Somente uma mulher que estava fazendo o pão ofereceu um ao mendigo (Jesus Cristo), que a recompensou permitindo que saísse do lugar antes que este se alagasse por completo"* (Diaz 1996:85. Tradução da autora). Os moradores se referem com entusiasmo a esta cidade submergida no fundo do lago, que em castigo por não ajudar um homem numa noite de forte tempestade, próspera e com terras férteis, foi alagada. O mágico lago objeto de lendas, atrai o visitante, por seu misticismo e oralidade, tendo sido definido pelo humanista Miguel de Unamuno como *"Espejo de soledades"*.

6.3. Gruta de Zugarramurdi

Outro exemplo se encontra na região dos Pirineus em Navarra, norte da Espanha, no Vale de Baztán, que no seu cenário rochoso guarda recordações da época da perseguição da chamada "Santa Inquisição". E a pouca distancia da fronteira com a França, chegamos ao povoado de Zugarramurdi, que foi acusado de prática de bruxaria. O imaginário local alude a esse passado presente até nas copas das frondosas árvores e na rocha das montanhas, onde é comum se dizer que tem gente que vê caras de bruxas. Na verdade o turismo se apropria disso e explora de certa forma com um sentido de responsabilidade e cuidado; isso se faz notar no Parque Nacional de Zugarramurdi, considerado patrimônio cultural. A poucos minutos de caminhada em meio a um casario bem conservado, se chega à Gruta de Zugarramurdi, dentro do Parque, encravada num ambiente natural em que se escutam ecos da história e da lenda. O local é conhecido por ter sido lugar de celebração dos míticos "Akelarres"[222] ou reuniões pagãs em que homens e mulheres escapavam da rotina por meio de danças desenfreadas em torno a

[221] Ibidem Díaz, Joaquín (1996) *Leyendas Tradicionales Antología*, Ámbito Ediciones, S.A., Valladolid.

[222] Akelarre ou sabbath é a reunião de bruxas, especialmente no País Basco e Navarra, significa orgia e festa de carater maligno. No idioma euskera a palavra é composta por: aker - bode; e Larre, pasto. Akelarre portanto, é o lugar onde se reuniam as bruxas e bruxos, de preferencia aos sábados para realizar seus rituais e feitiçarias. Consulta em 02/10/2011 ao site: http://usuarios.multimania.es/lasbrujasmarchosas/historiadebrujas/significadodeakelarre.htm

fogueiras e orgias sob a luz da lua, como se conta até hoje na região. E grande parte dos visitantes chega a Zugarramurdi atraídos por essas histórias e lendas. Mas, nota-se que as pessoas nativas da pequena localidade de Zugarramurdi não gostam de falar sobre o assunto. E guardam segredo a sete chaves sobre os rituais que segundo informações seguras, ainda se praticam em determinadas épocas do ano; e são celebrações em grupos muito fechados; para se ter acesso, somente com uma imersão total no local, para se ganhar a confiança dos bruxos e bruxas que ainda resistem em suas práticas secretas. E aqui tomamos emprestadas as palavras do antropólogo Baroja[223],

> *Os grandes mitos desaparecem por proibição expressa como elementos da vida religiosa. Outros sobrevivem dentro de contextos sociais definidos, sobretudo em ambientes rurais ou silvestres e em relação com os mesmos elementos naturais: as montanhas, grutas, bosques, fontes, riachos, inclusive as circunstâncias meteorológicas ou as horas do dia (Baroja, 1991:143. Tradução da autora).*

No ano em que visitamos a região em 2010, foi celebrado o quadringentésimo aniversário do Auto de Fé de Logroño, e soubemos que em Zugarramurdi foi organizada uma programação cultural para render homenagem aos que em 1610 foram acusados de bruxaria. Baroja (1984)"[224], relata que o inquisidor comissionado para realizar inspeção na zona, ao final detectou muitos pontos de divergência nas ditas acusações,

> *Passou vários meses em Zugarramurdi e recolheu muitas denúncias, segundo as quais ficavam indiciadas até cerca de trezentas pessoas por delitos de bruxaria, deixando a parte as crianças. Destas pessoas foram presas e levadas a Logroño até quarenta das que pareceram mais culpadas.(Baroja 1984:220).*

A origem deste dantesco episódio surgiu a partir do relato de uma jovem que dizia voar em seus sonhos, e ver as pessoas do povoado participando de rituais de magia e feitiçaria nos akelarres. O resultado foi um auto de fé em 06 de março de 1610, e no dia seguinte, a execução na fogueira, de onze dos trezentos acusados. E por isso Zugarramurdi hoje é também conhecida com o popular nome de "Pueblo de las Brujas".

[223] Baroja**,** Julio Caro (1991) *De los Arquetipos y Leyenda,.* Ediciones ISTMO, Madrid.
[224] Baroja, Julio Caro (1984) Las brujas y su mundo, Alianza Editorial, Madrid.

6.4. La Gomera

Outro exemplo de paraíso turístico seria a segunda menor ilha do arquipélago das ilhas Canárias, considerada ilha colombiana pelo fato de Colombo ter feito uma parada estratégica – na viagem em que descobriu o continente americano – para abastecer com alimentos e água, as embarcações.

Podemos dizer que conta com infra-estrutura básica para receber o turista. Os habitantes têm uma linguagem formada apenas por seis fonemas, que permite a comunicação de uma montanha a outra, utilizando o assobio, com dois dedos na boca, pode-se produzir silvos, que são ouvidos a longas distancias. Estudiosos afirmam que este fenômeno vem do tempo dos aborígines, antigos habitantes da ilha. Hoje existe uma preocupação em se ensinar na escola pública local, a "Linguagem dos Silvos", que estava se perdendo, para que essa tradição não venha a desaparecer ao longo do tempo.

O Pico Garajonay é o ponto mais alto da ilha La Gomera, com uma altitude de 1.487 metros acima do nível do mar e guarda no alto, um altar aborígine. Devido ao musgo em abundancia e nevoeiro persistente, em algumas áreas a atmosfera é sombria, por isso ainda hoje se acredita que no passado foi cenário de prática de bruxaria, quando ao por do sol as bruxas celebravam seus akelarres. A origem do nome vem de uma lenda popular sobre dois amantes, os príncipes Gara e Jonay. E esses nomes são comuns na ilha hoje em dia. A tradição remonta ao passado aborígene quando não era permitido que membros das tribos de ilhas vizinhas, firmassem matrimônio.

Durante o ano, numa determinada época, os habitantes de Tenerife, iam a La Gomera para celebrar juntos alguns rituais. Num desses encontros o príncipe Jonay acompanhou seu pai e se destacou em todas as competições atraindo a atenção da princesa Gara, e assim que se cruzaram seus olhos, a paixão se apoderou dos seus corações prometendo possível compromisso. O mar se fez violento e o vulcão Teide na ilha de Tenerife, lançava larvas quentes. Gara era a princesa da água e Jonay o príncipe da terra do fogo, portanto um amor impossível. Jonay teria que voltar imediatamente, para evitar uma grande catástrofe. E contra esta terrível ameaça seus pais proibiram que voltassem a se ver. A fúria do vulcão foi contida. Jonay retornou a Tenerife, mas no meio da travessia, lançou-se ao mar nadando de volta, ao encontro de Gara, que o

recebeu com um forte abraço e fugiram para as montanhas nas florestas de Louro, planta comum na região. Mas a família de Gara ao saber do reencontro dos dois foi em perseguição aos amantes que aflitos decidiram morrer juntos; e com uma viga pontuda apontada para seus corações e se olhando profundamente, se abraçaram deixando a madeira atravessar os músculos do coração produzindo o encontro de água, fogo e morte numa fusão eterna.

Finalizamos este capítulo com lendas tão incríveis, com um trecho de uma canção[225]: *"Quero a utopia, quero tudo e mais / Quero a felicidade nos olhos de um pai/Quero a alegria muita gente feliz/Quero que a justiça reine em meu país/Quero a liberdade, quero o vinho e o pão* [...]*". R*efletindo sobre as palavras de esperança e fé no mundo, nosso ponto de vista é que a letra denota muito da espera da gente simples do Rodeador! Utopia com conotação positiva no sentido de vir a ser real o sonho!

[225] Coração Civil composição: Milton Nascimento e Fernando Brant.

CONCLUSÃO

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

(Fernando Pessoa – Mensagem)

Uma das lendas que se plasma ao sebastianismo, seria a do Encoberto que prega que de uma ilha encantada, provavelmente o monarca D. Sebastião partirá um dia, em seu cavalo branco e chegará numa manhã nublada, para realizar a inversão dos valores, beneficiando a todos. E nesse caso, um bom momento seria o que hoje vive o povo português, com a crise que afeta tanto as nações da zona euro, como do resto do mundo, numa verdadeira explosão de pontos de conflitos que a cada dia afetam a vida num contexto global. E o rei chegaria para instituir uma nova ordem, um tempo de abundancia messiânica, utópica. E como no utópico *Quinto Império*, promovendo a união de todos os países em prol da harmonia e paz mundial, partindo da ótica dos que cantaram, poetizaram ou narraram sua vida, na longevidade do tempo. E quem sabe seu sopro mítico visitaria todos os rincões do triangulo que fazem parte da sua vida terrena e mítica, atravessando rios e oceanos. E o mítico rei, como um verdadeiro salvador chegaria, como queriam os seguidores de Silvestre, ao *Rodeador*, para impor essa nova ordem, promovendo e desenvolvendo o local em beneficio da população, herdeira da herança oral que tem ligação direta com o rei mitificado na rocha, desaparecido no areal marroquino.

O poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) segundo Pires[226] revelou-se um autor messiânico em diversos momentos da sua trajetória literária (1971:105), assumindo ser de fato um nacionalista místico e sebastianista racional. No único livro publicado em seu nome, "Mensagem", dividido em três partes, a terceira é dedicada ao *O Encoberto* (1971:107), onde Pires afirma que o poeta se *"insere na crença messiânica sebastianista"* (1971:107). Pessoa chegou a pregar a existência de um fermento de renovação, em formato de força redentora profunda enraizada na alma

[226] Pires, Antonio Machado (1971) D. Sebastião e o Encoberto Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

portuguesa; que seria o mito sebastianista. Em sua preocupação com os destinos do seu país, em 1926 chega à seguinte conclusão:

> *Temos, felizmente, o mytho sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mytho, senão que renova-lo. Comecemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar. Feito isso, por cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará creada, em que todos os outros, como nós, o respirem. Então se dará na alma da Nação, o phenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Creação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião.* (Pessoa apud Pires 1971:105. A citação está transcrita com a ortografia apresentada por Pires)

Fazemos essa alusão a Pessoa acima, constatando ser o poeta declaradamente sebastianista. Por isso utilizamos trechos de seu poema Mensagem na abertura de alguns capítulos, como forma de valorizar sua obra enquanto parte de um legado universal referente ao estudo desse controverso tema.

A pesquisa, com um desenho em formato triangular, realmente passeou por caminhos e culturas, seguindo as pegadas que iam se configurando nos estudos do tema. No Marrocos teve contato com a região mística de Alcácer Quibir, com sua gente simples de olhar penetrante. E apesar do que se fala sobre o perigo que é para uma mulher adentrar certas regiões de cultura árabe sozinha, não se registrou problemas quanto às três viagens realizadas ao país.

> *Numa manhã, estava num trem, partindo de Tanger às 07h00min, hora local, em direção ao pequeno povoado de Alcácer Quibir, com gente falando árabe, acomodada de todo jeito, nos corredores dos vagões, com enormes trouxas de mercadorias, Juntos, crianças, homens, mulheres, algumas sorridentes com as cabeças cobertas pelo véu. Em certo sentido quando me vi ali, rodeada de pessoas que me olhavam penetrantemente, fui tomada de certo temor, mas ao conseguir me comunicar com uma pessoa que lia um livro em francês ao meu lado e conseguiu me entender, fui me tranqüilizando aos poucos, já que foi possível nesse momento, uma comunicação razoável, mesclando Frances e espanhol. Foi decodificado o destino que seria a cidade de El Kásar el Kibir como se escreve e se pronuncia em Frances, a língua utilizada nas escolas como a segunda, depois do árabe. E ao se aproximar a estação, todos apontavam a placa e abriam espaço para a descida. E mais duas viagens depois dessa primeira, foram realizadas ao Marrocos. Em uma ocasião, se teve oportunidade de entrar em contato com um historiador que*

> *pesquisa o tema da Batalha dos Três Reis, há mais de dez anos, o que contribuiu bastante para o entendimento do sebastianismo atualmente, a partir do ponto de vista marroquino. Essas três viagens afinal se processaram sem incidentes, medo, nem assumindo qualquer tipo de postura etnocêntrica. (anotações de viagem da autora).*

Pode-se atribuir como interesse da pesquisa uma interpretação do conjunto fragmentado de algumas lendas no entorno da *Pedra do Rodeador*. A partir de uma perspectiva geral do sebastianismo, elaboramos nosso estudo tendo na rocha sagrada, o objeto principal dentro da abordagem proposta. Foi definido por base, as opiniões emergentes dos recordadores narradores que formaram o quadro de informantes da pesquisa. Nesse sentido se buscou referenciais histórico-culturais e teórico-metodológicos que pudessem contribuir neste processo. Considerando que categorias como mito, religiosidade, oralidade e os elementos crença e lenda, orientaram e ajudaram a esclarecer os caminhos da investigação. Aproveitamos para explicar que o elemento *crença* que abordamos na pesquisa, é comum em qualquer estudo sobre esse mito universal com raízes messiânicas.

Como contribuição, o que se pretendeu com este trabalho, foi suprir fontes mais elaboradas, quanto à valorização das lendas do entorno e da própria *Pedra do Rodeador,* como espaço, por excelência, da história sebastianista local. A *Pedra* deverá ser no futuro, referencia de um *Pólo Cultural*, caso as políticas públicas locais, tenham a iniciativa de desengavetar projetos antigos, já existentes em gestões passadas, para redefinir estratégias. Fazemos alusão a essa questão com base em reportagem publicada num dos jornais de maior circulação do estado, Diário de Pernambuco – DP[227], que trata do tema com destaque[228], legitimando e declarando que a existência de um *Pólo* gerador de cultura, seria um grande empreendimento para dinamizar e resgatar, sobretudo a história da rebelião sebastianista no município.

Numa verificação recente com informantes fora do quadro principal da pesquisa, soubemos que o *Pólo* até agora não existe, nem há perspectivas de que venha a funcionar no momento. O que é de se lamentar, já que teria grande importância no

[227] Passos**,** Tania (2005) *Bonito resgata sua história no sebastianismo*. Diário de Pernambuco. A9 – 26 de dezembro.
[228] Uma cópia da matéria jornalística *Bonito resgata sua história no sebastianismo* está em anexo ao final.

sonhado *turismo histórico cultural do Rodeador,* e de forma ordenada faria diferença na vida dos moradores, além de outros benefícios. O mais interessante nesse sentido seria a ressignificação do fato histórico através das narrativas do imaginário do povo da vila do Rodeador e sede do município, para que essa história oral se preserve registrada corretamente, e não vá de encontro ao esquecimento, enterrada no ataúde de cada ancião, que ao falecer não deixa seguidores recontadores narradores das suas historias.

Finalmente como foi visto na contextualização desse estudo referente ao mito sebastianista no Rodeador, encontramos apoio na Antropologia aplicada, pois segundo ensina Kottak (2002)[229], *"uma das metas da antropologia aplicada é identificar necessidades de mudança tal como se percebe na população local"* (2002:336). Por isso a importância da Antropologia como disciplina na condução da pesquisa, já que tem como premissa básica tratar o homem dentro de um contexto holístico; além disso, partindo da proposição acima não podemos deixar de observar que uma das tendências da cultura é ser cada vez mais ampla, se entrelaçando nessa "Aldeia Global" [230]. partindo da visão dos mitos *"Paraíso Terrestre"* e *"Terra sem Mal",* imbricados nos sentimentos universais de *esperança* e *espera* de transformação social. No caso do Rodeador, uma mudança esperada estaria na ordem dos fatores sócio econômico e cultural da população.

Podemos dizer que foi importante a triangulação do fato histórico. Isso enriqueceu o olhar sobre o Rodeador. Nesse sentido a pesquisa caminhou de forma triangular, partindo do macro ao micro. Em Lisboa, Coimbra e Sintra, se levantou referencial bibliográfico em museus, bibliotecas e arquivos de jornais. Foram visitadas também algumas cidades no Marrocos - Tanger, Alcácer Quibir, Arzila, Larache -, onde também se visitou alguns museus e se fez o percurso de carro até a proximidade do local onde ocorreu o combate. Mas, apenas serviu para constatar a ausência dos monumentos indicados em algumas referencias históricas com relação ao local onde ocorreu a *Batalha dos Três Reis*, como as estatuas dos três Reis, mortos no combate, que foram destruídas com a longevidade da história.

[229] Kottak**,** Phillip Conrad (2002) *Antropología Cultural*. Madrid Mc Graw Hill.
[230] McLuhan denominou o termo *Aldeia Global* para descrever a interconexão humana na escala global gerada pelos mass media de comunicação. Sua sentença *o meio como mensagem* ficou conhecida.

Voltando ao caso messiânico e político do Rodeador, já que a luta empreendida ali tinha essas duas conotações, se pode afirmar que nesse sentido a guerra atribuída ao confronto dos fanáticos de Silvestre com as tropas imperiais, aconteceu também por motivos de insatisfação popular, e devido à crença do espírito sertanejo nas coisas do mundo sobrenatural, se configurando na dicotomia política e fé. Na época, chegou a ser julgado até mesmo como a propagação de um cisma religioso e político, atemorizando o poder dominante nas palavras do agitado governador colonial repressivo e militarista de Pernambuco, capitão-general Luiz do Rego Barreto[231] - último governador régio - que afirmou que isso estaria se propagando contra o progresso e era necessário quanto antes por obstáculos porque o povo ia se alucinando, já que se clamava contra o sistema de colonização dominante. O confronto realmente não demorou a acontecer envolvendo cruelmente os habitantes do arraial e as tropas enfurecidas e loucas para atacar, enviadas pelo governo em nome da defesa da ordem monárquica. Tudo acabou em massacre com mortes tanto de um lado como do outro, portanto um final trágico.

Seria pertinente afirmar que o episódio do Rodeador possui particularidades especiais que historiadores e poucos antropólogos tentaram estudar e entender. Além do mais se observa realmente que a história oral que os mais antigos moradores do entorno da Pedra, escutavam sobre o arraial *"Paraíso Terreal"*, reproduzida ao longo do tempo, vem se perdendo enquanto tradição. O que acontece é que essa memória se vai a cada vez que um dos poucos idosos ainda existentes no local, que guardam resíduos do fato histórico, recontado geração após geração, desaparece. Isso se vê de forma precisa através dos dados das entrevistas realizadas com os informantes nas três classes de idade: infelizmente o que resta na memória do povo, são fragmentos desencontrados, confusos, que com o tempo sofrem transformação, e vão se modificando, criando novos vínculos. Essas questões de descaracterização das lendas da tradição na vila, sempre levam a pensar na trilogia que envolve o ser humano - sujeito, sociedade e cultura. O individuo, na sua condição humana, no seio da sociedade que produz bens culturais. No caso dos moradores que vivem ao pé da rocha, gente simples e feliz ao seu modo,

[231] Ribeiro**,** René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: O episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista. Editora Massangana FJN, Recife.
René Ribeiro faz menção às palavras do então governador do estado de Pernambuco que se encontram no documento da DEVASSA acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondencia com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional. Secção de Documentos, p. 26.

levando a vida com tranqüilidade, a Pedra faz parte de uma cosmovisão do mundo deles, da sua cultura. Apesar de que muita gente sequer faz idéia da importância que tem o local enquanto símbolo.

Alguns fatores inquietantes no trajeto da pesquisa estariam relacionados a esses aspectos, como a morte dos idosos; já que cada vez se torna mais raro encontrar anciãos com boa memória do que ouviam dos pais e familiares a respeito da guerra, como o Sr. José Alexandrino. Passaram-se uns três anos desde que fizemos um primeiro contato, na ocasião ele ainda possuía a memória clara como água cristalina. E na nossa volta ao campo já não tinha um raciocínio lógico, vindo a falecer em novembro de 2009.

Outro fator que podemos alinhar de maneira inquietante, na contemporaneidade em que se vive, e isso se acompanha através dos meios de comunicação, de certa forma como uma provocação da mídia, seria ainda hoje, a quantidade de gente que se apega a qualquer possibilidade de mudança, seja dos políticos eleitos por um discurso onde prometem benefícios logo esquecidos. Ou por outro lado instigados por promessas de salvação e vida eterna. E nesse sentido podemos ter como exemplo a quantidade de igrejas de linha pentecostal que a cada dia surgem no nordeste do Brasil.

Na mesma medida podemos incluir populações em qualquer parte do mundo, em condição marginalizada, que vivem, diríamos esperando Godot ou Dom Sebastião. Ou melhor, um salvador representando diretamente a Deus, entidade onipresente no inconsciente coletivo do povo, burlando de alguma forma a realidade, criando mecanismos de melhoria efetiva dentro de parâmetros da sua condição humana. E aqui nos reportamos às palavras de Durkheim (2003)[232] quando se refere a que, "*As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma determinada coletividade* [...]. *Os indivíduos sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé em comum* (Durkheim, E. 2003:87). Podemos supor que isso tenha ocorrido com o grupo de fanáticos reunido no *Rodeador*. E hoje na espera por alguma melhoria que venha a beneficiar a toda a gente que vive ali, sobre o terreno sagrado de um passado sebastianista que emerge da rocha.

[232] Durkheim, E. (2003). Las Formas Elementales de la Vida Religosa. Madrid: Alianza Editorial. El Libro de bolsillo. CS 3807.

O Brasil tem sido cenário de muitas lutas libertárias. Desde a época que pertencia à coroa portuguesa, são incontáveis os movimentos ocorridos com características assim, políticas e religiosas. Verdadeiros celeiros da fé, os movimentos sebastianistas no Brasil se configuram também dentro de um contexto político, por insuflar de certa forma, idéias contra o sistema de governo em vigor, como foi o caso do *Rodeador*, se levando em conta a transição de colônia para império; e Canudos, de Império para república. O discurso inflamado do falso profeta utilizava até mesmo intuitivamente, ferramentas de convencimento coletivo, geradoras de acentuada catarse, agregando multidão de pessoas vindas de todos os segmentos da pobreza e miséria; e muitas vezes não tinham idéia do que realmente se passava atrás da prediga do místico que ouviam com beatitude. Essa gente fazia inchar esses locais santificados, em meio à seca e outras mazelas que acometiam o povo da zona rural e periferias urbanas. Nesse aspecto podemos destacar, sentimentos como esperança, paz, e a vida em harmonia e abundancia. Universais buscados na inquietação do espírito humano de forma geral. E individualizados entre aquela gente que buscava encontrar a resposta para sua condição social e a "*Terra Prometida"* ou o *Paraíso Terrestre*.

Com relação a essa abordagem no parágrafo anterior, podemos buscar uma explicação mais contundente para esse fenômeno que religa o homem a um sentido místico de busca de benefícios por meio da fé. Geertz deixando de lado muitas concepções, afirma que "*uma coisa é certa: a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade*" (2008:67)[233]. O autor segue ensinando que em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular e faz um convite a se reduzir esse paradigma a uma definição. Embora diga que seja notório que as definições em si nada estabelecem, se forem cuidadosamente construídas elas podem, por elas mesmas, fornecer uma orientação ou reorientação útil do pensamento, de forma que desenrolá-las pode ser um caminho efetivo para desenvolver e controlar uma linha nova de pesquisa.

[233] Geertz**,** Clifford, (2008) A Interpretação das culturas. LTC, Rio de Janeiro.

Hipóteses que nortearam a pesquisa – Na elaboração do projeto de tese, foram constituidas algumas hipóteses que abordaremos comentando, para finalizar. Mas acreditamos através desse estudo que existe um legado cultural local no Rodeador que deveria receber um melhor tratamento enquanto fator relacionado a preservação de toda uma cultura imaterial composta da oralidade atualmente de forma dispersa em partículas no imaginário local.

a. Há uma extensa bibliografia sobre o mito sebastianista tanto em produções literárias, de ficção, em prosa, poesia, teatro e cinema. Mas ainda existem muitos aspectos que podem ser levados a um estudo de investigação com especificidades únicas. Em todos esses séculos vem se escrevendo obras temáticas com relação ao mito sebastiânico; então a importância do trabalho em tela, foi trazer a tona o mito a partir da longevidade, tendo como ponto de partida o areal marroquino; e refletindo sobre algumas produções literárias relacionados ao tema. E, sobretudo entendendo porque são tantas ao longo da história. E sendo assim, priorizamos as questões relacionadas ao campo de pesquisa da *Pedra do Rodeador*;

b. Nas análises, conclusões, concordâncias e discordâncias nas leituras sobre o mito no Brasil, se reconhecem ressonâncias na contemporaneidade do mito messiânico português; e esse segmento pode ser verificado a partir das lendas do Rodeador; e das estórias que ainda hoje habitam o areal dos Lençóis maranhenses, em torno da figura de um touro encantado que assombra nas noites de lua, e que ao ser desencantado, submergiria a cidade de São Luis, e Lençóis passaria a ser a capital do estado;

c. Faz falta a gestão de propostas de desenvolvimento para um turismo sustentável histórico cultural. Já que se pratica de forma aleatória um ecoturismo na região, relacionado às fontes de água mineral que descem das montanhas. Mas o tema pode suscitar um estudo de rotas de turismo cultural no Rodeador, que bem planejadas podem beneficiar a comunidade. Não nos ocupamos nessa direção, apenas queremos mostrar

a partir dos dados etnográficos que existe a possibilidade. A idéia de um turismo voltado à sustentabilidade, levando em conta o patrimônio cultural local, seria fator determinante para desenvolver a região do entorno da pedra, tendo em vista o fato histórico. E a rocha por representar um valor simbólico e reavivar a memória do lugar, enquanto cultura imaterial, fazendo parte do capital cultural, social, e conseqüentemente econômico, para o desenvolvimento local;

d. Diagnóstico da necessidade de capacitação de educadores. Isso poderia ser feito a partir de uma atualização curricular do ensino local de histórica no município. O que acontece é que restam poucas fontes orais e muitas vezes são meras suposições que sobrevivem no imaginário coletivo. E há grande divergência entre a oralidade e a verdade do fato histórico. O que é normal levando em conta a longevidade do fator tempo e as gerações novas, sem entender o que se passou no cenário da rocha sagrada, não mostram interesse em aprender sobre o episódio. Por isso pensamos que uma renovação dos conteúdos curriculares da escola, seria importante para que as próximas gerações encontrem o sentido de tudo que ocorreu ali. E o que procuramos investigar nesse projeto de tese que acabamos de concluir, é exatamente essa oralidade, dentro de um contexto de antropologia cultural. E verificamos realmente que essa questão voltada ao ensino é fundamental;

e. O Ponto de Cultura é uma iniciativa de grande importância para a comunidade do município de Bonito. Identificamos o projeto do Ponto, durante a primeira visita ao campo de pesquisa. E teria sido muito enriquecedor para a investigação, acompanhar as atividades, caso estivesse funcionando como estava previsto, em 2008. Mas ao final não foi possível fazer um acompanhamento. Depois de fazermos incessantes tentativas de comunicação com o órgão da municipalidade, questionando o porquê do não funcionamento do Ponto de Cultura nesses três anos, já que foi aprovado e se encontra cadastrado no site Cultura Viva do Ministério da Cultura, da gestão anterior, do ex-ministro Gilberto Gil,

apenas recentemente pudemos constatar com alguns amigos do município, que o Ponto poderá vir a funcionar. Um informante local, fora do quadro de entrevistados, assumindo a coordenação do Ponto, fez contato com a autora do projeto, afirmando estar à frente da coordenação do Ponto e com algumas idéias que pretende por em prática. Apesar de que a população em geral parece que ainda desconhece qualquer movimentação nesse sentido, o que pudemos constatar via outros amigos informantes;

f. Quanto aos movimentos verificados no Brasil, podem-se ampliar ainda mais os conhecimentos sobre a atuação desses falsos profetas relacionados aos três massacres já citados. E o conveniente seria trabalhar com a história oral, a partir também do ponto de vista da comunidade de Alcácer Quibir no Marrocos, que apenas vê o fato histórico como realmente ocorreu, e acredita que D. Sebastião morreu na ocasião junto com os outros dois monarcas marroquinos. Estivemos em três ocasiões no Marrocos e buscamos as pegadas da comemoração da vitória da batalha, conhecida lá, como dos "Três Reis", mas infelizmente não pudemos localizar o palanque que no dia 4 de agosto, seria construído para a grande festa cívica. Atualmente já não se comemora.

A nossa pretensão seria discutir a questão da longevidade da crença e seus caminhos de sobrevivência no Rodeador. Pois mesmo vivendo tão perto de Bonito, nos encontramos com uma cultura baseada em vestígios do fato histórico plasmados na oralidade que pouco a pouco vai se diluindo. Quando estivemos no local em 2005, a neta do Sr. Alexandrino, Nayara, tinha quase 11 anos; dizia que gostava de ouvir o avô contar sobre a guerra do *Rodeador*; e que um dia iria contar aos seus filhos, no futuro. Mas acontece que ela cresceu; e como os jovens e adolescentes da sua idade, no seu meio, não demonstra o menor interesse em aprender sobre o seu entorno. Faz questão de omitir as informações que o avô repassava da sua forma; repetidas; ouvidas dos mais antigos; e que antes quando pequena valorizava. Dizia não perguntar nada ao avô, já quase sem memória, mesmo assim detendo o conhecimento herdado dos seus antepassados.

Atualmente pode-se afirmar que os adolescentes e jovens já não querem saber dos contadores de histórias de outros tempos, numa espécie de desencantamento. Evasiva, a neta do informante mais antigo do *Rodeador* diz que o avô contava muitas coisas, mas não lembra; faz-nos refletir; pois afinal é a realidade da escola local; se nem os educadores se preocupam em discutir aspectos do entorno onde vivem, por sua própria limitação de conhecimentos; imagina-se, que muito menos, alunos que vivem afastados, em locais isolados do meio urbano.

Mas hoje em dia comunidades periféricas ou rurais, tem acesso a tecnologia da televisão, telefonia celular e até mesmo internet, como uma janela aberta para o mundo, ou seja, para o macro. Mas acontece que o micro acaba se perdendo no silencio da morte, no desaparecimento da história oral, construída por antepassados, atualmente levada ao túmulo, sepultada junto com esses anciões. Cada vez encontram-se menos pessoas nessa etapa da vida, no Rodeador, que possam expressar e falar das coisas que escutavam dos seus parentes. Há séculos, a fórmula encontrada pelos mais antigos, para reproduzir seu legado em lendas e outras narrativas, era por meio dos famosos contadores de historias, fazendo uso da ferramenta da oralidade. E nesse sentido podemos nos remeter novamente ao pensador e filosofo Mikhail Bakhtin[234] quando faz referencia ao contexto de François Rabelais, que buscava inspiração para criar seus personagens nos contos da tradição, bebendo diretamente das fontes populares na praça pública etc.; com isso podiam chamar a atenção dos mais jovens para as lendas que com o passar do tempo se mitificam, se arraigando e se legitimando como tal, e também adquirindo novos ingredientes.

Na América Latina houve toda uma predisposição, além de um período no Brasil, pontuado por uma efervescência cultural e política, na metade dos oitenta, quando se vivia o fim de uma ditadura militar. E os movimentos de contracultura anunciando uma nova ordem. Os remanescentes do legendário festival de rock americano, "Woodstock", ainda vagavam pelas ruas do Brasil, pregando a *esperança* por dias melhores, simbolizada pelas palavras: *"Paz e Amor";* ainda se ouvia

[234] Bakhtin**,** Mikhail (1987) A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Editora Hucitec, São Paulo.

ressonâncias de vozes como dos baianos: Caetano, Gil, Betânia, Gal, e muitos outros, do tropicalismo, que no Brasil foi o maior movimento da juventude dita "transviada", e aderiram universitários, fãs de ídolos míticos, como o jamaicano Bob Marley. O baiano Gil, fazia sucesso com a música "Extra", onde falava: *"todos temos um aliado";* Se ouvia falar de práticas "zen" como yoga e meditação, mescladas com experiências místicas espirituais e alucinógenas às vezes provocadas pela ingestão de chá de um raro cogumelo colhido das fezes do boi de raça zebu, muito comum nos pântanos pernambucanos, além das experiências com marijuana; e falava-se de uma estranha e hermética seita que usava o cipó da ayushuasca, conhecida como Santo Daime, em que se tinha notícias de muitos artistas considerados ícones da televisão, de telenovelas, que chegaram a aderir.

O conhecimento do Yogue hindu, Paramahansa Yogananda, e de um movimento fundado por ele, que buscava a perfeição na busca da espiritualidade, além da Meditação Transcendental-MT, do mestre Maharishiji Mahesh Yogi; tudo isso causou certa catarse no espírito da juventude; lia-se com avidez obras onde se conhecia experiências místicas desses homens considerados gurus; isso criava um profundo estado de êxtase no imaginário da juventude numa época marcada por tanta repressão. Seria uma espécie de utopia ou alienação; e fazia com que se vivesse em busca de novas direções. Seria o encontro ou reencontro com o "*Paraíso Terrestre"* que os lideres sebastianistas pregavam? E também nessa procura havia um quê relacionado a um universo cosmogônico paralelo, além das estruturas mentais e materiais do mundo real! As estreitas ruas coloniais de Olinda eram palcos de encontros entre essa juventude que vivia e ansiava um dia conhecer a Índia e seu submundo mágico, mítico e místico. E se discutia a obra de Castañeda, considerando suas experiências com um índio yanqui em zonas místicas do sagrado México, como autenticas vivências que todos se animavam a seguir. Toda essa digressão representa um pouco a inquietação humana e de uma época. Fenômeno que está em todas as faixas etárias e grupos sociais.

Só como ilustração a essa conclusão, diríamos que um aspecto observado durante a aplicação de algumas das entrevistas com informantes na sede do município em Bonito, diz respeito ao momento de transição política em 2008. Podemos dizer que a dispersão causada pelo barulho dos carros de som dos candidatos em campanha

eleitoral, geralmente ao entardecer, desfilando nas ruas centrais da cidade, fervilhando, com fogos de artifício explodindo, sinalizando logo mais à noite, os comícios dos futuros representantes municipais eleitos, serviria de comparação, segundo nosso ponto de vista, entre proselitismo messiânico e o discurso utilizado por políticos em campanha eleitoral, praticado atualmente no nordeste brasileiro. Isso faz refletir sobre as prédicas silvestrianas no Rodeador em 1820 e a postura de políticos em campanha no Brasil hoje, em pleno terceiro milênio. O falso líder Silvestre, há 191 anos, plasmando uma possível realidade paralela, paradisíaca para a gente ali reunida, talvez usasse ferramentas de convencimento similares às utilizadas hoje por políticos em campanha eleitoral. Já que igualmente, se promete o paraíso em forma de programas a serem desenvolvidos em áreas prioritárias, como saúde, educação, além de oportunidade de emprego para todos. Os veículos alegóricos desfilavam rasgando os nossos ouvidos em alto volume, lembrando trio-elétricos do carnaval baiano e pernambucano, tocando músicas da campanha entremeadas por discursos inflamados, anunciando suas intenções para angariar votos. Fato curioso também percebido entre os eleitores de Bonito, é que para burlar a proibição de uso indiscriminado das legendas dos seus candidatos, eles encontraram uma forma diferente de mostrar suas preferências, aplicando adesivos com a marca dos seus candidatos em toda a roupa, o que se configurava um colorido festivo, ou seria a festa dos candidatos salvadores do povo, embalada segundo nosso ponto de vista, por um proselitismo eletrônico. Em nossa opinião, a forma seria um pouco mais elaborada, se comparamos aos meio empregados pelos evangelizadores em muitas cidades do nordeste, de porta em porta a procura de adeptos, andando, ou parados nas esquinas dos grandes centros urbanos, distribuindo revistas e folhetos falando sobre a salvação, ou promovendo pequenos concertos nas ruas. Os futuros políticos contam com um suporte imediatista e subliminar que penetra o interior das casas voluntariamente, forçando a que as pessoas ouçam tanto aos desejáveis quanto aos indesejáveis. Esse messianismo político, anunciando de forma geral a salvação dos eleitores, com programas, projetos, promessa de mudança da ordem social, continua se reproduzindo, alimentando o sistema social vigente desde os mais remotos tempos em todas as sociedades.

Podemos concluir que esta investigação realizada sob um olhar antropológico, e um estudo da repercussão do mito sebastianista, deixa portas abertas para futuras

pesquisas. E esperamos, possa ajudar a esclarecer a oralidade a partir do mundo empírico, que mostramos com a etnografia da pesquisa, contribuindo de maneira positiva com relação ao estudo do fato histórico da *Pedra do Rodeador*. Até porque, mesmo que seja uma simples representação do que é a realidade local com seus múltiplos problemas e carências, o que buscávamos era o reconhecimento de um núcleo sebastianista em forma de lendas e narrativas míticas, que com certeza podemos afirmar a partir deste trabalho, efetivamente existir. Neste sentido é pertinente dizer que para se chegar a este estudo dos mitos, partimos de uma trajetória intensa que leva a buscas incessantes relacionadas a um maior entendimento do homem.

BIBLIOGRAFIA

Agüero, Oscar A. (Coord) (1996) *Utopía y nuestra América*. Abya-Yala, Quito.

Albuquerque, Martin de (1974) *O Valor Politotológico do Sebastanianismo.* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Armstrong, Karen (2005) *Breve Historia del Mito*, Ediciones Salamandra, S.A. Barcelona**.**

Arnhold, Anthony (2007) "*comunidades tradicionales de castilla y león: el mito de un pasado en armonía,* **Viana,** Luis Díaz y **Martín,** Pedro tomé (Coord.) *La tradición como reclamo*. Junta de Castilla y León Consejería de Cultura y Turismo, Salamanca.

Augé, Marc (2007) *El oficio de antropólogo*. Gedisa Editorial, Barcelona.
_____(2000) *Los no lugares Espacios del la modernidade Una antropología de la sobremodernidade.* Gedisa Editorial, Barcelona.

Azevedo, J. Lúcio de (1984) *A Evolução do Sebastianismo*. Editorial Presença, Lisboa.

Bachelard, Gaston (2001) *A Terra e os Devaneios da Vontade*. Martins Fontes, São Paulo.

Bakhtin, Mikhail (1987) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Editora Hucitec, São Paulo.

Balandier, Georges et al., (1982) *História de las Religiones Siglo Veintiuno Volumen 12. Movimientos Religiosos derivados de la aculturación*. Closas-Orcoyen, Madrid.

Balandier, Georges (1989) *El Desorden. La Teoria del caos y las ciencias sociales. Elogio de la fecundidad del movimiento.* Editorial Gedisa, Barcelona.
_____(1969) *Antropologia Política*. Nueva colección Ibérica Ediciones Península, Barcelona.
_____(1975) *Antropo-lógicas*. Ediciones Península, Barcelona.

Baroja, Julio Caro (1991) *De los Arquetipos y Leyendas.* Ediciones ISTMO, Madrid.
_____ (1984) *Las brujas y su mundo*. Alianza Editorial, Madrid.

Bastide, Roger (1959) *Brasil, Terra de contrastes*. Difel, São Paulo.
_____ (1971) *Antropologia aplicada.* Amorrortu editores, Buenos Aires.

Besselaar, José Van der (sem data de edição) *O Sebastianismo – História Sumária*, Biblioteca Breve – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras.

Briggs, Asa, e **Burke**, Peter (2005) *"De Gutemberg a Internet: uma historia social de los médios de comunicación"*, Taurus, Madrid.

Bruno, Sampaio (1904) *O Encoberto*, Livraria Moreira Editora, Porto.

Bueno, Gustavo (1987) *Etnologia y Utopia*. Jucar Universidad, Barcelona.

Cabral, Flavio José Gomes (2004) Paraíso Terreal: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador. Pernambuco – 1820. ANNABLUME editora comunicação, São Paulo.
_____ (1988) Bonito: das caçadas às indústrias. Biblioteca pernambucana de história municipal. Recife.

Charmaz, Kathy (2009) *A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa.* Artmed, Porto Alegre.

Cyrulnik, Boris (1995) *Sob o Signo do Afeto*, Instituto Piaget, Lisboa.

Clastres, Heléne (1978) *Terra sem Mal o Profetismo Tupí-guaraní*. Editorial Brasiliense, São Paulo.

Cunha, Euclides da (1945) *Os Sertões.* Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.
_____(2003) *Los Sertones: Campaña de Canudos.* Fondo de Cultura Econômica. Buenos Aires, Argentina.

D'Antas, Miguel. *Os Falsos D. Sebastião.* Introdução e Notas do Doutor Sales Loureiro Tradução e revisão: Maria de Fátima Boavida [Sem ind. de ano]. Tradução do original em francês publicado em Paris em 1866. Ed. Heuris. [Sem ind. de local].

de Aguiar, Regina Clara (2008) "*Mito Sebastianista como atrativo turístico e turismo cultural: da Peninsula Ibérica ao entorno da Pedra do Rodeador. Bonito-Pernambuco-Brasil"*. **Espina Barrio,** Angel B. (Dir) Turismo, Cultura y Desarrollo: *Antropologia en castilla y León e Iberoamerica, X*. Imprenta Provincial, Salamanca.
_____(2010*) "Entre lendas e encantamentos: mito sebastianista no Brasil. Da rocha sagrada do Rodeador a Pedra bonita, Canudos e a magia do tambor de minas nos Lençois do Maranhão"*. **Espina Barrio,** Angel B. (Dir) Antropologia de Iberoamérica: Estudios Socioculturales en Brasil, España, México y Portugal, Recife Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana,.
_____(2011) "O mítico rei Sebastião e o misticismo nos movimentos que marcaram sua presença no Brasil". **Espina Barrio,** Angel B. (Dir) Culturas y Mestizajes Iberotropicales. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife.

Delumeau, Jean (1997) *Mil Anos de Felicidade uma história do paraíso*. Editora Companhia das Letras, São Paulo.

De Oliveira, Maria Marly (2005), *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. Edições Bagaço, Recife.

Díaz, Joaquín (1996), *Leyendas Tradicionales Antología*, Ámbito Ediciones, S.A., Valladolid.

Durand, Gilbert (2001), *O Imaginário*, DIFEL, Rio de Janeiro

Durkheim, E. (1982) *Las Formas Elementales de la Vida Religiosa*, Madrid, Akal, D.L.

Eco, Umberto, (1977), *Como se faz uma tese:em ciências humanas*, Editorial Presença, Lisboa

Evans-Pritchard, E.E (1990*), Ensayos de Antropología Social*, Madrid Siglo Veintiuno editores SA.

Elíade, Mírcea (2008) *El Mito del Eterno Retorno*, Madrid, Alianza Editorial/Emecé.
_____(2000) *Aspectos del Mito*, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica S/A.
_____(1998) *LA BÚSQUEDA História y sentido de las religiones*, Barcelona, editorial Kairós.
_____(1992) *Mito y Realidade*, Barcelona, Editorial Labor S/A.
_____(1992) *Mito do Eterno Retorno*, São Paul, Mercuryo.
_____(1981) *Tratado de Historia de las Religiones: Morfologia y dinámica de lo sagrado*. Ediciones Cristiandad. Madrid.
_____(1979) *Imágenes y Símbolos*, Taurus Ediciones, S.A. Madrid
_____(1976) *El Chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtase*, Ediciones Fondo de Cultura Económica, México.
_____ (1973 *Lo Sagrado y lo Profano*. Ediciones Guadarrama, S.A. Madrid.

Espina Barrio, Angel - B. (2005) *Manual de Antropologia Cultural*. Editora Massangana, Recife.
_____ (1997) *Manual de Antropología Cultural*, Amarú Ediciones, Salamanca.

Franco de Sá, Ronice, **Melo Filho**, Djalma Agripino de, (organizadores) (2006) *Avaliação do Capital Social nas áreas do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil: Barra de guabiraba, Bonito, Camocim de São Félix, Sairé e São Joaquim do Monte*. Edições Bagaço. Recife.

Garcia Canclini, Néstor (2008) *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Paidós, Buenos Aires.

García García, Jose Luis (1976) *Antropologia del Territorio*. Taller ediciones JB, Madrid.

Geertz, Clifford, (1990) *La interpretación de las culturas*. Ediciones Gedisa, Barcelona.
_____ (2008) *A Interpretação das culturas*. LTC, Rio de Janeiro

Godoy, Marcio Honorio de (2005) *Dom Sebastião no Brasil*. Khronos 25. São Paulo.

Gomes, C. M. A. (2002) *Feuerstein e a construção mediada do conhecimento*. Artmed Porto Alegre

Gonzalez Alcantud, J. A. (coord.) **Malpica Cuello**, Antonio (coord.) (1995) *El Água. Mitos, ritos y realidades: Colóquio Internacional*. Granada 23-26 noviembre 1992. Editorial Anthropos, Granada.

Gonzalez Alcantud, J. A. (coord.) **González de Molina**, Manuel (Eds.) (1992) *La tierra. Mitos, ritos y realidades: Colóquio Internacional*. Granada 15-18 de abril de 1991. Editorial Anthropos, Granada.

Guerra, Maria Luisa (2003) *Fado: Alma de um Povo.* Impr. Nacional-Casa da Moeda.

Hall, E.T. (1973) *La Dimensión Oculta, Enfoque Antropológico del Uso del Espacio.* Instituto de Estudios de la administración Local, Madrid.
_____(1989) *El lenguaje silencioso*. El libro del Bolsillo Alianza editorial. Madrid.

Hammersley, Martyn y **Atkinson,** Paul (1994) *Etnografía. Métodos de investigación*. Ediciones Paidós, Barcelona.

Hermann, Jacqueline (1998) *No Reino do desejado A Construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI E XVII*, compañía das Letras, São Paulo.

Hobsbawm, Eric y **Ranger**, T. (Eds.) (2002) *La invención de la tradición*. Editorial Crítica, Barcelona.

Johnson, Harold B. (2004) *Dois Estudos Polemicos,* University of Virgínia Fenestra Books.

Jung, C.G. (1981) *Psicología y Religión.* Paidos Studio. Barcelona
_____ (2010) *Los Arquetipos y lo Inconsciente Colectivo.* Editorial Trotta, Madrid.
_____ (1995) *El hombre y sus símbolos.* Editorial Páidós Barcelona.
_____ (1994) *Arquetipos e Inconsciente Colectivo.* Editorial Páidós Barcelona.

K. Bock, Philip (1977) *Introducción a la moderna antropología cultural.* Fondo de Cultura Económica, Madrid

Kottak, Phillip Conrad (2002) *Antropología Cultural*. Mc Graw Hill Madrid

Lagunas, David (coord.) (2001) *Antropología y turismo: claves culturales y disciplinares*. Plaza y Valdes editores. México.

Laplantine, François (2003) *Aprender antropologia.* Brasiliense. São Paulo.

Laraia, Roque de Barros (2005) *Cultura: um conceito antropológico*. J.Z.E. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Leroy, Michel (1999) *O Mito Jesuita – de Béranger a Michelet*, Roma Editora. Lisboa.
Lévy-Strauss, Claude (1999) *Mito y Significado*. Alianza Editorial, Madrid
_____(1968) *Mitológicas: "1. Lo crudo y lo cocido".* Fondo de Cultura Económica, México

_____ (1988) *tristes trópicos*. Editorial Paidós, Barcelona
_____ (1988) *Las Estructuras Elementales del Parentesco*. Editorial Paidós, Barcelona.
_____(1976) *Antropología estructural*. Editorial Universitaria. Buenos Aires.

Leach, Edmund (1993) *Cultura y Comunicación La Lógica de la Conexión de los símbolos.* Siglo Veintiuno de España, Editores, S/A, Madrid

Malinowski, Bronislaw (1994) *Magia, Ciencia, Religión,* Editorial Ariel S/A, Barcelona.
_____(1977) *El Cultivo de la Tierra y los ritos agrícolas en las islas Trobriand.* Editorial Labor, S.A, Barcelona.

Martín-Barbero, Jesús (1991) *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. GG MassMedia, México.

Mendonça, Manuela (Coordenação das Actas) (2005) *Colóquio O Sebastianismo. Política, Doutrina e Mito (séculos XVI e XIX).* Academia Portuguesa da História Edições Colibri, Lisboa.

Morin, Edgar (1988) *El método. III El conocimiento del conocimiento*. Cátedra, D.L. Madrid

Musumeci, Leonarda (Org.) (2004) *Antes do fim do mundo milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina.* Editora UFRJ. Rio de Janeiro

Nogueira, Maria Aparecida Lopes (2002) *Ariano Suassuna o Cabreiro Tresmalhado*. Editora Palas Athena, São Paulo.

Ochoa Abaurre, Juan carlos (2003) *Mito y Chamanismo en el Amazonas,* Ediciones Eunate, Pamplona

Oliveira, Vítor Amaral de (catalogo organizado por) (2002) *SEBÁSTICA* Bibliografia Geral sobre D. Sebastião. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Ortiz-Osés, Andrés (1985) *Antropología Simbólica Vasca*. Anthropos Editorial del Hombre, Barcelona

Pires, Antonio Machado (1971) *D. Sebastião e o Encoberto.* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Prandi, Reginaldo (organizador) (2001) *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Pallas. Rio de Janeiro.

Rego, José Lins do (1980) *Pedra Bonita*. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
Ribeiro, Darcy (1998) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo.

Ribeiro, René (1982) *Antropologia da Religião e outros estudos.* Capítulo: *O Episódio da Serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista.* Editora Massangana FJN, Recife.

Rodrigues, Donizete (2007) *Sociologia da Religião: uma introdução.* Edições Afrontamento. Porto.

Salvatierra, Pilar Jimeno (2006). *La Creación de cultura. Signos, símbolos, antropologia y antropólogos.* Ediciones UAM, Madrid.

Santos, Fray Miguel de los (1595). *História de Gabriel.*

Santos Pereira, António dos (2008). *Portugal Descoberto, Vol. I: Cultura Medieval e Moderna* (PP. 333-347), UBI e FCT Covilhã.

Serrão , Joaquim Veríssimo (1978) *História de Portugal , vol. IV* , Editorial Verbo Lisboa.
_____(1962) *Itinerários de El Rei D. Sebastião. Vol. I 1568-1572*. Prefácio, compilação e notas. Academia Portuguesa da História, Lisboa.
_____(1963) *Itinerários de El Rei D. Sebastião. Vol. II 1573-1578*. Prefácio, compilação e notas. Academia Portuguesa da História, Lisboa.

Serrão, Joel (1983) *Do Sebastianismo ao Socialismo.* Livros Horizonte, Lisboa.

Souza, Maria Leonor Machado de (1985) *D. Sebastião na Literatura Inglesa.* Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação, Lisboa.

Sow, Alpha I. et al., (1982) *Introducción a la cultura Africana: aspectos generales.* Serbal/Unesco. Barcelona
Sperber, Dan (1978) *El simbolismo en general*. Promoción cultural, S. A. Barcelona.

Suassuna, Ariano (1972) *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta.* Ed. José Olympio, Rio de Janeiro.

Telletxea, Fernando (2005) *Cuentos y Leyendas del Valle del Baztán*. Huerga & Fierro editores. Madrid.

Tolosana, Carmelo Lisón (1983) *Antropología Social y hermenéutica*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
Weber, Max (1988) *Ensayos sobre sociología de la religión III.* Taurus. Madrid.

Valente, Waldemar (1963) *Misticismo e Região (aspectos do sebastianismo nordestino).* Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife.

Vargas Llosa, Mario (1993) *La guerra del fin del mundo*, RBA, D.L. Barcelona

TESES E DISSERTAÇÕES:

Bartol Sánchez, Sonia (2009) *Pautas y Rituales de los Grupos Religiosos afro-Brasileños en Recife",* Programa de doctorado Antropología de Iberoamerica.USAL-Salamanca.

Cabral, Flavio José Gomes (2002) Dissertação *"Paraíso Terreal: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador. Pernambuco - 1820."* UFPE - Recife.

Divitiis, Gleice de (2009) *"Gênese da Antropologia da Comunicação no Brasil",* dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

Fontana, Monica - *Sebastianismo em Pernambuco: memória dos movimentos da Serra do Rodeador e da Pedra do Reino* - Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres, do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Megiani , Ana Paula Torres (1995) *O jovem rei encantado - Aspectos da construção e personificação do mito messiânico português* . dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de História da USP. São Paulo.

Ochoa Abaurre, Juan Carlos (2002) Tesis Doctoral "*Mito y Chamanismo: El Mito de la Tierra sin Mal en los Tupí-Cocamas de la Amazonas Peruana*" Universidade de Barcelona

Barfiel, Thomas. *Diccionario de Antropología. 2ª* edición. Ediciones Bella Terra. Barcelona. 2001.

Bonte, P. et al. *Diccionario de Etnología y Antropología*. Traducción de Mar Llinares Gracía. Akal ediciones. España.1996.

Chevalier, Jean & CHEERBRANT, Alain. *Diccionario de Los símbolos*. Editorial Herder. Barcelona. 1988.

Ventura, Roberto (1996) "*Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa*" Revista de Antropologia. FFLCH/USP.

Welter, Tânia (2007) *"O PROFETA SÃO JOÃO MARIA CONTINUA ENCANTANDO NO MEIO DO POVO. Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

PUBLICAÇÕES:

Boletim Nordeste Saudável (2007). *"Processo de elaboração do Plano Diretor".* Publicação do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil-MSNB, da parceria JICA/Japão, NUSP/UFPE, SEPLAN/Agência CONDEPE-FIDEM. Nº. 5 outubro. Recife.

Cavignac, Julie Antoinette. (2000) Artigo Vozes *da tradição; reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropologia.* Revista Mneme Vol. 1, Nº 02.

D'Abreu, Carlos e **Rivas Calvo,** Emílio (2007) Artigo *Alcazarquivir. El enigma (o el rescate Del cuerpo d'el Rey Don Sebastián)*. *Praça Velha* – Revista Cultural da Cidade da Guarda – Ano X. Nº 21 – 1ª Série – Julho 2007. Publicação Semestral.

Enciclopédia ***Le Memorial du Maroc*** (1982) Volume III **–** Collection dirigée por Larbi ESSAKALI. Verbete : *La Bataille des Trois Rois*

Galvão, Sebastião de Vasconcellos (1908). *Dicionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

González Echevarría, Aurora (2006) *"Del utillaje conceptual de la antropología: los usos del término 'inductivismo' y los usos del término 'hermenéutica'. Dos propuestas de clarificación".* Revista de Antropología Social, vol. 015 – pp. 327-372. Universidad Complutense de Madrid.

Marques de Carvalho, Artur *ESTUDIOSO PORTUGUÊS CONFIRMA QUE O TÚMULO DE D. SEBASTIÃO ESTÁ NOS JERÔNIMOS,* Entrevista com o historiador português sob o título: publicada no jornal de Lisboa A Tarde (279), 2ª série. Lisboa, 24 Jun. 1983.

Minidicionário da língua portuguesa – Mini Aurélio Século XXI (2000) Editora Nova Fronteira, RJ Brasil.

Momesso, Luis Anastácio (2007) artigo: Direito à comunicação. *"Memória em Movimento: Revista de Comunicação. Política e Direitos Humanos"*. ano 1 nº 0 2º semestre.

Morgado, Agostinho (2004) *"Para uma Fenomenologia do Mito Sebastiânico"* – artigo– Inauf Studia Nº 6, Loulé – Instituto Universitário Dom Afonso III.

Ochoa Abaurre, Juan Carlos (2007) *Descubrir la Ontología en la Mitología del Pueblo Tupí-guaraní: el reto de una nueva antropología iberoamericana.* Thémata. Revista de Filosofía. Núm. 39.

Revista Militar (1942) suplemento ao Volume XCIV. Escola Naval e escola do Exército em Alcácer Quibir. Evocação histórica 4 de Agosto 1578-1942. Capítulos: **Garcia Figueiras**, Tomás: '*La Batalha do Mehazen - 1578. Comentários sentimentais da rota de D. Sebastião; Lição de uma derrota – Evocação no campo de Alcácer Quibir. Grandes Oficinas gráficas "Minerva"*, **Souza**, Gaspar Pinto de. Vila Nova de Famalecão.

Passos, Tania (2005) *Bonito resgata sua história no sebastianismo*. Diário de Pernambuco. A9 – 26 de dezembro.

Pereira da Costa, Francisco Augusto (1983) *Anais Pernambucanos 1818-1823.* Governo de Pernambuco, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, FUNDARPE Diretoria de assuntos Culturais, Recife.

Ribeiro, René (1960) *"O Episódio da Serra do Rodeador (1817-20): um movimento milenar e sebastianista"*, Revista de antropologia, v. 8 n.2, p. 133-144, dez.1960. São Paulo.

Ventura, Roberto (1997) *Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa*. V. 40 nª1. Revista de Antropologia, São Paulo, USP.

DOCUMENTOS:

CD- Enviado Arquivo Nacional. Secção de Documentos, p. 4-144, 180-87 e 264-69. *Devassa* acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministério do Reino 1820-21. Rio de Janeiro,

Fondos e Instituiciones de antiguo Régimen" en el apartado "Consejo de Estado" período 1404-1702. Archivo General de Simancas, Valladolid-ES:

AGS 1578a – Auto de entrega do corpo de D. Sebastião, Sección EST/NPO-01, LEGAJO 396, Ceuta, 1578.XII.10.

AGS 1578b –Carta do embaixador Juan de Silva a Filipe II, em que informa sobre o resgate e entrega em Ceuta do corpo de Dom Sebastião. Sección EST/NPO-01, Legajo 396, Ceuta, 1578. XII.11.

AGS 1579a Carta - Carta do rei a Felipe II através de seu embajador Fernão da Silva, que provará a veracidade dos documentos anteriores, já que nela agradece ao rei espanhol o resgate do corpo do monarca português, E 403-3, Lisboa, 08.1.1579;

AGS 1579b Carta de Dom Cristóbal de Mora a Felipe II, Sección EST/NPO-01, Letajo 397, Lisboa,1579.1.08.

PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS E SITES CONSULTADOS:

Mota, Maria, (2009) *Sob o signo de Pormeteu: A polêmica Sebastianista entre António Sergio e Carlos Malheiro dias (1924-1925)*. 8º LUSOCOM – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias 14 e 15 de abril. Consulta em 10/10/2011. Disponível em: http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/162/138

GASPAR, Lúcia. *Bacamarteiros.* Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar. Acesso em: em 30 de setembro de 2011

Consulta em 29 de setembro de 2011. Letra música *Coração Civil* http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47420/

Consulta em 24 de setembro de 2011: http://www.culturabrasil.org/joaocabraldemelonetoo.htm

Rosnay, Joel Capítulo 1 "*El Macroscópio"* - consulta em 23 setembro 2011: http://es.scribd.com/doc/53180370/El-macroscopio

http://www.destiempos.com/n13/federicozertuche1_13.htm#_ftnref3 Consulta em 19 de agosto de 2011.

Consulta em 15/08/2011 link: http://www.lunaeamigos.com.br/mitologia/midas.htm).
http://www.diarioliberdade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=15330:saara-ocidental-a-ultima-colonia-em-africa&catid=93:direitos-nacionais-e-imperialismo&Itemid=106 - Consulta em 2 de junho de 2011.

Frase em latim que significa "Facilmente se acredita no que se quer". Consulta efetuada no dia 13 de maio de 2011 no site DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES E FRASES LATINAS compilado por HENERIK KOCHER: http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/q12.htm

Borges Lins e Silva, Maria José (Marieta) (1992) *Fernando de Noronha – Lendas e Fatos Pitorescos*. Recife, Ed. Inojosa.
http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_noronhense_livros.htm. Consulta em 19 de outubro de 2010.

http://www.insite.com.br/art/pessoa/mensage3.php Consulta em 10 de setembro de 2007.

http://www.ufpe.br/historia/artigo4rev1.html *(sobre alagamento da região no sertão da Bahia onde existiu o arraial de Canudos)*

www.cultura.gov.br/cultura_viva

http://www.vagalume.com.br/gavioes-da-fiel-sambas-enredos/samba-de-enredo-1999.html.

http://www.pnud.org.br/idh/ consulta em 05/07/2011.

http://web.observatoriodasmetropoles.net/planosdiretores/produtos/pe/PE_Avalia%C3%A7%C3%A3o_PDP_Bonito_mar_2010.pdf consulta em 05/07/2011.

Antônio Câmara. Revista: Olho da História Nº 3 – UFBa, *"A atualidade da reforma agrária - de Canudos aos Sem-Terra: a utopia pela terra"*. Consulta efetuada em 14/12/2005 ao site: http://www.oolhodahistoria.ufba.br/03camara.html

Dicionário Eletrônico Houaiss3 da Língua Portuguesa.

ANEXOS

Órgãos visitados para pesquisa:

Brasil:

Recife:

- Biblioteca Geral da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
- Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco - Apipucos
- Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco (Erineide Gonçalves de Carvalho)
- Arquivo do Jornal Diário de Pernambuco –DP
- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (foto digitalização documentos régios sobre a guerra de Bonito. Contato: Hildo Leal, divisão de Manuscritos).

Bonito:

- Prefeitura Municipal de Bonito
- Colégio Municipal Presidente Tancredo Neves (fotografia maquete da Pedra do Rodeador usada pelos alunos no desfile de 20 de maio de 2008)
- Escola Alexandrino da Rocha
- Biblioteca Pública Maria Carmo Menezes (bibliotecárias: Suely Oliveira – coordenadora, Maria Gorete Alves da silva, Zuleide Alves Espíndola, Maria Fátima Pereira e Márcia Rejane de Oliveira)
- Cartório Dimas César,
- Prorural;
- Escola José Pedro Soares – Vila do Rodeador

Espanha:

Madrid:

- Biblioteca Nacional

Valladolid:

- Arquivo Geral de Simancas

Salamanca:

- Biblioteca Francisco Francisco de Vitoria (USAL)
- Centro Documentación
- Filmoteca de Salamanca
- Biblioteca General Histórica (USAL)
- Biblioteca de la Facultad de Filologia (USAL)
- Biblioteca de la Facultad de Geografia y Historia (USAL)
- Biblioteca Psicologia (USAL)
- Biblioteca de la Facultad de Traducción y Documentación (USAL)
- Biblioteca del Instituto Universitário de Iberoamérica (USAL)
- Biblioteca Casa Museo Unamuno
- Biblioteca Santa Maria de los Ángeles
- Biblioteca Pública Casa de Las Conchas
- Biblioteca Pública Municipal Torrente Ballester

- Biblioteca Universidad Pontificia

Portugal:

Lisboa:

- Academia de História
- Torre do Tombo
- Biblioteca Nacional
- Biblioteca de Letras da Universidade Nova de Lisboa - UNL
- Museu do Fado
- Fundação Caloueste Gulbenkian
- Centro de História da Cultura
- Cinemateca Portuguesa
- Museu de Arte Antiga de Lisboa (Fotografia pintura manuelina de D. Sebastião)
- Mosteiro dos Jerônimos - Belém. (fotografia tumulo de D. Sebastião).
- Jornal Diário de Notícias de Lisboa - DN (recorte com opiniões sobre o sebastianismo)
- Instituto Universitário de Lisboa – Iscte

Covilhã:

- Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Ciências Humanas - Universidade da Beira Interior

Sintra:

- Palácio Nacional de sintra (fotografia quarto do monarca D. Sebastião)

Coimbra:

- Mosteiro de santa Cruz (fotografia túmulo do primeiro rei português D. Afonso Henriques)
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Eliana Souza)

Marrocos:

Rabat:

- Foto: quadro da Batalha dos Três Reis que se encontra no salão do Palácio Real (por uma pessoa anônima, já que não podia entrar visitantes)

Alcácer Quibir:

fotos da cidade e região onde ocorreu a batalha

- Biblioteca

Tanger:

- Museu Zankat America Tanger (fotografia maquete da batalha dos Três Reis e foto digitalização de livros no arquivo)

ARTIGOS COLETADOS NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS-DP – LISBOA:

DATA: 06/03/2004

AUTOR: ANTONIO CARVALHO

CEM ANOS DA PUBLICAÇÃO D'O ENCOBERTO (*O artigo trata do livro "O Encoberto", de Bruno Sampaio, em que o autor faz uma análise da história portuguesa realçando os malefícios da santa inquisição. Analisa as trovas de Bandarra e anota a existência do "Encuberto de Valencia", na Espanha no s. XVI*).

Cem anos da publicação d'O Encoberto revolta. Os acontecimentos do 31 de janeiro de 1891 e o exílio a que foi forçado, em Paris, foram decisivos na vida e no pensamento deste homem que queria ver mais longe.

Pinharada Gomes – estudioso de Bruno em entrevista ao DN. "O meu sentimento pessoal é que 'O Encoberto' representa, hoje, uma leitura necessária e inevitável a todo o desejo de conhecimento e esclarecimento do que somos e para que somos. Retomo uma frase dele – o povo português foi sempre infeliz – e concluo que o povo português ainda é infeliz. Esse é o meu sentimento pessoal."

No prefácio da obra, Bruno define o seu propósito: responder à análise que Oliveira Martins fizera do sebastianismo no Portugal contemporâneo: "confundiu Oliveira Martins o sebastianismo com a credulidade nos falsos D. Sebastião aparecidos; de modo que D. João de Castro, ele mesmo, no fim da vida, esperando da Índia o regresso do seu rei, já assinala as motejantes dúvidas, com que o afrontam. O sebastianismo – é aquela crença insensata que nos fixa, para deprimentemente nos catalogar, Chamfort." Ou seja, o sebastianismo é uma espécie de doença nacional, uma "mania mansa", aberrante maluquice, peculiar de escassa data de alienados pacíficos". "É de presumir (e assim aconteceu) que sempre que as calamidades públicas excitavam os espíritos, este fenômeno de vesânia colectiva se exacerbasse, difundindo-se. Manifestar-se-ia tal qual espécie de enfebrecimento que se tem observado nas cidades sitiadas; é o que os especialistas denominam de leitura obsidional. E, na nossa degenerencia sebastianista, sempre que os negócios públicos melhoram e a prosperidade econômica se acentua, a tinêta sebastiânica esbate, e os ápodos, sarcásticos rebentam contra a fidelidade lorpa dos últimos abencerrages do Encoberto".

Análise das trovas de Bandarra. Bruno anota a existência do "Encuberto de Valencia", no s. XVI. "E eis como aqui, inesperadamente, nos começa a aparecer o primeiro Encoberto, o qual, é espanhol e não português, João, e não Sebastião". Todavia o "desejado Encoberto" português acabou por ser tema do livro "Esperanças de Portugal, do padre Antonio Vieira, que tinha uma visão messiânica da história.

E o messianismo era realmente outra coisa, traço comum às religiões monoteístas, "e não só a elas", crença em um ser sobrenatural que devia, no final dos tempos, tornar a trazer ao mundo a ordem e a justiça que dele banidas se encontram e preludiar ao reinado da imortalidade e da felicidade sem termo ou acabamento".

Oliveira Martins – confundiu sebastianismo e messianismo em Portugal.

CITAÇÕES:

- Caráter. "No caráter do antigo Portugal dominava, como um traço bem aparentemente distintivo, a ferocidade. E essa ferocidade era tão profunda, que não distinguia entre estranhos e os mesmos nacionais".

- Espanha. "O religiosismo intransigente e hostil é um dos dois sentimentos fundamentais do carater do nosso antigo povo; outro é o ódio ao espanhol, na repulsa ciosa por qualquer espécie de aproximação política com o país vizinho".

País. " Esse Portugal, que se vê como cego, que se governa como ignorante, que quer e não quer, que se desconsola como fraco e que rejubila como esquecido, não acaba de se render nem à evidência das razões, nem a culminância das urgências. Metido em ocasiões e perigos, não tem forças nem saber para deles sair. Hoje como ontem".

Pátria: "Do modo que verdadeiramente e no rigor do termo, não há uma pátria portuguesa, porque não existe comunicação afectiva entre os que sabem e os ignorantes, os quais entre nós... Caberia, destarte, ensinar aos portugueses de agora o que foram e o que fizeram os portugueses de outrora.

DATA: 03/02/2005.

PERIODICO: VISÃO Nº 622

A UTOPIA É O CAMINHO PARA A LUZ – *(Portugal devia parar e ir, em recolhimento ver o filme "O Quinto Império? Ontem como hoje". É uma obra prima sobre nós, a nossa misteriosa maneira de ser?).*

DATA: 16/09/2005

JORNAL DO FUNDÃO

AUTOR: RUI PELEJÃO MARQUES

SEBASTIANISMO, CADÁVER ADIADO – *(O inconsciente dos portugueses recomeçou a carregar-se e eletrizar-se com aquela loucura nacional - o sebastianismo - sem a qual, ai!, sem a qual – os portugueses são cadáveres adiados; sim são adiados? Espanhóis!")*

DATA: 30/12/2004

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTORA: MARTA REBELO

D. SEBASTIÃO, O DESEJADO – *(Desde 4 de agosto de 1578, Quando da morte d'el-rei D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, sobre Portugal reina o desejo de regresso do herói nacional).*

O 16º rei de Portugal, que pouco mais fez foi arruinar os cofres do reino contraindo empréstimos para concretizar a sua obsessão – trazer à soberania lusa os berberes do norte da África – marcou de tal forma o curso da nossa história, que ainda hoje esperamos por um D. Sebastião que nos salve. E os candidatos, esses, são sempre muitos. Alguns apenas saídos do nevoeiro do imaginário colectivo, outros candidatos efectivos, mas pouco assumidos: como el-rei, nunca regressaram.

A história lembra d. Sebastião como "O Desejado". Aguardava um país expectante, pois sobre a coroa pairava o perigo de cair nas mãos de Espanha. Nós recordamos D. Sebastião como um desejado salvador. É certo que a sua saúde era precária, não ouvia conselhos, interessava-se com fervor apenas pela religião e pela guerra, anacronicamente queria salvar os mouros e conduzi-los a redenção.

Hoje, não corremos o risco de cair nas mãos da Espanha, mas muitos ainda se preocupam com os perigos que daí – sítio de onde, reconhecidamente, não vem "nem bom vento nem bom casamento" – possam vir. Vários fundadores do "Compromisso Portugal" procuravam salvaguardar os "centros de decisão nacional".

Ainda hoje o esperamos. O PS quis criar o seu mito sebastianista, mas Antônio Vitorino recusou a recriação, e assumiu o papel que entendeu ser o seu. No PSD, o sebastianismo está em voga, dada a antevisão da derrota. Antônio Borges, do nevoeiro londrino, já deu vários sinais.O sebastianismo, no entanto, é um mito inacabado. E do

código genético dos portugueses faz parte essa atracção pelos que nunca chegam. Esperamos, como o cardeal dos nossos tempos, que percebam, de vez, que só podemos contar com os que estão.

DATA: 27/01/2006

TAL & QUAL PERGUNTAS COM RESPOSTAS – *(A lenda de que D. Sebastião regressará numa manhã de nevoeiro é o fulcro do SEBASTIANISMO, movimento que floresceu em Portugal após a morte do rei).*

Segundo o SEBASTIANISMO, D. Sebastião não teria morrido na batalha e regressaria, numa manhã de nevoeiro, para recuperar o trono português, livrando-nos do domínio espanhol. Mais do que isso, ao voltar, D. Sebastião iria cumprir o destino glorioso reservado para o país: liderar o Quinto Império universal, profundamente cristão e sem infiéis.

Percebe-se este sentimento de perda. Com o desaparecimento, Portugal viu-se envolvido numa crise dinástica que culminou com a perda da independencia, em 1580. assim, cresceu no país a esperança em que acontecesse um milagre, com o regresso do "Desejado".

O mito é anterior a D. Sebastião. O sapateiro Bandarra, nas suas trovas, previra o nascimento de um messias em Portugal que iria salvar o mundo. Quando, em 1554, D. Sebastião nasceu, muitos viram-no como a prova da clarividência de Bandarra: Sebastião era o "Desejado"! Não admira assim que quando o jovem rei morreu na batalha, o povo português se tenha recusado a acreditar. Era impossível que aquele que iria livrar o mundo dos infiéis tivesse morrido logo ao primeiro confronto.

Surge então o boato, de autor desconhecido, de que o monarca estava vivo e salvo, a peregrinar por terras longínquas. Chegou a falar-se de uma ilha, permanentemente envolta em nevoeiro, onde se encobriria D. Sebastião, a dar tempo ao tempo, e de onde regressaria para realizar a monarquia universal de Cristo. O rei já não era um jovem de carne e osso, mas sim uma figura cada vez mais transcendente.

O mito foi crescendo, alimentado por visões. Os fiéis iam freqüentemente ver se conseguiam avistar a chegada do Messias, que viria da sua ilha deserta, montado num cavalo branco, numa manhã de nevoeiro, com o intuito de salvar Portugal da opressão até hoje.

FIO DE PRUMO

DATA: 13/09/2003

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTORA: HELENA SACADURA CABRAL

O LABIRINTO DA SAUDADE - (*...essa eterna espera, por um D. Sebastião que há de voltar numa manhã de nevoeiro, coloca o país num permanente compasso de espera, de si próprio, numa espécie de movimento circular centrípeto que não consegue, nunca, por mais esforços que faça, alcançar a espiral libertadora. Em nós, o tempo não flui, natural, como na ampulheta. Pelo contrário, como num metrônomo, ele vai e vem num sistemático retorno ao ponto de partida. Não é seguramente, por acaso que a canção nacional mitifica tanto o labirinto da saudade e o português não se cansa de vangloriar o fato de não ser possível encontrar, nas outras línguas, a sua tradução. É este enleio nostálgico que impede o progresso e acentua a nossa dificuldade em aceitar a mudança).*

A propósito da pedofilia, o prof. Paulo Cunha e Silva na sua crônica da semana passada, aproveitou para tecer algumas considerações sobre o problema da identidade nacional, invocando dois aspectos que merecem alguma reflexão por parte de todos nós.

Um deles de natureza estrutural, é o nosso profundo sebastianismo. O outro por ventura de cariz conjuntural, é a sistemática mediatização da justiça. O cruzamento destas duas características dá origem a uma mistura cujas conseqüências, longe de nos ajudarem, acabam por criar no nosso tecido social um cenário, no mínimo, perturbador.

A primeira, essa eterna espera, por um D. Sebastião que há de voltar numa manhã de nevoeiro, coloca o país num permanente compasso de espera, de si próprio, numa espécie de movimento circular centrípeto que não consegue, nunca, por mais esforços que faça, alcançar a espiral libertadora. Em nós, o tempo não flui, natural, como na ampulheta. Pelo contrário, como num metrônomo, ele vai e vem num sistemático retorno ao ponto de partida. Não é seguramente, por acaso que a canção nacional mitifica tanto o labirinto da saudade e o português não se cansa de vangloriar o fato de não ser possível encontrar, nas outras línguas, a sua tradução. É este enleio nostálgico que impede o progresso e acentua a nossa dificuldade em aceitar a mudança. A segunda essa enorme mediatização da vida nacional, tem permitido que a praça pública seja o palco de condenações sumarias que se não afectam a justiça, influenciam, de forma muitas vezes irreversível, a opinião pública.

Porque, hoje em dia, o julgamento popular serve-se de um poderoso auxiliar de manipulação que se chama televisão. E esta, transformou-se, de tal modo no "Tribunal de todas as instancias", que já não surpreende que nos interroguemos sobre a capacidade dos juízes ficarem indiferentes a uma tão grande mediatização da justiça.

De loucos, médicos ou juízes, todos teremos um pouco. Opiniões pessoais, qualquer um as pode expressar, se lhe derem espaço para tal. Desde que só ao próprio comprometam. Mas confundir o mundo dos tribunais com o mundo da televisão, a tarefa dos juizes com o trabalho dos jornalistas, para além de confrangedor, pode constituir um caminho imparável para a justicialização dos media. E institucionalizar, de facto, uma imensa confusão entre os papéis que a cada um, deles compete numa sociedade democrática. O que não será, convenhamos, a via mais desejável para Portugal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

DATA: 27/01/2005

AUTOR: PEDRO MEXIA

UM MITO UNIVERSAL – *(No filme "O QUINTO IMPÉRIO – ONTEM COMO HOJE", o cineasta Manoel de Oliveira fala sobre o mito sebastianismo).*

MANOEL DE OLIVEIRA FALA SOBRE O MITO SEBASTIANISMO, A PROPÓSITO DA ESTRÉIA HOJE, DE "O QUINTO IMPÉRIO" ADAPTAÇÃO DA PEÇA EL-REI SEBASTIÃO, DE JOSÉ RÉGIO.

Manoel de Oliveira assume o seu fascínio pela história: "a história é uma memória e para sabermos o que somos temos que recorrer à memória". No entanto, mais do que extrair "lições", interessa a Oliveira "tentar compreender". No seu filme sobre D. Sebastião (estréa-se hoje), Oliveira recusa assumir um discurso próprio sobre o rei e sobre o mito: "Eu não discuto, não digo se é bem ou mal, se ele fez bem ou se fez mal, eu deixo isso ao critério do espectador".

No entanto parece evidente que a visão de Oliveira sobre o monarca se afirma mais mítica que a de José Régio, autor da peça (El-Rei Sebastião) que o filme adapta. Assim, o cineasta muda o título para O QUINTO IMPÉRIO e acrescenta um subtítulo algo programático: ONTEM COMO HOJE. Um especialista na obra de Régio, Eugénio Lisboa, contestou essa mudança nas páginas do Jornal de Letras (embora tenha apreciado o filme). Oliveira justifica a diferença com o contributo de alguns grandes

escritores, como Vieira e Pessoa, que consagraram Sebastião no "campo mítico", e especificamente na concepção teleológica de um "Quinto Império". Além disso, acrescenta, existe na atualidade um projeto que considera semelhante ao quinhentista: tanto a ONU como a UNIÃO EUROPÉIA pretendem a "harmonia universal". Ora, diz, isso "não é mais que o Quinto Império, é uma idéia sebastiânica". Só que agora, matiza Oliveira, onde estava o afã religioso está a liberdade, a democracia e o laicismo. O discurso de tomada de posse de Bush vem nesse sentido.

Foram essas semelhanças que sugeriram uma necessidade de uma referencia à actualidade , método que o cineasta usa pelo menos desde Acto da Primavera (1965), que começava com um auto pascoal e terminava com as manchetes dos jornais.

Mas o que interessa mais ao realizador, o mito ou a realidade? Por um lado oliveira defende o predomínio dos factos sobre a verdade: "A verdade não existe. Existem factos reais que não representam a verdade. A verdade é uma coisa que não se esconde. "Assim, o que lhe interessou na peça de Régio foi uma versão que Oliveira defende como factual, para "repor aquilo que aconteceu".

Claro que o que aconteceu é filtrado pela literatura, até que os fatos se tornem "factos míticos" (a peça de Régio é apresentada como um "poema teatral"). "Eu aceito os mitos na medida em que eles existem, aceito a realidade na medida em que ela existe", mesmo porque é "tão verdadeiro o mito como a realidade. Embora conheça as polemicas sobre d. Sebastião e considere que essa discussão mostra que o tema está vivo, Oliveira diz que não lhe interessa o "juízo político" sobre o sebastianismo. "O artista vê e aceita, não intervém. "Sebastião vive em notório desequilíbrio emocional. Era D. Sebastião um Louco? "Ele tinha a loucura do Quinto Império." E "tornar real aquilo que ainda não é "sempre foi visto como loucura. O cineasta admite que as razões de Sebastião "ultrapassam um pouco a nossa capacidade de compreensão. Mas ele fez assim, e isso gerou uma idéia mítica"

Em O QUINTO IMPÉRIO Oliveira filmou um tema especificamente português. Mas, explica, não foi a identidade nacional que o interessou, mas a universalidade. Sebastião é tão universal como Lear. O que lhe interessou foi outra coisa: "A minha leitura da história é misteriosa. É um mistério". E não é apenas a história: "A vida é misteriosa. Eu não sei porque estou aqui e não sei porque é que eu vivi até 96 anos e com boa saúde e outros vivem infelizes, com dores e pouco tempo. Isso é um mistério.

E a natureza é caprichosa, dá a um o que tira a outros, não é que mereçam mais ou menos.

É um mistério. "Cineasta da inquietação (ou da inquietude), Oliveira admite que no cinema como na vida, tem uma visão espiritual ou metafísica: "Há qualquer coisa . Mas não posso garantir. Ninguém pode garantir coisa nenhuma.

DATA: 27/01/2005

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTOR: ANTÔNIO VALDEMAR

SONHO MÍTICO DO QUINTO IMPÉRIO PERCORRE A CULTURA PORTUGUESA *(O Quinto Império pretendeu ser uma reposição actualizada de quatro outros impérios que existiram na antiguidade oriental e na antiguidade clássica: o egípcio, o assírio-caldaico, o persa e o romano).*

O Quinto Império pretendeu ser uma reposição actualizada de quatro outros impérios que existiram na antiguidade oriental e na antiguidade clássica: o egípcio, o assírio-caldaico, o persa e o romano.

Atribui-se ao padre Antônio Vieira, a prioridade da conceptualização, entre nós, desse sonho mítico. Todavia desde o século XVI, encontram-se muitos autores, como Luis de Camões e n'Os Lusíadas, referências explícitas a um visionarismo patriótico. Embora noutro contexto político e social, a cultura portuguesa já reflectira, muito antes, sinais do Quinto Império ligados a difusão da doutrina da Terceira Idade do Espírito Santo, de Joaquim de Flora. Antônio Vieira, na história do futuro, profetizou para Portugal, na figura de D. João IV, a realização e concretização do reino universal de Cristo. "Todos os reinos" – escreveu – "se unirão em um ceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em um só diadema, e esta será a perda da cruz de Cristo". Não se pode , igualmente, dissociar do tema que integra uma constante cíclica da cultura portuguesa, a presença de D. Sebastião. Oliveira Martins, Sampaio Bruno e João Lúcio de Azevedo, entre outros pensadores e historiadores, ocuparam-se desta problemática. "Da esperança judaica do messias" – observou Lúcio de Azevedo – "amalgamada com vaticínios trazidos de Espanha e resíduos do ciclo arturiano, conservados na tradição popular, veio a brotar o sebastianismo". (...) "ao fundo propriamente judaico se juntou o que da lenda de Merlin restava, ainda, na tradição popular, se é que não veio de Espanha, com outros elementos que o autor das trovas (Bandarra) igualmente utilizou. "Pessoa deixou na Mensagem

poemas acerca do Quinto Império, D. Sebastião, Vieira e Bandarra. O mito nas suas várias dimensões também percorre os três actos do poema dramático El Rei Sebastião, de José Régio.

Confronta-se com "o eterno encoberto", "o que sempre se preocupa porque sempre nos foge , o que sempre se ama porque nunca se conhece".

Com base no texto de Régio, Manoel de Oliveira fundamentou este filme, com a originalidade e o talento universalmente reconhecidos.

DATA: 13/03/2006

DIÁRIO NOTÍCIAS

AUTOR: JOÃO PEDRO OLIVEIRA

FADOS E UM POEMA DE AMÁLIA NA VOZ DE GONÇALO SALGUEIRO (*Quando lancei o primeiro álbum, havia ainda um pudor excessivo relativamente a Amália, medo de mexer no seu imaginário. Achei que era preciso quebrar isso e avançar com a homenagem devida. Até porque, não sendo mulher, não havia este receio todo das comparações. Não corria o risco de ser vítima do SEBASTIANISMO que se vive no FADO cantado no feminino*).

DATA: 06/02/2005

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTOR: RAUL VAZ

EDITORIAL – A MEMÓRIA DOS PORTUGUESES – *(Portugal é um país de fraca memória, o que não deixa de ser estranho numa construção com nove séculos de história. As dificuldades degeneram no orgulho pela epopéia e num fascínio permanente pelo regresso a um passado melhor que o presente. Somos estruturalmente fingidos).*

Há, apesar do esforço em circunstâncias de aperto, reacções de exigência. Hoje pede-se qualidade aos homens públicos, num processo de contínua avaliação em que os melhores são sempre aqueles que foram rejeitados.

Num exagero inerente à natureza humana, acabamos por exigir ao outro o que não impomos a nós próprios.

A falta de memória permite encarar como normal que Diogo Freitas do Amaral se junte a Garcia Pereira no lançamento de um livro do líder MRPP; tal como parece

natural que Mário Soares elogie o programa eleitoral do Bloco de Esquerda, silenciando as propostas do partido que fundou e onde permanece.

Somos complacentes com o percurso que justifica as nossas fraquezas.

E quando usamos o fatalismo que contamina uma história colectiva, o que foi é sempre melhor do que aquilo que está a ser. À falta de melhor argumento, olhamos o sebastianismo como saída para a mediocridade. Sem sermos capazes de limitar a loucura que embriaga uma nação manchada por saudosismos.

Esta característica revela-se no indivíduo. Mesmo quando ele teve de mais e o perdeu no exercício da sua responsabilidade.

O exemplo é menor mas significativo: Isaltino de Morais anunciou a recuperação do que sente ser seu, a câmara de Oeiras. Terá provavelmente o apoio de muita gente, do sobrinho que o país conheceu como emigrado na Suíça.

DATA: 04/10/2005

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTOR: JOÃO MORGADO FERNANDES

O FIM DO REGIME – *(Há quem ganhe a vida a prevê as desgraças da humanidade, mas em Portugal isso deixou de ser profissão e entrou-nos nos genes. É doença. Lemos todos os dias nos jornais as mais penetrantes lamurias sobre o país que não vai lá, os políticos incompetentes, os juízes preguiçosos, os jornalistas comprados, os árbitros igualmente comprados... e até os artistas de variedades são razoavelmente rasteiros quando comparados com as mais altas estrelas internacionais. É óbvio que, ciclotimicos que somos, intercalamos esta má disposição face ao mundo em geral e o país em particular com momentos do mais desvairado sebastianismo).*

Quem assistiu, um dia destes, a um programa de televisão onde quatro comentadores discutiam as próximas eleições presidenciais, e por arrastamento a situação política nacional, poderia facilmente concluir que Portugal, enquanto realidade política autônoma, está a beira de fechar portas. Nada funciona. O presidente, o governo, os deputados, os juízes, o resto. A ingovernabilidade é geral. Pior: tudo tem tendência a piorar. E não se pense que se trata apenas de um problema do poder instalado. Não é algo generalizado. A oposição, aos grupos de pressão, aos poderes independentes. O bloqueio é total.

Há quem ganhe a vida a prevê as desgraças da humanidade, mas em Portugal isso deixou de ser profissão e entrou-nos nos genes. É doença. Lemos todos os dias nos jornais as mais penetrantes lamurias sobre o país que não vai lá, os políticos incompetentes, os juízes preguiçosos, os jornalistas comprados, os árbitros igualmente comprados... e até os artistas de variedades são razoavelmente rasteiros quando comparados com as mais altas estrelas internacionais.

É óbvio que, ciclotimicos que somos, intercalamos esta má disposição face ao mundo em geral e o país em particular com momentos do mais desvairado sebastianismo.

... o país que somos também é a imagem que deles construímos. E é aflitivo ver-se tanta energia desperdiçada a glorificar e destroçar mitos.

E claro que não há país que se deixe enquadrar num preto e branco tão absoluto e catastrofista. Melhor seria que essas energias, em vez de preguiçarem em retratos impressionistas, fossem concentradas na análise profunda, mas serena de tanta coisa que está mal e que pode ser corrigida por todos.

HESITAÇÕES
DATA: 27/11/2005
DIÁRIO DE NOTÍCIAS
VICENTE JORGE SILVA

AO FIM E AO CABO – *(Cavaco Silva aposta no desencanto dos portugueses com a retórica política tradicional para afirmar a triunfante inspiração sebástica da sua candidatura "nacional" e "supra partidária". E os resultados das sondagens tendem a confirmar a eficácia de uma estratégia que faz de uma componente essencial do sebastianismo o segredo da vitória: o nevoeiro).*

Cavaco Silva aposta no desencanto dos portugueses com a retórica política tradicional para afirmar a triunfante inspiração sebástica da sua candidatura "nacional" e "supra partidária". E os resultados das sondagens tendem a confirmar a eficácia de uma estratégia que faz de uma componente essencial do sebastianismo o segredo da vitória: o nevoeiro. Trata-se de falar o menos possível, dizer o máximo permitido de generalidades consensuais e inofensivas, evitar choques frontais com os outros candidatos e respectivas sensibilidades política, para nas nuvens ou até acima delas, enviar recados cifrados, vagos ou indirectos para demarcar-se das posições com que não

deseja comprometer-se. O "não me com prometa!" celebrizado por uma velha e saudosa personagem do Jô Soares parece ser o abre-te sésamo para entrar sem sobressaltos em Belém.

DATA: 26/07/2006

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

TRIBUNA LIVRE

AUTOR: ANTONIO AZEVEDO

O MITOCIDIO *(o artigo fala de uma bióloga e antropóloga forense da Universidade de Coimbra, que foi, a última hora, impedida, pela ministra da cultura, de abrir o túmulo de D. Afonso Henriques, no Mosteiro de Santa Cruz... não deu conta de que esteve em vias de cometer o crime maior: matar o mito. Se não sabe e não tem consciência do crime que esteve para cometer, se aconselha ler com atenção o verso de Fernando Pessoa: "o mito é o nada que é tudo"... e outra, da Universidade do Minho, quer fazer o mesmo ao túmulo de D. Sebastião, para saber do "perfil genético" daquele que actéon castigou!).*

Embora ainda distantes de 2043, ano em que Portugal fará, se lá chegarmos, 900 anos, gente há que quer matá-lo antes. EUGÊNIA CUNHA, bióloga e antropóloga forense da Universidade de Coimbra, melhor, teóloga do novo Deus – o cientismo, herdeiro do contismo – foi, a última hora, impedida, e bem, pela ministra da cultura, de abrir o túmulo de D. Afonso Henriques, no Mosteiro de Santa Cruz, justificando esta o impedimento por não ter conhecimento da "investigação" em curso, embora com autorização da direção regional de Coimbra do IPPAR para o fazer! A dita investigadora tinha já andado, em abril, a bisbilhotar – com autorização de quem? – o túmulo, tendo para o efeito introduzido, através de um pequeno orifício, um endoscópio. Tudo isto, diz, para seguir o exemplo do que se faz no estrangeiro. Onde? No Egipto, onde os mortos nada adiantaram em esconder-se dos vivos? Se, em nome da imagem, se tenta acabar com a privacidade dos vivos, do mesmo modo se pretende, em nome da "investigação cientifica", acabar com o descanso e privacidade dos mortos. Tudo estava planeado (não fosse ela mulher): a Universidade de Estrasburgo era o lugar escolhido para fazer os exames, infelizmente deles, científicos.

Esta teoria do cientismo, excelente interprete de um big brother científico e de uma visão individualista da história, em moda (...) não deu conta de que esteve em vias

de cometer o crime maior: matar o mito. Se não sabe e não tem consciência do crime que esteve para cometer, leia com atenção ou peça a alguém que lhe explique o verso de Fernando Pessoa: "o mito é o nada que é tudo". Ora, o que a forense não sabe, e isto é o mais grave, é que ao desenterrar o primeiro rei enterrava o mito. (...) Que nos interessa a bisbilhotice desta paparazzi do cientismo – saber qual o rosto do rei, a sua ficha médica (depois de morto!), o seu DNA (se corresponde com o de D. Sanchot, a fim de tirar a eterna dúvida romana. O pai é sempre incerto?) e a sua dieta, assuntos que encheriam as revistas mundanas e os tablóides, mas nem uma página da história – se ficamos sem o mito D. Afonso Henriques? (...) A moda pegou de tal modo que este tipo de "investigação" não pára aqui: outra teóloga, Maria Augusta Luisa Cruz, esta da Universidade do Minho, quer fazer o mesmo ao túmulo de D. Sebastião, para saber do "perfil genético" daquele que Actéon castigou! Quererá esta outra paparazzi tirar a limpo as preocupações camonianas sobre o castigo que o Amor fez pender sobre D. Sebastião por ser rebelde ao amor (...)? Não há ninguém que ensine a esta professora universitária que em D. Sebastião está o mito do sebastianismo e no seu túmulo, uns ossos que dificilmente serão os dele? A exemplo do que fizemos acima com a sua colega, aconselho-a a ler, bem, o poema "D. Sebastião" de Fernando Pessoa, na Mensagem. (...)

O CINEMA AJUDA? Claro que sim, porque o cinema não é técnica, é vida, é cultura. Só a cultura nos permite preservar a identidade, identidade que dá a dignidade, dignidade que dá o respeito pelo próximo – que começa no respeito por nós próprios. (AUTOR: FERNANDO DA COSTA).

DATA: 03/02/2005.

PERIODICO: VISÃO Nº 622

Poucas vezes o imaginário colectivo que nos forma, com o seu delírio suicidário de sombras e alvas reminiscências e arrepios, foi tocado tão profundamente como agora por Manoel de Oliveira.

Notável de golpe de asa, ele infletiu o fenômeno do sebastianismo dilatando-lhe a utopia para outros espaços e tempos. Enunciado por padre Antônio Vieira (que o enraizou em Joaquim de Flora e Bandarra) e projectado por Fernando pessoa (que o situou depois dos da Grécia, de Roma, da cristandade e da Gran-Bretanha) o Quinto império tornou-se um sonho (gêmeo do Espírito Santo) a convocar, geração após

geração, século após século, os grandes criadores portugueses. Manuel de Oliveira, um deles, desoculta-lhe (para melhor as ocultar), a partir de uma peça de José Régio, as duas "portas mágicas" que o guardam, aguardam, ontem, como hoje: a da glória (suprema), a da morte (transmutadora).

RADIOGRAFIA – UM PARTIDO DE "SABOR POPULISTA"

DATA: 11/11/2004

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

AUTOR: NUNO SIMAS

"(...) Em 1986, a socióloga Maria José Stock escreveu um livro, Os Partidos do Poder depois do 25 de abril. Os anos passaram, mas há marcas genéticas que ficam: "sendo o PSD um partido de "sabor populista", nele assume especial importância o papel desempenhado pelo carisma (ou falta dele) dos seus líderes. Esta característica (...) é, aliás, reflexo da vida nacional que, devido ao jovem sistema de partidos, se continua a revestir de um certo "sebastianismo messiânico", da excessiva importância dada às chefias em geral e ao "chefe", à sua personalidade, às suas virtudes carismáticas, em detrimento por – vezes, das idéias que eventualmente sustente." Uma definição, aliás, que se poderia aplicar como uma luva aos socialistas, sob a liderança de Antônio Guterres ou José Sócrates.

ROTEIRO PARA UMA VITÓRIA INDISPENSÁVEL

DATA: 04/12/2004 – PÚBLICO

AUTOR: AUGUSTO SANTOS SILVA

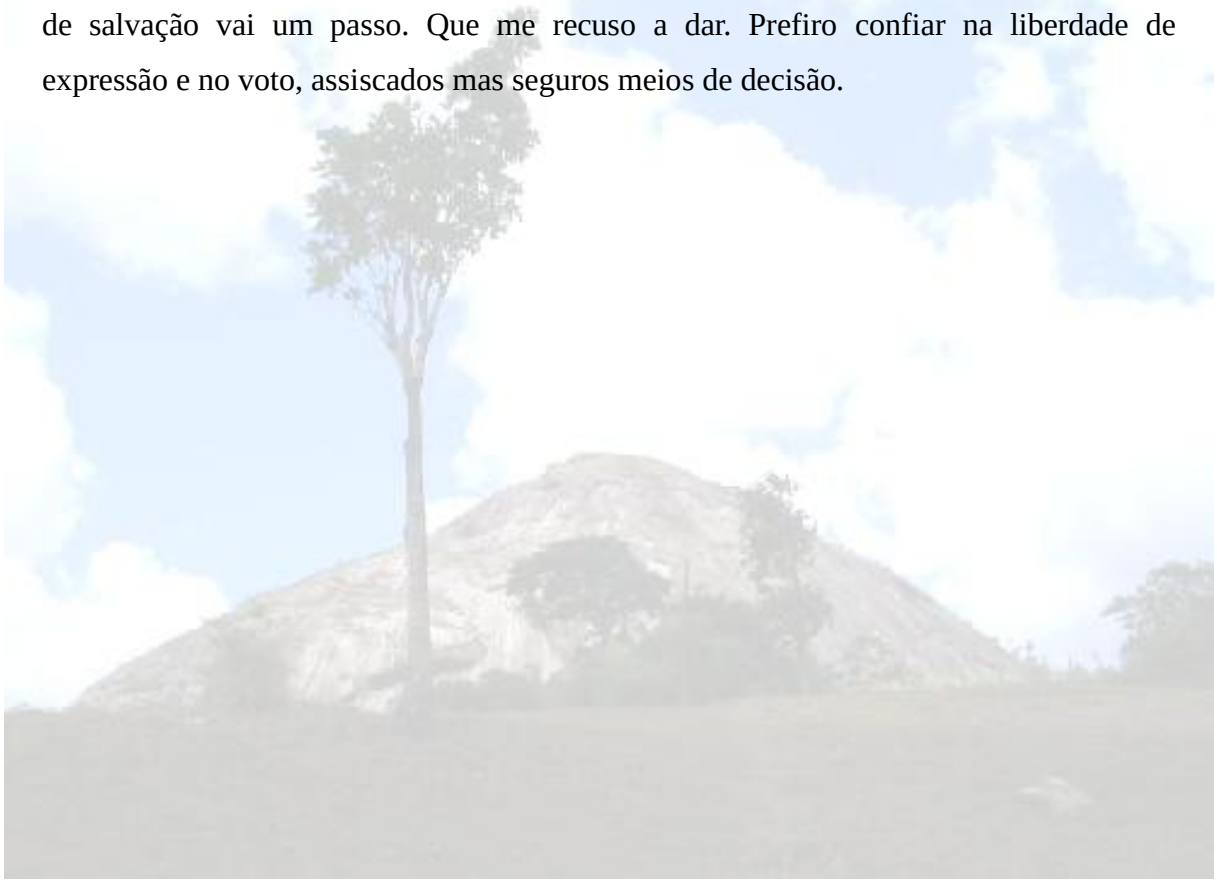
"A antecipação das eleições coloca os cidadãos perante uma alternativa muito clara: ou querem a continuação de Santana Lopes como primeiro-ministro, ou querem um governo do PS liderado por José Sócrates. Não vale a pena, nem é desejável, pensar em quaisquer outras personagens providenciais, a democracia faz-se com quem está disponível na acção, com as suas virtudes e defeitos. O sebastianismo não rima com maturidade cívica e institucional.

A VOTOS

DATA: 19/12/2004 – PÚBLICO

AUTOR: ANTÔNIO BARRETO

"Como a tudo isto, acrescem a pobreza e as dificuldades econômicas, está criado o ambiente para as grandes fugas em frente e para o caricato "sebastianismo", do costume, refúgio dos pobres de espírito. "Isto já não vai lá sem autoridade", ouve-se. "É preciso alguém que ponha isto nos eixos", murmura-se. "Há que mobilizar as pessoas para um projeto nacional", proclama-se. "Chegou a altura de estabelecer um pacto entre as principais forças políticas", afirma-se. Daqui a inventar blocos centrais ou governos de salvação vai um passo. Que me recuso a dar. Prefiro confiar na liberdade de expressão e no voto, assiscados mas seguros meios de decisão.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO E INFORMAÇÃO CEDIDA

O Projeto "ESTUDO HISTÓRICO ANTROPOLOGICO DO MITO SEBASTIANISTA: A PEDRA DO RODEADOR COMO EXPRESSÃO SIMBOLICA NA INTERCULTURALIDADE IBEROAMERICANA" tem como principal objetivo, recolher por meio de gravação em áudio, vídeo e fotografia, lendas que ainda resistem no imaginário da população do município de Bonito, estado de Pernambuco, referentes ao fato histórico conhecido como guerra ou massacre, ocorrido na Pedra do Rodeador, no século XIX. O material recolhido em áudio será posteriormente transcrito, e junto com as imagens em foto e vídeo analisado.

O referido estudo utiliza técnicas etnográficas próprias da antropologia. E a metodologia inicial do trabalho de campo, tem como ponto de partida um grupo focal de discussão onde foram debatidas questões relativas ao tema. E ao final, definidos alguns nomes para compor o quadro de pessoas que serão entrevistadas para aprofundamento das questões. O grupo teve liberdade para expressar suas opiniões tanto individualmente como no coletivo.

Autorização:

Autorizo que minhas informações e opiniões, referentes ao tema em estudo, sejam utilizadas livremente, assim como analisadas.

Data/local da entrevista:_____ de_____ agosto de 2008.

Nome:

Assinatura: _____

_____

Regina Clara de Aguiar

DOCUMENTOS ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS VALLADOLID - ESPANHA:

Fondos e Instituiciones de antiguo Régimen" en el apartado "Consejo de Estado" período 1404-1702. Archivo General de Simancas, Valladolid-ES:

AGS 1578a – Auto de entrega do corpo de D. Sebastião, Sección EST/NPO-01, LEGAJO 396, Ceuta, 1578.XII.10.

AGS 1578b –Carta do embaixador Juan de Silva a Filipe II, em que informa sobre o resgate e entrega em Ceuta do corpo de Dom Sebastião. Sección EST/NPO-01, Legajo 396, Ceuta, 1578. XII.11.

AGS 1579a Carta - Carta do rei a Felipe II através de seu embajador Fernão da Silva, que provará a veracidade dos documentos anteriores, já que nela agradece ao rei espanhol o resgate do corpo do monarca português, E 403-3, Lisboa, 08.1.1579;

AGS 1579b Carta de Dom Cristóbal de Mora a Felipe II, Sección EST/NPO-01, Letajo 397, Lisboa,1579.1.08.

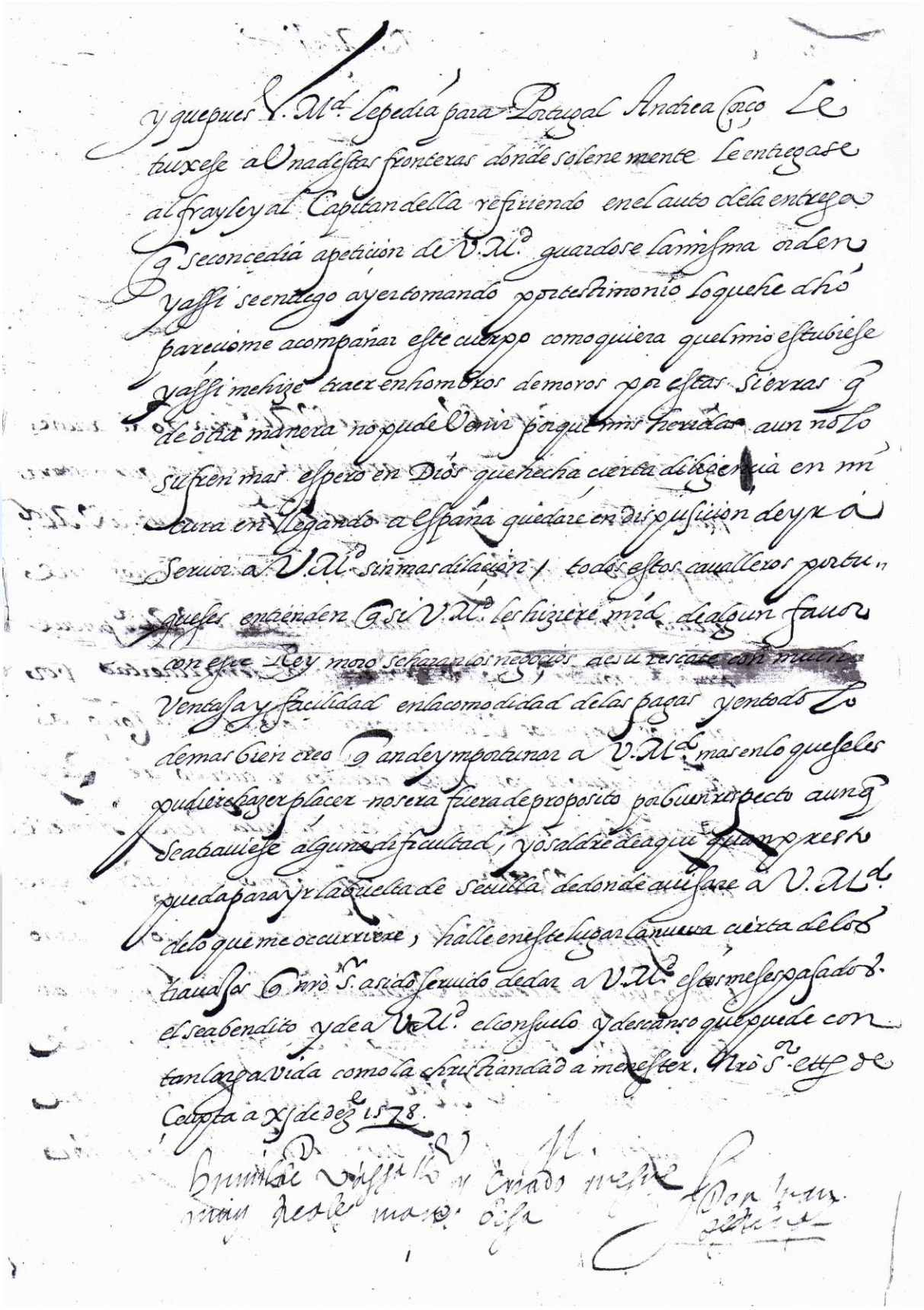
Dupp.da

S. C. R. Mag.d

E 396

Archivo General de Simancas.

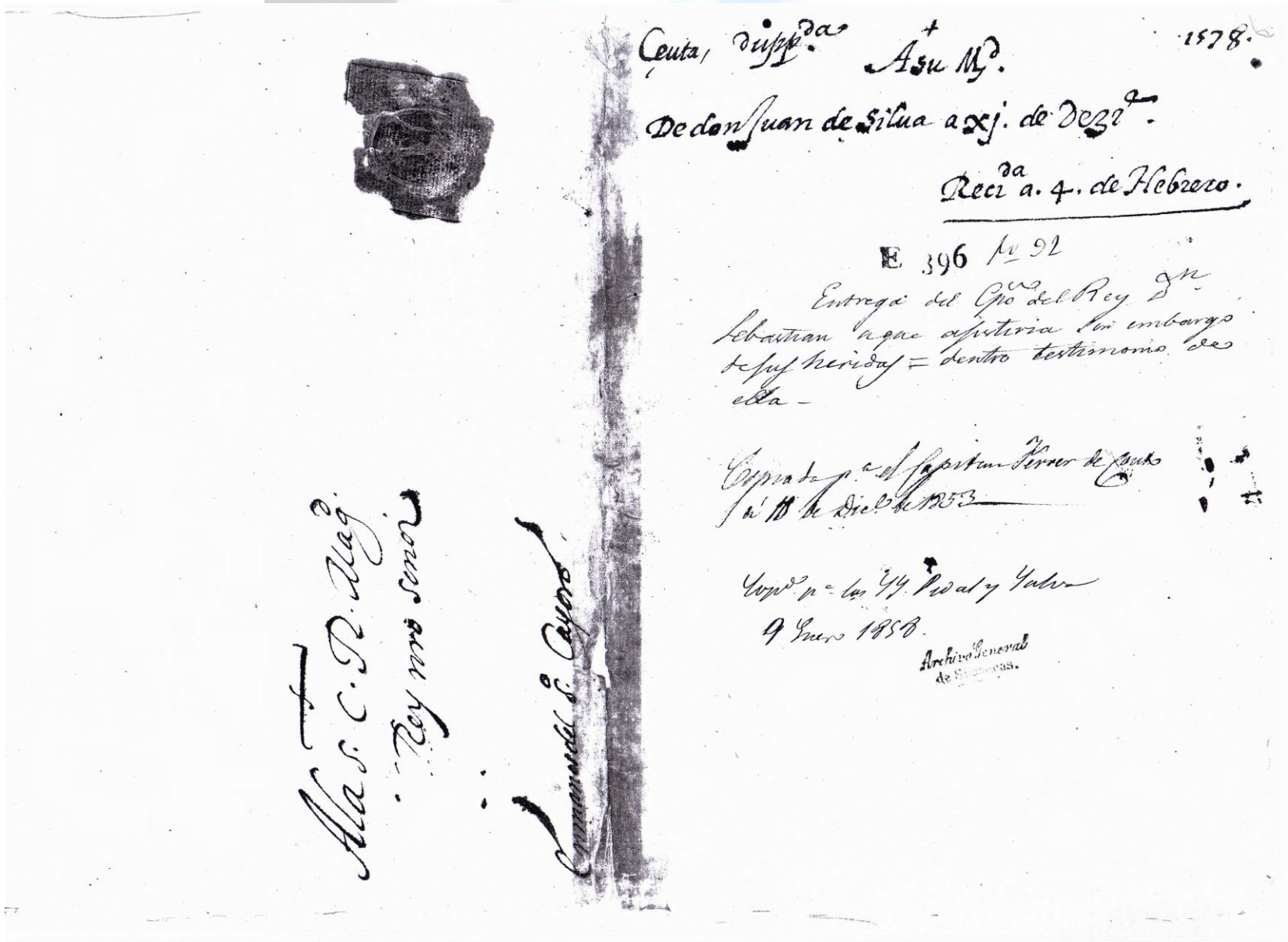
Halle aqui en Ceupta Vna carta de V. M.d delos 20 de octubre
con la qual he recevido tan gran mrd y fauor que bastara
para darme la salud que he menester para seruir a V. M.d
que por esto la desseo y estimo la liuertad que dios me
a dado yo no pude partir quando escreui a V. M.d porque
hasta agora se detuvieron los recaudos de mi liuertad por
diuersos respectos Vltimamente llego Andrea Corço a
Alcaçar quibir con orden de traer el cuerpo del Rey
q aya gloria a esta frontera el qual auia Muley Hamete
concedido a V. M.d para que le pasasemos en Castilla y de
alli dispusiese del V. M.d como fuese seruido, llegado
Vn frayle que lleuaua Vna carta de V. M.d pidiendo
se diese por rescate a los Portugueses respondio que le
tenia concedido a V. M.d y que de la misma manera
le huuiera dado si fuera vibo y le tuuiera en prision



y que pues V. Md. le pedia para Portugal Andrea Corço le
truxese a Una destas fronteras donde solenemente le entregase
al frayle y al Capitan della refiriendo en el auto dela entrega
q se concedia a peticion de V. Md. guardose la misma orden
y assi se entrego ayer tomando por testimonio lo que he dho
pareciome acompañar este cuerpo como quiera que el mio estubiese
y assi me hize traer en hombros de moros por estas sierras q
de otra manera no pude venir porque mis heridas aun no lo
sufren mas espero en Dios que hecha cierta diligencia en mi
cura en llegando a España quedare en dispusicion de yr a
servir a V. Md. sin mas dilacion, todos estos cavalleros portu-
gueses entienden q si V. Md. les hiziere mrd. de algun favor
con este Rey moro se haran los negocios de su rescate con mucha
ventaja y facilidad en la comodidad delas pagas y en todo lo
demas bien creo q an de ymportunar a V. Md. mas en lo que se les
pudiere hazer placer no sera fuera de proposito por buen respecto aunq
se atraviese alguna dificultad, yo saldre de aqui quan presto
pueda para yr la buelta de Sevilla de donde avisare a V. Md.
delo que me occurriere, halle en este lugar la nueva cierta delos
travajos q nro S. a sido servido de dar a V. Md. estos meses pasados.
el sea bendito y de a V. Md. el consuelo y descanso que puede con
tan larga vida como la christiandad a menester. Nro S. etc. de
Ceupta a xj de dezre 1578.

Humilde vassallo y criado mesue
muy reales manos besa

Don Juan
[illegible]



Ceuta, dupp.da A su Md. 1578.

De don Juan de Silua a xj. de Dezre.

Recida a. 4. de Hebrero.

E 396 fo 92

Entrega del Cpo del Rey Dn. Sebastian a que asistiria sin embargo de sus heridas = dentro testimonio de ella –

Copiada pa el Capitan Ferrer de Couto á 18 de Dicre de 1853

Copd pa los SS. Vidal y Salva 9 Enero 1858.

Archivo General de Simancas.

Ala S. C. R. Mag.d Rey nro señor

Emmanuel S. Cayoro

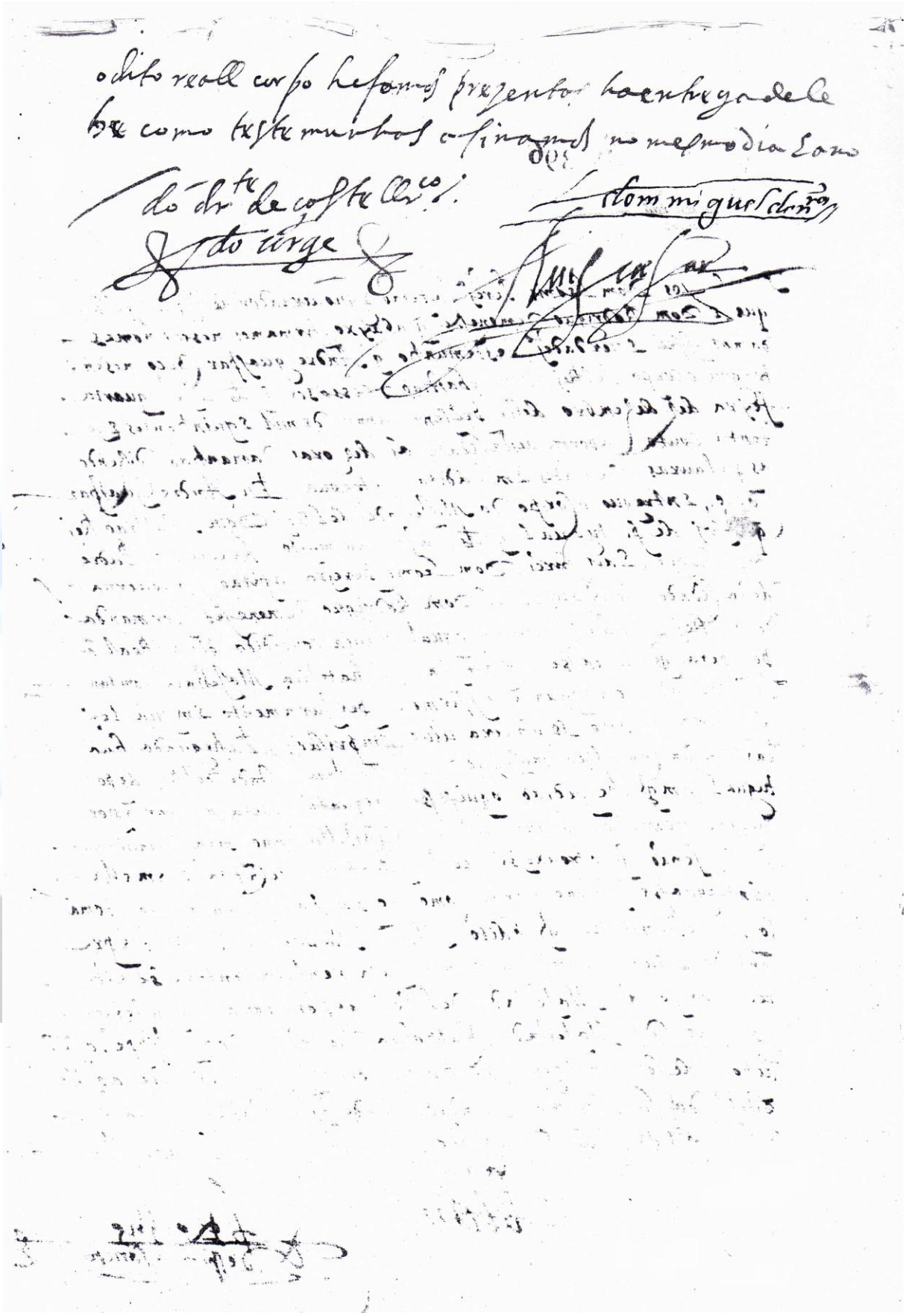
E 396

Archivo General de Simancas.

Nos Dom Leonis Pereira Capitaõ e guouernador de Cepta, frei Ro
que, e Dom Rodriguo de meneses q̃ abayxo firmamos nossos nomes
damos ffeé e uerdadeiro testemunho q̃ Andre guaspar Corço nos en
tregou o corpo del Rej Dom sebastiaõ Nosso Sor (q̃ ds. aja) quarta
feyra dez dezembro deste presente anno de mil e quinhentos e se
tenta e outo, aporta desta Cidade as dez oras da manhaã, dizendo
as palauras siguintes em a dita entregua. Eu Andre Guaspar
Corço, entreguo o corpo da Majestade del Rej Dom sebastiaõ Rej
q̃ foj de portugual q̃ ds. aja. ao mujto Reuerendo Padre
frej Roque, e aos snrés Dom Leonis pereyra Capitaõ e guouernador
desta Cidade de Cepta, e á Dom Rodriguo de meneses por manda
do del Rej Mulej Hamete, o qual mauia concedido o dito Real Cor
po pera q̃ o leuasse em presente á Chatolica Majestade com tanta
liberalidade com quanta affirmou per juramento em sua ley
q̃ fizera o mesmo se o tiuera uiuo em prisaõ: E cheguada huã
carta da Chatolica majestade, e outra da majestade del Rej de por
tugual em q̃ lhe pediaõ o quisesse resguatar pera o leuar a por
tugual me mandou q̃ o naõ leuasse a Castella (como primeiro mauia man
dado) senaõ q̃ o trouxesse a esta fronteira de Cepta e em ella s.
o entreguasse solene mente (como ao prezente o entreguo) toma
do por testemunho q̃ o dito Mulej Hamete á concedido e pre
sentado liure e graciosa mente sem nenhum interesse este
real Corpo á Majestade del Rej de portugual, a intercessaõ
e peticaõ da Majestade Chatholica del Rej Dom filippe: o qual
depois de ser entregue, se trouxe com mujta solenidade ao Mo
esteiro da sanctissima Trindade onde hora está: feita em
Cepta a dez de dezembro. de M. D. LXXVIIJ

Dom Leonis [illegible] Rochus
de spiritu sancto

Nos q̃ abaixo he atras o sinamos nemos o copanhaõ do



+ Portugal cepta 10 de Dic.e 1578

testimonio de la entrega del sere.mo
cuerpo del Rey don Sebastian
que Dios tenga en el cielo —

E 396

Copiado p.r el Capitan Ferrer de Conto
á 9 de Dic.e de 1853 —

Archivo General de Simancas

E 403 -3

Sor

A fernão da silua meu ẽbaixador mãdo q̃ fale a V. Mde
E lhe de cõta como o xarife mãdou ẽtregar liuremẽte o
corpo do sor Rei meu sobrinho q̃ deos tẽ, E como fica ia ẽ
ceita, E tãbẽ o q̃ quero fazer cõ o xarife, ẽ lhe agardecer o q̃
nisto tẽ feito. E beijo m.tas vezes as mãos a V. Mde pollo q̃
nisto fez, q̃ m.to importou p.a este effeito, E me fara merce
aindar cõ suas cartas, E fauor o q̃ os meus ẽbaixadores am
de tratar cõ o xarife sobre o Resgate dos fidalgos, E mais ca
tiuos ẽ q̃ mãdo ẽtẽder, como fernão da silua dira de
minha p.te mais largamẽte a V. Mde cuia mui Re
al pesoa nosso sor garde, como eu deseio. de lisboa
8. de ianeiro 1579.

Cõtio de V. Mde

El Rey

Lisboa A su Mag.d 1579

de mano del Rey de Portugal á Vuj.o de Enero,

Cpo de D.n Sebastian

Sobre el rescate de los

captivos!

Archivo General de Simancas

E. 403 lib. 3

A o m.to alto Com.to poderoso Sor

la men sobri

Archivo General de Simancas

E 397-45. S. C. R. M.

Con el correo que despaché en 29. del passado aduertia V. M. particularmente del estado en que se hallauan al pnte las cossas de aqui, despues acá recebi carta de Cayas de 27. de Xbre y con ella copia de la que escriuio el Corregidor de Gibraltar que aduertia de algunas cossas, que V. M. mandaua que se dixessen al Sermo Rey, el qual holgó de entendellas y, Bessa, a V. M. las manos por el cuydado que tuuo de mandalle auisar dellas. Hasta aquel punto, El, no tenia carta, despues la recibio, y supo como era llegado á Ceupta el Cuerpo del Rey (que aya gloria) y los demas que venian en su compañia, y porque he sauido que Don Juan de Silua escriuio desde ally a V. M. no bueluo a referir lo que passó en aquella entrada.

No ha llegado

Assi mismo mostré al Rey, el Caplo de la carta de Juan de Vargas por la orden que Cayas me escriuio en 20 del passado, y yosse harto con el, y estuuimos un poco tratando de este derecho que pretende tener la Reyna Madre, y dixo. que mas claro le tenia El, a ser Rey de Ingalaterra, mas que no lo queria ser de tan ruin Gente, y boluiendo para mi con sospiro dixo. Tal está Portugal (Don Chroual) que aun los Francesses quieren tener parte en el. Respondile que para esso le hauia Dios puesto aqui, para no dexalla

tomar, sino aquien con razon la pudiesse pidir. Subitamente me mudó la platica preguntandome por la venida del Duque de Ossuna. Respondile. Que Cayas me escreuia, que dentro de, ocho, dias estaria para poder partir, hizo demostraciones de no querello creer, diziendo, que su Embaxador le escriuia que por todo este Mes, no hauria llegado acá, y que si esto hauia de ser assi, que tendria por mejor que no vimesse (como los otros dias me hauia dicho) porque hauelle esperado hasta aora, le hauia desacomodado de muchas cossas boluile a refferir las razones por donde no le conuenia, a El que se estoruasse la venida del Duque, y las que hauian sido causa de detenelle hasta aora, como fue su enfermedad, y y los trabajos que Dios fue seruido dar a V. M. de sus Puertas adentro, y aunque me hablo en esto siempre riyendo y burlando cargo mucho la mano y dixolo muchas vezes. Quando vi que no se persuadia, dixele que un S. tan grande como El Duque, y embiado por vn Rey que tan tiernamente le amaua, que aunque tardasse, siempre llegaua a buen tiempo, y assi me sally de la platica sin aceptar que haria officio para estoruar esta venida, porque no conuiene al seruicio de V. M. detenella mas como en otras tengo dicho y el secretario Miguel de Mora me topo despues, y me hablo en la misma conformidad que su Amo. La desconfiança de esta gente ha llegado al supremo grado, y los discursos que se hazen sobre no llegar El Duque son tantos, y tan desbaratados (que a mas de ser buena obra) conuiene ya al seruicio de V. M. desengañallos de tan erradas sospechas la que aora mas les fatiga, es tener por cierto que El Duque se detiene para traer la gente que han dicho que se haze en la

E 397 Archivo General de Simancas

Raya, y no piense V. M. qué estos disparátes son de Sola la gente del Pueblo, porque los mas Granados, son los primeros qué se persuaden./

Hame parecido despachar Correo aduirtiendo delo qué sobre esto passa, y porqué no entiendan que la platica qué con El Rey passe ha sido causa dello, he dexado passar tres, o, quatro dias, sin hazer la diligencia./

Los Regidores de esta Ciudad hablaron esta Pasqua apretadamente al Confessor del Rey, quexandose dela inresolucion que hauia en Cassarse su Amo, y en nombrar Heredero en deffecto de sus hijos. El dicho Confessor concertó con El Rey que los boluiesse a oyr, y fueron allá solos y en gran secreto, hablaron en la misma sustancia, fueron respondidos. que breuemente se resolueria en cossa de que tuuiesen todos mucha satisfaccion./

Tengo gran sospecha que esto, ha de parar en Cassar si Roma, o, su dispossicion no lo estoruan, al presente queda mejor aunque con la flaqueza ordinaria, y assi tengo por cierto que no ha de sacar otro fruto del Matrimonio (quando se pudiesse effectuar) sino escandalizar el Mundo y abreuiar la Vida./

De Nombrar Heredero no tengo aora tanto temor, porque sée cierto que grandes amigos suyos le aconsejan que no lo haga en su Vida, (si la quiere passar descansada) porque si Nombrasse a Berganza tendria a V. M. por Enemigo y si declara a V. M. El S.r Don Antonio y Berganza le daran en qué entender dentro en su Cassa, por lo qual será mejor biuir quieto, y que despues allá se auengan todos —

este Consejo bien puede ser saludable para el Cuerpo. para el Alma, no sé que tanto lo será, y de todas estas cossas, ninguna se puede affirmar, porque El Rey esta Viejo y a ratos creé deligero, y assi con facilidad puede hauer mudança en todo. /.

Mucho se va declarando El derecho de V. M. y son muchos los que me hablan en la materia, y los que no, estan emperrados, no dexan de conoscer que el estado pnte no puede tener remedio sin el fauor de Castilla, mas si este pueden acquirir sin ser sujestos a ella, no dexarán de intentallo, y librarse desto (conforme a lo que disponen las leyes deste Reyno) todos los Letrados entienden que es impossible sino fuesse biuiendo este Rey mas que V. M. porque estonces dizen que entraria El de Saboya en el mismo lugar que V. M. aora tiene. /.

El Rey passa adelante en la Vissita de sus Ministros, ya se ha cansado de examinar los testigos, contentasse con tomalles Juramento, y remitte lo demas, a los Jueses que estan en otra Pieza entendiendo en esto, y la principal pesquissa que aora anda, es, sobre los officiales que El Rey (que aya Glia) lleuó en su Campo, porque se les prueua que por dineros soltaban la Gente Lucida y que podia ser de prouecho, y tomaban en su lugar la Escoria desta tierra. Entre otros fue vn Cauallero que llaman, Diego Lopes de Sequeira que tenia a su cargo las Galeras, y seruia de Coronel, y hallandose aora presente, le ha mandado El Rey prender en el Castillo de esta Ciudad, adonde queda sobre su Omenaje y los, demas que estan Cauptiuos hallaran para la buelta, hecha la Cama. /.

Archivo Nacional de Simancas

Algunos amigos del S. Don Antonio tratan con el Rey que le buelua a llamar, para soldar la deshonrra conque le hecho yo no creo que lo hará con tanta breuedad, mas ellos no quedan desconfiados de su pretenssion. /.

El Rey ha tenido dos consejos de estado sobre materias de Aphrica, en entrambos ha buelto a meter al de Bergaza este Rescate de los cauptiuos, es de las cossas que mas los embaraza (y con razon) porque son muchos, y estan muy caros, y ay diuersas oppiniones sobre la paga del rescate Vnos quieren que sea a costa del Rey, otros que se reparta por todos, y el contrato que hizieron en Fez de quatrocientos Mill Ducados, no esta aqui bien recebido por las razones que vltimamente escreui, y Don Juan de Silua hauerá auisado de ceupta de los que vienen sobre esto.

Don Duarte de Castello branco, que V. M. conoce, es vno de ellos, y es llegado aqui, hame aplazado para darme larga cuenta del negocio, y pretende fauor de V. M. para con su Amo, y tambien pienso que aceptaran qualquiera ayuda que se les offresciere, y si se huuiesse de hazer no es malo el tiempo, mas conuendrá entender primero lo que pretenden, y como aqui se toma, a todo quedo atento y Don Juan entenderia tambien allá esta platica. /.

De Tanger se ha entendido, hauer llegado ally Luis de Silua, y Don Fran.co Mascarenhas, y assi van saliendo algunos por todas partes. /.

Don Manuel de Portugal, es llegado, viene muy agradescido del fauor y m.d. que V. M. le hizo, y trae bien en

tendido que V. M. no tiene perdido el cuydado desta Serencia
y assi mismo se informó delas partes y calidades del Duq.
de Ossuna, y de todo ha hecho larga relacion a su Amo
y tambien le affirmó que no uendria tan presto. /.
En la ultima carta escreui a V. M. como hauian traydo aqui
vn Muchacho hijo del Xariffe que murio en la Batalla
el Rey le manda apossentar, y le haze la costa, y quiere
que le llamen Alteza, y manda que Martin correa
de Silua (que le traxo de Mazagan) le tenga a su cargo
todas estas cossas parezen impertinentes, porque no se
entiende, que en ningun tiempo pueda ser de prouecho
este Moro. /.
El Cuerpo del Rey (que aya gloria) se manda por aora de
tener en ccupta, y este Rey trata de hazer dos Capillas
en el Monesterio de Belen, vna para, si, y otra para
su Sobrino, y dexa vn entierro que tenia en Euora en
vna Cassa dela Compañia que el fundó. /.
Desde que me combidaron aqui para las honrras del Rey,
nunca mas he querido hallarme en Actos Publicos, porq.
no le parezisse a esta Gente que yo vsurpaua mas lugar
del que V. M. fue seruido que tuuiesse, aunque me ha
blaron en ello muchas vezes, mas siempre me retiré
sin dar a entender la Caussa, y assi dexé passar estas
Pasquas como las demas fiestas, y Bernardin de Tauora
y Don Juan Mascarenhas, me boluieron a reñir porq.
me retiraba tanto, y assi me resolui en acompañar
al Rey, y en yr ala Capilla la fiesta delos Reyes

Archivo General de Simancas

adonde halle el Assiento ordinario, y recebi del Rey, y sus Ministros el buen acogimiento y fauor que siempre me han hecho desde que estoy aqui, y aunque esto sea menudencia, por acertar en cossas mayores, es bien dar a V. M. quenta de todas. 1. Guarde nro. S.r la S. C. R. Persona de V. M. con el acrecentamiento de nueuos Reynos y señorios que los Criados y vassallos de V. M. desseamos, y la xpiandad ha menester. 1. De Lisboa. 8. de Enero. 1.

S. C. R. Mag.d

Humilde criado y vasallo de V. M.te
q sus reales manos besa

Ph.e Xpoval de Moura

Lisboa A su M.d 1529.

De don Christoual de Mora a. viij.o de Enr.o

Recid.a a. 13. del mismo

Archivo Simancas de Simancas

E. 397 no 45

Cumpl.do p.a el Registro Terrer de Fondo á 10 de Dic.e de 1853

Ala. S. C. R. M.d del Rey Nuestro. señor

APÊNDICE I

QUATRO PRINCIPAIS CASOS DE FALSOS DOM SEBASTIÃO

Levando em conta a ordem de importância que Pires[235] imprime as histórias verídicas dos quatro impostores do rei, transcrevemos aqui na íntegra como está publicado na obra "*D. Sebastião e o Encoberto*":

O rei de Penamacor (1584)

Em 1584 dá-se o primeiro episódio; um amigo noviço carmelita que fora expulso foi protegido pela viúva de um combatente de Alcácer. Ouvindo a esta senhora relatos da batalha, começou a fazer crer na região que também participara no recontro. Não obstante este homem ser moreno e D. Sebastião ser loiro, muitos acreditaram seriamente que o ex-noviço era o rei... Uma vez denunciado, foi preso e condenado a remar nas galés; fugiu, no entanto, durante a viagem da "Armada Invencível" e não mais se soube dele. Uma lenda correu – um náufrago da armada lograra alcançar a costa da França e neste país pedia auxílio à caridade pública, dizendo ser D. Sebastião ficou conhecido, por troça, pelo episódio do "Rei de Penamacor". (O.P. cit 1971: 61)

O Rei da Ericeira (1585)

O segundo impostor era filho de um pedreiro açoriano da vila da Praia, da Ilha Terceira; chamava-se Mateus Álvares. Passou a infância na ilha natal e foi mais tarde eremita na Ericeira. Loiro, teria a idade do rei se fosse vivo... dizia-se que de noite se flagelava, a purificar-se do seu erro; ouviam-no gemer e lamentar-se[236]. Consciente do seu poder, o jovem, que talvez nunca supusesse ser possível tal convicção a seu respeito, deixou-se embalar pela popularidade e a causa ganhou simpatizantes, alguns de vulto, como Pedro Afonso, antigo combatente de Alcântara ao lado do Prior do Crato e rico proprietário. Este novo D. Sebastião fez-se aclamar rei na Ericeira e chegou mesmo a distribuir títulos. Organizou-se um pequeno exército de guerrilheiros, que acabaram por

[235] **Pires**, Antonio Machado (1971) D. Sebastião e o Encoberto Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
[236] O já várias vezes citado romance de Aquilino (Aventura Maravilhosa de D. Sebastião...) também parece ter aproveitado as lendas do rei da Ericeira, que se flagelava.

cometer vários demandos e crimes em relação a famílias simpatizantes do governo castelhano. Um corpo de tropas veio de Lisboa liquidar os sublevados e o Rei da Ericeira foi preso e enforcado, não sem que algumas verdadeiras batalhas se tenham travado (1585). O "Rei da Ericeira", como ficou conhecido, revelou ante os seus juízes o seu nobre projecto patriótico: apossar-se de Lisboa de surpresa, numa noite de festas de S. João, confessar ao povo que não era de facto D. Sebastião, mas um português que quisera libertar Portugal, que então escolheria livremente o seu rei.

Ferreira Deusdado escreveu um conto baseado na vida aventurosa de Mateus Álvares: O D. Sebastião da Villa da Praia, incluído em Quadros Açóricos, publicados em Angra do Heroísmo em 1907. Este episódio objecto de um poema escrito em latim por Estevão Rodrigues de castro, professor de medicina na Universidade de Pisa: De simulato rege Sebastiano, publicado em Florença em 1638". (O.P. cit 1971: 61, 62)

O Pasteleiro do Madrigal (1594)

A terceira aparição deu-se em 1594. Trata-se desta vez de um ardil preparado pelo agostiniano Frei Miguel dos Santos, grande pregador, amigo e confessor do Prior do Crato, que pensa em aproveitar a crença sebastianista para levar ao poder D. Antônio. O notável pregador era então capelão-mor do Mosteiro de Santa Maria do Madrigal, onde se encontrava desterrado por Filipe II, por ter abraçado a causa de D. Antônio. Frei Miguel dos Santos persuadiu uma filha de D. João de Áustria, D. Ana de Áustria, reclusa neste convento, de que o pasteleiro Gabriel Espinosa, que lo frade conhecera já noutros tempos e com quem combinara o embuste, era D. Sebastião... O pasteleiro pôde então obter de D. Ana as preferências e o respeito que lhe mereciam a sua suposta qualidade de rei, talvez mesmo sentimentos mais fundos e uma secreta ambição de ser rainha. Credulidade compreensível dada a sua educação e pouca experiência do mundo. Gabriel tingira o cabelo e procurara aparentar quarenta anos agravados por vida intensa e muitos sofrimentos. Assim, o embuste durou algum tempo. Mas uma inconfidência do pasteleiro, a quem D. Ana confiara algumas jóias, levantou sérias suspeitas, provocou um demorado inquérito e Gabriel de Espinosa e o frade agostiniano foram sentenciados à forca, sendo de registrar a impassibilidade e o mutismo do falso rei quando submetido a tortura. Este episódio não provocou uma

reação popular como os anteriores, pois desenrolou-se principalmente adentro dos muros do convento do Madrigal.

Lúcio de Azevedo não considera este episódio semelhante aos outros, que marcaram surtos de crença e movimentos nacionalistas. No entanto, para os historiadores espanhóis como Alfonso Danvilla, é este o episódio mais interessante, que mais inspirou poetas e novelistas (Danvilla, op. Cit., p. 430.). Um recente e importante estudo de Mary Elisabeth Brooks, A King for Portugal – The Madrigal Conspiracy, 1594-1595 (The University of Wisconsin Press, Madison and Milwaukee, 1964) reconstitui a conspiração e analisa o processo jurídico. Um capítulo é dedicado à ampla projecção do episódio na literatura espanhola. (Cf. cap. VI, "The Pastelero in Spanish Litterature")

Camilo Castelo Branco escreveu um conto sobre esta simulação régia: O frade que fazia reis, em As Virtudes Antigas ou A freira que fazia chagas e o frade que fazia reis. "O frade que fazia reis" é justamente Frei Miguel dos Santos. No mesmo livro de Camilo encontra-se ainda uma curta narrativa intitulada A filha do pasteleiro do madrigal, que conta o destino de uma filha de Gabriel Espinosa e de uma mulher do povo. Esta criancinha, Clara Eugenia, foi entregue aos cuidados de D. Ana de Áustria, que a tomou como filha de D. Sebastião e de uma fidalga do Porto. Camilo dá ainda notícia de um escrito de José Torres sobre a burla do pasteleiro e do frade, intitulado Rei ou Impostor. Augusto de Lacerda escreveu sobre este assunto o drama O Pasteleiro do Madrigal (1924). (O.P. cit 1971: 62,63).

Marco Tulio Catizone, o calabrês (1598-1602)

O quarto falso D. Sebastião é Marco Tullio Catizone, conhecido pelo calabrês. Os acontecimentos desta vez arrastam-se por alguns anos: surgiu em 1598 em Veneza um homem que diziam ser o Rei D. Sebastião. Em Veneza estavam então muitos portugueses, que haviam emigrado com o Prior do Crato e se tinham espalhado por toda a Europa. É de calcular o alvoroço que produziu esta notícia no ânimo dos patriotas exilados.

D. João de Castro, neto do vice-rei com o mesmo nome, partidário da causa de D. Antonio, que ele acompanhou durante algum tempo na Inglaterra e na França, chegou a ir a Veneza, caindo aos pés do calabrês, reconhecendo-o como o verdadeiro rei. Daí por diante D. João de Castro procurou fazer crer que em Veneza se encontrava D. Sebastião, cansado e quase irreconhecível, devido às provações por que passou. Mal articulava o português, mas este argumento decisivo é interpretado pelo fanático D. João de Castro como uma conseqüência dos sofrimentos. Esta notícia começou a inquietar seriamente Castela. O próprio D. Antonio mandou o filho examinar o suspeito e o que é certo é que alguns fidalgos que o acompanhavam ficaram perplexos... Finalmente o calabrês foi preso em Florença, a pedido da Embaixada de Castela. O pretenso rei foi decapitado à pressa em S. Lucar de Barrameda, em Setembro de 1602.

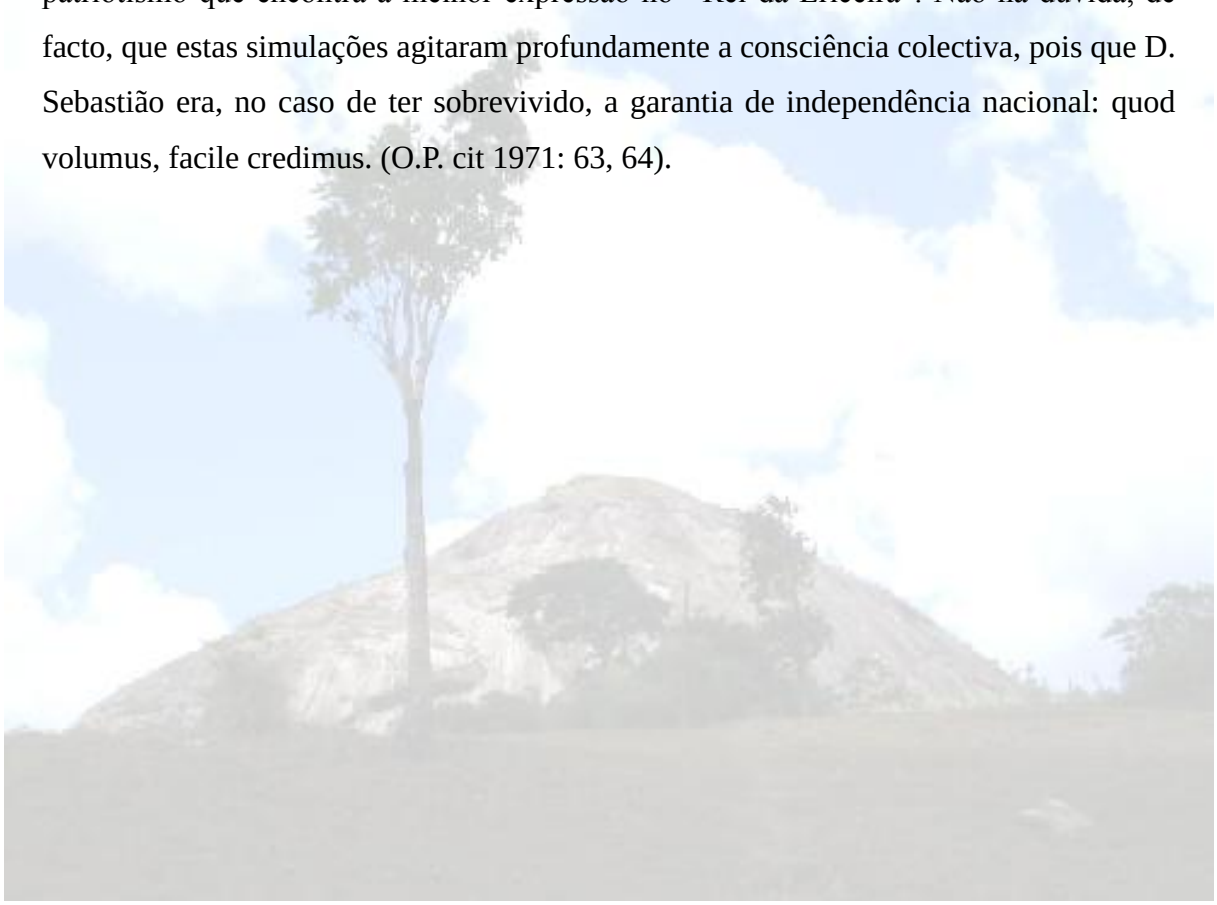
Segundo Garret, este falso rei deixou sérias dúvidas se de facto não teria sido o rei verdadeiro. Em 1844 F. M. Bordalo publicou na Revista Universal uma narrativa histórica sobre o desaparecimento de D. Sebastião e o infausto destino de Marco Tullio; a narrativa, mais aperfeiçoada, foi posteriormente publicada nas colunas do Panorama, em 1854, intitulada D. Sebastião, o Desejado, Lenda Nacional. O autor inclina-se a acreditar que Marco Tullio não era um impostor... Afonso Lopes Vieira refere-se a esta figura do calabrês no artigo Marco Tullio Catizone incluído no livro Em demanda do Graal (1922). Muito recentemente Natália Correia publicou a peça em três actos O encoberto, que toma como vago fundo histórico o episódio de Veneza.

São estes falsos D. Sebastião que constituem uma interessante galeria de simulações régias. O diplomata Miguel D'Antas dedicou a estes acontecimentos um estudo apoiado em larga documentação, Les faux Don sébastien, étude sur l'histoire de Portugal (Paris, chez Auguste durand, Libraire, 1866). Como sonhos do coração.

Pode ainda acrescentar-se um episódio tardio: um indivíduo que em 1813 passeava pelas ruas da Baixa de Lisboa, vestido de mouro, dizendo ser D. Sebastião... Já não se trata de uma simulação régia historicamente pouco posterior à morte do rei, mas o procedimento de um louco, talvez dementado pelas invasões francesas, como supõe

Lúcio de Azevedo[237]. Note-se, no entanto, que por altura das invasões francesas se deu um recrudescimento do sebastianismo. Chegou-se a pensar que o rei viria em 1808, como nos conta José Agostinho de Macedo no seu opúsculo Os Sebastianistas (1810).

É esta a breve história dos falsos D. Sebastião, que para um escritor como Antero de Figueiredo provam a reacção patriótica de um povo vexado, tiranizado por uma opressão estrangeira. São falsos como realidade histórica, mas "verdadeiros como sonhos do coração", conclui este autor, salientando a atitude de sacrifício e de patriotismo que encontra a melhor expressão no =Rei da Ericeira". Não há dúvida, de facto, que estas simulações agitaram profundamente a consciência colectiva, pois que D. Sebastião era, no caso de ter sobrevivido, a garantia de independência nacional: quod volumus, facile credimus. (O.P. cit 1971: 63, 64).



[237] *A Evolução do Sebastianismo, Lisboa, 1947, p. 114.* (O.P. cit Pires ibdem Azevedo 1971: 64)

APÊNDICE II

Universidad de Salamanca - USAL

Programa de Doctorado Antropología de Iberoamérica

REUNIÃO

GRUPO FOCAL RODEADOR-GFR

Bonito, agosto/2008

"Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É o que eu me sonhei que eterno dura,
é esse que regressarei"
(Fernando Pessoa – Mensagem)

Pesquisadora: *Regina Clara de Aguiar* (aluna do Programa de Doutorado Antropologia Iberoamericana - Universidade de Salamanca-USAL, Espanha.

Titulo tese: Estudo Histórico Antropológico do Mito Sebastianista: A Pedra do Rodeador como Expressão Simbólica na Interculturalidade Iberoamericana.

Local: Espaço Bambu – Bonito

Data: 05 de agosto de 2008

Horário: 21:00h às 23:30h

Facilitadora:

Regina Clara de Aguiar

Equipe de apoio

Fotografo e jornalista: Alcides Ferraz

Relatoras: Fátima Aguiar e Simone Gercina

A reunião foi gravada em equipamento Philips MP3, mas com o acordo de se manter sigilo das discussões e participantes

INTRODUÇÃO

1. Boas vindas e agradecimento aos participantes
2. Explicação do porque do GF Rodeador (10 minutos)
3. Um breve resumo do tema

APRESENTAÇÃO

1. Cada participante se apresenta: nome, interesses e o que faz;
2. Em seguida, os membros da equipe falam de sua função no grupo.

FINALIDADE DO GRUPO FOCAL RODEADOR-GFR:

a. Escolher pessoas da comunidade da Vila do Rodeador e sede do município de Bonito, para compor o quadro de *informantes chave* que serão entrevistados, objetivando recolher dados sobre o primeiro movimento sebastianista no Brasil, ocorrido na Pedra do Rodeador;

b. A idéia é fazer um levantamento da oralidade local, sobre o fato histórico ocorrido no início do século XIX no Rodeador. E os dados serão utilizados como base para sistematização de lendas e narrativas míticas que resistem no imaginário da comunidade do entorno da Pedra do Rodeador e sede do município de Bonito.

c. O material coletado será utilizado posteriormente, como base de estudo científico para desenvolvimento de tese de doutorado na Universidade de Salamanca (USAL).

d. Critérios: levar em conta 3 faixas etária: idoso, intermediária (adulto) e jovem. E ao final, a indicação de pessoas para cada categoria de idade (posteriormente a escolha de quatro informantes para classe de idade idoso e dois para intermediária e jovem).

PROCEDIMENTOS DA REUNIÃO:

a. Explicar uso do gravador;
b. Comentários confidenciais;
c. Debate aberto;
d. Respeito à fala do outro para que se possa registrar todos os comentários;
e. Tempo: cerca de duas horas para o trabalho, onde os participantes podem trocar opiniões, interromper, ou se desejar, fazer algum comentário.

QUESTIONAMENTOS PARA LEVANTAR DEBATE:

1. Tem conhecimento do movimento ocorrido no início do século XIX na Pedra do Rodeador?

2. Levando-se em conta o turismo já praticado no município, o Rodeador poderia entrar num roteiro de turismo cultural, tendo em vista o movimento histórico sebastianista como fator de valorização e divulgação do local?

3. Até hoje o Rodeador não foi objeto de uma maior atenção por parte das políticas públicas. O que se poderia fazer para agregar valores e contribuir com uma política voltada ao turismo cultural?

4. Quanto às lendas que ainda restam no imaginário coletivo local, que importância tem para a comunidade, tendo em vista fatores como pertencimento e orgulho de ser bonitense?

5. Em duplas:

5.1) Tempo cronometrado: 15 minutos para reunião em duplas e 10 minutos para apresentação das duplas;

5.2) Indicar nomes de pessoas com conhecimento das lendas locais da Pedra do Rodeador, que poderiam responder questões relativas às lendas surgidas, decorrentes do fato histórico ocorrido no início do século XIX, considerado como o primeiro evento de inspiração sebastianista no Brasil;

INDICAÇÃO DOS FUTUROS INFORMANTES:

1. Indicar 10 nomes de moradores dos mais antigos da Vila do Rodeador para serem escolhidos 4 informantes;

2. Indicar 4 nomes de idade intermediária e 4 de idade jovem para se escolher 2 informantes

TRANSCRIÇÃO:

Relatora Fátima Aguiar:

Bonito, 05 de agosto de 2008. Começa a reunião do Grupo focal do Rodeador-GFR no Espaço Bambu do Espaço de Articulação e Promoção de Políticas Públicas Saudáveis do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil – PMSNB.

Iniciou-se a reunião às 21:00h. A facilitadora e pesquisadora Regina Clara de Aguiar apresentou-se. Foi enfocado o objetivo e explicado que será feita uma pesquisa no campo da antropologia que estudará as lendas que sobrevivem no entorno da Pedra do Rodeador.

Informes: Gostaria que fossem indicadas pessoas para se coletar estórias. A finalidade é escolher informantes para obter dados por meio de um levantamento oral: seriam quatro idosos; e adulto e jovem, duas pessoas para cada classe de idade.

ITENS DEBATIDOS:

a. Pela carência da região, não houve escritos;
b. A presença da mulher caracterizava-se como santa;
c. Durante a batalha os fiéis acreditavam que ficariam invisíveis e confrontariam com o exército;
d. Pura inocência de uma comunidade;
e. São muito parecidas as estórias, porém fragmentadas;
f. Aparecimento de uma moça... Que ainda aparece;
g. Naquele grupo o que mais chamou a atenção, foi um soldado que levou o superior e montou todo o ataque, ou seja, a estratégia;
h. Montou uma estratégia. Porque a perfeição do ataque foi pegar todos juntos dentro da loca, e tocar fogo;
i. Uma interpretação quanto a Silvestre ter informantes... E que D. Sebastião iria aparecer e todos ficariam invisíveis;
j. O governo entendeu que era resquício da guerra... E mandou sufocar;
k. Dr. Onório (alguém da comunidade) fala das pessoas que foram pegas e levadas para o recife... Homens, crianças e mulheres, indo para a África. Diz que foram espontaneamente, que não eram forçadas, mas por uma questão de sobrevivência;
l. Foram para outros países, como Moçambique, por exemplo;
m. Alguém fala que Heleno (alguém da comunidade) conta que esgrima é uma luta com espadas;
n. Idéia de uma pesquisa dentro da rocha, porque o depoimento de alguém que entrou na rocha diz que a luz não se expande e sim escurece;
o. Dom Sebastião desapareceu... Ressurgiu em Portugal, Itália...;
p. O próprio Silvestre poderia ter ressurgido;
q. Porque pessoas negras na Pedra do Rodeador (escravos que se refugiaram na pedra...);

r. Dados de escravos... negros e características de índios.

LEVANDO-SE EM CONTA...

1. Turismo – data da rebelião, 26 de outubro... Um turismo voltado para a Pedra do Rodeador;
2. Um mirante com o Banco do Brasil?
3. As trilhas...
4. Ainda não tem rapel, nunca foi idealizado.
5. Palco como uma concha acústica?
6. Possibilidade de tombamento?
7. Queriam fazer uma pedreira?
8. Que fosse feito um levantamento no entorno da Pedra do Rodeador, das famílias, para se planejar um trabalho social. Planejar as ações juntos. Teria como agregar melhorias como escola de samba, feiras de artes, capacitações...
9. A serra começa no Mucurí.
10. Riacho do Sangue Marina moradora.

QUANTO ÀS LENDAS COMO FATOR DE PERTENCIMENTO NAQUELE LOCAL:

1. Atrairiam mais turistas, além de pertencimento;
2. Cada lenda pertence a um grupo. Alta estima e melhora, vai ter orgulho de pertencer; àquele lugar. Bonito tem um grande orgulho com grupos de teatro...;
3. Montar um filme;
4. Alguém diz: movimento com encenação...;
5. Um documentário: Abraçar a Pedra;
6. O quanto o local é rico em material humano;
7. Divulgar a auto-estima de todos;
8. Criação de um memorial lendário;
9. Lendas, um verdadeiro baú;
10. Resgatar a questão das botijas, trazer dentro de uma pesquisa mais aprofundada;
11. Pedra do Galo (outra pedra da região)

12. Que sejam ouvidos os selecionados

Relatora Simone Gercina:

O5 de agosto de 2008, Grupo Focal do Rodeador – Reunião de tese de doutorado de Regina no Espaço Bambu.

1º Momento:

Apresentação: Regina se apresenta, agradecendo a todos pela participação, pede desculpas pela rapidez de contatos, mas que apesar... Está muito bem. Fez sua apresentação, de seus estudos antropológicos, sentiu a necessidade de publicações sobre o movimento que aconteceu na Pedra do Rodeador. Pretende levantar algumas hipóteses, para que no futuro possam ser utilizadas, pricipalmente dentro do campo turístico.

Regina mais uma vez agradece, e fala da alegria de estar aqui, explica que do grupo pode sair pessoas que vão dar continuidade a essa pesquisa. Também fala que essa reunião está sendo gravada, mas é uma gravação que vai ser utilizada apenas no grupo. Depois passa para o grupo a organização do encontro, a formação de grupos para discutir.

PERGUNTAS ELABORADAS:

1) O turismo no Rodeador é visto somente como: as piscinas, o hotel fazenda e a pedra por sua beleza natural e grandeza, mas não por sua história?
2) Como as lendas repercutem na vida das pessoas?
3) As pessoas que moram ali tem orgulho das suas lendas?

OBSERVAÇÃO DE ALGUNS PARTICIPANTES:

a. Essas histórias foram fatos reais, mas não tem narradores específicos (lendas, mitos);
b. A história relata que Silvestre... Se tivesse o ataque, que todos lutassem. Provavelmente Silvestre tinha informantes, pois ele tinha certeza que o ataque iria acontecer naquela noite;

c. Também exixtiu no Rodeador lutadores de esgrimas (lutas de espadas) alguém comenta: “eles gostavam muito”;

d. Um dos participantes relata que dentro da pedra tem algo misterioso que, quando alguém entra com alguma luz, como, por exemplo, lanterna, a luz não se amplia, fica escuro. Como se não houvesse luz;

e. Caneta encontrada que tinha gravado o ano que aconteceu o massacre;

f. A pedra começa no sítio Mucurí e vai até o Rodeador. É uma pedra muito grande;

g. Ajuda na auto-estima das pessoas, os moradores sentem-se orgulhosos de narrar um pouco das histórias das lendas para o turista, e claro cada vez mais vai enriquecendo toda essa história e cultura local;

h. Um dos participantes acrescenta que sobre sua auto-estima se sente muito orgulhoso por participar desse momento. É um momento histórico para ele;

i. Outro participante diz que Bonito é um verdadeiro baú de lendas, histórias e culturas. Precisamos nos aprofundar cada vez mais sobre essa diversidade de histórias.

ENCERRAMENTO

Ao final foram indicados os nomes dos futuros entrevistados que serão selecionados e participarão do grupo que será ouvido. Foi feita a distribuição de um artigo publicado por Regina da sua participação num congresso na Espanha. Todos os presentes gostaram muito e se colocaram a disposição para qualquer informação. E foi uma alegria muito grande colaborar com esse momento da pesquisa de Regina.